

Segredos na Escuridão

*Você leu
50 Tons
de Cinza
e quer
mais?*



Renda-se ao desejo...

SADIE MATTHEWS



Companhia
Editora Nacional

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

Segredos na Escuridão

{ livro 2 }

Segredos na Escuridão

Sadie Matthews

Tradução de Rodrigo Mendes de Almeida

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

Sumário

Capa

Página de Título

Direitos Autorais

Prólogo

Capítulo Um

Capítulo Dois

Capítulo Três

Capítulo Quatro

Capítulo Cinco

Capítulo Seis

Capítulo Sete

Capítulo Oito

Capítulo Nove

Capítulo Dez

Capítulo Onze

Capítulo Doze

Capítulo Treze

Capítulo Catorze

Capítulo Quinze

Capítulo Dezesseis

Capítulo Dezessete

Capítulo Dezoito

Capítulo Dezenove

Capítulo Vinte

Epílogo

Promessas na Escuridão

Capítulo Um

Prólogo

Todo dia eu acordo com a mesma palavra vagando pela minha mente. Uma palavra.

Dominic.

O que é estranho é que às vezes parece mais uma simples afirmação, uma espécie de mantra, uma expressão de fé. Às vezes é uma pergunta: *Dominic?* Ainda assim, mantenho a esperança de que a voz dele vai ecoar de volta na minha cabeça e me assegurar de que ele ainda pensa em mim, que ainda é meu. Que ainda estamos conectados. Outra vezes, é como um grito, um chamado desesperado pela escuridão da noite, com o amanhecer rompendo o dia.

Mas não importa quanto eu me esforce para ouvir, nunca chega nenhuma resposta.

Às vezes fica difícil manter a fé, acreditar que ele ainda vai voltar para mim. Mas eu sei que ele vai.

Só não sei quando.

Capítulo Um

Eu olho fixamente para o homem à frente. Usando toda a minha força, com meus punhos e minha mandíbula cerrados, eu preparo a perna de apoio e levanto a outra, pronta para colocar toda a minha força nela. Dou uma leve girada no meu salto, sinto o joelho contra meu peito, e então:

POW!

Chuto com toda a força. Meu pé bate com tudo no anteparo que o meu treinador tem na mão, e percebo, com satisfação, que ele cede um pouco sob o meu golpe.

– Bom, muito bom – ele diz.

Firme de volta nos dois pés, fico reta, arfando.

– Estou pronta para outra – digo, sem fôlego.

Sid dá risada.

– Acho que está bom por hoje. Estou pensando aqui se você não colocou anfetamina no seu café. De onde você está tirando tanta energia?

Tiro meu capacete e mexo o cabelo, que cai em cachos cheios ao redor do meu pescoço.

– Ah, sabe como é, estou precisando liberar um pouco de tensão.

O que é verdade. Mas que tipo de tensão? Gasto metade do meu tempo tentando me livrar do meu maldito desejo por Dominic. Na outra metade finjo que é na cara do chefe dele que estou dando meus golpes, o homem responsável por manter Dominic longe de Londres todo esse tempo. Não que eu saiba como é a cara do chefe dele, mas isso não importa. Quando termino meu treino, não dá mais para identificar o rosto mesmo.

– Certo, muito bem, Beth. Te vejo semana que vem – diz Sid, tirando os anteparos.

– Nossa, acho que suei pra valer.

Laura tira o elástico que prendia o cabelo e dá uma balançada, franzindo o nariz e dando risada. Ela me olha de lado.

– Parece que a sua malhação também foi bem boa.

– Eu estou acabada. Mas me sinto ótima. – Não consigo me ver, mas sei que meu rosto está brilhando, e sinto o suor escorrendo pelo meu cabelo e minha sobrancelha.

– Eu também.

Foi ideia da Laura começar a fazer aulas de kickboxe. Eu sabia que ela estava aflita, com tanta energia armazenada agora que tinha começado no seu novo emprego. Depois de três anos estudando e mais alguns meses de liberdade fazendo mochilão pelo mundo, ela tem tido dificuldades em lidar com as restrições de uma vida de trabalho.

– Tenho que chegar ao escritório tão cedo! – reclamou uma noite, se reclinando no sofá, vestida com um confortável moletom que havia colocado depois de mais um dia de trabalho duro. Ela suspirou. – Eu tenho que ficar na minha mesa o dia todo, e até tarde da noite, se quiser mostrar pro meu chefe que estou levando o trabalho a sério. Só com três semanas de férias por ano! Não sei como vou aguentar isso. – Ela deu uma olhada invejosa para mim. – Você tem sorte de ter um trabalho tão interessante.

Fuzilei-a com o olhar.

– Mas eu não ganho salário de *trainee* em uma firma de consultoria, né?

Ela respondeu com um olhar distraído.

– Bom, ainda precisamos ver se vai valer a pena.

A energia acumulada dela estava causando problemas sérios, tanto que, assim que viu que havia aulas de kickboxe logo na esquina do nosso apartamento, ela matriculou nós duas sem nem perguntar se eu também queria. Na verdade eu queria. Também preciso liberar um pouco de energia, mas talvez não do mesmo jeito que Laura. Eu me surpreendi, me empolguei logo ao começar, gostei muito; a sensação de poder fluindo através do meu corpo me dava uma adrenalina que logo me viciou. Sempre que volto para casa

estou me sentindo forte e confiante, graças à descarga de endorfina e àquele cansaço de se fazer algo que realmente faz suar, e não só a moleza de trabalhar bastante e ir e voltar para casa.

Quando entramos em nosso apartamento, Laura diz, de maneira contemplativa:

– Eu ainda não acredito. Imagina só, nós duas, morando em Londres, com empregos e tudo! Parece que foi ontem que a gente estava estudando e passando a noite nos bares, tentando fazer a bebida durar o máximo possível. Olha só para a gente agora. É até meio glamoroso, você não acha?

Eu rio, mas não falo nada e a sigo para dentro do apartamento. Laura mal sabe como passei meu verão ou das coisas incríveis que aconteceram quando conheci Dominic. Se ela acha que nosso apartamentinho na zona leste de Londres é glamoroso, é porque ela nunca viu o apartamento em Mayfair, onde vislumbrei Dominic pela primeira vez. Ou ainda o pequeno mas luxuoso budoar que ele arranjou para nós no andar de cima.

O budoar. Ele ainda está lá, esperando por mim. Eu vejo a chave, guardada em uma bolsinha preta na minha caixa de joias. *Mas não consigo pensar em ir até lá. Não sem Dominic.*

– Acho que muita coisa mudou desde então – digo enquanto vamos até a cozinha pegar um pouco de água fresca.

Laura me olha com um ar de entendida.

– Você certamente mudou. Às vezes me pergunto o que aconteceu exatamente com você enquanto eu estava na América do Sul. Quando fui, você estava certa e pronta para voltar com o Adam. E agora... bom, volto e vejo uma mulher sofisticada, com um trabalho incrível no mundo da arte e o namorado virou passado. Tudo isso é ótimo, mas...

– Mas...? – Tiro dois copos do armário e uma jarra de água da geladeira.

– Beth, na verdade eu... estou preocupada com você.

– Preocupada? – Repito, observando a água nos copos. Eu tenho tentado parecer o mais normal possível. Mas acho que não tenho conseguido enganar muito bem.

Laura pega o copo que estendo para ela e me dá outro dos olhares de raios X dela. Com sua habilidade de ler as pessoas e as circunstâncias, tenho certeza de que ela vai ser uma excelente consultora empresarial, mas pode deixar a vida bem mais desconfortável se eu estou tentando esconder algo dela.

– Você não me contou muita coisa do homem na sua vida, esse tal Dominic – ela começa, na voz gentil que indica que alguma coisa importante vai vir em seguida. – Mas sei que você está completamente louca por ele, e que ele não fala com você faz semanas.

Seis semanas, quatro dias e três horas, aproximadamente.

Eu solto apenas um som meio descompromissado de “oh”.

– E posso ver que isso está te deixando triste – ela continua, ainda no mesmo tom gentil de antes. – Você está tentando se esconder, mas sou sua amiga e eu sei. Então por que você não simplesmente manda um SMS ou um e-mail para ele? Ou liga para ele? Descubra o que raios está acontecendo?

Eu me demoro bebendo a água só para não ter que responder tão rápido, e então digo:

– Porque ele disse que ia entrar em contato comigo. E é isso que estou esperando.

– Eu sou totalmente a favor de jogar o jogo de esperar – Laura responde rapidamente. – Quer dizer, não ser muito ansiosa nem muito óbvia. Mas pelo que me contou, vocês tiveram mais que só alguns encontros. Vocês estavam bem sérios, não?

Eu noto que ela usou o verbo no passado e sinto uma pontada de dor horrível. Eu estava tentando me convencer de que não tinha acabado, mas a avaliação tão casual de Laura foi um balde de água bem gelada nas minhas esperanças.

– Então entre em contato. Peça uma explicação. Pergunte para Dominic quando ele volta e o que ele sente por você.

– Não posso – respondo com rispidez.

Eu queria poder explicar para ela que não era assim tão simples, mas tem coisas do meu relacionamento com Dominic que nunca contei para ninguém. Eu só imagino como seria contar para Laura das coisas que fizemos no budoar, ou os eventos no calabouço do

Asylum, porque mesmo ela sendo minha melhor amiga e tendo razoável experiência de vida, acho que não entenderia. Ela ficaria horrorizada. Ela diria para eu dispensar Dominic na hora e encontrar alguém legal e normal.

Talvez eu devesse.

Mas sei, bem dentro do meu coração, que não quero alguém legal e normal. Eu já tive alguém assim, e não quero mais voltar para isso.

Laura parecia exasperada.

– Não entendo por que você não pode simplesmente entrar em contato com ele. Isso está te deixando maluca! Você está infeliz, posso ver.

– Não estou infeliz.

– Não está?

– Não. Estou brava. É isso que estou. Furiosa que nem o capeta. Ele pode ficar longe para sempre no que depender de mim.

Minhas palavras soam falsas nem bem saem da minha boca. Eu *estou* furiosa, mas não sei dizer se é com Dominic, que não entrou em contato, ou comigo mesma, por acreditar nele, ou com o chefe dele, por mandá-lo embora do país bem quando a gente estava conseguindo entender nossa situação.

Laura está me encarando.

– Liga logo para ele, Beth. Saia dessa tortura.

Eu sorrio para ela.

– Você não precisa se preocupar comigo. De verdade. Mas eu não vou ligar para ele. Ou mandar mensagem de texto. Ou e-mail. Se ele me quiser, sabe onde estou. Até lá, vou seguir em frente com a minha vida. Falando nisso, é a vez de quem fazer o jantar? Estou morrendo de fome.

Só bem mais tarde, já na cama, consigo relaxar um pouco mais. Deito de costas, me abraçando à procura de algum conforto, lançando ao universo minha pergunta:

Onde você está, Dominic?

– Beth, como você está?

Mark Palliser, meu chefe, me cumprimenta com seu habitual jeito amigável quando entro no escritório dele. Ele chama de escritório, mas é uma sala tão bonita que devia ter um nome diferente. É menos pessoal que um estúdio mas tem mais apelo que um escritório com luzes fluorescentes compridas, arquivos e máquinas de copiar. Essa sala está muito distante de ter esse tipo de aparência. Ela é redonda, com um lustre brilhante pendurado em uma armação de gesso. Das três enormes janelas, com cortinas luxuosas, vê-se um jardim e, em uma abertura, fica a mesa de Mark, uma enorme peça de mobília polida em estilo vitoriano clássico ornamentada com lindas peças de madeira e metal. O chão de tacos brilha onde não é coberto por tapetes turcos, e a sala é toda iluminada suavemente com a luz dourada das lâmpadas em cima da mesa e nos cantos. Mas o melhor de tudo são as obras de arte que recobrem a parede: telas a óleo com molduras ricamente esculpidas, aquarelas, quadros em tons pastel, rascunhos feitos com carvão e gravuras. Os temas são muito variados: uma bela paisagem de um lago na Escócia feita a óleo alegremente pendurada ao lado de um rascunho em sépia, com estilo renascentista, de um anjo. Um retrato de um cocker de olhos caídos ao lado de uma cena da era vitoriana com ar grave. De vez em quando, algum tesouro desaparece e outro toma seu lugar, porque Mark encontrou um novo lar para a peça com algum dos seus muitos clientes. Estou começando a aprender como funcionam as coisas. Semana passada mesmo coloquei a marca pessoal de Mark em um pacote para um pequeno quadro, um rascunho a óleo de uma garota tomando banho. Eu arranjei uma armação de madeira para proteger a obra, folhas de segurança, uma caixa feita sob medida, plástico-bolha esverdeado e papel especial sem ácido, tudo com o emblema dele, as letras MP envoltas em um desenho oval. Quando o quadrinho estava bem embalado, fiz um seguro para ele em um valor que me fez engolir a seco e o enviei para um dos endereços mais caros do mundo.

Tudo isso é tão distante do universo em que cresci, numa vilazinha em Norfolk, que mal posso acreditar às vezes que é aqui que passo todos os meus dias, e ainda sou paga para isso.

Mark está sentado atrás de sua mesa, elegante como sempre. Ele tem o cabelo cheio e espesso acima da testa curta, olhos azuis pequenos e brilhantes, um nariz comprido acima de uma boca pequena e um queixo achatado. Ele não é nem um pouco bonito, mas ainda assim, anda sempre com um ar de quem é extremamente atraente, e ele está sempre tão bem-vestido e tem uma presença tão forte que eu não posso deixar de pensar que, no fundo, ele até que é sim.

– Bom dia, Mark – respondo ao seu cumprimento. – Estou bem, obrigada. Posso fazer alguma coisa por você?

– Não, obrigado. Gianna me trouxe café mais cedo. Agora, aos negócios. – Mark sorri para mim.

Eu me sento, como sempre, na cadeira de couro do outro lado da mesa dele e apanho meu caderno azul-turquesa de couro de avestruz – um presente de James, meu antigo chefe, de quando eu comecei no novo emprego – para anotar os detalhes do que quer que Mark queira que eu faça hoje. O trabalho sempre muda muito, e é sempre bem interessante – nunca sei se a gente vai a um leilão na Sotheby's, na Bonhams ou na Christie's, ou se vamos visitar um cliente numa casa fabulosa, se viajaremos para o outro lado do país para conferir a venda de uma propriedade ou fazer a avaliação de um novo achado. Mark é um respeitado e conhecido negociante de arte – bem-sucedido o suficiente para ter uma casa em Belgravia¹ e algumas obras de arte incrivelmente caras na sua própria coleção pessoal.

Eu tomo notas rápidas, rabiscando velozmente nas folhas claras do meu caderno, enquanto Mark vai me falando das coisas que ele quer que eu faça. Eu só trabalho com ele há poucas semanas, mas já me sinto parte importante da sua equipe. Há também Jane, a secretária, que lida com boa parte da burocracia chata, o que é ótimo para mim, já que Mark mal consegue escrever um e-mail e prefere redigir tudo à mão e pedir para alguém transcrever. Ela vem duas vezes por dia, de manhã, para pegar o trabalho deixado para ela em bolsas de couro verde-escuro gravadas com MPs dourados, e de tarde, para devolver as bolsas, já que ela trabalha do seu

pequeno apartamento em Chelsea, tendo como companhia seus dois cachorros king charles spaniel.

– Então... – Mark deixa sua caneta Cartier vintage de lado e se recosta na cadeira. Ele me olha fixamente com seu semblante azulado. – Tenho que lhe perguntar uma coisa. Seu passaporte. Ele está em dia?

Eu consigo ver meu passaporte dentro da gaveta do meu criado-mudo, onde o deixo guardado. A capa está novinha, já que nunca o uso, e ele certamente ainda está válido.

– Sim.

– Ótimo. Que tal fazer uma pequena viagem comigo? Nada muito exótico, infelizmente. Só para o sul da França.

Eu fico de boca aberta olhando para ele.

Ele me devolve o olhar, interpretando meu silêncio como uma recusa.

– Eu entendo perfeitamente se você preferir não ir, e eu consigo me virar sozinho...

– Não, não – digo rapidamente. – Claro, eu já fui para a França, mas só em férias com a família, para a Normandia, e uma viagem com a escola para Paris. Eu adoraria ir para o sul.

– É bem bonito lá. – Mark dá um sorriso. – Mas não posso prometer que vamos fazer muito turismo. Nós vamos para trabalhar, e provavelmente ficaremos a maior parte do tempo na mansão do campo, mas vou tentar dar um jeito de a gente conseguir escapulir um pouco.

– A mansão?

– Sim. Vamos ver o nosso cliente com possivelmente mais prestígio. Certamente o mais rico, se é assim que se mede esse tipo de coisa. Andrei Dubrovski é um oligarca extremamente bem-sucedido. Você já ouviu falar dele?

A menção àquele nome quase me derruba na mesma hora que ele sai da boca de Mark. *Dubrovski*. É o nome que eu repito sempre, na minha cabeça, enquanto chuto com tudo os anteparos nas mãos de Sid. *Toma essa, Dubrovski. E mais essa*. Fez parte da minha vida desde que Dominic o mencionou pela primeira vez. *Andrei Dubrovski. Meu chefe*. Desde então, o ricoço russo é uma figura

obscura, mas muito importante, na minha vida. Foi a missão dele que mandou Dominic para a Rússia bem quando nosso relacionamento entrou em crise.

Parece que já faz tanto tempo, a noite agradável de verão, em um restaurante à beira do Tâmis, com a brisa batendo fresca em nossos rostos. Foi ali que combinamos que Dominic iria me iniciar num mundo de excitação, prazer e dor, com o qual mal havia imaginado. Eu me sentia dopada só com a sensação antecipada, e feliz de sentir que estávamos embarcando naquilo juntos. Estava completamente enfeitiçada por ele. E por um tempo foi uma bela aventura, me levando a prazeres físicos que eu nunca tinha sentido antes. A alegria durou até a noite no Asylum, quando ele foi longe demais e me causou dor real e desesperadora, tanto no meu corpo como no meu coração. Eu o perdoei, mas ele ficou arrasado pelo que tinha feito. Disse que precisava se recuperar. Foi quando Dubrovski o chamou para a Rússia, para algum projeto, e Dominic aproveitou a chance para se afastar por um tempo e clarear as ideias. “Espere por mim”, ele disse. E eu esperei.

Por todo o bem que me fez.

Eu sabia, desde sempre, que Mark e Dominic trabalhavam para a mesma pessoa, e sabia que um dia Mark ia lidar com Dubrovski. Para ser honesta, essa foi uma das razões de eu ter aceitado o emprego como assistente de Mark. Agora aconteceu, e ele quer me levar diretamente a Dubrovski. Finalmente vou poder ver com meus olhos esse homem misterioso que tem tanta influência na minha vida. Quem sabe eu possa até entender Dominic um pouco melhor.

– Beth? Está tudo bem? – Mark se inclinou um pouco para a frente, preocupado. – Você está pálida.

– Eu... eu estou bem – respondo, respirando fundo.

Sinto aquela mistura de prazer e dor à qual me acostumei tão bem desde que conheci Dominic. Só de pensar nele me vem aquele delicioso comichão de desejo e excitação, mas sempre acompanhado de uma amarga pontada de tristeza. *Meu Deus, como sinto sua falta.* Então, com a mesma naturalidade com que o dia sucede a noite, sinto aquela raiva borbulhante. *Como você se atreve a me deixar depois do que nós passamos?*

– Sim, claro que já ouvi falar de Andrei Dubrovski. Quem nunca ouviu falar?

– Então, se você tem certeza de que gostaria de ir...

– Sim, estou certa.

Volto a soar como eu mesma, tenho certeza. E também tenho certeza de que quero ir para o sul da França com Mark. Ainda mais porque é uma ligação com Dominic, e eu simplesmente não consigo resistir.

– Ótimo. – Mark parece satisfeito por eu ter topado. – Quando alguém como Dubrovski nos convoca, vamos o mais rápido possível. Ele faz com que o nosso pão tenha uma bela camada de manteiga. Então partimos amanhã e ficamos por uns dois dias. Tudo bem por você?

Confirmo com a cabeça.

– Claro. Você me conhece, minha agenda é bem flexível.

– Excelente. Não esqueça o passaporte. Agora, que tal pensarmos em ir para Bond Street? Oliver me contou que chegou um tesouro lá, e quero muito ver.

– Claro – digo, já me levantando. – Deixe só eu apanhar minhas coisas.

Capítulo Dois

Nem tenho tempo de pensar na minha viagem para a França durante toda a manhã, e só quando Mark e seu colega Oliver resolvem almoçar no clube de Mark, tenho algum tempo para mim mesma. Vou para o café na Sotheby's, um lugar ao qual me acostumei bastante desde que comecei a trabalhar com Mark. Enquanto estou parada na porta, procurando uma mesa, ouço uma voz familiar.

– Beth, aqui!

Olhando para o outro lado do salão lotado, vejo James em uma mesa, com um jornal à sua frente. Sinto uma onda de afeto por meu ex-chefe; ele apostou em mim e me deu minha primeira chance no mundo das artes. Quando ele ouviu que Mark, com quem fazia negócios havia tempos, precisava de um assistente, ele me recomendou e Mark me acolheu quando eu mais precisava de um emprego. Devo muito a James. Ele acena para mim, com um sorriso no rosto, me chamando para perto dele.

– O que a traz aqui, querida? – ele pergunta e me dá beijos nas bochechas quando me abaixo para cumprimentá-lo.

– Mark veio ver Oliver. Você o conhece? Ele é o chefe da parte de arte do século XIX aqui. – Sento na cadeira vazia do outro lado da mesa. – Agora eles foram almoçar. E você?

– Vim inspecionar algumas peças que serão vendidas em breve. – James dobra o jornal e me olha por cima dos óculos de armação dourada de um jeito muito particular, como se quisesse me analisar e entender o que de fato eu estava pensando. – Como está a vida?

– Bem, bem...

– Qual é, Beth. Você parece nervosa. Que foi? – Seu rosto fica mais suave. – Alguma novidade sobre Dominic?

James é uma das poucas pessoas que sabe quase tudo que aconteceu entre mim e Dominic. Não imagino contar para mais

ninguém – nem para Laura, nem para minha mãe, nem para Celia, minha velha e sábia amiga e madrinha do meu pai. É engraçado que a única pessoa para quem posso confidenciar sobre meu relacionamento seja meu ex-chefe gay, dono de galeria, que conheço há menos de um ano, mas é assim. Ele é gentil, tem a cabeça aberta e é experiente no tipo de universo que eu entrei no último verão. E ele se preocupa comigo de um jeito meio platônico, que faz eu me sentir protegida.

– Não, nenhuma novidade.

– Já faz quanto tempo?

Olho para baixo, para o jogo americano na mesa. A xícara de chá de James está lá, meio cheia de um líquido colorido, e examino o reflexo na superfície.

– Não tenho nenhuma notícia desde o dia que ele me deixou. Ele me mandou uma mensagem de texto naquela noite, mas, desde então, nada.

– E você entrou em contato com ele?

Balanço minha cabeça lentamente.

– Ele sabe onde eu estou. Ele disse que entraria em contato. James dá um suspiro, como se estivesse entristecido pela minha teimosia e pelo sumiço de Dominic. Mas então ele franze as sobrancelhas.

– Mas tem mais alguma coisa?

Eu rio de mim mesma.

– James, como você me conhece tão bem?

Ele ri de volta para mim, seu rosto fino parecendo alegre.

– Querida, você é um livro aberto para mim. Comigo, você nunca vai ser um mistério de mulher, mesmo que seja tão impenetrável para todos os outros. Eu consigo lê-la por completo, e você está tremendo que nem vara verde. O que foi?

Eu me inclino para a frente, com um brilho nos olhos.

– Vou para o sul da França com Mark – digo com excitação, e conto para ele sobre os planos de viagem. À medida que eu falo, mal consigo acreditar que está acontecendo. *Amanhã. Oh, meu Deus.*

James não parece particularmente excitado. Eu pensei que ele iria bater palmas e dar parabéns para ele mesmo por me arranjar esse trabalho com Mark, o tipo de emprego que me permite viajar pelo mundo. Mas ele parece, acima de tudo, preocupado.

– Você não está feliz por mim? – pergunto.

Ele faz uma pausa antes de responder:

– Ouvi falar bastante desse tal Dubrovski e, do que pude entender, ele não é um homem muito agradável. Eu não imagino que alguém surja dos escombros de Moscou e consiga enorme riqueza como investidor sem nenhum tipo de mérito. Mesmo assim, ele não é o tipo de gente com quem eu gostaria de ficar mais íntimo. Não me agrada a ideia de você perto dele.

Eu sorrio diante do gesto protetor de James.

– Não vou ter nada a ver com ele. Ele é cliente de Mark. Eu só vou para ajudar Mark.

James cerra os olhos para mim.

– Então por que você está desse jeito?

– Você poderia se dar bem como psicólogo forense com essa sua habilidade de ler mentes – digo, tentando criar um ar de brincadeira

Na hora ele entende. Seu rosto demonstra que compreendeu tudo e ele me lança um olhar solidário. – Ah, querida! Você acha que ele pode dar algum tipo de pista sobre onde Dominic está.

Fico ruborizada. Dito assim, em voz alta, parece ridículo.

– Bom...

James fica sem saber o que falar. Ele não quer me dar um banho de água fria e destruir meu sonho, mas consigo ver que ele também não quer me dar muita esperança, para me preparar para uma provável desilusão.

– Acho que pode ser. Afinal, ele trabalha para Dubrovski... pelo menos até onde sabemos, ainda trabalha. Mas não se apegue muito a isso, só estou dizendo isso.

– Não vou – prometo para ele. – Eu sei que é bem improvável. Não estou pensando muito no assunto, para falar a verdade.

Mas na realidade, desde que Mark me falou da viagem, de manhã, crescia a esperança dentro de mim de que, de alguma forma, eu fosse achar Dominic na França. Mesmo se Dubrovski

simplesmente mencionasse o nome dele, só isso já me faria me sentir mais perto. Era o primeiro raio de sol que eu sentia na pele em semanas. Mesmo que seja um falso amanhecer, pelo menos posso aproveitar o momento enquanto durar.

– Vamos pedir algo para você. Aposto que está morrendo de fome. – James olha para o outro lado, para chamar um garçom, e eu fecho os olhos por um instante, numa prece silenciosa, pedindo que, de alguma forma, eu encontre Dominic na França. Mal consigo admitir para mim mesma que, bem lá no fundo do coração, eu tenho esperança de que Dominic vá estar na vila, mesmo sabendo que se trata de uma fantasia ridícula.

Eu vou ficar feliz só de ouvir o nome dele, digo para mim mesma. Isso vai ser suficiente para mim.

– Parece ótimo, querida! Estou com inveja. Imagine só, uma vila! Sua vida tem tido cada vez mais glamour, hein? Mas você tem tudo de que precisa para uma viagem para a França? Vai estar calor? Qual é o estado dos seus biquínis?

Isso era muito minha mãe. Dois segundos e a preocupação dela é se vou estar bem-vestida. Laura deu um grito quando contei, e ficou pulando pelo quarto gritando: “Que sorte, não acredito, como você é sortudaaa!”. Minha mãe tem medo de que eu passe vergonha usando um maiô furado.

– Acho que eu não vou ter tempo de nadar, mãe. Não é uma viagem de lazer, é trabalho.

Enquanto conversamos, estou pegando roupas de gavetas e do armário e arrumando-as na cama, pensando no que eu poderia precisar em uma vila no sul da França.

– Use as roupas mais quentes no avião, pode estar frio – aconselha minha mãe, ignorando o que falei. – Assim você não precisa botar elas na mala. É sempre complicado quando você só pode levar a bagagem de mão. Ponha duas meias-calças, a gente está em outubro.

Dou mais uma risada, me imaginando vestida com metade do meu guarda-roupa, parecendo o mascote gordinho da Michelin. Só para impressionar Mark, mostrar para ele como eu sou uma mulher do mundo. Não tenho coragem de falar para minha mãe que não vou pegar um voo comercial para Nice, mas um jatinho particular em Londres. Se quiser levar uma mala inteira de meias-calças, provavelmente eu posso.

– Quanto tempo você vai ficar fora? – pergunta minha mãe, tentando parecer mais entusiasmada do que preocupada, que eu sei que é como ela está. Ela ficou tão aliviada quando decidi não fazer um mochilão com Laura; se tivesse ido, ela teria ficado sem dormir durante a minha viagem toda.

– Só uns dias – disse, tentando reconfortá-la. – Eu mando notícias, você vai saber onde eu estou.

– Isso é bom. E você precisa se divertir. Não fique só trabalhando. Quer falar com seu pai?

Minha mãe tem apenas uma vaga ideia do que faço, mesmo que eu já tenha explicado várias vezes. Tenho a impressão de que ela não acha que o que eu faço é realmente um trabalho.

Enquanto estou conversando com meu pai, tiro um biquíni vermelho de uma gaveta e, por impulso, coloco-o na pilha em cima da cama. Deve ter uma piscina lá. Posso ter uma chance de usá-lo, quem sabe? Quando acabei de me despedir e desligar o telefone, olho para baixo e vejo um clarão colorido na gaveta, exatamente onde estava o biquíni. Fico olhando um instante, então pego o vibrador de silicone azul com uma protuberância na base. Foi uma das poucas coisas que eu trouxe do budoar, embora eu não toque nela desde a noite em que Dominic a usou em mim, com um efeito incrível. Eu me lembro de como ele me mandou prepará-la, lubrificando-a, até que ela ficasse com um brilho promissor e então, bem mais tarde, como ele a fez ganhar vida dentro de mim, proporcionando uma onda de prazer estelar, provocando em mim um clímax absoluto. A simples lembrança me deixa um pouco engasgada, e sinto uma ponta de tesão. Pela primeira vez, desde aquela noite, imagino como seria deixar aquele objeto que parece tão inocente fazer o trabalho para o qual foi fabricado.

Tento acalmar minha pele que está toda arrepiada com o pensamento. Preciso me concentrar em me preparar, não posso me distrair com memórias eróticas com Dominic. Eu havia tentado deixar trancada essa parte de mim na ausência dele.

Fico brava comigo mesma. Não posso perder a fé. Ele vai voltar, e se não voltar, eu vou até ele e arranco uma explicação de por que ele não veio.

E é por isso que essa viagem está me dando frio na barriga. Porque tem uma vozinha dentro da minha cabeça falando: *você pode descobrir mais coisas. Você pode descobrir onde ele está.*

Capítulo Três

Esse é um avião diferente de todos os que já vi.

Geralmente é um processo longo: ir até o aeroporto, fazer o *check-in*, passar pela segurança, esperar horas e horas na longa fila do *free shop*, seguir no meio da multidão até o portão de embarque para esperar mais ainda, até finalmente embarcar. Isso tudo só para a gente começar a ir para algum lugar.

Dessa vez, um carro preto pega Mark e eu na casa em Belgravia, com a nossa bagagem guardada no porta-malas por um motorista de cabeça raspada e óculos escuros, e então voamos pelas ruas de Londres como se tivéssemos algum salvo-conduto para ignorar limites de velocidade, faróis vermelhos e faixas de ônibus. Parece que demoramos poucos minutos para chegar ao aeroporto. Mark pegou meu passaporte e passou para alguém pela janela do carro. E então o veículo volta a se movimentar. Quando descemos do carro, para meu espanto, estamos do lado do avião. Nós pulamos toda a etapa do terminal do aeroporto.

– Vamos lá, Beth. Vamos embarcar – diz Mark, sorrindo diante do meu espanto evidente, mesmo eu tentando parecer superinteligente e sofisticada.

O interior do avião é impecável e luxuoso: a iluminação é suave e muito aconchegante, um grosso carpete amarelado recobre o chão e grandes poltronas de couro amarelo estão de frente umas para as outras, com uma bela mesa de madeira entre elas. Uma comissária de bordo muito elegante nos espera dentro do avião e, com um sorriso no rosto, nos mostra nossos assentos. Aproveito cada instante. *Definitivamente eu poderia me acostumar com essa vida.*

– Vamos decolar assim que vocês estiverem bem instalados – diz a aeromoça. – Assim que estivermos no ar, volto aqui. Boa decolagem. – Então ela sai por uma porta na parte de trás.

As poltronas são incrivelmente confortáveis, e eu me sinto absorvida para dentro daquele couro que parece até manteiga. Relaxo e afivelo o cinto de segurança.

Mark se inclina na minha direção, mexendo nas suas abotoaduras douradas, como de costume. Ele está sorrindo, e seus olhos piscam de contentamento.

– Você não pode dizer que não lhe mostro o lado bom da vida, hein, Beth? Pelo menos hoje.

– É tudo o que você fez! – respondo, rindo. É verdade. Desde que comecei a trabalhar com Mark, tenho tido vislumbres de um mundo que só conhecia vagamente, e que era totalmente inacessível para alguém como eu. Agora, aqui estou, em um avião particular. Chacoalho minha cabeça. – É uma loucura.

– Aproveite – diz Mark, reclinando-se de volta no assento, ajustando o cinto de segurança. – Assistir aos ricos pode ser um esporte divertido. Desde que você não fique tentada a entrar no jogo deles.

Poucos minutos depois, o avião faz seu taxiamento em direção à pista. Do lado de fora, vejo o dia de outubro acabando, apesar de ainda ser hora do almoço. O avião para na posição e, depois de uma pausa silenciosa, começa a decolagem, com o som do motor ficando cada vez mais forte à medida que ganhamos velocidade. O nariz se empina, começamos a sair do chão até que estamos no ar, cruzando o céu enquanto a terra se afasta da gente. Um minuto atrás eu estava completamente segura no chão. Agora, estou tão alta que qualquer probleminha pode ser fatal. A tênue linha entre a segurança e o perigo. Esse pensamento provoca uma sensação excitante que percorre meu corpo. Estamos vivos. Estamos no céu. Tenho calafrios pelo corpo com a excitação. Muito estranho... nunca tive esse tipo de sensação com um avião decolando.

Talvez seja um bônus de se viajar em um avião particular – um pouco de excitação jogado na mistura.

A comissária bonita aparece, com sua maquiagem tão perfeita que parece natural do rosto dela, não algo que foi pintado, e nos pergunta numa voz muito suave o que gostaríamos de beber. Mark pede champanhe para nós dois.

– Quero que você tenha a experiência completa – explica, assim que ela sai para buscar nossas bebidas. – Normalmente desaconselho que se beba no trabalho, mas só dessa vez...

Logo estamos com taças de champanhe na mão, as bolhas silenciosamente brincando no vidro, e o almoço é servido: uma refeição deliciosamente outonal, com faisão grelhado e uma salada de chicória, abóbora e pera, além de cubinhos de aipo salteado. De sobremesa, uma pequena *charlotte* de maçã com manjar e então um prato de queijos cremosos com bolinho de aveia recém-saído do forno. Mark e eu ficamos batendo papo enquanto comemos, e poderia jurar que a sensação era de que estávamos em algum restaurante superluxuoso, e não a 35 mil pés de altitude sobre o Canal da Mancha e rumo à França.

Quando nos aproximamos do aeroporto de Nice, recordo-me do aviso de James sobre entrar na órbita de Dubrovski, e imagino onde estou me metendo. Será que vou sentar para jantar com a máfia russa hoje? Imagino Dubrovski como um Al Capone russo, com um barrigão preso em um terno, e uma mesa de jantar cheia de homens de terno preto, coldre de arma por baixo do paletó, mascarando chicletes, encarando com seus olhos escondidos atrás de óculos escuros, todos atentos, prontos para começar um tiroteio se alguém sequer tossir fora da vez. Talvez eu deva praticar um pouco de kickboxe quando a gente pousar. Sorrio para mim mesma. Já estou me imaginando em algum filme do James Bond... melhor segurar minha imaginação fértil ou posso começar a ter pesadelos.

E meu cenário com a máfia não é a única coisa que estou imaginando. Quando começamos a descer, digo para mim mesma para me controlar. *Todas as fantasias mais íntimas estão banidas! Dominic não vai estar lá e eu provavelmente nem vou ouvir o nome dele. No fim das contas, vai ser tudo muito monótono e vou ficar morrendo de vontade de ir logo para casa! Provavelmente a melhor parte da viagem vai ser esse voo.*

Dou um bocejo, para mostrar a mim mesma como tenho os pés no chão e sou muito realista.

Claro, para Mark, tudo isso parece bem mais familiar. Quando pousamos e o piloto nos levou por um terminal, ele calmamente desafivelou o cinto de segurança e me falou que haveria um carro nos esperando.

Não sei bem como se passa tão facilmente por alfândega, segurança, controle de entrada, mas novamente, há um carro preto com vidros muito escuros esperando por nós, e em questão de minutos estamos rodando por uma estrada francesa. Mark me devolve meu passaporte. Eu nem o vi sendo devolvido.

– É assim que funciona quando há dinheiro no meio – ele diz, diante da minha expressão. Não consigo deixar de pensar que é uma certa gozação com o resto de nós que tem de respeitar as leis. Eu poderia ter contrabandeado qualquer coisa para dentro do país, mas resolvo ficar quieta. Esse vai ser meu *modus operandi* nessa viagem.

O clima está mais quente e claro que em Londres. Esse dia de outubro aqui é de um azul brilhante, com o sol baixo no céu. O suéter de caxemira que eu trouxe parece meio inútil agora, e o biquíni vermelho, algo bem mais atraente.

– Estamos longe da casa? – pergunto para Mark.

– Estamos a mais ou menos uma hora dela. Ela fica num lugar lindo. Você vai adorar.

– Há quanto tempo você trabalha com Dubrovski? – pergunto, curiosa.

– Já faz uns cinco anos. Desde que ele começou a fazer dinheiro de verdade. É impossível ter os hábitos que ele tem em relação à arte sem muito dinheiro. Ele gosta de velhos mestres e nomes famosos. Ele quer ser como Francisco I, com a *Mona Lisa* pendurada no banheiro. Um Rembrandt no hall de entrada, um Tiziano na sala. Para ele, é a forma máxima de expressar seu sucesso. E é aí que entro: estou sempre à procura do tipo de coisa que ele quer, e ele me chama quando quer minha opinião sobre algo que encontrou. É um bom esquema, já que eu sei do que ele gosta e ele confia em mim plenamente. Ele me paga muito bem para ficar à sua disposição e, é claro, uma gorda comissão sobre tudo o que compro para ele. Como eu falei, é um bom esquema – Mark sorri.

Parece mesmo. Será essa mais uma característica do mundo dos ricos? Eu fico imaginando. Enormes quantidades de dinheiro trocando de mãos sem muito esforço? Talvez quando você tenha muito dinheiro, ele simplesmente muda de caráter e de valor, e você começa a achar que valores enormes não são tão grandes assim. É por isso que pessoas ricas começam a dar gorjetas gigantescas para garçonetes e a pagar na casa dos milhares por uma refeição.

– Você gosta dele? – pergunto, de maneira audaciosa.

– Claro, por que não gostaria? – responde Mark.

– Li em algum lugar que ele tem um passado meio obscuro. – Pelo menos foi isso que James deu a entender.

– Não me preocupo com isso, e você também não deveria se preocupar – Mark diz, de maneira severa. – A nós só nos diz respeito nossos negócios com cada um de nossos clientes. E ele sempre foi bastante justo comigo.

E com Dominic?, não consigo deixar de pensar para mim mesma. *Que tipo de chefe é ele?* Eu nunca soube muito, só que o chefe de Dominic é um homem muito rico e poderoso. Mark não sabe da minha ligação com Dominic, ainda que o conheça. James foi fazer uma visita de negócios para Mark no dia em que Dominic estava lá. Sem dúvida, Dominic estava cuidando de algum negócio de Dubrovski com Mark, e James o ouviu dizer que viajaria para a Rússia naquela noite. Quando James me contou isso, percebi que teria pouco tempo para ver Dominic e chamei-o para ir ao budoar naquela tarde. Foi a última vez que nos vimos.

Por um momento, parece que me transporto de novo para lá. Fazemos amor com ternura e paixão, a dor e os desentendimentos desaparecem na alegria da pele dele contra a minha, seu corpo se mexendo em mim, em nossos beijos e na respiração forte e o ápice de prazer que nos envolve. Então ele me explica por que precisa ir embora.

Mas nunca entendi de verdade. Eu sei que ele se culpava muito pelo seu erro, naquela noite em que me machucou de verdade. Mas eu o perdoei, e ele mudou. Então por que tinha de ir embora?

Não era só porque ele precisava de espaço. Era também por causa desse homem. Dubrovski. Ele mandou chamar Dominic. E

desde então, não tive mais notícias.

O carro para em frente a um grande portão de ferro. Um guarda sai de uma guarita atrás do portão e vai falar com o motorista, nos olha pela janela e então nos autoriza a entrar. E cá estamos, penso eu. E por um instante sinto uma descarga de adrenalina com a sensação de que Dominic está me esperando no fim da longa curva que o carro está fazendo.

O carro nos leva por entre arbustos milimetricamente bem aparados e arranjos florais perfeitos, até que a casa surge: uma vila grande, branca, com aquele típico telhado francês do século XIX. É bonita mas, ainda assim, só é especial por seu tamanho. Rosas se entrelaçam nas trepadeiras que sobem pela parede, arbustos de lavanda se alinham com perfeição; é tudo perfeito e lindo.

Um mordomo aparece para abrir a porta do carro para nós. Fico atrás de Mark enquanto ele conversa em francês com o mordomo. Pelo que me lembro de minhas aulas de francês, ele está querendo saber se vai ver *monsieur* Dubrovski imediatamente.

– *Oui. Immédiatement. Suivez-moi, s’il vous plaît* – responde o mordomo.

Sinto meu estômago revirar e percebo como estou nervosa por conhecer Dubrovski. É fácil quando estou batendo no anteparo de Sid, mas, agora que a coisa é real mesmo, minhas bravatas agressivas estão se desvanecendo. Como será a aparência dele? Tem cara de gângster e corpo robusto? Mimado e egoísta? Ele vem de um mundo do qual não conheço quase nada, e me recordo do aviso de James, de que ninguém chega até onde ele chegou sem ser um cara durão.

Sigo atrás de Mark, que parece completamente à vontade, enquanto passamos por uma grande sala e um corredor comprido. A decoração é feita em tons pastel, com a mobília moderna e confortável. Tudo de muito bom gosto, mas não havia nada de mais também. Acho que fiquei mal acostumada andando com Mark: tudo dele expressa caráter e charme, espirituosidade e inteligência. Mas agora vejo que é bem possível ter muito dinheiro mas possuir as coisas o mais sem-graça possível.

Paramos em frente a uma porta dupla grande e branca. O mordomo dá leves batidas, então vira a maçaneta dourada e a porta começa a abrir. Ele dá alguns passos para dentro e murmura:

– *Monsieur Palliser est arrivé, monsieur.*

Então entramos no cômodo. A primeira impressão é luminosa. Há janelas altas que dão para o jardim, de onde uma claridade fluida da luz do Sol entra. Não estou acostumada com a claridade, tendo andado por aquele corredor, então pisco sem parar. Nas paredes, montes de cores imploram por atenção. À medida que a minha visão clareia, vejo que são belíssimas obras de arte em cada uma das paredes, famosas ou feitas por mãos muito habilidosas.

Aquilo é um Renoir? E um Seurat? Ah, meu Deus...

Resisto ao impulso de ir na direção deles e, logo em seguida, minha atenção se volta para o meio da sala, onde há um núcleo de energia impossível de não se notar. Um homem está lá de pé, com uma das mãos segurando um celular na orelha e a outra no bolso da calça folgada de algodão.

Então esse é o homem. O chefe de Dominic. Talvez seja Dominic do outro lado da linha... A possibilidade me deixa tonta e estremece minhas pernas. Mas ele está falando em russo. Tenho certeza de que falaria com Dominic em inglês.

Dubrovski acena para Mark e aponta para uma das poltronas dispostas pela sala. Ele nem me notou, ao que parece, então consigo prestar um pouco mais de atenção nele. É mais alto do que eu imaginava, nada parecido com o cara baixo e troncado estilo mafioso que eu imaginava. Em vez de terno preto e óculos escuros, ele está com uma camisa de verão branca por cima da calça. Ele não é moreno, mas tem o cabelo escurecido: percebe-se que seu cabelo já foi loiro, mas mudou para um castanho dourado, com mechas grisalhas nas laterais. Mark vai na frente e senta; eu fico com a poltrona ao lado dele. Dubrovski continua sua conversa em russo, e sua voz me cativa, mesmo que eu não entenda uma palavra do que diz. Ela é grossa, com um tom grave, como se tivesse fumado um milhão de cigarros, ou cantado tão alto que sua voz ficou abalada para sempre. E é alta, poderosa, o tipo de voz que está acostumada

a mandar. Ele fala e as pessoas correm atrás. Não é à toa que ele fez tamanha fortuna.

A conversa dele acaba e ele se vira para nós completamente pela primeira vez. Ele tem os olhos azuis mais intensos que eu já vi: pálidos, mas fortes. Mal noto o nariz proeminente, a boca larga e expressiva ou o queixo largo, não consigo desviar os olhos dos dele. Não tem nada de terno ou alegre neles.

– Mark! – ele caminha na nossa direção com a mão estendida, mas ainda sem sorrir. Mark se levanta, pega a mão dele e eles se cumprimentam com vigor. Seu inglês tem pouco sotaque, e soa mais norte-americano que russo. Eu esperava uma voz de vilão de filme do James Bond, mas ele soa mais como o herói. – Muito bom vê-lo. Como você está?

– Ótimo, Andrei, e contente por estar aqui.

Eu também havia me levantando, embasbacada com o poder emanado daquele homem quando ele estava de pé, bem do meu lado. Ele vira aqueles faróis azuis para mim e me sinto muito pequena e sem importância. Um calafrio percorre meu corpo quando sinto como ele é gelado.

Ele nunca sorri?

– Minha nova assistente, Beth Villiers. Ela é meu braço direito – diz Mark discretamente.

Ele murmura alguma coisa mas não se incomoda em me dizer nada. Ele imediatamente se volta para Mark e fico aliviada por me ver livre daquele olhar intenso.

– Estou feliz que você tenha conseguido vir, Mark – ele diz. Parece agitado. Talvez esse seja o seu normal. – Tenho notícias interessantes, muito, muito interessantes, e preciso da sua ajuda. Imediatamente.

– Sim? – Mark responde, suave como sempre, com as sobrancelhas arqueadas. Tenho a sensação de que ele sabe muito bem como lidar com Dubrovski, e como representar seu papel na corte do rei todo-poderoso.

Dubrovski senta em uma de suas poltronas claras e imediatamente voltamos para as nossas. Realmente parece que estou na presença da realeza. Levanto quando ele levanta, sento

quando ele senta, espero para falar até que alguém me pergunte. Não sei se me sinto confortável com toda essa subserviência. O que, além do dinheiro, dá a ele esse direito?

Ele começa a falar com aquele tom grave:

– Ouvi sobre um achado muito interessante. Meu pessoal foi procurado pelo representante de um monastério na Croácia. Eles dizem que descobriram um Fra Angelico completamente desconhecido. É inacreditável, claro, mas eles insistem que se trata de algo completamente genuíno. Eles estão dispostos a me vender sem abrir para o mercado.

Mark coloca a cabeça de lado, pensando no assunto, então diz com um tom grave:

– Isso é meio suspeito, se você me permite dizer. E um Fra Angelico até hoje desconhecido é algo praticamente impossível. Desde que os painéis do altar de São Marco foram localizados alguns anos atrás, acho que não há mais nada a ser encontrado. O que eles afirmam que possuem?

– O painel central de um altar – diz Dubrovski, impacientemente. Ele está inclinado para a frente, com os cotovelos apoiados nos joelhos e os olhos fixos em Mark. – E digamos que o que eles dizem seja verdade... é uma oportunidade incrível. Eles pedem uma fortuna, claro, mas apenas um valor que eles esperariam alcançar no mercado.

Um olhar de incerteza passa pelo rosto de Mark, apenas por um instante. Acho que Dubrovski nem percebeu. O russo continua, sem nenhuma pausa.

– Então vamos lá juntos avaliar esse quadro, ok? Quero que você vá imediatamente.

Mark se torna imediatamente o consagrado perito em arte.

– Claro, Andrei. Quando partimos?

– Vamos amanhã de manhã. Passamos a noite no monastério e voltamos.

Seu olhar se volta para mim por um instante.

– Você vem também.

Então ele se volta para Mark.

– Esse é o plano.

– Ótimo. Estou ansioso. Se o que eles dizem é verdade, isso é muito interessante – responde Mark.

Eu o encaro. *Uma viagem para a Croácia? Isso é inesperado, no mínimo.* Mark evita meu olhar.

O celular de Dubrovski toca de novo. Ele olha para o aparelho, se levanta e imediatamente diz alguma coisa em russo. Ele faz um gesto para nós e estamos dispensados.

Sigo Mark enquanto ele sai do cômodo em silêncio, deixando Dubrovski atender seu telefonema. O mordomo está à nossa espera no corredor, e começa a falar conosco, dessa vez em inglês.

– Sigam-me, vou lhes mostrar seus quartos.

– Que tal? Como você esperava? – diz Mark em voz baixa, enquanto somos levados por um corredor e uma escadaria curva até o primeiro andar.

– Não sei. Mais ou menos. Eu não esperava uma viagem assim para a Croácia! – Nem consigo começar a explicar como ficou pálido e distante o Dubrovski que eu tinha na minha imaginação perto da força e do poder do verdadeiro. Mas todo aquele poderio arrebatador não é, nem de longe, muito cativante.

Mark sorri.

– É assim que funcionam as coisas perto de Andrei. Nunca se sabe o que vai acontecer. Quando estivermos instalados em nossos quartos, quero que você ligue seu laptop e me prepare um relatório completo com tudo sobre Fra Angelico. Preciso refrescar minha memória antes de amanhã. Sabe-se lá o que vamos encontrar. Ele quer muito que a obra seja verdadeira, mas será minha cabeça que vai rolar se ele fizer a compra e depois descobrir que se trata de uma falsificação.

Não consigo acreditar que mal chegamos e já vamos embora. *Croácia? Não soa tão glamoroso quanto o sul da França.* Ainda assim... minha mente está formigando com a ideia de um monastério e uma obra de arte perdida. Que incrível se eu fosse umas das primeiras pessoas a ver essa peça depois de sua descoberta... desde que seja verdadeira, claro. Tenho certeza de que Mark vai saber verificar.

O mordomo abre uma porta e me mostra o quarto, indicando que é o meu, então entro. É um cômodo chique, luxuoso, parece um quarto de hotel, tudo muito perfeito mas sem personalidade. Minha mala já está ali; na verdade, ela já está desfeita e tudo está guardado. Imagino se a boa alma que desfez a mala vai se importar de guardar tudo de novo antes de eu viajar, de manhã. Sinto um alívio quando lembro que quase trouxe meu vibrador, para o caso de toda aquela atmosfera de glamour me deixar no clima.

Graças a Deus, eu não trouxe! Imagine o constrangimento... Estremeço por dentro. Não tenho a desenvoltura para lidar muito bem com esse tipo de coisa.

– Por que você não fica aqui e janta no quarto? Vou jantar com Dubrovski. Mas acho que vai ser muito cansativo para você – sugere Mark.

– Boa ideia – digo, graciosamente. Já tive emoções o suficiente para um dia. Não sei se aguento a energia de Dubrovski por mais duas horas, especialmente se vamos ter mais aventuras ainda amanhã. Agora que estou aqui, minha fantasia boba de que Dominic estaria aqui, me esperando, de braços abertos, é tristemente revelada. *Preciso ir em frente com o mundo real.* – Vou começar aquela pesquisa para você e descobrir tudo sobre qualquer eventual Fra Angelico perdido.

– Excelente. Nos vemos de manhã. Coloque seu despertador para tocar cedo. Dubrovski mal dorme. Ele vai querer estar na estrada na hora marcada. Durma bem – Mark sorri.

– Você também.

Então fecho a porta atrás de Mark. O mordomo o leva para a suíte ao lado. Encosto na porta e suspiro. Então digo em voz alta:

– Dominic, estou perdendo a paciência. Melhor você cumprir sua promessa ou vou começar a reconsiderar seriamente tudo sobre nós.

Parece esquisito dito assim, em voz alta, mas quando falo, me sinto mais feliz. É a espera que me mata. Bom, e se eu simplesmente parar de esperar? Parece uma boa ideia. E estou cheia de outras coisas para fazer também.

Desembalo meu laptop para começar a trabalhar com as outras coisas.

Capítulo Quatro

Se eu achava que ontem havia sido o ponto alto da minha vida, bom, vou ter que repensar isso.

Meu Deus, isso é incrível.

Estamos em um helicóptero, sobrevoando a Itália, em direção à Croácia. É uma aeronave linda, vermelho-cereja, graciosa e redondinha. Estou no banco de trás, com Mark, presa firmemente no assento com um cinto de segurança em forma de X e um par de fones de ouvido que bloqueia em parte o barulho do motor, mas ainda assim transmite a conversa entre Dubrovski, Mark e, ocasionalmente, o piloto. Tenho um microfone ligado no meu fone também, mas não acho que eu vá usá-lo. Estou ocupada demais absorvendo tudo ao meu redor. É a primeira vez que ando de helicóptero, e é incrível. É diferente de um avião, onde você olha para fora por umas janelinhas ovais pequenininhas. Acho que isso aqui é o mais próximo que se pode chegar da sensação de estar voando. A vista vai de cima a baixo, perto dos pés, e o mundo todo parece incrivelmente perto. A aeronave é tão ágil e as manobras são tão precisas que parece que estamos voando com o pé de pirlimpimpim do Peter Pan.

Mark, ao meu lado, parece muito calmo, como sempre. Isso tudo deve ser muito batido para ele. Ele leu o relatório que mandei ontem, tarde da noite, onde escrevi que há, de fato, uma possibilidade de haver Fra Angelicos ainda não descobertos. Mark já sabia que, alguns anos atrás, dois painéis foram encontrados; estavam pendurados na parede de uma casa muito simples em Oxford desde os anos 1960, quando a arte medieval, mesmo as obras-primas do Renascimento da Florença, estava muito fora de moda. É possível que haja outras peças, ou obras ou pedaços de altares ainda perdidos. E como a Croácia é tão perto da Itália, com os laços e as rotas de comércio fortes entre os dois países ao longo

de séculos, não é tão improvável que algo tivesse ido parar lá. Afinal, ela foi governada pela república de Veneza por três séculos.

Passei algumas horas felizes ontem à noite, vendo catálogos de coleções de arte, acostumando meus olhos à arte religiosa do século XV, com um pé na era Gótica e outro no Renascimento, quando surgiram a perspectiva e o naturalismo. Mergulhei nas gloriosas criações de Fra Angelico e suas cores esplêndidas. Com seu talento divino para criar obras tão maravilhosas, não é à toa que ele chegou a ser conhecido como Irmão Angelical. Estou bem ansiosa para ver de perto o que esses monges descobriram.

Estamos sobre as águas de um azul cristalino do Mar Adriático. Ilhas cinza e verde repousam na água e a terra se estende a nossa frente, onde começa o Leste Europeu: a Croácia diante de nós, depois Sérvia, Bósnia, Romênia e Bulgária. Eram apenas nomes para mim, mas agora estão virando realidade na forma de cidades, montanhas, florestas e estradas.

– Ali é Split – anuncia o piloto com sua voz metálica pelo sistema de som.

Debaixo de nós, uma bonita cidade dourada descansa no fim de um porto, com seus longos dedos entrando no mar.

– Quase chegando – ouço a voz de Mark invadir meus ouvidos.

– Sim. – É a voz de Dubrovski, ainda mais dura pelo microfone. Estou sentada bem atrás dele, e posso ver sua nuca e o algodão macio da jaqueta que ele está usando. Ele me ignorou totalmente desde que apareceu no gramado de manhã, onde o helicóptero estava parado. Não estou reclamando. Ele parece muito sério, com cara mal-humorada. Fico imaginando se ele vai usar toda essa energia para algo maléfico. – O monastério fica nas montanhas. Vamos chegar lá em breve.

A luz que passa pela janela é estonteante, e a cidade logo abaixo brilha com o reflexo do sol de outono na pedra clara. Mark aponta para algo arruinado e grandioso abaixo e diz:

– O palácio de Diocleciano. A cidade de Split foi formada ao redor dele séculos atrás.

Estou sem fôlego com aquela vista e as lindas pedras antigas abaixo. Há tanto do mundo para se ver e descobrir. Voando acima de

Split, sinto-me determinada a abrir minhas asas e experimentar tudo que posso. A vida me enviou essa experiência incrível, e quero tirar dela tudo que puder. Dentro de poucos minutos nos aproximamos de um topo que aponta por cima da floresta escura. O pico é completamente coberto por uma construção de pedra, uma cruz entre um castelo e uma igreja, que parecem fazer parte da formação rochosa.

Como raios vamos pousar? Não tem um centímetro de espaço livre no meio daquelas pedras.

Apontamos para cima e percebo que vamos pousar em uma das quatro torres que formam os cantos do monastério. Elas têm tetos retos e vejo que alguém pintou uma cruz branca em uma delas, produzindo um heliporto, mas ainda tenho minhas dúvidas se nossa aeronave cabe naquele espaço tão pequeno. Fico sem respirar enquanto o piloto aponta para lá, se mantendo alto acima do telhado, e então, lentamente descendo, o nariz abaixando e então se endireitando enquanto descemos. Com certeza as pás vão se chocar contra a pedra, penso, esperando o barulho, mas nada acontece. O pouso foi perfeito, e estamos bem seguros em cima do heliporto, as pás diminuindo sua velocidade e o barulho do motor reduzindo.

Bem seguros? Estamos no telhado de um monastério no topo de uma montanha.

Só de pensar nisso tenho vontade de gargalhar, de tão maluco que parece. Estar aqui é algo que me deixa eufórica, e meio zozona, na verdade. Os outros estão soltando seus cintos de segurança e guardando seus fones de ouvido, e faço o mesmo. De canto de olho, vejo um homem de hábito preto surgir de uma porta na torre. Dubrovski sai e vai na direção dele. Agora que tiramos os fones e podemos nos ouvir, Mark vira para mim com um sorriso e pergunta:

– Como foi? Gostou?

– Fantástico – respondo, devolvendo o sorriso.

– Ótimo. Agora começa o trabalho – uma expressão preocupada toma seu rosto. – Dubrovski está de péssimo humor. Não faço ideia por quê. Não vai facilitar as coisas. Aqui em cima, ele não tem ninguém em quem descontar, exceto seus acompanhantes mais

próximos. Ainda assim, se permanecermos calmos e concentrados, vamos ficar bem.

– Você faz ele parecer muito assustador. Você já viu ele perder o controle? – pergunto preocupada com a descompostura de Mark.

Mark faz uma expressão estranha e lança um olhar para onde Dubrovski está cumprimentando o homem de preto, com o cabelo desalinhado pelo vento das pás do helicóptero.

– Vamos lá, melhor a gente começar a se mexer – ele me diz.

Do lado de fora, o vento nos atinge. Mal consigo ouvir o que as pessoas estão falando, mas sigo Mark aonde nos levam, pela porta de madeira e para dentro da torre. O silêncio se torna desconfortável depois de tanto tempo com o barulho forte do helicóptero. Está escuro dentro, o interior fresco de pedra é iluminado apenas por algumas lâmpadas elétricas a intervalos regulares no teto, ligadas por fios pretos, e nossos passos ecoam quando começamos a descer a escada em espiral.

Ok, tem toda uma atmosfera. Parece que acabei de entrar num filme de terror. O frio alcança minha pele, mesmo eu estando de casaco. Na minha frente, os homens estão descendo, conversando em inglês, mas não consigo entender direito por causa do eco. Nós descemos, descemos e descemos mais, até que finalmente o homem da frente do nosso grupo abre uma porta e saímos para a luz do dia. Dentro daquela torre meio macabra, eu já tinha até esquecido que ainda era dia. Agora estamos do lado de fora, num corredor com bandeiras, com paredes pintadas de branco. Elas estão cheias de portas de madeira com maçanetas de ferro e armações também de ferro segurando lâmpadas a cada poucos metros. Mas ainda tem alguma coisa estranha na atmosfera. Minha pele ainda está arrepiada e começo a sentir um pouco de falta de ar.

Talvez o ar seja mais rarefeito aqui. Sei lá em que altitude estamos.

Mark me espera até começarmos a andar ao lado um do outro, e então se abaixa, para sussurrar para mim.

– Você percebeu como o monge está usando um hábito preto por cima do branco? Por isso eles eram chamados de Frades Negros na

Inglaterra. Eles são dominicanos, da ordem fundada por São Domingos.²

Meu coração para e eu não consigo segurar um engasgo de espanto. A palavra ecoa pela minha mente e, sem querer, murmuro:

– Dominic?

– Sim. Um homem que acreditava em caridade e abnegação, e – Mark dá um sorriso – na mortificação da carne. Nos benefícios espirituais do desconforto físico de todas as formas, incluindo a autoflagelação.

Uma imagem bem vívida aparece na minha cabeça. É Dominic, esticado à minha frente, suas costas nuas abertas para mim, suas mãos segurando firme na armação da cadeira de couro. Estou segurando o chicote de nove pontas, com suas tiras de couro prontas para lambe sua pele. Então, contra todos os meus instintos, ergo meu braço e o desço com toda a força na direção de Dominic, atingindo-o várias vezes, fazendo sua pele ficar vermelha, suar e, finalmente, sangrar. Não quero isso. Desejo passar minhas mãos pelo corpo dele, acariciá-lo, beijar e aconchegar, mas Dominic me pede para continuar, mais forte. Sei que é por causa da libertação que meus golpes trazem. Eles estão limpando-o do pecado do qual ele não consegue fugir... o pecado de ter me machucado.

– Você está bem, Beth? – Mark diz, mais perto, parecendo confuso.

Não consigo falar. Estou tonta. Aceno com a cabeça e Mark parece satisfeito.

Preciso me controlar. Não posso me perder em devaneios, não agora. Mas a visão tão vívida de Dominic é ao mesmo tempo maravilhosa e agonizante.

O monge à frente abre outra porta grande. Dubrovski entra e Mark e eu o seguimos. Estamos em um enorme refeitório com mesas montadas em cavaletes.

– Ah, que bom. Almoço. – Mark diz satisfeito.

Mas descobrimos que nós não comeríamos no refeitório. É óbvio que recebemos tratamento especial, com certeza para amaciar Dubrovski antes de ele ver o quadro. Talvez eles não percebam que

ele não é o tipo de homem acostumado a esperar. Olhando discretamente para Dubrovski enquanto estamos sentados em uma mesa de madeira polida, com o abade na ponta, percebo sua impaciência crescer. Ele está fervendo com energia represada, e seus olhos azuis estão brilhando. Agora que tenho a chance, observo-o com calma, sem ser notada. Pergunto-me qual a sua idade... trinta e tantos ou quarenta e poucos? Ele é bonito, não do jeito suave de Dominic, mas de um jeito mais calejado, experiente. Sua pele é bronzeada e ele tem linhas de expressão profundas descendo ao lado da boca e na testa que o fazem parecer uma pessoa dura. Sua boca é larga e raramente sorri, e tem um lábio inferior proeminente, que lhe dá um ar determinado. Seu nariz é largo demais para ser considerado de uma beleza clássica, mas combina com ele, bem como seu queixo forte. É um rosto interessante, eu acho, um rosto que se poderia ficar olhando por muito tempo. Hoje ele está com uma camisa branca e um casaco escuro que fica justo no ombro, onde ele é bem musculoso. Me vem uma imagem de um Dubrovski jovem, galgando degraus acima de seus rivais, usando seus punhos em um beco escuro para ganhar fama no seu mundo. O pensamento me dá um arrepio.

O abade continua falando enquanto dois monges em hábitos pretos servem a comida. Dubrovski fica se remexendo na cadeira, obviamente mal ouvindo nosso anfitrião. Mark presta atenção em tudo, preparado para seguir Dubrovski em qualquer coisa que ele fizer. Por fim, travessas com arroz e uma carne cozida apimentada são trazidas, mas quando estamos prestes a nos servir, o abade junta suas mãos e começa a fazer uma oração em alguma língua que não conheço. Eu baixo meus talheres educadamente, mas vejo que Dubrovski não esperou. Ele está enfiando o cozido na boca com uma pressa quase indecente. O abade parece incomodado quando abre os olhos e vê que seu convidado começou a comer, mas diz apenas:

– Bom apetite, senhor.

Como alguns bocados do cozido. É delicioso, e percebo de repente que estou faminta. Como vorazmente. Deve ser o ar da

montanha que estimula meu apetite assim – e também, estou com a sensação de que não vamos ter muito tempo para comer.

Não fico nem um pouco surpresa quando, pouco depois, Dubrovski empurra de lado seu prato ainda pela metade, levanta e diz:

– Certo, chega de esperar. Vamos ver o quadro.

Mesmo que ninguém mais esteja nem perto de terminar – o abade mal começou a comer – obedecemos, deixando nosso almoço e nos levantando.

Quando ele manda pular, nós pulamos. Mark e eu cruzamos nossos olhares. Nossa hora está chegando.

Somos guiados pelo monge que nos recepcionou, seguindo-o para fora da sala privativa e por outro corredor. Ele abre outra porta de madeira e nos leva para dentro de uma pequena capela. É linda, com afrescos em todas as paredes. Tenho vontade de parar e olhá-los mais de perto, mas em vez disso nos aproximamos do pequeno altar onde algo coberto por um pano nos espera. Minha respiração está acelerada e sinto um frio na barriga. Não sei se mantenho a esperança de ver uma obra-prima agora.

O monge sorri, orgulhoso, enquanto gesticula para o tesouro oculto. O abade esconde as mãos nas mangas do hábito enquanto espera. Estamos todos olhando, tensos, mas Dubrovski é o mais agitado. Acho que ele está de fato segurando a respiração. Isso é muito importante para ele. Que incrível, ter essa paixão e ainda poder pagar por ela. Percebo que estou olhando para ele, e não para o segredo prestes a ser revelado.

Ele tem mesmo um magnetismo.

Então ele levanta o olhar e me prende com aquele poderoso raio azul. Algo que parece uma corrente elétrica passa por mim: será medo? Será que eu não deveria olhar para ele? Por um instante acho que ele vai gritar comigo, mas para meu espanto, seu olhar se abrandava, e um esboço de sorriso surge em seus lábios. O alívio que toma conta de mim é quase doce e, sem pensar, sorrio de volta. Por um segundo foi como se nós tivéssemos uma certa cumplicidade, excitados por causa do quadro. Como se ele estivesse dizendo para

mim *vamos fingir que não ligamos tanto assim para isso*. Então ele olha de volta para o altar e nossa conexão se perde.

O monge pega o pano e diz:

– Senhor, tenho o orgulho de revelar uma obra-prima perdida do santificado irmão da nossa ordem, que foi dotado por Deus de grande talento.

Ele puxa o pano como um mágico finalizando um grande truque. O pano cai. Eu fico muda. Um painel de madeira pintado é revelado, com uma forma arqueada, e uma figura estonteante da Nossa Senhora e Criança, com santos e monges dominicanos ao seu redor. A Nossa Senhora, de uma beleza pálida e cabelos dourados, com o rosto perfeito e sereno, está sentada em um trono dourado, enquanto o bebê rechonchudo no colo dela olha para cima, levantando uma mão, como se tentasse alcançar o Pai. O trono está em um bosque, cercado de flores e árvores, com uma cidade italiana erigida ao fundo, no horizonte. As cores são vibrantes e lindas, mas muito sutis também, e os detalhes são incríveis, das dobras da roupa da Madonna às flores ao redor dela.

Todos nós ficamos olhando, sem palavras. Mesmo se não tiver sido feito por Fra Angelico, é uma coisa linda, mas algo na obra dá a sensação de ser de fato genuína.

Dubrovski olha para Mark e pergunta:

– Então?

– Uma conversão sagrada – murmuro, sem perceber que falei aquilo em voz alta.

– Quê? – O olhar de Dubrovski se foca em mim de novo, mas sem nenhum indício de sorriso dessa vez. – O que você disse?

– Uma conversão sagrada – digo com firmeza. Mark está me olhando, seus olhos sorriem para mim, mesmo que sua boca não. – É isso que está acontecendo entre os santos e os monges. Vê? Eles parecem estar conversando entre si sobre o que estão testemunhando. Fra Angelico pintou alguns dos primeiros quadros desse tipo; em vez da simples representação de pessoas rezando para a divindade, ele pintou vida e movimento nas suas obras. E olhe só o jeito como eles estão. O artista usou uma perspectiva de mestre, como Fra Angelico.

– Isso significa que é genuíno? – pergunta Dubrovski, franzindo a testa para mim.

– Certamente é do mesmo período, e foi feito por alguém da mesma escola que Fra Angelico, se não pelo próprio. – De repente parece que estou com certeza demais. Tenho um diploma em História da Arte e acabei de fazer uma pesquisa sobre a época, mas isso não faz de mim uma perita. – Concorda, Mark?

Ele assente.

– Exatamente. Vou precisar de um tempo para examinar o quadro, mas a primeira impressão é bem favorável. – Ele se vira para o monge. – Podemos fazer isso?

– Claro, o tempo que você precisar – responde o monge.

Dubrovski se vira para mim.

– Você, venha comigo. Vamos deixar Mark em paz.

Ele dá um giro e sai da capela, claramente esperando que eu o siga. Dou uma olhada para Mark, que acena com a cabeça. Então saio correndo atrás do russo. Ele já está quase fora da capela. No corredor do lado de fora, ele para e olha para mim.

– Então, você é a aprendiz de Mark. – Parece que ele está me olhando atentamente pela primeira vez, sua visão penetrando meu rosto. Então seus olhos descem pelo meu corpo até meus pés, e voltam para meu rosto. Eu quase consigo sentir aquele raio laser em mim. Ele balança a cabeça. – Bom. Agora, venha comigo. – Ele se vira e anda rapidamente, esperando que eu o siga.

De verdade, nunca conheci ninguém tão rude. É pedir demais só um pouco de educação? Todas essas ordens! Aonde estamos indo? Tenho que andar rápido para acompanhá-lo. Ele parece saber exatamente para onde vai, o que é estranho. Enquanto ele vai se afastando de mim, ouço seu celular tocar e ele atende.

– Sim? Parece promissor. Bem promissor. Onde você está? Excelente. Me dê trinta segundos.

O que está acontecendo agora?

Chegamos a uma escada e a descemos rapidamente. O barulho do meu salto na pedra fica alto quando acelero o passo para tentar acompanhá-lo. Eu não teria vindo de salto se soubesse que ia andar tanto, ainda mais nessa pedra. Estou sem fôlego já, e andamos por

outro corredor, então Dubrovski para ao lado de uma grande porta de madeira com armação de ferro. Quando eu o alcanço, ele abre a porta e entra.

Dentro há duas pessoas, um homem e uma mulher. Eles estão sentados perto um do outro, suas cabeças quase encostadas, os dois olhando a tela de um laptop. Quando estramos, eles olham para cima. A mulher é muito bonita, com cabelo preto brilhante preso em um rabo de cavalo alto, o que enfatiza os contornos finos do seu rosto. Quando ela vê Dubrovski, sua expressão se derrete em um sorriso e ela diz "Olá, querido", com sotaque.

Então tudo ao meu redor some, e nem ouço o que Dubrovski responde. Parece que o mundo desapareceu. Todos os sons e imagens desaparecem exceto por uma coisa. O homem ao lado dela, me encarando de volta, é Dominic.

Capítulo Cinco

Ah, meu Deus.

Eu estou olhando para ele, com a boca aberta e o coração acelerado.

Ele está aqui! Meus olhos se deliciam com seu lindo rosto, sua pele um pouco mais clara que da última vez que o vi – seu bronzeado de verão se foi. Seu cabelo está igual, escuro e curto, e é claro, seus lindos olhos castanhos, quase pretos, são maravilhosos como me lembrava. Ele está com um terno que mostra seu físico perfeito. E me vem à cabeça uma visão de seu peito, largo, salpicado com pelos escuros, o que me provoca uma onda de excitação pelo corpo. Sinto o prazer em erupção em mim e sou tomada por um desejo violento de correr até ele, apertá-lo contra meu corpo e beijá-lo, sentir seu cheiro e sua pele. Mas, apesar desse desejo intenso, não posso me mexer.

Dominic está olhando de volta sem entender nada, tentando acreditar que estou realmente ali, então vejo nascer um ar de felicidade nele. Um sorriso surge nos seus lábios e ele parece que vai falar. De repente, sua expressão muda, ele enterra o sorriso e olha para seu chefe. Quando Dominic olha de volta para mim de maneira significativa, entendo tudo. Ele não quer que seu chefe saiba sobre nós. Levo meu olhar dele para a mulher ao lado, que ainda está falando.

– Então, como você pode ver, as coisas estão progredindo bem – ela diz para Dubrovski, com um sorriso. Percebo como ela é linda: alta e magra, com uma pele perfeita, olhos de um verde profundo e lábios carnudos. Enquanto a observo, ela se vira para mim. – E quem é essa? – pergunta com sua voz rica, ainda mais melíflua com seu sotaque russo.

– Essa é Beth – diz Dubrovski. Sua voz parece ainda mais rústica depois de ter ouvido o tom macio dela. – Ela é assistente de Mark

Palliser, está ajudando a avaliar o quadro. Beth, esses são dois de meus funcionários, Anna Poliakov e Dominic Stone.

Meu olhar se fixa em Dominic novamente; não consigo evitar. Para onde mais posso olhar a não ser para o homem que significou tanto para mim? O homem por quem me apaixonei... e, apesar de minhas tentativas de me livrar e transformar meu amor em raiva, por quem ainda sou apaixonada.

– Prazer em conhecê-la, Beth – Dominic diz.

– Sim. – Anna sorri. – É bom ter outra mulher nesse lugar. É muito dominado por homens, você não acha? Parece que até os gatos são machos.

– Sim. – Olho de volta para Dubrovski. Ele está encarando Dominic com olhos cerrados.

– Dominic, por que você não leva nossa jovem amiga para tomar um café? Peça para um dos irmãos ajudar. Preciso conversar com Anna sobre o negócio.

– Claro. – Dominic se levanta, seu rosto impassível. Percebo que ele está se movendo lentamente de propósito, completamente controlado. Estou formigando inteira quando ele anda na minha direção. – Tudo bem por você, Beth?

Concordo com a cabeça. Não consigo falar nada. Quando ele se aproxima de mim, sinto o ar sendo sugado para fora do meu corpo.

– Cuide dela, está bem? Nos vemos na sala de hóspedes em trinta minutos – Dubrovski diz.

Fora, no corredor, Dominic não me olha, só sussurra para mim:

– Espere.

Há monges andando pelo corredor, ele obviamente não quer que sejamos observados. Caminhamos pela passagem e sinto como se estivesse flutuando, tamanha é a alegria de estar ao lado dele. A cada momento, cai mais a ficha de que estou com Dominic, e todo o meu mundo se transformou em poucos segundos.

Tenho milhares de perguntas para ele, mas estou sem palavras. Então ele para de forma abrupta em frente a uma porta, bate e

entra. A saleta está vazia.

Ele se vira para mim, seus olhos injetados de fogo, e pega minha mão. Ele me puxa pela porta, fechando o quarto, e no instante seguinte, nossas bocas estão coladas, se devorando. Ele me beija com apetite desesperado, como se não conseguisse ter o suficiente de mim, seus braços me puxando contra ele. Meu Deus, o toque, o cheiro e o sabor dele. É milagroso, divino... estou zozna, mas aproveitando os fogos de artifício que estouram dentro de mim. Esse pode ser o melhor beijo da minha vida – reviver algo que achei que nunca mais teria. Ponho minha mão na sua nuca, afundando meus dedos no seu cabelo espesso e escuro, me deliciando na sensação de tocá-lo novamente. As mãos dele percorrem minhas costas, meu braço, como se ele não acreditasse que eu realmente estivesse lá. Estou aqui mesmo, envolta por ele.

Beijamo-nos sem fim, a paixão entre nós crescendo a níveis quase insuportáveis a cada momento que nossas bocas permanecem juntas enquanto nos saboreamos. Então ele se afasta e me olha de cima a baixo. Posso ver o desejo brilhando nos seus olhos quando ele diz, sem fôlego:

– Beth, o que você está fazendo aqui? Que raios você está fazendo com Dubrovski?

– Também estou feliz de te ver – respondo, sorrindo.

– Claro, claro, é ótimo ver você, mas... não consigo acreditar que você está aqui! – Ele me olha, abismado, como se não acreditasse nos seus olhos.

– É como Dubrovski falou – respondo, incapaz de desviar os olhos de sua boca, de que já começo a sentir muita falta. – Trabalho para Mark Palliser. Ele me trouxe junto, para avaliar o quadro que os monges acharam.

Dominic parece preocupado.

– Que foi? Você não está feliz de me ver?

– Beth, já falei, é maravilhoso. Estou muito feliz de ver você. Não dá para perceber? – ele diz.

Consigo sentir o desejo dele e estou tomada de vontade de senti-lo dentro de mim de novo. O apetite é tão grande que minha boca fica entreaberta, muda.

– Não me olhe assim. Você vai me fazer perder o controle – ele diz.

– Então perca – sussurro.

– Não posso – ele diz, com a voz preocupada. – Deus, o que você está fazendo comigo...

– Senti tanto a sua falta.

– Também senti sua falta.

Olho para ele de maneira acusadora, lembrando quanto sofri por ele.

– Então por que, Dominic? Por que você sumiu por tanto tempo? Você tem ideia de como é horrível não saber onde você está ou o que aconteceu? Nenhuma palavra em seis semanas!

Seu olhar desvia de mim pela primeira vez.

– É complicado – ele murmura, então olha de volta para mim com sinceridade irradiando de seu rosto. – Mas você precisa acreditar que pensei em você o tempo todo. Juro. Senti tanto a sua falta!

– Isso é meio difícil de acreditar, considerando que você não entrou em contato nenhuma vez – digo, mal contendo a raiva em minha voz.

Ele aperta minha mão.

– Tenho trabalhado. Andrei tem tirado meu couro trabalhando nessa negociação. Estive desligado do mundo, em vários lugares desde que saí de Londres.

– Sem e-mail? Sem telefone? – Não tenho como não soar meio cética.

– Como eu disse... é complicado. – Seu olhar desvia de novo.

– Você tem sorte de eu falar com você!

– Eu sei. Acredite em mim, Beth, eu também sofri. E venho tentando me resolver. Isso demora.

Quase fico brava de verdade com ele, mas acabo desistindo. Não posso fingir que não é maravilhoso vê-lo, e não quero estragar isso.

– Depois falamos disso – digo, sem querer perder a beleza de nosso reencontro. Quero curtir a pureza do prazer de vermos um ao outro de novo, e a enxurrada de desejo. – Não sabemos quanto tempo temos juntos.

Ele me puxa de novo para perto dele e diz rapidamente:

– Meu Deus, vai ser horrível me separar de você.
– Vamos ficar aqui essa noite – digo depressa.
– Mesmo? – Seus olhos brilham. – A Anna e eu também vamos ficar.

– Vamos conseguir nos encontrar?

– Não sei. Acho que não é uma boa ideia deixar alguém descobrir sobre a gente. Pode criar dificuldades e não quero deixar você em uma posição ruim em relação a Mark ou Andrei. Então devemos ser muito discretos. – Ele dobra o pescoço e aperta seu queixo contra o meu; sinto a aspereza da sua barba na minha pele. Meu coração acelera quando seu cheiro invade minhas narinas novamente. Sua boca se move na direção da minha, pequena, beijando meu queixo.
– Mas... vou ver o que consigo fazer.

Minha respiração tremula quando ele me envolve em seus braços, suas mãos acariciando minhas costas e meu cabelo. Sua boca encontra a minha novamente e abro meus lábios para receber a língua dele. Nossa paixão avassaladora é um pouco mais suave agora, e começamos a nos beijar mais profundamente, sem pressa, aproveitando o desejo ardente entre nós. Minhas mãos vão para baixo do casaco dele, sentindo o calor da sua pele através da camisa de algodão. Ele me aperta mais forte e sinto a dureza entre suas pernas. Um calor desce pela minha coluna e irradia para baixo, onde meu sexo está latejando pela proximidade. Faz tanto tempo que não sinto nada assim, que meu corpo responde com volúpia e um desejo desesperado, ainda que tenha estado adormecido por semanas, o tempo que Dominic esteve longe, agora vibra com vitalidade. Parece que preciso mais e mais, explorando a boca de Dominic, querendo fazer dele parte de mim.

Nosso desejo está ficando descontrolado. O que vamos fazer? Como vamos parar? Estamos os dois já sem fôlego. As mãos de Dominic passam por todo o meu corpo, explorando cada vez mais, mais forte. Ele está prestes a puxar minha camisa para fora da minha calça, posso sentir, e não quero pará-lo. Estou desesperada para sentir as mãos dele na minha pele, nos meus seios...

Nós dois ouvimos um ruído e nos separamos de repente, olhando um para o outro, desesperados. A porta está abrindo. Temos um ou

dois segundos até que alguém entre, e é o tempo exato para nos afastarmos, ainda que nós dois estejamos completamente zonzos e desarrumados, e com culpa no olhar. Viro para ver quem é e, para meu alívio, é Mark quem entra pela porta. Ele está lendo um panfleto, com a testa franzida, concentrado no material. Quando ele olha para cima, Dominic e eu já conseguimos nos recompor um pouco mais.

– Ah, Beth – ele diz. – Eu estava imaginando para onde você tinha ido. Opa. Olá, Dominic, bom vê-lo de novo. Não sabia que você estava aqui. – Seu olhar vai para Dominic. – Vocês dois já foram apresentados um ao outro?

Eu aceno com a cabeça e Dominic diz, de maneira desprezível:

– Sim, a gente estava justamente se conhecendo melhor. Como está, Mark?

– Ah, muito bem, muito bem. – Ele franze a testa de novo e olha para mim. – Dei uma boa olhada na pintura e fiz uma pesquisa rápida. Vou precisar pesquisar mais, claro. Eu gostaria de tirar umas fotos da pintura e terminar o trabalho em casa.

– Me pareceu bastante promissor – arrisco.

– Ah sim, com certeza é um bom candidato a um Fra Angelico. Mas preciso considerar quando pode ter sido pintado e por que ficou escondido tanto tempo. Com certeza preciso conversar com o abade sobre como, exatamente, ele foi encontrado.

Dominic, aparentando absoluta tranquilidade, e ainda mandando ondas quentes de luxúria para mim, mesmo com Mark lá, diz:

– Mas Andrei vai querer um veredicto mais rápido do que isso.

– É a minha reputação profissional. Não posso arriscar. Ele vai entender – responde Mark, com orgulho. – Ele olha em volta. – Ouvi boatos sobre café por aqui? Ou foi minha imaginação?

O resto do dia é uma doce agonia. É ao mesmo tempo delicioso e uma tortura estar de novo na presença de Dominic. Não consigo tirar os olhos dele a não ser quando me lembro de que devemos nos

portar como completos estranhos um para o outro. Sei que Dominic não quer que ninguém saiba que estamos envolvidos, então tento ao máximo desempenhar meu papel, mas não sou muito boa nisso. Minha esperança é que ninguém esteja prestando lá muita atenção em mim.

Tomamos café na sala de estar. Anna se junta a nós depois de alguns minutos, conversando com facilidade com Mark. Eu deveria prestar atenção, mas não consigo me concentrar em nada além de Dominic, obcecada com quando podemos ficar juntos. Quando um irmão aparece para mostrar para Mark e eu os quartos onde vamos dormir, Dominic dá um jeito de chegar perto o suficiente para sussurrar “Confie em mim” e me dar um sorriso arrasador.

Tenho que me forçar a sair da sala, deixando-o para trás.

Meu quarto é uma clausura pequena, pintada de branco com uma janela bem pequena no alto da parede. Tem uma cama, uma escrivaninha com uma cadeira e uma bacia, e uma porta que dá para um banheiro compartilhado. É simples, tão monástico quanto eu imaginava. Sou deixada sozinha para descansar e me preparar para o jantar. Assim que me encontro sozinha mesmo, me jogo na cama, minhas mãos fechadas, quase tremendo com a excitação e a felicidade contidas.

Graças a Deus viemos para a Croácia. Eu nem queria vir tanto assim. Imagine se eu não viesse e depois descobrisse que Dominic estava aqui. Eu teria morrido.

Mas... o que ele está fazendo aqui? É estranho ele e Anna estarem aqui, não? O que eles têm a ver com o quadro? Mas sabe-se lá como funciona a cabeça de Dubrovski. Imagino que ele seja o tipo de pessoa que faz alguém atravessar meio mundo só porque quer falar por vinte minutos com ela.

Imagino como Dominic e eu vamos nos encontrar mais tarde. Não vou suportar se a gente não conseguir, não vou conseguir dormir sabendo que ele está tão perto assim. Mas não posso fazer nada agora – e quero ficar o mais bonita possível para o jantar. Ainda bem que trouxe um vestido, algo com seda e fácil de colocar na mala, para o caso de haver uma ocasião mais formal.

Passo a hora que antecede o jantar me preparando. Quando me olho no espelho, vejo que voltei a ter minha fagulha. Meus olhos reluzem com a ansiedade e estou com as bochechas meio vermelhas. Estou radiante.

Mal posso esperar para o jantar acabar e eu e Dominic ficarmos juntos.

Estávamos entretidos no quarto privativo, com o abade como nosso anfitrião novamente. Dubrovski não estava mais tão impaciente como antes. Agora ele espera a longa oração terminar para começar a comer. A única coisa embaraçosa é que, ao longo da oração, ele fica me encarando. Todos os outros, respeitosamente, fecharam os olhos ou abaixaram a cabeça – Anna, linda, com um vestido preto sem mangas, deixando à mostra seus braços perfeitos e bronzeados, parece absorta na reza –, mas Dubrovski não tira os olhos azuis de mim.

Por quê? Tem alguma coisa em mim? Será que eu pus maquiagem demais? Discretamente ajeito meus lábios, para o caso de ter borrado o batom. Mas nem assim ele para de olhar para mim.

Quando a refeição se inicia, a conversa também começa. Anna parece muito sofisticada, falando de maneira fácil com o abade e com Mark, divertida, inteligente. Me pergunto qual seria a relação dela com Dubrovski. Ela parece bem íntima dele, sorrindo com um ar de flerte, chamando-o de querido, e eventualmente levando a mão com unhas perfeitas até o braço dele, quando ela quer argumentar de maneira mais firme, mas ele mal responde para ela. Não entendo como ele pode ser tão impassível diante de uma mulher tão linda flertando com ele. Talvez esteja acostumado. Só fico feliz de ela dar toda a atenção para Dubrovski, e não para Dominic, que também está sentado ao lado dela. Tenho ao meu lado o abade e Mark, então, definitivamente não estou do lado sexy da mesa, mas pelo menos posso olhar para Dominic, apesar de que tenho que prestar atenção para não me focar só nele, já que Dubrovski ainda lança seu olhar penetrante para mim de vez em quando.

– Então, Mark, esse quadro – Dubrovski diz abruptamente, interrompendo algo que Anna falava. – O que você pensa?

– Vou precisar pesquisar um pouco mais, Andrei – diz Mark –, mas estou com boas perspectivas. Do que eu examinei, as pinceladas, a pintura, tudo leva a crer que se trata de algo genuíno. Mas preciso pesquisar melhor antes de afirmar com certeza.

Dubrovski franze a testa e suspira de modo impaciente.

– Quanto tempo?

– Não tenho como dizer. Será minha prioridade, é claro. Todo mundo fica parado esperando quando Dubrovski abaixa seu garfo até o prato com uma expressão de pedra. Ele olha para Mark e diz:

– Vou comprá-lo.

Mark começa a falar:

– Andrei, será que isso é sábio...

– Sim. Essa é minha decisão final. Acredito que é genuíno e quero o quadro.

O abade abre um sorriso:

– Essa é uma ótima notícia, senhor...

Dubrovski interrompe de novo.

– Mark, cuide da negociação e dos detalhes, ok? Agora, se vocês me dão licença, ainda tenho muito trabalho. – Ele se levanta, jogando o guardanapo no prato. – Voltaremos o mais cedo possível, assim que arranjarmos tudo.

Ele fixa seu olhar em mim de novo, e assim permanece por um instante, que parece eterno. Tenho a perturbadora sensação de que ele sabe bem o que eu penso, e a montanha-russa de excitação e espera que eu vivi hoje. *Talvez ele até mesmo saiba do formigamento de ansiedade que estou sentindo agora, esperando pelo que pode vir mais tarde.*

Então ele se vira e caminha para a porta. Assim que ele sai, a atmosfera fica mais leve. Exceto por Mark, que parece muito preocupado.

– Não gosto disso – ele murmura, quase para si mesmo. – Não gosto nem um pouco.

Ele não fica muito mais no jantar, e pede licença, dizendo para o abade que pretende fazer sua oferta pela manhã. E deixa Dominic,

Anna e eu com o abade na mesa. Estou ansiosa para que Anna vá embora, assim Dominic e eu podemos ir para algum lugar, mas ela não dá nem sinal de querer sumir. Não aguento ficar sentada lá, do lado de Dominic, sem poder nem tocá-lo; depois de um tempo, me levanto.

– Acho que também vou me recolher – digo, dando um olhar o mais significativo possível para Dominic. – Estou cansada. Boa noite.

– Boa noite – diz Anna, alegremente, quase parecendo feliz de eu estar saindo. – Durma bem.

Ando de volta para minha cela, me perguntando quanto tempo Dominic vai demorar para aparecer. Tento ler um livro mas não consigo me concentrar. Não tiro minha roupa, mas me deito na cama, olhando os ponteiros do relógio se moverem. O tempo passa dolorosamente devagar. Por que ele está demorando tanto? Deve ter uma boa desculpa já!

Mas ele não vem. Quando se passaram duas horas, e já chegamos à uma da manhã, percebo com decepção que ele não vem. Lágrimas mornas de decepção surgem nos meus olhos, mas eu as enxugo decididamente. Não vou mais chorar por causa dele. Coloco uma camisola, lavo o rosto, escovo os dentes e caio na cama. Apesar de toda a minha agitação, estou muito cansada e em minutos durmo.

Acordo com batidas delicadas na minha porta. Fico desperta imediatamente. *Será ele?*

Saio da cama e vou até a porta. Tem um pequeno painel que corre na porta, que eu puxo para olhar para o corredor. Do lado de fora encontro uma figura com o rosto escondido por um capuz, nas sombras.

– Dominic?

Ele sussurra de volta:

– Abra a porta.

Quem mais pode ser? Destravo o pino de ferro e abro a porta. Na hora percebo que não é Dominic, a pessoa é bem mais baixa. Tomo

um susto e tento fechar a porta, mas a figura enfia o pé no vão da porta.

– Não tenha medo. Vim para levá-la até Dominic.

Paro um pouco, pensando se devo confiar na figura estranha.

– Venha.

Respiro fundo e dou um passo para o corredor.

– Siga-me.

O homem sinaliza para mim e sai andando com um passo ágil pelo corredor. As luzes foram reduzidas e andamos por uma penumbra, nossos passos mais silenciosos do que eu imaginava, ainda que tudo mais estivesse envolto pela escuridão. Parece que andamos um tempão, virando de vez em quando, até que perco completamente o senso de onde possa estar. Isso é um labirinto. Eu queria ter deixado uma trilha de pedrinhas, ou marcado o caminho com um barbante, para achar meu quarto, se acabar ficando sozinha.

Então paramos. A figura põe a mão na maçaneta de uma porta e diz com bastante sotaque:

– Volto mais tarde para pegá-la.

Então abre a porta e eu entro. O quarto está completamente escuro, e não vejo nada depois que a luz do corredor fica distante.

– Dominic? Você está aí?

Sinto uma pontada de medo ao pensar que isso pode ser uma espécie de armadilha. Estou no escuro completo, num país estrangeiro, num lugar estranho... não parece coisa de pesadelo, ou filme de terror? Sou tomada por um pânico terrível e imediatamente estico meus braços e começo a tatear no escuro, desesperada para sentir alguma coisa, qualquer coisa, para me amparar no mundo real. O terror aumenta, saindo da escuridão e me agarrando, e minha respiração fica acelerada.

Então mãos quentes seguram a minha e eu ouço uma voz suave:

– Beth.

Sou tomada de alívio. *Dominic*. Seguro sua mão.

– Está tudo bem. Estou aqui. O irmão Giovanni te assustou?

– Quem? A figura encapuzada com a cara escondida que me mandou segui-lo por um labirinto escuro em um monastério? Ah,

sim, um pouco. – Consigo rir um pouco à medida que o horror vai se esvaindo. Mas ainda estou completamente cega. Levanto as mãos e sinto o rosto dele. – É você mesmo?

Sinto que ele sorri.

– Sou mesmo eu. E você está mesmo comigo. – Seus sussurros se tornam mais apressados. – É tão bom estar com você de novo... – Seus lábios quentes e macios caem nos meus de novo e nos beijamos como fizemos mais cedo, tão profundamente como eu só tinha sentido com ele, e como eu acho que nunca mais vou sentir com mais ninguém. Como podem duas bocas serem tão perfeitas uma para a outra? Quando nos encontramos, lábios nos lábios, línguas se tocando, se buscando, é como se estivéssemos livres para explorar um ao outro. A escuridão é aveludada e envolvente, e o desejo de me entregar completamente toma conta de mim. Tudo que queremos um do outro é dar e receber prazer. Quero sentir aquele músculo duro, os pelos grossos do seu peito, lambe seus dedos, enquanto ele está ansioso por sentir meus seios macios e chupar meus mamilos, passando a mão pela minha cintura, meu quadril, minhas costas. Para esse reencontro, tão doce depois de tanto tempo, não precisamos de nada além de nós dois.

Minha camisola sai por cima e fico nua na frente dele, mas ele só consegue me ver com as mãos, e ele grunhe quando encaixa meus seios nas suas mãos, passando seus dedos pelos meus mamilos, que já estão duros e sensíveis. Ele se abaixa para levar um à boca, depois o outro, sugando e mordiscando, levando cada um ao máximo de enrijecimento. Mas não consigo ficar muito tempo longe de sua boca, então trago seu rosto para perto do meu, para podermos nos beijar. Ele me aperta e fico sem fôlego de novo. Ele está nu, e sua enorme ereção, quente e dura como ferro, sai do seu corpo para o meu. Abaixo minha mão até ela, acariciando sua cabeça aveludada.

Ele interrompe nosso beijo.

– Não posso esperar demais por você – ele diz gentilmente, e beija minha orelha, sugando meu lóbulo, enviando ondas quentes de calor ardente pelo meu corpo. Sinto sua mão na minha barriga e, um instante depois, ele está envolvendo meu sexo em sua mão,

enfiando um dedo nas profundezas que já estão molhadas e ansiosas. Ele pressiona seu dedão contra minha vagina, proporcionando uma pressão deliciosa em meu clitóris, e enfia um segundo dedo em mim, me fazendo gemer e apertar mais seu pênis.

Sem conseguir suportar mais, nos soltamos e andamos sem dizer nada. Logo ele me leva para uma cama de solteiro e eu abro meus braços para ele, desesperada para sentir seu peso em cima de mim, sua sublime pressão. Sua boca encontra a minha de novo, mas nossos beijos não podem ficar apenas lá; agora estamos famintos por cada parte um do outro. Ele beija meu ombro, parando de vez em quando para excitar meus mamilos, então começa a fazer uma trilha para a parte de baixo do meu corpo.

Eu solto um gemido quando ele atinge meu sexo e explora o pequeno caminho de pelos. Fico preocupada que, ao menor toque de sua língua, eu passe do limite. Não quero gozar ainda. Mas meu tesão e a necessidade desesperada do meu corpo já me levaram quase ao limite. Luto para me controlar, respirando fundo, tentando fechar a porta para o clímax que sei que me espera. A língua de Dominic já está explorando minhas profundezas, provocando e circulando em volta do meu clitóris, demorando na aproximação, me beijando e sentindo meu gosto até me deixar quase maluca. Enterro meus dedos no seu cabelo escuro, levando-o até o ponto certo. Não consigo ver nada, mas posso visualizar com perfeição sua cabeça escura entre minhas pernas, prestando uma homenagem deliciosa à minha feminilidade. Então ele me toca lá e eu grito, arqueando minhas costas. Eu quero e, ao mesmo tempo, é quase mais do que aguento. Delicio-me com a sensação, me contorcendo quando ela é demais para mim, ansiosa por ela mas, ainda assim, tentando muito não gozar rápido demais e acabar com tudo. Eu o puxo para cima e ele vem, arfando, sorrindo, seus lábios molhados com meu caldo.

– Você tem gosto de néctar – ele murmura. – Senti tanto a sua falta.

– Preciso de você, agora. Por favor... – sussurro.

Preciso senti-lo dentro de mim, e no segundo seguinte, ele está entre minhas pernas, a ponta dura de seu pau explorando minha entrada, e então ele começa a entrar, me preenchendo. Depois de

todas essas semanas, estou apertada e Dominic tem que vencer a resistência, dando a nós dois prazer extremo enquanto me penetra. Quando ele está completamente dentro, paramos, ofegando, nos rendendo às sensações, então ele me beija de forma selvagem enquanto começa a se mexer. Sei que não vou aguentar por muito tempo, e não sei se devo resistir ou me render ao desejo de ter um orgasmo, mas logo não tenho mais escolha. Ele está me fodendo com toda a sua força, metendo seu pau duro e ao mesmo tempo pressionando com força meu clitóris. Abro minhas pernas o máximo que posso para ele entrar o mais fundo possível, e agarro sua bunda com força, apertando e fazendo força para ele entrar ainda mais. Então sinto o clímax crescendo dentro de mim. Meu sexo parece se derreter em puro calor líquido com as ondas de prazer crescendo cada vez mais.

– É agora – Dominic diz com urgência. – Ah, Deus, é agora, vou gozar, preciso gozar, me aperta com força.

Enfio minhas unhas nele e acelero meu quadril no mesmo ritmo que ele.

– Sim. Assim, oh, Dominic...! – grito.

Me rendo à cachoeira fervente e grito de novo, incapaz de me conter. O orgasmo me faz flutuar e girar, me deixando sem fôlego e acabada. O clímax de Dominic vem ao mesmo tempo e ele se contrai quando o alcança, dando mais duas estocadas, e então cai sobre meu peito, totalmente esgotado.

Ficamos deitados juntos, recuperando o fôlego, acariciando um ao outro com delicadeza, dando beijos ternos, cada vez mais ternos, depois dessa experiência.

– Preciso perguntar uma coisa – digo, depois de um tempo, e ele assente meio mole. – Por que você sumiu por tanto tempo? Por que não entrou em contato comigo?

Depois de uma longa pausa, ele diz:

– Primeiro, senti que precisava organizar minhas ideias. Do jeito que as coisas ficaram... bom, você lembra.

Surge um silêncio enquanto nos lembramos dos eventos entre nós dois. Quando, apesar da atração intensa entre nós, Dominic me disse que, por causa de suas preferências sexuais, não poderíamos

ficar juntos, eu o convenci de que queria as mesmas coisas que ele, queria experimentar o mundo dele. Combinamos que ele me iniciaria, com cuidado e controle, no papel de sua submissa, e que eu o deixaria viver seus desejos. Eu confiei nele, esperando que soubesse quando parar. Mas ele não soube. Dominic me levou para além dos meus limites, para um lugar aonde não queria ir, e seus próprios instintos foram mais fortes que seu papel como meu guia e protetor.

Até agora, a lembrança das chibatadas que tomei no Asylum ainda é forte, e me faz tremer de medo e dor.

Mas achava que meu amor por Dominic faria tudo ficar bem, nos levar a um novo patamar de confiança e companheirismo, onde poderíamos aproveitar os aspectos deliciosos das preferências dele e descartar o que restasse. Pensei que poderíamos experimentar com a fantasia e alternar quem estava no comando. Mas a crise de autoconfiança de Dominic não permitiu isso, e foi aí que ele sumiu da minha vida.

– Sim, eu lembro. E pelo que me recordo, você disse que nós manteríamos contato e você me ligaria em breve – digo com uma voz contida. Não quero estragar nosso belo reencontro, mas não posso deixar de procurar as respostas para as perguntas que me atormentaram nas últimas semanas.

– Eu mudei meu telefone. Aconteceu muito de repente. É o tipo de coisa que Andrei faz de vez em quando, para se proteger contra hackers ou escutas telefônicas. Todas as comunicações são reiniciadas. Seu número desapareceu, então não podia nem ligar nem mandar mensagem.

– E e-mail?

– A mesma coisa. Se eu ao menos tivesse seu e-mail, que acho que não tinha.

Absorvo a informação por um instante, então digo:

– Mas você teria conseguido falar comigo se quisesse. E Celia? Ou James? Ou até mesmo Vanessa?

– Eu não queria que eles se envolvessem – diz impaciente.

– Então você preferia que a gente não se falasse mais? – explodo, machucada.

Dominic hesita, acariciando meu cabelo.

– Olha, sei que parece que faz muito tempo, mas eu estive ocupado demais. Dubrovski está cheio de negócios e estou completamente envolvido em tudo. Fiquei viajando sem parar. O tempo andou muito rápido, provavelmente mais rápido que para você. Além disso, queria ter certeza de que eu estaria pronto para voltar para você. Tive muito no que pensar, sabe?

Eu me aconcheço a ele, me reconfortando com o calor do seu corpo e o toque de sua pele na minha. Quero acreditar que ele só esteve ocupado demais para entrar em contato comigo, mesmo que lá dentro, bem no fundo, uma voz me diga que, se ele quisesse, teria conseguido falar comigo. Então por que ele não entrou em contato? Prefiro ignorar. Não quero saber.

– E agora, você está pronto? – pergunto com uma voz suave.

– Não tenho escolha – ele responde rapidamente, com os braços ao meu redor. – A realidade com você é tão avassaladora que simplesmente não posso mais fugir dela.

Respiro fundo, segurando-o com firmeza.

– Então, o que fazemos agora? Você vai voltar para Londres?

Há uma longa pausa e ouço a respiração dele. Finalmente Dominic diz:

– Não sei. Ainda não. Em breve, talvez.

– O que você faz para Dubrovski?

– Negócios. Investimentos. Tem um para breve, que vai trazer um monte de dinheiro. Estou falando de bilhões. Está tudo concentrado nisso.

Franzo a testa na escuridão.

– Então por que tanto interesse num quadro, com tudo isso acontecendo?

– Não faço ideia – diz Dominic lentamente. – Escute, Beth, vou voltar para Londres cedo ou tarde. Você pode esperar só mais um pouco?

– Claro que sim. Era não ter notícias suas que estava me matando. Posso esperar quanto for preciso. E agora que sabemos onde estamos, podemos dar um jeito de nos encontrarmos.

– Claro que podemos. – Ele dá um beijo no meu rosto e boceja. – Nossa, estou cansado.

– Vá dormir. – Eu o abraço. – Temos que estar de pé em poucas horas.

– O irmão Giovanni vai estar aqui a qualquer momento. Vou ficar acordado até ele chegar – ele diz, com voz sonolenta.

Mas em questão de minutos, consigo perceber pela respiração, ele adormece. Sou tomada por uma onda de afeto por ele: meu belo Dominic, dormindo em meus braços. Isso é felicidade, deitada com ele, nossos corpos apertados juntos, entrelaçados, respirando juntos, ambos satisfeitos.

Corro minha mão pelo seu braço. Ele se mexe, ainda dormindo, virando de lado. Passo a mão em suas costas. Então sinto de novo, com certeza dessa vez. Nas suas costas estão pequenas lombadas, as marcas de quando ele me fez chicoteá-lo, a punição por ele ter perdido o controle. Passo as pontas dos meus dedos por elas. Sim, não há dúvidas. Um padrão de vergões, quase cicatrizados, atravessam suas costas.

Prendo minha respiração, com os olhos muito abertos na escuridão.

Como Dominic pode ter marcas de chibatadas nas costas? Só se alguém o chicoteou recentemente. Ah, meu Deus. Mas quem? E... por quê? Seus instintos são de dominação, não de submissão... ou pelo menos costumavam ser.

Um calafrio passa por mim. O que pode ser?

Ouçõ uma batida na porta da cela e uma voz baixa:

– Você está acordada? Precisa vir comigo agora.

Estou congelada, pensamentos e sugestões dançam pela minha cabeça. Novas batidas na porta.

– Estou indo – digo em voz alta, e começo a me afastar do Dominic. Ele continua em um sono profundo, ressonando no escuro.

Não tem jeito. Preciso ir. Não tenho opção.

Coloco minha camisola para retornar ao meu quarto sozinha.

Capítulo Seis

Mark joga o jornal na escrivaninha com uma expressão de incômodo.

– Exatamente o que eu não queria! – ele esbraveja.

Eu me inclino para ver. Há uma foto do Fra Angelico recém-descoberto com a manchete: “Obra de arte perdida aparece em monastério da Croácia”. Passo o olho pela matéria e vejo o nome de Mark. Ele é citado como o perito que verificou a autenticidade do quadro, enquanto outro especialista, da Christie’s, expressa sua satisfação com a descoberta mas fala de suas reservas enquanto outros especialistas não puderem verificar o quadro por si mesmos. Ao final da matéria, é revelado que o quadro foi adquirido pelo valor de dois milhões de libras esterlinas por um comprador que se acredita que seja Andrei Dubrovski, o rico empresário russo.

Mark andou até a janela e observou a paisagem. Desde que voltamos, o tempo tem estado tipicamente outonal, e as árvores lá fora soltam confetes de folhas secas ao menor vento. Um céu cinzento se estende baixo; a noite chega cedo essa época. Ele tira os óculos e limpa as lentes na manga.

– Não entendo. Por que Dubrovski ia querer me colocar nessa situação? Por que não esperar até eu comprovar? Agora é a minha reputação em jogo. Espero que a maldita obra seja verdadeira, só isso.

– Ele é obviamente muito impulsivo.

Mark assente.

– Um homem que age baseado em seu instinto e satisfaz todos os seus desejos imediatamente. Isso é certo.

– Você vai dizer algo para ele?

Mark se vira para mim com um suspiro. Ele parece realmente preocupado.

– Não tem nada que eu possa dizer. Além do mais, agora já foi. Vou continuar trabalhando nos bastidores, na esperança de conseguir comprovar que a pintura é o que dissemos que é. Mas quando ele vier jantar hoje, devemos agir normalmente. Otimistas e profissionais.

Aceno com a cabeça. Ainda não sei por que vou estar nesse jantar, mas Mark disse que Andrei requisitou especificamente a minha presença. Além do mais, é o costume, segundo Mark, os dois jantarem juntos quando o russo vem para Londres, e dedicar algum tempo para percorrer a coleção de Mark, para ver se gosta de alguma coisa.

– Ele vai ficar em Londres por algum tempo? – pergunto, após Mark me contar tudo isso.

– Parece que sim. Quando é uma visita rápida, ele fica no Dorchester, e ele falou que vai ficar no apartamento dele. Isso significa que deve ficar uma ou duas semanas. Ele não tem visto, então não pode passar mais que três meses por ano aqui.

A notícia me deixa ansiosa. Se Andrei só vai embora em algumas semanas, talvez Dominic também fique aqui... de repente, o retorno de Dubrovski assume novos ares. Estou de fato ansiosa por isso.

Eu não consegui mais ficar a sós com Dominic depois daquele dia. Dubrovski queria ir embora logo, e ficava insistindo para Mark terminar as negociações.

– Dê logo o que eles querem! – mandou.

Quarenta minutos depois, com tudo acordado, estávamos de novo no helicóptero vermelho-cereja, subindo da torre para o céu até que o nariz da aeronave mergulhou e voamos de volta para a França. Eu cheguei a ver Dominic no café da manhã, mas nem conseguimos conversar a sós, quanto mais dar um beijo de despedida. Eu odiei ter de me separar dele, mas enquanto sobrevoávamos a costa da Itália, meu telefone vibrou no meu bolso e vi uma mensagem dele.

Foi incrível. Obrigado. Cuide-se, nos vemos em breve, prometo. Dx

Sorri e mandei uma mensagem de volta para ele.

Você me deixou feliz. Por favor, faça isso de novo logo. Bx

A resposta veio rápido:

Tente me impedir.
Dx

Quando chegamos à vila, nossa bagagem já estava arrumada, esperando por nós dentro do carro preto. Dubrovski não ficou aguardando, mas deu um tchau rápido para nós no gramado, com a hélice do helicóptero ainda girando.

– Obrigado, Mark. Foi importante para mim – ele disse e o cumprimentou, com o vento fazendo ondas em seu cabelo loiro escuro. Então se virou para mim, seu olhar intenso, sua boca sem sorriso. – Voltaremos a nos encontrar, tenho certeza – disse, num tom que era mais uma ordem que um comentário gentil. E, então, inexplicavelmente: – Fico feliz que tenha se divertido na Croácia.

Sem esperar nenhuma resposta, ele se virou e saiu andando em direção à casa.

– Vamos lá, vamos para casa. Foram dias bem peculiares – Mark disse.

No avião da volta, fiquei em silêncio, pensando nas horas deliciosas que Dominic e eu passamos juntos. Mark lia enquanto eu olhava pela janela, encarando a imensidão escura, tentando não dar mostras de que estava pensando no delicioso pau de Dominic entrando em mim, me levando àquele pico intenso de emoção. Se Mark soubesse de algo, ele poderia notar meus lábios entreabertos, meu peito subindo e descendo de maneira um pouco acelerada, meus olhos perdidos por causa do tumulto de imagens na minha cabeça, a lembrança da cabeça escura de Dominic entre as minhas pernas e o toque suave de sua língua e dentes na minha parte mais sensível. Mas Mark nunca desviou os olhos do seu livro, nunca me viu recostar na minha poltrona, consumida de desejo e atormentada por alegria.

– O que aconteceu? – perguntou Laura assim que me viu. – Você conheceu alguém? Qual é, aconteceu alguma coisa, posso ver na sua cara.

Eu não queria falar para ela. Iria guardar só para mim, mas depois que ela perguntou não dava mais. Neguei com a cabeça.

– Não, ninguém novo. – Um sorriso enorme se abriu no meu rosto.

– Dominic? – ela perguntou, incrédula.

Fiz que sim com a cabeça, radiante, então nós duas demos gritinhos, nos abraçando e pulando.

– Então está tudo certo entre vocês?

Então contei para ela tudo que aconteceu.

– Então vocês dois voltaram? Ah, Beth, estou tão feliz por você!

– Não é tão simples assim. Dominic não quer que o chefe dele saiba que temos um relacionamento – respondi.

– Por que não?

– Acho que seria algo pouco profissional. Sabe, sua cabeça deve estar focada no trabalho, não em mim.

– Não entendo por que isso importaria, se ele faz o trabalho dele. Além disso, vocês estavam juntos antes de você começar a trabalhar para Mark.

– Bom... pode ser. – Tive um vislumbre do rosto de Dubrovski: o olhar sem sorriso, a boca larga com o lábio inferior protuberante e os penetrantes olhos gelados. Ele não parece ser o tipo de homem que liga para romance. Posso entender por que Dominic não iria querer esse lado de sua vida revelado. – De qualquer jeito, ele está trabalhando em algum negócio enorme, e vai ficar viajando ainda por um tempo.

– Ele vai estar de volta antes de você perceber – disse Laura, apertando minha mão. – Não vai mais ser tão difícil agora que vocês estão em contato. Estou tão feliz, Beth. Parece que o destino deu uma mãozinha para vocês ficarem onde merecem.

Concordei, feliz. Mas alguma coisa lá no fundo me incomodava, algo que eu não queria contar para Laura. Pensei nas marcas nas costas de Dominic. Então tentei esquecer.

Vou dormir no quarto de hóspedes de Mark essa noite, assim posso me arrumar para o jantar com Dubrovski sem me preocupar em ter que voltar para casa tarde da noite.

– Não precisamos ficar muito chiques, nada de black tie. Mas vai ser algo formal – disse Mark.

Então fui fazer compras na King's Road na hora do meu almoço e comprei um vestido de seda que vai até o joelho, com um decote discreto mas sensual e mangas compridas. A cor é mais forte que as que uso normalmente, mas o corte é elegante o suficiente para ser algo mais estiloso que chamativo. Na frente do espelho no quarto de hóspedes de Mark, prendo meu cabelo, alto, revelando meu pescoço e meus brincos de pérolas. Pinto meus lábios com um batom vermelho, combinando com o vestido. *Assim*, penso me olhando no espelho. *Assim está sofisticado. Espero.* Meus olhos de um azul-acinzentado estão bem felinos, tanto quanto eu consigo fazer com rímel e lápis, mas nem de perto tão atraente quanto os olhos verdes de Anna Poliakov. E, reflito, olhando para meu rosto oval, nunca terei bochechas como as dela. Mas eu adoraria capturar um pouco do estilo de Anna, tão sexy, estilosa, tão adulta. Quem sabe hoje tenha conseguido me aproximar um pouco disso?

O quarto de hóspedes de Mark é lindo, como imaginava. As paredes são recobertas de papel florido, o mesmo padrão das cortinas e de um sofá rechonchudo logo abaixo da janela. Uma cama com dossel está recoberta com tecidos do mesmo padrão também, mas o lençol branco aparente quebra o efeito, para não deixar ficar demais. O quarto parece muito arrumado e aconchegante, com sua lareira antiga, carpete grosso e felpudo, gravuras antigas nas paredes e mobília delicada.

Eu poderia me acostumar com essa vida. Tem horas que eu nem lembro, nessa minha nova vida, que casas enormes em Belgravia e viagens em aviões particulares para o sul da França são coisas completamente fora do alcance da maioria das pessoas. *Tenho sorte de vivenciar isso um pouco. Um dia tudo isso vai acabar e eu vou*

voltar ao normal. Ou... uma imagem vem à minha cabeça. É de Dominic e eu, vivendo em um apartamento simpático em algum lugar charmoso, aproveitando nossa vida juntos, nos satisfazendo, com todo o tempo que queremos para fazer amor sem parar.

Dou risada de mim mesma. Sonhos românticos de menininha. Logo vou escrever sem parar nossos nomes com o sobrenome um do outro, só para ver como soa. Ainda assim... podemos ter um futuro juntos. Quero me abraçar quando penso nisso.

Dou uma olhada na hora. *Preciso me apressar, Dubrovski chega em quinze minutos.* Dou uma última checada no espelho e desço para me juntar a Mark.

Estamos no hall de entrada, Mark me mostrando suas mais recentes aquisições e me explicando suas origens quando a campainha toca, exatamente no horário, e Dubrovski entra.

– Andrei, boa noite, como você está? – Mark se aproxima dele com um sorriso radiante e a mão estendida. Não se poderia adivinhar que ele estava furioso com o chefe poucas horas antes.

– Bem. – Dubrovski aperta a mão de Mark mas já com os olhos em mim. – Aqui está sua amiga. Sua...

– Beth – fala Mark.

– Beth – repete Dubrovski, enquanto me aproximo para lhe dar a mão. Ele me olha de cima a baixo. – Claro. Como se eu pudesse esquecer.

– Estou muito feliz de vê-lo novamente, senhor – digo sorrindo e tentando parecer profissional.

Ele ergue uma sobrancelha.

– Por favor, me chame de Andrei.

– Ah... sim... muito bem... Andrei. – Fico um pouco vermelha. Decidi que eu faria tudo ser muito profissional e adequado ao ambiente de trabalho essa noite, mas já estava começando errado, com ele me mandando chamá-lo pelo primeiro nome. E não posso ignorar esse pedido. Desde que voltei da França, acabei esquecendo quão forte é sua presença. Assim que ele entra no ambiente, com

toda sua energia e determinação, sei que não posso resistir à sua vontade. Se ele quer que seja Andrei, Andrei será.

Mark oferece uma bebida para o convidado e eles começam a conversar de maneira leve, enquanto examinam os quadros na parede. Ou, pelo menos, Mark conversa; Dubrovski ouve, responde com algum grunhido e, eventualmente, responde com uma pergunta. Sigo atrás deles, discretamente, ouvindo e parecendo fascinada, bebericando meu gim com tônica. Para minha surpresa, sempre que Mark mostra uma nova pintura para Dubrovski, ele se vira para mim e pergunta:

– E você? O que acha desse? – Então digo algumas breves palavras que espero serem precisas e corretas, e ele assente com a cabeça. – Sim, sim – diz quando acabo, e deixa Mark conduzi-lo até a próxima obra.

Gianna, a criada de Mark, anuncia que o jantar está pronto e nos dirigimos para a sala de jantar, outro ambiente lindamente decorado, com quadros do século XVIII em molduras bem esculpidas, pendurados em paredes acinzentadas. Quadros de mulheres aristocráticas em vestidos esvoaçantes de veludo vermelho ou seda dourada, com seus impassíveis olhos amendoados. Cortinas prateadas e de cor de marfim com estampas de arabescos ficam penduradas nas janelas, e a mesa redonda de madeira-de-lei está arrumada com uma toalha marfim, talheres de prata e copos antigos. Velas brilham em candelabros de prata, recobrimdo tudo com uma luz suave.

Durante o primeiro prato, vieiras grelhadas, Mark e Andrei discutem a pintura. Escuto, percebendo a ansiedade muito sutil na voz de Mark. Ele está numa posição complicada: agora o quadro está comprado, mas se ele se mostrar fajuto, Andrei pode bem esquecer que foi ele quem passou por cima das objeções de Mark e o decidiu comprar. Mas se ele simplesmente mentir, compromete a sua integridade pessoal e profissional. Posso ver que está ganhando tempo, se recusando a dizer um sim categórico, mas se mostrando confiante e otimista.

Vamos esperar que seja verdadeiro. Não consigo deixar de pensar que seria melhor se eles mudassem de assunto e falassem logo

sobre quando esse grande negócio vai terminar e Dominic vai poder voltar para Londres, mas não tem como eu perguntar algo assim sem parecer estranho.

A entrada foi levada embora e o segundo prato, peixe com manteiga de limão, foi servido, quando Andrei olha subitamente para mim.

– Então, você aproveitou sua viagem ao monastério?

Fico meio perdida ao ser levada para o meio da conversa tão abruptamente.

– Sim. Foi fascinante – digo com vivacidade.

– Você pareceu muito bem lá – diz, me encarando com dureza. Durante toda a refeição, queria aqueles olhos azuis me olhando, mas agora, com seu olhar voltado para mim, sinto-me paralisada. – Aconteceu alguma coisa com você?

Fico corada. Meu rosto torna-se quente. Espero que não esteja tão vermelha quanto meu vestido.

– Não... claro que não.

– Deve ter sido o ar da montanha. Porque você parecia outra pessoa depois da nossa noite lá – ele diz com a voz ríspida.

– É um lugar inspirador – respondo, e a raiva me consome por dentro. Que direito ele tem de me perguntar isso? O que tem a ver com a minha vida pessoal? – O quadro é magnífico. Me tocou.

– Fico feliz por isso. – Ele brinca com um pedaço de peixe e o espeta com o garfo. – Porque gostaria que você e você, Mark – ele olha para meu chefe –, me fizessem um favor. Gostei da forma como analisou o quadro e do que me disse, e pensei que poderia usá-la em uma tarefa muito especial para mim, se Mark permitir. Meu apartamento em Londres foi redecorado recentemente e quero que você veja toda a minha coleção de arte atual para definir o que combina com o novo visual, e que você veja onde deve ir cada peça.

– Ele olha para Mark. – Normalmente eu pediria a você, Mark, mas aposto que sua agenda está lotada e quero isso feito rapidamente e com meticulosidade. Não acredito que levará mais que algumas semanas. Mark, tenho certeza de que você pode ficar sem a Beth por esse tempo. – Ele olha calmamente para Mark, como se o arranjo fosse definitivo. Seu olhar volta para mim. – Eu vou pagar

bem, claro, com certeza tão bem quanto Mark. E será uma experiência interessante para você.

Estou sem palavras. Olho para Mark. Parece uma oportunidade interessante, mas Mark é meu chefe, é ele quem decide. Além do mais, será que quero trabalhar para Andrei Dubrovski exclusivamente, ainda que só por algumas semanas? Eu não sei.

– Ah, Andrei, eu não sei – Mark diz. – Tenho certeza de que há uma série de pessoas que podem te ajudar com isso, mas eu só tenho uma Beth.

– Você pode se virar sem ela por um tempinho, não? Ela não vai ficar longe muito tempo. Além disso, ela provavelmente vai precisar da sua opinião. Pense nisso como um prolongamento do que vocês já fazem para mim.

– Suponho que posso – diz Mark lentamente, e então olha para mim. – Beth, você quem sabe. Tenho certeza de que seria uma grande experiência.

Um pensamento repentino cruza minha mente. *Vou estar perto de Dominic. Vou saber onde ele está, e quando. Posso até vê-lo com mais frequência.* E gosto da ideia de abrir minhas asas e me virar sozinha, testar meu bom gosto. Será um desafio.

Olho de volta para Mark.

– Se você tem certeza de que não se importa, Mark...

Ele sorri para mim.

– Não me importo. Adoraria fazer isso eu mesmo, mas como Andrei falou, eu teria pouco tempo para isso agora.

O olhar azul de Dubrovski brilha para mim do outro lado da mesa enquanto penso no assunto. Ele está esperando eu decidir, e sei que ele odeia esperar.

– Andrei, eu adoraria fazer esse trabalho – digo. A voz na minha cabeça está mais forte e mais firme: *esse é o jeito de se conectar novamente a Dominic.* Outra vozinha diz: *mas por que Dubrovski a quer tanto assim? Você está brincando com fogo, não?* Decididamente ignoro isso. – E é só por algumas semanas, né?

– Com certeza. – Apenas pela segunda vez desde que o conheci, um sorriso aparece nos lábios de Dubrovski. A mudança nele é impressionante. *Ele devia sorrir mais.* – Pode confiar em mim. E se

– você quiser parar por qualquer motivo... – ele espalha suas mãos pela mesa, com as palmas para cima – basta pedir.

Então se reclina de volta na cadeira, seu rosto semicoberto por uma sombra, parecendo satisfeito.

– Ótimo. Está decidido. Você começa de manhã – ele diz.

Capítulo Sete

Na manhã seguinte, Mark e eu conversamos sobre o assunto no café da manhã. Ele parece achar que, no geral, trata-se de uma coisa boa.

– Andrei pode parecer um cara meio assustador às vezes, mas tenho certeza de que vai cuidar bem de você. E oportunidades assim não aparecem a qualquer momento. Não se esqueça de que você pode me chamar se não estiver segura com algo. Posso ajudar... é para isso que Andrei me paga, afinal.

Gosto de saber que Mark estará lá para qualquer problema que eu tiver. Aprendi muito trabalhando com ele, vendo como ele tem talento para exhibir a arte de modo a ressaltar suas melhores qualidades, deixando qualquer ambiente melhor, mas ainda não sou a perita que ele é.

– Desse jeito posso me arriscar com algo realmente grande, mas com segurança. Mas não vou ligar para você a não ser em caso de necessidade extrema – digo, sorrindo.

– Pelo menos você vai começar já perto do fim da semana. Assim você tem o fim de semana para decidir se está gostando e se quer continuar.

Quando acabamos o café, Mark me deseja boa sorte e me lembra de ir contando para ele como as coisas estão indo. Do lado de fora, chamo um táxi e passo o endereço que Mark me deu.

– Albany, Piccadilly, por favor.

Parece estranho mas o motorista simplesmente entendeu, e partimos. No caminho, checo meu telefone para ver se tem alguma mensagem do Dominic. Na noite anterior, antes de dormir, eu mandei para ele:

Adivinha? Vou trabalhar para o seu chefe! Só por algumas semanas. Me avisa quando você vem para cá, ou me liga, e eu te conto tudo. Bx

Tenho recebido uma doce mensagem de Dominic por noite desde que voltamos da Croácia, mas dois dias atrás ele disse que partiria em mais uma viagem e que eu não esperasse contato por algum tempo. Não recebi nada desde então, e não tive resposta após fazer meu pequeno anúncio.

Melhor você não sumir de novo, Dominic. O pensamento me deixa gelada de medo. Vai ficar tudo bem. Ele vai voltar.

Em quinze minutos saímos da movimentada Piccadilly perto da Royal Academy e entramos em um pátio em frente a uma enorme casa do século XVIII.

– Aqui estamos. Albany – diz o motorista, parando o carro.

Olho para cima, para a casa de tijolos escuros e janelas enormes. Tem pelo menos quatro andares e é gigantesca. Essa é a casa de Andrei? Certamente é grandiosa, mas tudo isso para um homem só? Quanta arte tem numa casa desse tamanho? Um prazo de cerca de duas semanas, de repente, me pareceu ambicioso demais. Saio do carro, pago o motorista e subo a escada de pedra até a porta, que estava aberta. De cara percebo que não pode ser apenas uma casa, já que passando a porta, um grande hall de entrada dá para um corredor que leva ao fundo do prédio. Quando entro, um homem com um casaco cinza-escuro bordado com detalhes dourados sai de uma sala à minha direita.

– Posso ajudá-la, senhorita? – ele pergunta, amistosamente.

– Vim ver o senhor Dubrovski, por favor.

– Seu nome, por favor?

– Beth Villiers.

Ele volta para seu escritório para consultar um papel e diz:

– Ah, sim, ele está esperando por você. Por aqui, por favor.

Ele caminha pelo corredor azulejado, passando por painéis de madeira polida e bustos de mármore, um deles gravado com “Lord Byron”. Uma placa de mármore proclama títulos de homens célebres que viveram aqui.

– Isso é um prédio de apartamentos? – pergunto, curiosa, quando entramos em um corredor bonitinho, com jardins dos dois lados, com um lago e uma fonte, e vielinhas. À nossa frente, de

cada lado da passagem, se estendem duas longas alas de construções de cor clara.

– De certa forma – responde o porteiro. – Esta é a Casa Albany. Foi transformada em um condomínio para cavalheiros há alguns séculos.

– Cavalheiros? – repito. – Nenhuma mulher é permitida aqui?

Qual é a do Dubrovski com os homens? Primeiro o monastério, agora isso...

– Hoje é permitido que damas residam aqui – diz o porteiro com um sorriso. – Há setenta e quatro apartamentos no total, de pequenos estúdios a grandes imóveis. Você em breve vai conhecer um dos melhores. É onde o senhor Dubrovski mora quando está aqui.

No meio do caminho, desviamos e nos dirigimos a uma escada que sobe para o andar de cima e desce para o porão. Vamos até uma porta grande atrás do lance de escadas.

O porteiro diz:

– Aqui estamos, este é o conjunto do senhor Dubrovski. Você acha que consegue achar sem problemas o caminho de volta na saída?

– Ah, sim.

– Então eu a deixo aqui. Bom dia, senhorita. – Com um cumprimento de cabeça, ele se vira e volta a andar na direção do prédio central.

Olho para a porta. É imponente, com painéis de madeira e um frontão clássico acima. Um enorme peixe de bronze forma o batedor, mas também há uma campainha. Meu dedo paira acima do botão por um instante e tenho um impulso de voltar correndo para Mark.

Seja corajosa. Seja confiante. Você vai ficar bem. Sei que posso me cuidar. Aperto a campainha e ouço uma melodia. É isso. A sorte está lançada. Agora tenho que ir em frente.

Logo em seguida ouço passos e a porta se abre. Um homem grande está lá. Sua cabeça raspada e seu terno preto dão a certeza de que se trata de um guarda-costas.

– Meu nome é Beth Villiers. O senhor Dubrovski está me esperando.

O grandalhão faz que sim com a cabeça e dá passagem para eu entrar. O apartamento é decorado com madeira muito polida, as paredes e o teto brilhando. Para todo lado a madeira é incrustada em marchetaria preta, marrom-escura e marrom-clara. É tudo muito clássico e masculino, e evidentemente muito caro. Posso dizer que cada detalhe foi pensado por um gênio da decoração de interiores. Tem muito mais personalidade que a vila no sul da França, algo que eu estava esperando.

O grandalhão me guia por um corredor e para dentro de um quarto, decorado no mesmo estilo, talvez um pouco demais. Acima de um grande espelho, uma águia dourada abre suas asas com uma coroa no bico. Bustos escuros de deuses em mármore escuro e urnas se estendem por lá. Um largo quadro a óleo de Napoleão em seu cavalo, olhando para um campo de batalha, está pendurado em uma parede. De alguma forma, parece apropriado. Olho em volta; nenhum outro quadro foi pendurado, e os painéis de madeira estão nus. É como se eles olhassem para mim com expectativa. Isso vai ser um desafio.

– Sente – grunhe o guarda-costas, e eu, obedientemente, me acomodo em um grande sofá de couro preto virado para a lareira de mármore. A vista das janelas que dão para o jardim lá fora é parcialmente tampada por cercas-vivas muito bem aparadas, mas ainda assim entra bastante luz, iluminando o quarto. O guarda sai e, logo em seguida, Dubrovski entra, bem casual hoje, com jeans e uma blusa de caxemira. Levanto na hora.

– Ótimo, você chegou. – Ele se vira para dar um sorriso e vem na minha direção. Vou estender minha mão para ele mas, para minha surpresa, ele se inclina e roça os lábios na minha bochecha. – Bem-vinda.

O cumprimento inesperado me deixa sem graça por um instante, mas logo me recupero.

– Obrigada. Que conjunto maravilhoso.

Dubrovski olha em volta e dá de ombros.

– Eles fizeram como pedi. Eu gosto.

– Parece um lugar muito especial para se morar.

– Albany? Sim, é muito britânico, imerso em história. Primeiros-ministros e poetas moraram aqui, a nata da sua alta sociedade. Isso me diverte. E é bem quieto e reservado. Gosto disso também. Tem todo tipo de gente aqui... acadêmicos, atores, empresários, aristocratas, mas todo mundo se mantém reservado, como prefiro.

– Eu não fazia ideia de que esse lugar existia – digo educadamente. E logo depois de uma pequena espera, continuo. – Então, você tem algum contrato que você queira que eu assine?

– Contrato? – Ele parece surpreso.

– Bem, os termos do serviço. O que você espera que eu faça, quanto tempo vou trabalhar para você. Quanto você vai me pagar. Essas coisas.

– Imaginei que um aperto de mãos seria suficiente para isso. É assim que Mark e eu decidimos um monte de coisa.

– Eu preferiria um contrato – digo com firmeza. – Só um acordo por escrito, se você não se importar.

Ele morde os lábios por um instante.

– Você está completamente certa, é claro. Você deve gostar de fazer as coisas da maneira correta. Vou providenciar um imediatamente.

– Obrigada. – Sinto um leve arroubo triunfal, como se tivesse conseguido uma vitória sobre esse homem tão poderoso. – Enquanto isso, você gostaria que eu começasse?

Ele me encara e então dá risada.

– Sim, eu gostaria. Venha. – Ele se vira e eu o sigo atravessando o quarto, em direção a outro. – O escritório. Você pode usar esse.

Ele abre a porta, dá um passo para trás e revela uma sala com paredes amadeiradas como todo o resto, mas com duas escrivaninhas, uma de frente para a outra, cada uma com computador e telefone. Em uma delas está sentada uma senhora de meia-idade com um rosto amigável, cabelo grisalho preso atrás com grampos. Ela olha para mim e sorri, e percebo que tudo nela parece meio estranho, desde o terninho feminino verde ao batom vermelho. Dubrovski acena na direção dela.

– Esta é minha assistente, Marcia. É ela que cuida da parte londrina da minha vida, não é, Marcia?

– Com certeza, senhor – diz em tom de brincadeira. – E quanta coisa sem sentido há para cuidar! – Ela ri divertida.

Ela certamente fica à vontade com ele. Sei lá se eu jamais teria vontade de dar risada trabalhando o tempo todo com esse cara.

– Marcia, essa é Beth. Ela vai trabalhar na minha coleção de arte e vai ficar aqui por umas semanas. Arrume para ela tudo o que precisar, por favor. E eu queria que você redigisse um contrato com os termos do trabalho da Beth. Eu leio depois.

Marcia vira os olhos castanho-claros para mim, todas as rugas aparecendo mais ainda quando ela aumenta seu sorriso.

– Certamente, senhor. Bem-vinda, Beth. Somos uma família feliz aqui.

Dubrovski lança um olhar confuso para ela.

Que par estranho esses dois fazem, penso. Ela não parece nem um pouco o tipo dele.

– Beth, deixe eu mostrar o apartamento – Dubrovski diz, quando Marcia volta a seus afazeres, com as mãos no colo. – Venha comigo.

Ele me leva de sala em sala, mostrando tudo com seu jeito lacônico. Em um pequeno escritório há um monte de quadros no chão, organizados em pequenas pilhas.

– É isso aqui que você vai organizar.

Isso vai demorar. Eu já vi a sala de estar, a sala de jantar, um quarto de hóspedes, esse estúdio e o escritório, além dos corredores. Tem bastante coisa para me manter ocupada.

Na cozinha, que posso ver que também foi feita à mão de maneira incrível, com a mesma madeira brilhante do resto da casa, uma senhora filipina está enchendo a lava-louça com o que restou do café da manhã. Ela é pequena, como um passarinho delicado, com cabelo brilhante escuro.

– Essa é Sri – diz Dubrovski. – Ela vai preparar tudo o que você quiser. Quer chá ou café?

Sri espera impassível que eu decida, mas me sinto envergonhada de ter uma empregada me fazendo qualquer coisa, ainda mais uma tão frágil, então digo:

– Ah, não, obrigada, eu tomei café da manhã.

– Tudo bem. Tem mais um quarto. O meu quarto.

Saímos da cozinha e andamos até outro corredor, ele indo na minha frente.

Certo, isso é meio estranho. Não sei se quero conhecer o quarto dele. Um quarto é algo íntimo demais. Sinto como se ele estivesse me convidando para adentrar sua vida pessoal, dar um passo a mais do que quero dar. Mas acho que faz parte do trabalho. Não posso dizer para ele que vou cuidar de todos os quartos menos do dele. Ridículo. *É só mais um quarto,* digo para mim mesma quando ele abre a porta e entra.

Eu não precisava ter me preocupado. O quarto é estranhamente impessoal, bonito mas sem sinais do que a pessoa que dorme lá gosta. Sem fotografias, quase sem livros e, é claro... *Sem quadros. Porque esse é meu trabalho.* Olho em volta. *Talvez por causa dessa vida viajando pelo mundo ele não se importe em deixar sua personalidade em lugares que não são, de fato, sua casa.* É diferente do resto do apartamento. A parede não é mais recoberta de painéis de madeira. Percebo que fico um pouco aliviada de ver a parede de verdade. Os painéis de madeira são impressionantes, mas quando colocados por todo lado, fica meio demais. É bom estar num quarto com uma parede pintada de um verde-escuro calmo. Uma cama grande com armação para um dossel domina o ambiente, e há duas mesas com formato de barril nos lados da cama. Há também uma mesa pequena e uma estante de livros quase vazia, e acima da lareira, uma televisão de tela plana parecendo um enorme quadro preto.

– Você vai saber o que fazer aqui. E eu quero algo em particular para o banheiro – ele diz, apontando para o banheiro ao lado do quarto. – Algo que me faça feliz quando eu vir, toda manhã, ao sair do chuveiro. Só um quadro perfeito.

Como Francisco I e a Mona Lisa, penso, lembrando do que Mark me disse.

– Farei o possível – digo, tentando soar competente e otimista.

Ele me lança um de seus olhares impassíveis.

– Tenho certeza de que você vai conseguir – ele diz, com um tom de encerramento, como se, agora que ele decretou, com certeza vai acontecer.

Ele abre outra porta que dá para um *closet*, cheio de ternos, camisas e sapatos alinhados na mais perfeita ordem, e fileiras de gavetas e prateleiras para todas as outras coisas.

– Não precisa se preocupar aqui – ele diz, e sorri muito de leve. – Agora vamos voltar. Preciso voltar para minhas coisas e tenho certeza de que você quer começar logo.

Apenas uma hora mais tarde, estou no estúdio, absorta no meu trabalho vendo quadros, quando o telefone toca. Olho para ele, confusa, imaginando o que devo fazer, então penso que talvez eu devesse atender, então o pego.

– Beth? Você pode vir até o escritório, por favor? – É a Marcia.

– Claro.

Desligo o telefone e ando até o escritório. Marcia tem meu contrato de trabalho e o entrega para eu ler. Sento e leio. É bem direto e fico satisfeita ao ver que Dubrovski definiu como período máximo de trabalho o tempo de quatro semanas, que pode ser renegociado ao final, se o trabalho não tiver sido concluído.

Mas será. Estou determinada.

Claro, não há previsão de férias, e o horário foi flexibilizado. Então vejo a cláusula com a remuneração. Tomo um susto.

– Tudo certo, querida? – diz Marcia, com os olhos bem abertos, preocupados. – Algum problema?

– É... bem... – Não sei o que dizer. Nem sei se devo protestar pelo fato de estar sendo muito bem paga. Mas o montante no contrato é quase o mesmo que Mark me paga em um ano. Por quatro semanas de trabalho, ou menos, se eu terminar antes.

– É o dinheiro, né? – diz Marcia gentilmente. – É assim que o senhor Dubrovski é. Ele gosta que todos os seus funcionários sejam muito bem cuidados. Assim, nunca mais queremos trabalhar para mais ninguém.

Parece óbvio, mais ainda assim...

– Só assine, querida – Marcia diz em voz baixa. – Você não vai se arrepender. E assine essa cópia também. Então passarei para o

senhor Dubrovski assinar também e você ficará com uma cópia. Ah, e preciso dos seus dados bancários e dos seus documentos.

Não vejo Dubrovski o resto do dia, ou no dia seguinte, e mal penso nele quando estou muito concentrada no meu trabalho. Marcia é muito prestativa e adora conversar, falando sem parar assim que me instala no computador e se certifica de que tenho tudo de que preciso. Mas fico satisfeita quando consigo escapar dela e me refugiar no estúdio, trabalhando nas pilhas de quadros. Primeiro estou catalogando tudo e me certificando de que batem com os registros que Mark me passou, notando se há alguma discrepância que precisa ser verificada depois. Quando essa parte acabar, vou começar a organizar os trabalhos e estudar como os quadros devem ser agrupados para serem exibidos. Eu imagino se não há um aplicativo que possa baixar e usar para ver como ficaria minha ideia antes de eu de fato pendurar os quadros. Se não tiver, vou ter que pensar em outra coisa.

No almoço, Marcia e eu comemos juntas numa mesinha na cozinha. Sopa, salada e sanduíches preparados por Sri. Não vejo sinal do guarda-costas, mas imagino que ele vá aonde quer que Dubrovski vá. Marcia é uma companhia agradável, mas ela fala sem parar, nunca espera a resposta e frequentemente se contradiz, e não consigo aguentar como o batom dela sempre está borrado e seu cabelo está sempre desgrenhado, saindo para todo lado e preso de qualquer jeito com os grampos. Ela se arruma sem nem olhar no espelho? Ela não parece o tipo de pessoa que Andrei Dubrovski teria por perto, com sua óbvia mania de organização, mas logo aprendo que, apesar de Marcia parecer meio bagunçada, sua cabeça é completamente precisa. Ela sempre sabe de tudo que está acontecendo e organiza a agenda de Andrei com facilidade, coordenando tudo com os assistentes dele pelo mundo, claramente a chefe de todos.

O que ela não faz é dizer qualquer coisa sobre Dominic, nem sobre o trabalho de Dubrovski em si. Ela fica feliz de falar sobre o

gato dela o dia todo, mas mal fala do seu trabalho. No começo eu ficava toda ansiosa quando o telefone tocava e ela ia atender, esperando que fosse dizer o nome do Dominic ou que desse alguma pista sobre quando ele vai voltar, mas ela nunca demonstra nada, e frequentemente ela fala em russo ou francês, então, claro, não consigo entender. Ainda não recebi nenhuma notícia do Dominic.

Seja paciente, digo para mim mesma. *Ele está ocupado. Só espere.*

– O que anda acontecendo com você? Eu mal te vejo! – diz Laura quando chego em casa sexta-feira à noite, exausta depois dos meus primeiros dois dias. – Me conta tudo.

Conto para ela como posso facilmente me perder trabalhando na coleção de arte de Andrei Dubrovski. Já encontrei alguns tesouros, incluindo uma linda coleção de gravuras de Hogarth que eu acho que vão ficar lindas juntas, talvez no hall.

– E como ele é? – Laura pergunta, aproximando os joelhos do peito quando ela senta no sofá com os olhos bem abertos. – Imagina trabalhar para alguém como ele! Dei um Google nele na hora do almoço e vieram umas fotos bem sensuais. Ele faz bem o tipo durão, né? Sempre gostei de loiros. Ele é bem gato de perto?

– Gato? – pergunto, surpresa. Claro que eu o notei, mas nunca pensei nele desse jeito. Desde que conheci Dominic, não achei que ninguém mais valia nem uma bala perto dele. Mas quando penso em Andrei, lembro da energia bruta que emana dele e do carisma que atrai todos os olhares do ambiente. Mesmo que não seja exatamente bonito, o poder e a experiência fazem com que ele tenha alguma qualidade peculiar que nos deixa com vontade de olhar para ele. Embora o nariz anguloso e o queixo quadrado possam parecer meio demais, esses traços grandes de alguma forma o valorizam, deixando-o com um ar determinado.

Laura revira os olhos.

– Qual é... eu olhei aquelas fotos e pensei: nossa senhora, imagina esse cara na cama, ele deve ser uma máquina!

– Não sabia que você gostava desse tipo de homem – provoco. – Grandes, musculosos, assustadores. Você sempre curtiu mais o tipo meio nerd, não?

Laura faz uma careta para mim.

– É que gosto mais de cérebro que de músculos – ela responde, e muda para um tom sonhador. – Ainda assim, eu não me importaria de um cara desses me levar para a cama.

Fico quieta um instante, lembrando do olhar penetrante de Andrei, como ele ia de cima a baixo pelo meu corpo de um jeito que me fazia sentir seu olhar na minha pele. Era curiosamente incômodo, como se estivéssemos íntimos sem fazer nada.

– Ei, espero que você não esteja sentindo que está traindo Dominic! – Laura ri, seus olhos brilhantes ao perceber minha expressão.

– Claro que não! – digo rapidamente. Imagino os olhos escuros de Dominic, cheios de desejo, e na hora meu estômago pula com uma deliciosa onda de luxúria. *Isso é bom.* Por um segundo, tive medo de Laura ter despertado em mim algo por Andrei que eu nem imaginava, mas sei com certeza que Dominic é tudo o que quero de um homem. Não é só porque ele é bonito e intensamente desejável, é por causa de todo o resto também: sua inteligência, seu charme, sua espirtuosidade. O jeito como bebe seu café ou casualmente joga o braço no encosto do sofá quando está lendo o jornal, ou sua risada. Adoro que ele tenha crescido em várias partes do mundo e saiba muito sobre lugares e pessoas que eu não conheço. E amo que ele me ame também, que ele queime por mim com o mesmo desejo que tenho por ele. É um milagre que alguém tão interessante fique tão fascinado por mim quanto fico por ele, mas eu vejo o sentimento nos olhos de Dominic, no jeito como ele me pega e faz amor comigo.

Mas tem seu lado sombrio, claro. Será que amo esse lado também?

A verdade é que não consigo imaginar Dominic sem essa escuridão, mesmo sabendo que é algo com que ele tem lutado contra, especialmente depois do que aconteceu entre a gente. Ele seria o mesmo se fosse domado? O sexo seria tão profundo, intenso,

perigosamente excitante, se soubesse que ele não ia tentar me levar aos meus limites? Aquela noite no monastério foi incrível, movida por nada mais que puro desejo, mas sei que se nós estivéssemos juntos de novo, teríamos que lidar com os desejos sexuais de Dominic.

E os meus? O que eu quero?

Não imagino uma vida com Dominic que não inclua a força poderosa dos seus instintos. Quanto mais penso, mais fico desesperada para vê-lo.

Eu só o quero de volta. Logo.

Capítulo Oito

Laura e eu passamos um fim de semana relaxante juntas, na maior parte do tempo vendo televisão jogadas no sofá e fazendo xícaras atrás de xícaras de chá para nos recuperarmos de nossa semana de trabalho. Tento não pensar demais no meu telefone, que se mantém obstinadamente silencioso. A única vez que tocou era a minha mãe, querendo saber das novidades. Conto para ela do meu novo trabalho e ela fica impressionada, mas satisfeita por ser algo apenas temporário. Acho que ela prefere Mark a esse novo russo que entrou na minha vida.

Decido no domingo à noite que, se até o fim da semana não tiver nenhuma notícia de Dominic, precisarei fazer algo drástico, ainda que não saiba bem o quê. Então tento tirá-lo da minha cabeça e me concentrar no meu novo trabalho.

– Não, por favor, continue – Andrei diz –, quero observá-la.

Sentindo-me meio estranha, apanho a gravura que estava analisando e olho de novo para ela.

– O que você acha dessa aí? – ele pergunta.

– É um belíssimo exemplar – respondo de maneira entusiasmada. Passei a manhã inteira pensando em gravuras. – E feita por um gravurista muito famoso do século XIX, por volta de 1870. A moldura é da mesma época, acredito, e faz parte de um conjunto de quatro, todos retratos da paisagem de Derbyshire.

– Mark quem me arranjou esses – ele diz, analisando de perto.

– Não estou surpresa. Eles são esplêndidos.

Ele concorda com a cabeça, satisfeito.

– E você já conseguiu achar alguma coisa para o meu banheiro?

– Ainda não. Não cheguei nessa parte ainda. Mas vou achar.

Andrei sorri.

– Quero ver logo o que você vai descobrir. Mas, enquanto isso, queria que fizesse um trabalhinho para mim. Algo que está além da

capacidade de Marcia.

– Hã?

– Eu gostaria que você comprasse um presente para uma amiga minha. Uma amiga próxima. Quero dar para ela uma joia, algo bonito, e quero que você escolha para mim. – Ele dá de ombros. – Não tenho tempo para esse tipo de coisa. Às vezes escolhem as coisas para mim, às vezes me mandam coisas. Mas já que você está aqui, gostaria de usar seus conhecimentos.

Eu pisco, atônita. Nunca vi nenhuma pista de namorada ou esposa, e esse lugar tem muito cara de solteirão, então imaginei que Andrei fosse daqueles caras que só têm tempo para o trabalho e não conseguem manter um relacionamento. Mas claro que um bilionário russo vai ter uma amante. Por que não teria? Mas como devo escolher um presente assim?

– Você pode fazer isso? – ele pergunta, olhando de perto para mim. – Eu ficaria muito agradecido.

– Bem, sim, se você gostaria que eu fizesse. – Alguma coisa em mim diz que eu deveria me opor, mas não consigo saber por quê. Afinal, ele pediu para eu trabalhar para ele por conta do meu gosto em artes. Isso parece ser uma extensão do trabalho.

Ele sorri para mim.

– Ótimo. Eu quero que você escolha duas coisas. Não se preocupe com o preço. O que quer que te agrade.

– Você poderia me falar para quem é, para que eu tenha ideia do que ela pode gostar.

Ele parece bem surpreso, mas diz:

– Acho que você está certa. Muito bem. Ela é muito bonita, claro. Vem de família aristocrática, tem uma grande bagagem cultural. A família dela sobreviveu à revolução mas, claro, sem suas vastas posses de antigamente. Ela é bem sentimental em relação ao que já tiveram, ainda que tenha sido muito antes de ela ter nascido. – Ele dá risada. – Eu gosto disso. Um século atrás, ela teria sido uma condessa ou duquesa, e eu teria sido algum servo dela. Agora a família dela mora num pequeno apartamento em Moscou, enquanto transo com ela em minha vila na França ou onde quer que eu queira. Ela abre as pernas para mim, o menino pobre que começou do

nada. Além do fato de ela ser uma ótima amante, saber que estou usufruindo de uma mulher de boa família me dá uma sensação de vitória.

Olho para ele chocada. Sempre tive o cuidado de manter uma distância profissional em relação a Andrei, mas aqui está ele, usando esse tipo de linguagem, projetando imagens na minha mente. Eu os vejo agora, numa cama, pelados, suas costas largas e suas pernas musculosas se mexendo enquanto ele dá estocadas em sua fidalga russa. Ela está aberta para ele, rendida, incapaz de resistir ao seu poder. Sua expressão é impassível mas seus olhos azuis queimam com intensidade enquanto ele toma posse dela, satisfazendo seus desejos furiosos, dominando-a enquanto ele toma para si seu prazer e a faz chegar ao ápice.

Ele está me encarando de perto.

– Isso ajuda?

Aceno com a cabeça, tentando limpar as imagens da minha mente. Com essas poucas palavras, uma barreira foi vencida entre nós. Sinto como se Andrei tivesse me tragado para uma intimidade com ele que não tem mais volta.

– Ótimo. Me mostre mais tarde o que você comprou. Pegue um cartão de crédito com a Marcia.

Trinta minutos depois, armada com um cartão de crédito preto fosco, estou andando pelos caminhos cobertos em direção à entrada de Albany.

Isso é estranho demais. Chacoalho minha cabeça, não acreditando. *Como fui acabar fazendo isso?*

Saio com o cartão-chave que Marcia me deu e surjo na Saville Row, cheia de alfaiates. Bond Street fica à minha esquerda e é para lá que vou. Eu já sei que as vitrines de lá são cheias das pedras mais estonteantes. Sempre me perguntei se havia ricos o bastante no mundo para manter em pé os negócios de tantos joalheiros, mas deve ter, já que as esmeraldas, os rubis e os diamantes continuam dando lugar a novas peças que valem milhares de libras e brilham em seus mostruários.

Passo por algumas, com suas almofadas vermelhas atrás dos vidros blindados. Elas brilham de maneira chamativa, mas de alguma

forma não me sinto atraída para elas. Então, mais para a frente, vejo um tipo diferente de lugar, suas janelas lotadas de joias antigas de todo tipo, de cordões de pérolas grossas a tiaras de diamantes, bem como anéis, abotoaduras, molduras de prata ornamentadas e mais. Parece a caverna do Aladim, ou o compartimento de carga de uma nau espanhola. Aqui as joias ficam em veludo azul-escuro ou caixas meio *vintage* cor creme. Eu gosto mais desse tipo de coisa.

Se Andrei me incumbiu da tarefa porque ele aprecia meu bom gosto, então...

Um guarda de uniforme está na porta. Ele a abre educadamente quando me aproximo, talvez imaginando se eu sou o tipo de pessoa que faria suas compras numa loja dessas, mas não demonstra nada. Vou até o balcão mais próximo, onde um rapaz com cara de entediado arruma um display de diamantes.

– Pois não, senhora? – ele diz, num tom pouco convidativo. – Posso ajudá-la?

– Talvez você possa. Estou procurando por algo em nome de Andrei Dubrovski...

A mudança é rápida e radical. O atendente se torna imediatamente muito solícito.

– Ah, senhora, por favor, venha por aqui. Vamos sentar em uma mesa. Posso trazer algumas peças pelas quais você com certeza vai se interessar...

Dentro de pouco tempo estou em um lugar de honra, com atendentes de todos os lados se revezando para trazer bandejas de joias para eu examinar, e estou me divertindo. Estou cercada por uma fortuna, mas a fortuna mais bonita que posso ver: gargantilhas, brincos, broches, coisas clássicas da Tiffany, Cartier, tiaras Regency. É tudo muito bonito.

Analiso tudo, segurando alguns dos itens brilhantes contra e luz e a minha pele, para ver o efeito. *O que, afinal, Andrei quer que eu compre?*

Estou em dúvida entre anéis e brincos quando um dos atendentes mais velhos me traz uma embalagem vermelha com ar de velha. Ele a coloca diante de mim, dizendo com reverência:

– Talvez o senhor Dubrovski ache isso de seu agrado.

Dentro da embalagem há um bracelete lindo, todo decorado, com diamantes que brilham sob a luz. O interior reluz em ouro. O bracelete é claramente antigo, mas a superfície esmaltada – creme e turquesa, rosa-claro e azul-marinho – ainda brilha. É uma coisa magnífica, e fico imediatamente cativada.

– Isso é lindo!

– É particularmente valioso – diz o atendente mais velho, com voz grave –, já que era de propriedade da grã-duquesa Olga, a irmã do czar Nicolau II. A grã-duquesa conseguiu carregá-lo consigo quando ela e sua mãe escaparam da revolução para um porto seguro na Dinamarca. Como sabemos, seu irmão e sua família não tiveram a mesma sorte.

Respiro fundo. Isso foi de propriedade da família real russa, os famigerados Romanov, que governaram por mil anos antes do massacre que pôs fim à sua dinastia. Tenho um flashback da imagem de Andrei, o arruaceiro de Moscou, tomando posse de sua condessa russa. Ela está arfando de prazer. O bracelete que ele deu à amante no pulso dela. Ela está com os braços em volta dele, e o bracelete é pressionado contra suas costas largas, os diamantes deixando marquinhos na pele...

– Sim. É esse aqui. Vou levar. – Algo me ocorre. – Quanto é?

O atendente diz o valor. Tento disfarçar, mas é mais que meu salário de um ano. Não acho, porém, que Dubrovski sequer piscaria diante do valor. Então lembro que ele queria que eu comprasse duas coisas. Meus olhos param em um par de brincos de rubi em ouro branco. Há algo na profundidade e no brilho deles que atrai meu olhar. Eles são obviamente antigos, talvez vitorianos, e muito bonitos.

– Vou levar esses também. – Entrego o cartão de crédito preto e peço para eles fazerem a entrega. Não quero andar pelas ruas de Londres carregando tanto valor comigo.

Missão cumprida.

Mais tarde, de volta ao estúdio, vejo Andrei entrar. Olho para cima, surpresa.

– Acabei de ver o pacote que chegou da joalheria. – Ele me encara por um instante e penso que vai me dar uma bronca por escolher mal ou gastar demais. – Muito bem. Era o que eu esperava de você.

– O bracelete tem uma ligação com os Romanov – digo, ridiculamente feliz com a aprovação dele. – Pensei que fosse... apropriado.

Seus olhos brilham com divertimento, me lembrando algumas das pedras que eu vi mais cedo.

– Exatamente. – Ele se vira para ir embora. – A propósito, tem algo para você na sua mesa, no escritório.

Ele se foi antes de eu ter tempo de perguntar o que é ou de quem é. Curiosa, me levanto e vou até o escritório. A mesa de Marcia está vazia. De fato, está arrumada como se ela já tivesse ido embora por hoje. Na outra mesa, há um pacote verde-escuro amarrado com um laço de seda verde. Um cartãozinho com um monograma "A" está preso na fita. Nele está escrito *Obrigado*.

Intrigada, desfaço o laço e levanto a tampa da caixa. Dentro há uma caixa pequena e meu coração acelera quando a pego e aperto o botãozinho que a abre. Já sei o que tem dentro.

Os brincos de rubi brilham para mim, escuros e ricos, clássicos.

Ah, meu Deus... fico zozna. Eu sei exatamente quanto custaram. Não tem como eu aceitá-los. *Mas eles são lindos*, sussurra uma vozinha dentro da minha cabeça. *Você os adorou*.

Rapidamente abafo a vozinha. *Só porque são lindos não quer dizer que você pode ficar com eles. Tudo que Andrei tem é caro, e em sua maioria bonito. Isso não quer dizer que também seja meu*.

Fico feliz por Marcia não estar lá para ver aquele presente ultracarro. Saio em busca de Andrei, a caixa na mão para devolver para ele, mas nem sinal dele.

– O chefe saiu – me diz Sri quando a encontro na sala de estar. – Só volta de noite.

– Onde está Marcia? – pergunto. Parece que todo mundo sumiu. Sobrou apenas Sri e eu.

Sri dá de ombros e volta a limpar.
Ponho os brincos no meu bolso e volto ao estúdio.

Os olhos de Laura parecem duas tigelas quando mostro para ela o que tinha dentro da caixa.

– Ele deu isso para você? – ela diz, incrédula.

Confirmo com a cabeça.

– Ai, ai. – Ela parece preocupada. – Ninguém dá um presente desses sem esperar algo em troca, com certeza.

Suspiro, sem saber o que dizer. Se fosse qualquer outra pessoa e não Andrei, eu concordaria. Dar joias caras de presente, normalmente é um sinal, sem dúvida. Mas no mundo de Andrei... bom, não dá para ter certeza. Pelos padrões dele, esses brincos talvez nem sejam tão caros. Mas não posso me arriscar.

– Eu sei. Vou devolver.

– Ele está dando em cima de você? – Laura parece menos preocupada e mais brava agora. – Porque se ele estiver sendo um chefe canalha que acha que pode tirar vantagem de você, comprar você com algumas quinquilharias, bom...

– Essa é a questão. – Reclino no sofá, confusa. – Não acho que seja isso. Além do mais, ele me pediu para comprar um presente para sua namorada, ou amante, ou sei lá o quê. Então ele obviamente tem um relacionamento. É um mistério. – Olho para minha amiga, que está claramente agitada e toda protetora. – Olha, não se preocupe, mesmo. Eu sei me cuidar. Vou devolver.

Laura faz que sim com a cabeça e diz:

– Acho que é uma boa ideia. E mantenha distância. Se você sentir que está sendo assediada, por favor, tem que falar com o Mark ou com alguém. O que Dominic acha disso? Ele deve estar furioso.

– Ele sumiu de novo. Não faço ideia de onde está nem quando vou vê-lo de novo.

– Você deveria fazer com que ele soubesse que precisa voltar para cá imediatamente. E você precisa se certificar de que Dubrovski

saiba que está comprometida, então ele pode parar com as ideias dele.

Assinto de novo com a cabeça. Laura está certa, claro. Os rubis brilham para mim de dentro da caixa.

Amanhã eles serão devolvidos.

De manhã, estou toda pronta para fazer um discurso para Andrei. Planejei minhas palavras no caminho para o trabalho. A caixa está no meu bolso.

O guarda-costas abre a porta para mim, e assim sei que Andrei está aqui. E confirmo isso quando ele vem andando da sala de jantar.

– Ah, Beth, você chegou.

– Andrei, precisamos conversar sobre o presente que você deixou para mim. Claro que fico feliz que você...

Paro, já que ele não estava prestando a menor atenção e saiu andando em direção ao escritório, enquanto eu fiquei falando sozinha. Vou atrás dele, a caixa na mão.

– Andrei, preciso falar com você sobre...

– A Marcia não está aqui. – Ele me interrompe como se eu não estivesse falando. – A mãe dela está doente e Marcia foi cuidar dela. Preciso que você me faça um favor. Você pode fazer umas pesquisas aqui e atender ao telefone? Claro, normalmente não pediria algo assim para você, mas vou receber ligações importantes que não posso perder. Alguém vai vir para ficar no lugar da Marcia, mas só a partir de amanhã. Você pode fazer isso para mim?

Ele mal espera uma resposta e desisto de fazer meu discurso, devolvendo a caixa de joias ao meu bolso. Vou ter que esperar até mais tarde. Andrei está inclinado sobre um bloco de anotações, escrevendo alguns nomes.

– Aqui, essas são as pessoas com quem preciso falar. Entre e me interrompa de qualquer maneira se uma delas ligar. – Ele arranca a folha de papel e me entrega. – Obrigado, Beth, fico muito agradecido. Agora, tenho algumas ligações para fazer. Vou ficar no

estúdio, então você não vai poder trabalhar lá hoje de qualquer maneira.

Com isso, ele sai do escritório, e me deixa de boca aberta. Só quando Sri entra para ver se quero café eu olho para a lista. Minhas mãos começam a tremer. O primeiro nome da lista é o de Dominic.

Depois disso, estou acabada. Não consigo me concentrar nem um pouco. Tudo que posso fazer é esperar o telefone de Marcia tocar, enquanto finjo que pesquiso alguma coisa de arte. Quando finalmente toca, dou um tremendo pulo, então vou rapidamente atender antes que o primeiro toque termine.

– Sim, alô? – digo engasgando.

– Marcia? É você? – pergunta uma mulher metida do outro lado da linha.

A decepção corre pelas minhas veias. Criei tanta expectativa que tinha certeza de que quando o telefone tocasse seria Dominic. Odiei a mulher do outro lado da linha por não ser Dominic.

– Não, a Marcia não está, eu estou no lugar dela. Quem está falando? – Busco o papel com os nomes.

– É Kitty Gould. Posso falar com Andrei?

Procuro no papel. O nome de Kitty Gould não está na lista.

– Ele está meio ocupado agora. Pode deixar um recado?

– Apenas diga para ele que mandei um e-mail com todos os detalhes da festa. Já deve ter chegado. Estou ansiosa para encontrá-lo lá.

– A festa. Entendi.

– Obrigada.

E Kitty Gould desliga. Encaro o telefone, meu coração vai voltando ao normal.

Desse jeito, vai ser uma manhã com bastante adrenalina...

Pela manhã, o telefone tocou bastante, e tive de ir ao estúdio diversas vezes para dizer a Andrei que era alguma das pessoas com quem ele queria falar, mas nenhuma delas era Dominic.

Sinto uma frustração repentina. Por que ele acha que pode me tratar assim? Voltando para minha vida e então desaparecendo de novo? Achei que ele quisesse estar comigo, estar perto de mim, e ainda assim ele não me procurou por vários dias. Qual é a dele? Tem como ele estar ocupado a ponto de não poder mandar nem uma mensagem de texto?

Na hora do almoço, Andrei e eu comemos juntos na sala de jantar, mas ele passa a maior parte do tempo ao telefone, enchendo a boca de comida entre as frases ou, às vezes, no meio delas. Quando ele finalmente sai do telefone, lembro-me da ligação de manhã.

– Você recebeu um e-mail de uma mulher chamada Kitty Gould? – pergunto. – Aparentemente é sobre uma festa. Ela disse que os detalhes que você precisa saber estão no e-mail.

Andrei fica paralisado por um instante, então me encara.

– A festa.

– Exato. Você sabe do que ela está falando?

– Ah, sim. A festa é hoje à noite.

– Hoje à noite? – Ergo as sobrancelhas. Parece um prazo bem curto para dar os detalhes de um evento.

Ele olha de novo para mim e então diz:

– Talvez você queira vir comigo à festa?

– Oh. – Ele me surpreendeu de novo. Será que um dia ele vai parar de fazer isso? – Bem...

– Deixe-me reformular isso. Gostaria que você fosse comigo. Acho que você vai se divertir. Vai ser uma coisa superextravagante, uma paisagem que vale a pena ver. – Ele me lança aquele olhar impassível. – Você pode usar os brincos.

Fico completamente ruborizada. Havia esquecido completamente dos rubis e agora pareço mal-educada por nem ter falado deles. – Eu... eu... obrigada, Andrei, é muito generoso, mas eu não posso aceitá-los.

– Por que não? – ele pergunta, com a testa franzida.

– Porque são demais, porque são caros demais... e... bom, eu mal conheço você...

Ele balança a mão no meio da minha fala.

– Claro que pode aceitá-los, não seja boba. Se você acha que eu os quero de volta, está completamente enganada.

– Você tem que ficar com eles – digo, enfaticamente. – Você pode dá-los para sua namorada, tenho certeza de que ela vai gostar. – A maldita imagem de Andrei fodendo sua amante volta à minha mente, mas dessa vez a garota russa está com os brincos vermelhos quando joga a cabeça para trás, em êxtase.

– Minha namorada? – Seu olhos brilham perigosamente. – Que coisa mais antiquada. Não quero ouvir mais uma palavra sobre os brincos. Dê eles para alguém você mesma, se não os quiser. – Ele se reclina de volta em sua cadeira, como que para indicar que a discussão estava encerrada. – Agora, você vai à festa comigo? Não acho que seja o tipo de evento a que Mark a levaria, e você deveria aproveitar a oportunidade quando ela aparece.

Ainda estou às voltas com a ideia de que ele nem liga se os rubis valem milhares de libras. *Eu vou deixá-los aqui quando for embora. É assim que vou me livrar deles.*

O telefone dele toca.

– Alô? Ah, Dominic, finalmente.

Meu estômago dá piruetas e o sangue se esvai do meu rosto... ou pelo menos é assim que me sinto. Não sei se fiquei pálida, mas é assim que eu me sinto. Escondido debaixo da mesa, meu punho se aperta. *Dominic está do outro lado da linha.* Também me sinto magoada, ele obviamente consegue um telefone quando ele quer.

Andrei ouve com atenção o que quer que Dominic esteja falando, e fico atormentada por não conseguir ouvir nada, nem o barulhinho da voz dele.

– Entendo. Sim. Você vai estar na festa mais tarde? Arrã. Bom, Harvey vai estar de plantão com o carro, se você precisar. E Anna? – Há uma pausa enquanto ouve, então ele dá risada. Eu nunca tinha ouvido Andrei rir. É um som grave, arranhado, com aquela voz dura dele, algo que parece que nunca usa. – É, ela é. Acho que vai estar maluca hoje. Ela sempre fica assim quando ganhamos muito

dinheiro. – Ele está sorrindo para o telefone. É sempre estranho ver aquela boca larga e aquele lábio inferior projetado se transformando em sorriso. – Bom. Então nos vemos mais tarde.

Ele desliga e olha para mim, ainda sorrindo. Quando ele vê minha expressão, pergunta:

– O que foi?

– Nada. Nada mesmo – digo rapidamente. Há uma pequena pausa e então pergunto o mais naturalmente possível. – Aquele era Dominic Stone? O homem que conheci no monastério?

Andrei assente.

– Ligando com excelentes notícias sobre uma mina de ferro que tenho na Sibéria. Os chineses compraram todo o ouro que podemos produzir pelos próximos dois anos. Estou muito feliz. Dominic tem congelado a alma lá no meio do nada. – Ele ri de novo. – Mas ele será bem recompensado. Então. Você vai à festa?

A ideia de que Dominic estará lá me enche de excitação, mas tento parecer muito calma.

– Sabe, Andrei, você está certo, parece que vai ser divertido. Eu gostaria de ir, sim.

Ele me dá outro daqueles olhares.

– Bom. Vamos precisar de algo para você vestir. Ligue para a Harrods e mande enviarem uma seleção de vestidos de noite do seu tamanho. Peça preto, acho que combina melhor com você. Nada muito exagerado, não é um baile. Mas algo sofisticado.

Com isso, ele se levanta da mesa e vai para fora, enquanto fico só olhando. A vida perto de Andrei Dubrovski é, certamente, imprevisível. Mas também é excitante. E hoje vai ser a primeira oportunidade de ver Dominic desde a Croácia.

Não posso recusar. Tenho de ir.

Capítulo Nove

Quatro horas depois, para meu completo espanto, estou sentada ao lado de Andrei em um lindo Bentley conversível, admirando o belo painel de madeira e sentindo o ronronar do motor debaixo de mim. Estou com um vestido de noite incrível, um dos muitos enviados em caixas encapadas com tecido que chegaram numa van da Harrods, com sapatos e bolsas. Foi uma hora divertida que passei no quarto de hóspedes, abrindo os pacotes e provando um por um: criações lindas em seda, tule, organza e todo tipo de tecido luxuoso, alguns brilhavam com *glitter*, pedras preciosas, alguns eram elegantemente simples. Nunca tinha visto de perto vestidos de estilistas famosos, e eles eram lindos. Eles parecem muito leves, mas por dentro são muito bem feitos; os materiais são de primeira, a costura é perfeita e o trabalho manual é magnífico. Não é à toa que custam milhares de libras, com suas costuras feitas à mão e atenção a cada detalhe. Adorei todos, mesmo que ache que alguns sejam meio demais para mim.

Assim que vesti esse, entretanto, eu me apaixonei. É de seda preta, como decretado por Andrei, e incrivelmente apropriado, mas ainda assim sexy, com um forro bem apertado e a parte externa esvoaçante, flutuando nos meus braços e coxas. Vieram com saltos perigosamente altos que complementam com perfeição o visual de sedução sutil. Quando me vi no espelho com toda a produção, sabia que era esse que eu devia usar.

Agora, voando pelas ruas de Londres enquanto ouvimos Rachmaninov, rubis vermelhos brilham nas minhas orelhas.

Isso é exatamente o que ele queria, penso para mim mesma, olhando para Andrei. *Será que esse era o plano desde o começo?* Eu havia tido a ilusão de escolha – escolher entre aceitar ou não os brincos, entre vir ou não à festa –, mas talvez ele já soubesse quais seriam minhas decisões. Ele está incrível num terno preto, uma

gravata-borboleta preta, manejando o carro com precisão. Mas, então, me lembro de que qualquer homem fica bem num terno sob medida, e se eles tiverem uma aura elegante e poderosa, ficam ainda melhor.

Quando saímos do trânsito de Londres e entramos na rodovia, Andrei acelera e logo estamos voando, ultrapassando os outros carros. Ao nosso redor, a noite está caindo, aveludada e azul-marinho, e uma lua dourada de outono começa a aparecer.

Se fosse Dominic do meu lado, isso aqui seria incrivelmente romântico. Mas lembro com um arrepio ansioso que ele talvez apareça na festa – e é por isso que vim, no fim das contas.

Andrei não diz nada por quase uma hora de direção veloz, mas incrivelmente suave, quando saímos da rodovia e, poucos minutos depois, paramos em frente a uma mansão campestre de tijolos, cheia de luzes que a deixam dourada.

– A festa é aqui? – pergunto.

– Não – ele diz abruptamente, desligando o carro e saindo. – Aqui é onde vamos jantar.

Ele vem até o meu lado do Bentley, abre minha porta e me ajuda a sair. Quando fico de pé, ele coloca meu braço sob o dele, joga a chave para um manobrista e entramos.

É claramente um restaurante muito caro e nos levam até uma mesa com uma toalha fina e talheres muito brilhantes. Andrei faz nosso pedido sem nem deixar eu olhar o cardápio, e minutos depois estou bebendo de um copo com Pouilly-Fumé frio, olhando para ele do outro lado da mesa e me perguntando como vim parar aqui.

– Quero dizer algo para você – Andrei fala, se inclinando para mais perto. Seus olhos ficam intensos e sérios. – Você está linda hoje.

– Obrigada – digo, meio sem graça. Percebo que não sei quais os termos do jantar. Não fui convidada para um encontro e, se tivesse sido, certamente teria dito não. Ainda assim, perante o mundo, parecemos um casal apaixonado celebrando nosso aniversário ou começando uma jornada romântica. *Mas ele está apenas sendo educado, certo?*

– Você também estava linda aquele dia na casa de Mark. – Ele toma um gole de vinho enquanto parece estar lembrando. – Gostei muito daquele vestido vermelho. Mas até aí... você fica linda sentada no chão do meu estúdio, perdida entre as pinturas, franzindo a testa do seu jeito engraçado, passando os dedos pelo cabelo quando está pensativa. Gosto de ficar olhando quando você não sabe que eu estou lá. – Ele se aproxima de mim. – Mas você nunca esteve tão desejável quanto naquela manhã no monastério, quando estava vibrando, cheia de vida e sensualidade. Foi quando percebi que queria conhecê-la bem, bem melhor.

Eu o encaro numa espécie de turbilhão de horror e algo doloroso que parece prazer. *Eu sou linda? Ele acha que sou linda? Mas então... Ah, não, ele quer alguma coisa comigo. Ele quer... Deus, onde foi que eu me meti? Estou sentada aqui, com o vestido pelo qual ele pagou, com as joias que ele me deu... como algum tipo de cortesã! Claro que parece que estou disposta a pensar nele dessa forma. Merda! Como vou sair dessa?*

Tento me manter calma. *Então vou ter uma batalha com um russo durão. Ele não me assusta. Muito.*

– Andrei – digo com firmeza –, fico lisonjeada que você me ache bonita, mas você sabe que nossa relação é estritamente profissional. Além disso, você tem uma namorada ou uma... amiga. E eu tenho um namorado.

Ele ergue as sobrancelhas, aquele olhar penetrante quase lendo minha mente.

– Namorado? Não acredito em você.

– É verdade.

– Qual é o nome dele?

Paro por um momento e hesito, percebendo que não posso dar o nome de Dominic, mas não tenho outro na ponta da língua.

– Ele... err... o nome dele é John.

– Ha! – ele ri meio gritando. – Você está mentindo, é óbvio. Você não tem namorado. Além do mais, o que isso importa? Não vejo por que duas pessoas atraídas uma pela outra não possam agir de acordo com seus impulsos. Você não é casada, nem eu.

– Mas – digo, com um tom orgulhoso –, eu não me sinto atraída por você.

Uma tristeza, obscura e infantil, se espalha pelo seu rosto, e ele se inclina na minha direção de maneira quase conspiratória.

– Ah, sim, você se sente. Você pode pensar que não, mas você está. E acredite em mim... – seus olhos travam nos meus e sua voz se transforma num sussurro – ... quando fizermos amor, vai ser explosivo.

Minha boca fica seca e eu me sinto meio tonta. A imagem de Andrei nu volta à minha mente, mas agora a mulher na cama, jogando a cabeça para trás em êxtase, com os rubis nas orelhas, sou eu. Aterrorizada, espanto a imagem e me recomponho.

– Desculpe, Andrei, mas isso não vai acontecer. Se você não aceitar isso, acho que não posso ficar aqui nem ir à festa com você. Essas são minhas condições.

– Você gosta das suas condições, não gosta? Seus contratos e cartas de compromisso, tudo certinho. Você está tentando me controlar, construir barreiras para me conter. Mas eu te aviso, não vai adiantar. Ninguém consegue fazer isso. – Ele ri de novo enquanto pega um pedaço de pão da cesta e o parte. – O que você vai fazer, Beth? Andar de volta para a rodovia? Com esses sapatos? Estamos longe de Londres.

– Posso chamar um táxi. Ou... – Olho em volta. Noto a parte da recepção, onde chegamos. – Eu fico aqui. Isso aqui não é um hotel também?

– Bem observado. Sim, um hotel muito bom. – Ele parece compassivo. – Bom, se você realmente não quiser ir à festa comigo, eu a instalo aqui e vou sozinho. Eu arrumo um quarto para mim para mais tarde e a levo para casa de manhã cedo.

Estou confusa. Não sei o que dizer. Eu quero ir à festa para ver Dominic. Mas não posso dizer isso a Andrei, então depois de um instante, digo:

– Eu... eu vou, se você aceitar que nada vai acontecer entre nós.

Seus lábios se torcem de novo, como se Andrei estivesse satisfeito.

– Está bem. Aceito. Nada vai acontecer entre nós. Não na festa. Talvez nem hoje à noite. Mas acontecerá um dia. Não só porque eu quero, mas porque você também quer.

– Acho que não, senhor Dubrovski – digo, na minha voz menos afetada. – Acho que você vai esperar por esse dia por muito tempo.

Ele parece ofendido quando diz:

– Andrei, por favor. Não vamos retroceder. Somos amigos, afinal de contas, não?

Antes que eu possa responder, o garçom volta com nossas entradas e o momento se perde.

Contra tudo o que esperava, eu gostei muito do jantar. O charme de Andrei, que é considerável quando ele resolve usá-lo, logo me faz esquecer do início estranho, mas mesmo com nossa conversa amistosa, principalmente sobre artes, a lembrança do elogio permanece na minha mente. Recordo a mim mesma que ele não me interessa nem um pouco.

– Não vamos chegar atrasados à festa? – pergunto, percebendo que já são onze da noite e ainda estamos tomando nosso café.

– Não, não. Vai estar começando – Andrei diz. Ainda assim, ele pede a conta e, enquanto ele paga, vou ao banheiro. Aproveito para dar uma boa olhada no espelho. Estou ótima hoje, meus olhos azuis brilham com o efeito de uma deliciosa refeição e algumas taças de vinho, e o vestido é ainda mais bonito do que eu me lembrava. Os sapatos alongam minhas pernas e me deixam mais alta do que eu sou. Meu cabelo liso cai sobre meus ombros e minhas bochechas estão levemente rosadas com a ansiedade. “Em breve”, digo para mim mesma, “estarei de novo com Dominic”.

Volto para me encontrar com Andrei, que está me esperando no lobby. Poucos minutos depois, estamos a caminho novamente, agora dirigindo pela escuridão da zona rural. Andrei parece saber exatamente para onde vai e eu relaxo no assento de couro, distraída pelas cercas-vivas enegrecidas que passam pela janela.

Parece que mal passou o tempo quando o carro para de novo. Dessa vez, estamos na completa escuridão, no que parece ser uma floresta, os faróis iluminando apenas árvores.

– A festa é aqui? – digo, espiando a escuridão lá fora. De repente fico alerta. Não tem nenhuma festa no lugar. E se ele me trouxe aqui por algum motivo horroroso, no meio do nada, quando estamos completamente sozinhos? Ninguém sabe onde estou, percebo, com um arrepio.

Andrei se inclina sobre mim, me fazendo perder o fôlego, e abre o porta-luvas. Ele tira duas máscaras, uma preta lisa que cobre metade do rosto, da testa até logo acima da boca, a outra enfeitada com um disco e penas. Ele me dá a de penas.

– Ponha essa. Eu fico com a outra.

– Por que temos que usar isso?

– Porque é uma festa de máscaras, claro. Muito glamoroso.

Pelo menos há uma festa. Apesar de sabe-se lá Deus onde. Pego a peça delicada e coloco no rosto.

– Muito bom – diz Andrei suavemente, e coloca a sua máscara. Imediatamente ele se torna praticamente anônimo. Só os olhos azuis brilhantes contra o preto da máscara e seu lábio protuberante permitem saber de quem se trata. – Vamos – ele diz, com a voz mais rude do que nunca.

Ele vem até meu lado novamente para me ajudar e ficamos parados, em pé, na luz do carro, olhando um para o outro, subitamente completos estranhos com as máscaras. Então ele bate a porta e ficamos na completa escuridão. Assim que começo a imaginar como vamos achar o caminho até a festa, uma luz se acende. Andrei está usando uma lanterna para iluminar nosso caminho. Preciso do braço dele agora, lidando com o terreno irregular sob meus saltos. Parecemos pisar em pedras ou granito. Dentro de pouco tempo, porém, vejo uma luz dourada, e estamos definitivamente indo em direção a ela. Logo percebo que é uma porta, mas atrás dela não parece haver uma casa, apenas uma passagem para o desconhecido.

Alcançamos a porta onde há pessoas mascaradas para nos ajudar. Eles murmuram algo para Andrei e a resposta dele evidentemente os

satisfaz, já que somos levados pela passagem baixa que parece ter sido escavada em rocha bruta.

– Onde estamos? – pergunto enquanto seguimos em frente. O chão definitivamente está inclinado. Estamos descendo.

– Cavernas – Andrei responde, colocando sua outra mão sobre a minha que repousa em seu braço. – Vamos entrar nas catacumbas.

Quase na mesma hora começo a ouvir sons: música, uma batida ritmada, o barulho de uma multidão. Começamos a passar por outras pessoas, glamorosas e estranhas com suas máscaras, segurando taças. Quando a passagem acaba, vejo outras passagens que levam a lugares menores, iluminados por velas. Não consigo ver o que acontece dentro, mas percebo movimento.

Estão dançando?, penso, mas seguimos em frente antes que perceba o que está acontecendo. De repente a passagem se abre para uma câmara grande, com um pé-direito muito alto, e parece que estou dentro de uma colmeia ou ninho de vespas. Homens de black tie, mulheres com vestidos maravilhosos, todos mascarados, estão dançando, bebendo e conversando. Não consigo deixar de observar: algumas pessoas usam lindas máscaras venezianas, outras usam máscaras de seda que cobrem apenas a região dos olhos. Outras usam máscaras de couro. Alguns homens usam cabeças de animais, máscaras de leões ou lobos. Uma mulher com um vestido branco estonteante usa uma máscara branca de coelho, até com as orelhas pontudas.

Andrei se inclina e murmura no meu ouvido:

– Quando ninguém sabe quem você é, você pode fazer o que bem entender. Agora, deixe eu pegar uma bebida para você. – Ele me leva até uma alcova onde há alguns atendentes atrás de um balcão de zinco, preparando drinques para as pessoas. Apesar da multidão, um barman aparece imediatamente para Andrei. Um instante depois, ele está me dando um martíni de vodca com uma casca de limão torcida dentro. Ele pega um para si mesmo e me leva embora. Estou quase ocupada demais observando tudo para reparar que estou segurando um drink com uma mão e a outra ainda está no braço de Andrei. Mas, percebo, eu preciso dele. O chão é muito irregular e tenho medo de tropeçar com os saltos.

Então penso em algo. *Como vou reconhecer Dominic? Está todo mundo de máscara. Todos os homens parecem iguais.* Sinto uma onda de decepção. As chances de me encontrar com ele, nesse lugar cheio de passagens e recantos, todos lotados de gente, são remotas. Minha única esperança é que Andrei saiba onde vamos encontrar os outros. E ele está com o telefone, afinal. Saímos do salão principal e subimos por uma das passagens com uma mulher de pé. Ele usa um longo vermelho e sua máscara é preta, simples, e só cobre os olhos. Seus cabelos são loiros, quase brancos, e eles caem pelas costas e em volta dos ombros, e seus lábios são incrivelmente cheios.

Quando nos aproximamos, ela olha Andrei com curiosidade e então ele murmura "Dubrovski".

Ela dá um gritinho e diz:

– Andrei! Eu não te reconheci! Mas você está ótimo. – Ela se inclina para a frente e faz um barulho de beijo enquanto roça a bochecha dela na dele. – Que ótimo te ver.

– Obrigado. Como você está, Kitty?

– Muito bem, obrigada. A festa não está linda? Vamos nos divertir demais. Me avise se quiser que alguém te mostre por aí, mas tem muito com que se divertir. E lugares muito privados, se você achar que precisa de um. É só falar. Vai haver um cabaré mais tarde também.

Cabaré... Uma imagem vem à minha mente. Estou sentada no Asylum, o clube privado que foi tão importante na minha vida. James está comigo e estamos assistindo a um cabaré, mas o show não é normal. É uma apresentação erótica que termina com um flagelo, e as pessoas que assistem estão se satisfazendo das mais variadas formas. Depois, os clientes vão para quartos privados praticarem qualquer fantasia que tenha despertado neles após assistirem a apresentação.

Percebo de repente, bem claramente, que se trata de uma festa em que vale tudo. A mistura de pessoas bonitas, o anonimato das máscaras, a bebida, a música – esse é o tipo de lugar em que ninguém vai descansar enquanto seus desejos estiverem acesos.

Meu Deus, o que eu fiz? No que foi que me meti? Isso vai virar uma orgia? Por isso Andrei queria que eu viesse?

Esses pensamentos ficam cruzando minha mente enquanto Kitty desata o nó na fita que fechava a caverna à nossa frente e entramos. Ela é decorada com bancos aveludados, quase do tamanho de camas, com luminárias em estilo oriental. Não há mais ninguém lá. Entramos e sentamos. Tomo um gole trêmulo da minha bebida. Tudo mudou.

– Que foi? – Andrei diz, me analisando com cuidado.

Não digo nada. Sinto uma raiva na boca do estômago. Como ele ousa me trazer para um lugar assim sem nenhum aviso, nenhuma preparação?

Como se ele estivesse lendo minha mente, ele diz:

– Você não vai ver nem fazer nada que não queira ver ou fazer. Mesmo que essas festas tenham muita liberdade, elas também têm muito bom gosto. Kitty sempre se assegura disso. Só os que querem transpor seus limites é que o fazem.

– E é isso que você faz? – digo, com a voz apertada.

– Eu faço o que quero. Você deveria fazer o mesmo. – Ele se inclina para perto de mim. – Vocês, garotas inglesas, têm certa dificuldade de darem prazer a si mesmas e seguir seus desejos mais profundos. Vocês são muito reprimidas. Você deveria se soltar.

– Você não sabe nada de mim. – Estou cuspiendo as palavras. Estou furiosa por ele falar dessas coisas, de um lado da minha vida que é só meu. *Só porque ele tem dinheiro não quer dizer que possa comprar as pessoas ou ver suas almas.* – Nada. Como ousa supor coisas assim da minha vida?

Andrei parece surpreso, então seus olhos brilham com irritação. Um segundo depois, sua expressão se abrandando e ele parece quase arrependido.

– Você está certa. Me desculpe. Isso foi muito rude. Imperdoável. Cometi um erro. Não deveria ter trazido você aqui. Termine seu drinque e vamos embora.

– Talvez seja melhor – respondo com um ar gélido. Não quero encontrar Dominic aqui, assim. Não quero mesmo. Tomo mais um gole da minha bebida. É forte, cítrica e queima um pouco quando desce pela garganta.

– Você acha que isso aqui é sórdido. Mas eu odiaria algo assim. Eu não toleraria. Eu amo a beleza, você sabe disso. Estamos aqui porque é uma experiência maravilhosa e emancipadora estar anônimo, livre para se divertir, dançar e beber e esquecer tudo por algumas horas. Eu estava errado em supor qualquer coisa pessoal sobre você. Eu pensei só em mim mesmo e no meu desejo de relaxar e me divertir.

Minha raiva diminui quando vejo o ponto de vista dele: ele é um homem rico, famoso, que não pode confiar em ninguém. Aqui, mascarado, ele não é ninguém, como todo mundo. Não precisa julgar os motivos, ficar sempre de olho em tudo ou se preocupar se está sendo filmado secretamente ou algo assim. Percebo como isso deve ser atraente. *Isso é ridículo – agora eu fiquei com pena dele. Ele não deveria ter falado aquilo para mim, mas...*

Olho para minha bebida e ergo a cabeça para encontrar o olhar dele em mim.

– Podemos ficar mais um pouco. Não precisa se apressar por minha causa. Não quero estragar sua noite. Acabamos de chegar, afinal.

Antes que ele possa responder, há um movimento na entrada e duas pessoas entram na caverna, um homem e uma mulher, ambos mascarados. Assim que eles entram, a mulher diz com charme “Andrei”, e reconheço Anna Poliakov. Ar quente expande meu pulmão quando olho para o homem ao lado dela. É quase impossível perceber seus olhos escuros por trás da máscara, mas conheço bem aquele brilho, e instantaneamente reconheço o formato daquele nariz, os lábios cheios e a bela amplitude dos ombros. Olhos suas mãos. Não tem como errar. É Dominic.

Meu coração se acelera muito, meu fôlego vai ficando rarefeito. Eu o encaro, mas ele mal olha para mim. Por que olharia? Ele não faz ideia de que estou aqui. Anna rouba sua atenção quando ela se abaixa para roçar seus lábios muito vermelhos no rosto de Andrei. Ela está linda em um vestido tomara que caia que levanta os seios em dois montes brancos e valoriza cada curva de seu corpo. Dominic a observa enquanto ela se aperta contra Andrei, que a beija de volta.

Ela é tão bonita. Andrei não vê? Não percebe? Estou surpresa que qualquer homem resista a ela.

Um pensamento terrível me ocorre. As duas últimas vezes que vi Dominic, ele estava com Anna. Eles estão obviamente passando bastante tempo juntos, e agora ele observa enquanto ela se senta do lado de Andrei, seus olhos brilhando. Parece que ele não consegue tirar os olhos dela, como se ele estivesse se comendo por dentro ao vê-la perto de Andrei.

O ciúme queima meu estômago. Ela é linda, e Dominic é humano. Ele conseguiria resistir a ela? Ou ela conseguiu seduzi-lo com sua beleza incrível e sua sensualidade? Estou horrorizada com a ideia, mas não consigo parar de pensar nisso.

Andrei olha para Dominic.

– Olá, você conseguiu vir.

– Boa noite, Andrei – ele responde, educado mas sem emoção. – Estou bem contente de voltar. A Sibéria não é meu lugar preferido.

– Você precisa de uma bebida – Andrei diz com um sorriso, então pega um sino dourado na mesa e o toca. Uma garota com roupa preta de gato e máscara aparece. – Champanhe, bem gelada. – Quando ela some, seu olhar recai sobre mim. – Quase me esqueço. Trouxe uma acompanhante para esta noite. A mais nova integrante da minha equipe. Você se lembra de Beth Villiers, a perita em arte que se juntou a nós na Croácia?

– Claro. Que encantador, você está ótima, Beth. Eu nunca a teria reconhecido com essa máscara. E que vestido lindo – Anna diz.

Mas estou olhando Dominic. Quando Andrei falou, ele ficou duro e me encarou com os lábios semiabertos, atônito. Posso ver que ele está tentando se controlar.

Por quê, Dominic? Sinto minhas entranhas se retorcendo. Porque não quer que eu estrague tudo com a Anna? Ou vocês dois já estão juntos, e é uma tortura vê-la se insinuando para Andrei?

Não deixe sua imaginação correr demais, me avisa uma voz dentro da minha cabeça, mas já estou perdida, vendo cena atrás de cena de Dominic junto de Anna.

– Sim, claro que me lembro da Beth – diz Dominic devagar. Posso ver seus punhos apertados, os nós dos dedos brancos. – É bom te

ver de novo.

Então, aqui estamos. Acho que você não queria isso, não é, Dominic? Você preferiria me manter afastada de Andrei e Anna. Seu segredinho. Digo suavemente:

– Você também.

– Onde está a champanhe? – pergunta Andrei, no exato momento em que a mocinha vestida de gata volta com uma bandeja com um balde de gelo e champanhe dentro, com quatro taças. Rapidamente ela apoia tudo e abre a garrafa. A pausa me permite voltar a me controlar, e Dominic parece bem mais relaxado.

– Querido, o que nós passamos! – choraminga Anna, jogando para trás seu cabelo preto. – As negociações foram as mais extenuantes que já vi. Mas, no fim, conseguimos tudo que você queria. Você está feliz?

– Muito feliz – Andrei diz, entregando as taças com o líquido espumante. – Brindamos ao seu sucesso. – Ele ergue sua taça e todos nós repetimos o gesto. – Ao minério de ferro e às minas Dubrovski, que se mantenham vivas por muito tempo!

Todos levantamos os copos e damos um gole. Pinica minha língua. Sinto a cabeça meio leve – nenhuma surpresa, acabei de tomar um martíni –, mas também me sinto corajosa e poderosa em meio à minha fúria. Não era isso o que queria, mas é assim que é. Vou esperar Dominic dar o próximo passo.

Anna está de papo com Andrei, contando das negociações com os chineses. Dominic vem e senta ao meu lado. Parecemos ouvir mas na verdade estamos tão próximos que sinto sua coxa firme e seu calor perto de mim.

– Que raios você está fazendo aqui? – ele murmura no meu ouvido, fazendo todo o meu corpo ficar alerta.

– Estou estragando a festa? – sussurro gentilmente. – Mil desculpas se estou atrapalhando.

– Do que você está falando? – ele responde. – Por que Andrei trouxe você aqui?

Não digo nada com medo de sermos ouvidos.

– Fale comigo, caramba. Por que você está aqui com ele? – ele chia, e Anna para de falar e lança um olhar inquisidor. Andrei

também se vira para nós.

Dominic se mantém perfeitamente no controle.

– Acho que Beth está meio entediada com nosso papo sobre negócios. Vou dar uma volta com ela enquanto vocês dois conversam. Vou trazê-la de volta a salvo, não se preocupe. – Sua mão aperta meu braço com força, e ele me levanta. Só eu posso sentir como ele está fazendo isso bruscamente, mas deixo escapar uma exclamação de dor.

Antes que os outros possam dizer qualquer coisa, ele me leva para a porta da sala. Quando estamos fora, ele para de fingir. Ele nos faz passar pelas pessoas com pressa, esbarrando em todo mundo sem pedir desculpas, em direção a uma parte mais calma das catacumbas.

– Você está me machucando – protesto. Sua mão ainda aperta meu braço, seus dedos entrando na minha pele. – Me solta.

– Você vem comigo – ele diz com os dentes cerrados. Em seguida, paramos diante de uma área fechada por uma cortina. Uma garota vestida de gata, como nossa garçonete, está parada em frente. – Vamos entrar – Dominic diz para ela. – Quero privacidade. Não quero que ninguém entre, entendeu bem?

A garota assente e fecha a cortina novamente. Dominic me puxa para dentro com ele. Estamos em uma caverna grande com uma cama gigante, em que cabem pelo menos umas seis pessoas. Há espelhos por todo lado e, ao redor, lugares menores para se sentar, todos forrados com tecido. Absorvo tudo, um pouco horrorizada. Então há orgias aqui, obviamente, para os que gostam de participar e para os que gostam de assistir. Mas não paramos. Dominic atravessa o quarto comigo e vamos para uma porta do outro lado. Ele abre e entramos. Agora estamos em uma caverna menor, decorada com seda azul e estrelas de mentira no teto. Aqui há instrumentos que já vi antes: chicotes com e sem franjas, plugues, chibatas, todos em estantes ou pendurados nas paredes. Aqui há um tipo diferente de aparato: não uma cama confortável, mas assentos duros de couro com amarras e algemas; há barras em uma parede, e um armário cheio de mais instrumentos de dor e prazer. Não

consigo evitar me sentir excitada. Isso lembra demais minhas noites de exploração com Dominic.

Eu me volto para ele.

– Por que estamos aqui?

– Temos que ficar sozinhos – ele diz. Ele arranca sua máscara, se aproxima de mim e tira a minha, jogando as duas no chão. Seus olhos estão queimando de fúria e acho que os meus também, enquanto nos encaramos com hostilidade mútua. – Agora me diga que diabos você está fazendo aqui com ele.

– Que diabos você está fazendo aqui com ela?

– Quê?

– Eu vi o jeito como você estava olhando para ela! Vocês já são um casal ou você ainda está só na esperança? – Sei que pareço meio maluca, mas não ligo. Estou tão cheia de emoções conflitantes: raiva, a decepção de uma fantasia estilhaçada, tristeza por ter sido traída no romance que desejo com Dominic, alegria de vê-lo, a amargura do ciúmes e medo de tê-lo perdido. Está tudo fervendo dentro de mim, pronto para explodir. – Você claramente a quer!

– Do que você está falando? – Dominic diz, com os olhos flamejando. – Você está falando da Anna?

– Claro que estou falando da Anna. Quem mais? Ou há outras mais com quem devo me preocupar?

– Eu devia te dar uns tapas por isso – Dominic diz rangendo os dentes. – Posso ser muitas coisas, mas não sou mentiroso nem infiel.

– É o que você diz. Mas, como não conseguia tirar os olhos dela, desculpe-me se não acredito em você. – Estou à beira de um ataque histérico. É estranho demais estar aqui nesse lugar, um tipo de masmorra que me leva diretamente às noites que passamos no budoar, quando Dominic fez coisas deliciosas comigo. Sei que não estou pensando muito claramente, mas não consigo evitar.

Talvez eu esteja mais bêbada do que achava, mas sinto vontade de provocá-lo, de fazê-lo chegar ao mesmo estado emocional que eu estou agora. Me viro de costas para ele e passo minhas mãos pelo interior do meu vestido, levantando um pouco o tecido, revelando minha bunda. Não estou usando calcinha, pois não tinha nada

adequado quando fui para a casa de Andrei mais cedo. Deixo o vestido cair de novo, obscurecendo a visão.

– Vamos lá então – digo, olhando para ele por cima do meu ombro. Ele está fitando minha bunda com a boca meio aberta. – Não era isso que você queria? Me espancar? É isso que ela deixa você fazer? Você só consegue fazer isso com outras mulheres agora, é?

Ele me agarra de repente, me virando de volta e me puxando. Uma das mãos dele agarra com força minha bunda, apertando com a mesma força que ele estava fazendo no meu braço. Com a outra mão, ele puxa meu rosto para bem perto do dele. Eu o estou encarando de modo desafiador, respirando com dificuldade.

– Não sei o que você quer, mas está indo longe demais – ele diz, e subitamente levanta minha saia com uma mão, puxa a outra mão de volta e desce com vontade na minha bunda, me fazendo gemer forte e ficar sem ar quando o ardor se espalha pela minha pele. Antes que eu pudesse pensar, ele dá outro tapa, e mais um. Minha bunda está pegando fogo e a sensação me tira do meu estado meio histérico. Agora ela desperta um desejo incontornável por ele. Sinto a luxúria quente escorrer de mim e saber que Dominic está adorando a sensação de bater em mim me deixa ainda mais excitada.

Abro minha boca, querendo que ele me beije. Estou desesperada para sentir a língua e os lábios dele, mas Dominic se segura, mesmo eu vendo o desejo em seus olhos.

– Não, ainda não, minha senhorita rebeldezinha. Quem deu essa ideia a você, hein? O que te fez pensar que me envolvi com Anna?

– Você não falou mais comigo – digo, sem ar, mal conseguindo pensar direito. Para minha surpresa, minha bunda está louca para sentir mais das palmadas dele. Elas doem, mas de um jeito delicioso. – Não sabia o que pensar. Então, quando vi vocês juntos, de novo, e o jeito como você olha para ela...

– Você está sendo ridícula. Você precisa aprender a confiar mais em mim – ele murmura. – A Anna é linda, mas nós temos um bom acordo, nós dois, não? Você é perfeita para mim, e eu pretendo mostrar isso direitinho em breve. – Seus olhos procuram meu rosto. – Além disso, e você?

– Eu? – Antes que pudesse perceber, sua mão desce de novo na minha nádega com força, a pressão me forçando contra o corpo dele. Posso sentir a excitação dele sob a lã escura da calça. Ah, Deus. Meu ventre está cheio de deliciosos, luxuriosos nós. A sensação áspera na minha parte de trás me faz sentir um desejo intenso entre minhas pernas. “Oh”, gemo baixinho, enquanto me deixo cair nos braços dele. Minhas pernas estão fraquejando.

Dominic está firme como uma rocha, de maneira persistente.

– Melhor você me responder: o que está fazendo aqui com Andrei? Não parece nada inocente na minha visão. Fiquei absolutamente chocada quando vi você com ele, vestida desse jeito.

Ele não vai me dar exatamente o que quero, disso eu sei. Tento organizar meus pensamentos, mas as sensações fluindo por mim são mais fortes que eu.

– Ele me pediu para vir e aceitei, porque achei que você estaria aqui.

– Ele tentou alguma coisa? – ele pergunta.

Balanço a cabeça. A conversa idiota no jantar foi só conversa mesmo, flertes inadequados. Não preciso deixar Dominic mal por isso.

– Ele não tocou um dedo em mim, e nem vai. Eu não vou deixar. – Desabo sobre ele. – Oh, Deus, Dominic, preciso muito de você.

– Eu preciso de você mais ainda – ele diz, e posso sentir o desejo na voz dele. – Mas não temos muito tempo. Ele vai nos procurar se demormos demais.

– Acho que não consigo esperar – digo, com a voz já bem fraca. Para verificar se o que eu estou falando é verdade, Dominic move a mão da minha bunda para meus pelos pubianos e mais para baixo. Seus dedos escorregam pelo meu clitóris e para o calor úmido mais abaixo, me deixando sem ar.

– Você está bem pronta para mim – ele diz, sorrindo. – Acho que nunca vi você tão pronta. – Ele mexe os dedos, explorando, sentindo como estou excitada, e parece que estou completamente à mercê da ponta do seu dedo. – Talvez não... – Ele esfrega o dedo com força no meu clitóris e tremo com a sensação por dentro de mim. – Lembro de uma vez ou outra que você estava assim também...

De repente ponho minha mão sobre a dele, impedindo-o de mexer comigo.

– Não, pare – digo ofegante, mal acreditando em mim mesma. – Não aqui. Não agora.

– Você não quer? – ele pergunta, sem ar.

– Claro que eu quero – digo, desejosa. – Mas não aqui, onde qualquer um pode entrar, mesmo com aquela garota na porta. Não parece certo.

– Podemos não ter outra oportunidade – ele diz sorrindo. – Mas sei o que você quer dizer. – Ele encontra meus lábios com os seus e damos um beijo cheio de desejo enquanto Dominic tira a mão. Eu gemo, arrependida da minha decisão, imaginando se devemos deixar de lado essas coisas e nos satisfazer como queremos, mas ele já está abaixando meu vestido de volta. Ele pega as máscaras e, um instante depois, já estamos atravessando o quarto para sair.

– Quando você acha que vamos poder ficar juntos? – digo sem fôlego enquanto saímos rapidamente da área privativa, passando pela mulher de roupa de gato que ficou de guarda.

– Mais tarde. Vamos voltar para Andrei. Uma das razões por que não entrei em contato é que acho que meus telefonemas e meus e-mails podem estar sendo monitorados. Quando soube que você estava trabalhando para ele, não quis correr nenhum risco. Acredite em mim, é melhor que ele não saiba que estamos envolvidos. – Passamos por um ponto apertado, onde alguns dos convidados se espremem para passar por nós. Dominic olha bem nos meus olhos. – Tem um negócio muito grande em vista. O da Sibéria é fichinha perto desse. Estou gerenciando, e meu bônus vai ser minha independência de Andrei. Vou me virar sozinho depois, e estaremos os dois livres dele.

– Mas por que ele se importaria de estarmos juntos? Ou ligaria por você sair? As pessoas saem do emprego o tempo todo. – Lembro de Marcia falando sobre Andrei pagar as pessoas tão bem, para que elas nunca queiram se demitir.

Dominic pega uma das minhas mãos.

– Você só viu o lado agradável de Andrei. Tem um outro lado, acredite em mim. Dominador. Possessivo. Irracional. Ele enxerga

uma rejeição, qualquer rejeição, desde alguém que não se apaixone por ele até alguém se demitir, como uma grande traição. Ele poderia ficar com ciúmes do nosso relacionamento, se soubesse. Ele gosta de ser o centro do universo e não vai ser diferente conosco. – Ele leva minha mão até sua boca e a beija. – Eu não suportaria te deixar em perigo.

– Em perigo? – repito. – Ele não me machucaria.

– Ele poderia, sutilmente. Ele pode dificultar a sua vida. Você precisa acreditar em mim. É por isso que quero ficar seguro; só mais algumas semanas, prometo.

– E nós? – pergunto. – Está tudo bem entre nós?

Ele se aproxima de mim e diz rapidamente:

– Se quer saber se me mantive fiel, a resposta é sim.

– Mas e as outras coisas, sobre me machucar, sobre achar que traiu minha confiança... você resolveu isso? – Procuro encontrar segurança no rosto dele.

– Beth... – Ele solta minha mão e acaricia meu rosto. – Eu quero isso mais que tudo. Precisamos de tempo para discutir as coisas com calma, não nesse circo. A boa notícia é que fico em Londres enquanto esse negócio se resolve.

– Mesmo? – A alegria é demais. – Você está de volta?

Ele confirma, sorrindo.

– Eu ia fazer uma surpresa, mas você causou uma reviravolta, mais do que eu poderia imaginar.

Passo os braços em volta dele e o abraço com força.

– Ah, Dominic, isso é maravilhoso. Estou tão feliz!

– Eu também. Tudo que mais quis por semanas foi voltar a Londres e ficar com você. Foi a primeira vez que fiquei arrasado enquanto viajava. Você está provocando algo muito estranho em mim, Beth Villiers. Você está me deixando caseiro. – Ele ri, o som mais feliz, mais delicioso que ouvi em anos, então nos beijamos, profundamente, com força, mas ainda assim, de maneira terna. *Ah, esses beijos são demais*, penso, enquanto minhas entranhas se retorcem, enviando ondas de prazer pelo meu corpo. *Eles são tão cheios de promessas e de amor...* Adoro o frenesi da nossa paixão

sexual também, mas esses beijos doces são um bálsamo, restaurando tudo que somos um para o outro.

Ele me afasta repentinamente, com preocupação nos olhos.

– Não estamos de máscara. Qualquer um pode nos ver. – Ele me passa a minha e eu a coloco. No momento seguinte, somos tão anônimos quanto qualquer um na festa, mas Dominic segura minha mão enquanto voltamos para a sala privativa. Quando voltamos, a sala está cheia, mas nada de Andrei ou Anna. Voltamos para o salão principal da festa, rodeando aquilo que se tornou uma enorme pista de dança, com a música dominando todo o ambiente.

– Olha – Dominic diz, indicando onde um casal está dançando. Reconheço Anna pelo cabelo sedoso descendo pelas costas e pelo vestido tomara que caia. Ela está dançando perto de um homem que, tenho certeza, é Andrei. Seus braços estão em volta dele, puxando-o para perto, enquanto ele está com as mãos na cintura dela, olhando para seu rosto mascarado.

– Veja só, a Anna tem um objetivo completamente diferente. – Dominic diz alto, por cima da música

– Ela está a fim de Andrei? – pergunto. – Ela flerta bastante com ele. Eu me pergunto se eles não têm um relacionamento.

– Eles têm. Um desses relacionamentos que vão e vêm, nada sério. Uma linda mulher e um cara poderoso trabalhando juntos, os dois solteiros... eles dormem juntos de vez em quando. Não sei se ela quer algo mais ou só isso.

– E Andrei? – Penso no que ele me disse no jantar. Parece que foi há tanto tempo. – O que ele quer?

Dominic dá de ombros.

– Ninguém sabe. Mas fico pensando se há espaço para alguém naquele coração. Nunca vi ele amar uma mulher mais do que ele ama a si mesmo.

– Coitado.

Dominic aperta minha mão e sorri.

– Isso que eu amo em você, Beth. Só você poderia olhar para um cara durão e bilionário como Andrei Dubrovski, talvez o cara mais egoísta do planeta, e sentir pena dele.

– Todos nós precisamos de amor, não importa quanto dinheiro temos – declaro.

– Claro que precisamos. Mas algumas pessoas são seus próprios inimigos.

Só então Andrei se vira e seus olhos azuis param exatamente em nós, como se ele soubesse onde estávamos. Ele levanta a mão e nos chama.

– Vamos lá – diz Dominic – e lembre-se: nada de trocar nem olhares, nós mal nos conhecemos.

– Certo. – Eu me preparo mentalmente para o desafio.

Mal posso esperar para tudo isso acabar e Dominic e eu ficarmos juntos, como é o certo.

– Dominic, venha dançar com Anna um pouco, ela está me deixando cansado – manda Andrei.

Dominic dá um apertão imperceptível no meu braço ao mesmo tempo que diz:

– O prazer é meu. Anna, vamos tentar alguns passos?

– Claro – diz Anna. Ela parece um pouco bêbada, ou ao menos perdida no clima da festa. A música muda para algo um pouco mais hipnótico. A batida é mais surda e repetitiva e não são mais músicas animadas de festa, mas a experiência de corpos contorcidos chegando perto uns dos outros. Luzes coloridas piscam pelas paredes e pelo teto, algumas em padrões psicodélicos, outras aleatoriamente. Eu reparo em um velho filme preto e branco passando em uma parede – *La Dolce Vita*, eu acho – a ação silenciosa e encenada contra a batida ritmada. Em outras partes da grande abóbada circular, eu percebo que outros filmes estão passando, ou melhor, aparecendo e desaparecendo em padrões aleatórios, e eu vejo pedaços de coxas, a curva de uma nádega, braços enlaçados ao redor de um pescoço nu, rostos com lábios separados e úmidos. A natureza intermitente o deixa estranhamento mais bonito e erótico do que se fosse um filme sensual passado convencionalmente. A festa está obviamente evoluindo de um deslumbrante baile de máscaras para algo mais liberado e licencioso.

Eu observo invejosamente enquanto Anna começa a dançar com Dominic, e penso irritada: *Para o inferno com esse segredo! Eu sei o*

que eu quero e não vejo por que nós temos que ficar sob as ordens do Dubrovski.

Nesse momento, ele vem para perto e fala alto na minha orelha para que eu possa ouvi-lo através do barulho.

– Venha, Beth, vamos pegar outra bebida.

Eu realmente preciso de outra bebida mas não me sinto tão alta como me achava um pouco antes. Na verdade, eu me sinto até meio sóbria, então acho que não pode fazer mal. Abrimos caminho pelos dançarinos e vejo de relance casais que já estão se beijando com uma paixão que não esperaria ver na pista de dança. Vejo a mulher fantasiada de coelho branco de antes, seu corpo pressionado contra um homem mascarado que está beijando seu peito logo acima da gola do vestido. Enquanto eu assisto, ele puxa a seda branca gentilmente um dedo para baixo e passa sua língua sobre o seio e o mamilo da mulher.

– Talvez nós devêssemos ir logo – digo enquanto nos aproximamos do bar, embora eu quase não consiga suportar a ideia de deixar Dominic aqui nesse lugar que está transbordando de possibilidades sexuais.

– Sim – responde Andrei. Ele faz um sinal para o barman. – O especial da casa, por favor. – Ele vira para mim. – Depois dessa bebida, nós vamos. Vamos ficar no hotel esta noite. Eu providenciei um motorista para nos levar de volta até lá.

O barman coloca duas bebidas à nossa frente, um líquido rosa pálido sobre cubos de gelo. Eu não tenho nenhuma ideia do que sejam. Andrei me dá uma e bate o seu copo no meu.

– À sua saúde – ele diz.

– E à sua. – Tomo um gole da bebida. Ela é doce e tem sabor de fruta, quase como um copo de energético, mas tenho certeza de que deve ser mais potente do que parece. *Eu não vou beber muito. Nós iremos embora logo.*

Anna aparece através da multidão, suas bochechas coradas e seus olhos brilhantes.

– Estou com sede! – ela declara. – Barman, um copo de água, por favor.

Eu olho por trás dela, esforçando-me para ver se Dominic está vindo, mas não há sinal dele. O barman serve Anna rapidamente e ela bebe sua água. Depois coloca o braço sobre o meu ombro.

– Você está curtindo, Beth? Está se divertindo?

– Sim, é bem interessante – digo.

Ela joga a cabeça para trás e ri, mostrando os dentes perfeitos, o cabelo se agitando pelas costas.

– Interessante? Talvez. Você deveria dançar. Mas eu aviso, a pista de dança está virando um lamaçal. Olhe para os meus sapatos! – Ela levanta a saia e a panturrilha esbelta para mostrar que seu sapato de cetim está coberto de uma lama amarelada. Com o pé levantado, ela balança e cai sobre mim de modo que tenho que estender meus braços para segurá-la. Ela me agarra, rindo. – Ops! Me desculpe, Beth, eu quase fiz você derramar sua bebida. Ela parece gostosa – deixe-me prová-la. – Ela pega meu copo e toma um gole.

– Eu pego uma bebida para você, se você quiser uma – Andrei diz. Ele está olhando para Anna impassível, nem entretido nem irritado com sua evidente embriaguez.

– Não se preocupe. Onde está Dominic? – ela pergunta. – Eu quero dançar! Vocês conseguem vê-lo?

Nós olhamos para a pista de dança, mas ela é um mar de corpos e rostos marcarados. Eu não o vejo em nenhum lugar. *O que ele está fazendo? Dançando com outra pessoa?* Eu o imaginei nos braços de outra mulher, talvez a menina coelho com seu vestido branco colado. É uma visão horrível, mas irresistível. *Eu tenho que me manter acima desse ciúmes... é ridículo.*

Anna devolve minha bebida, pega a saia e a levanta na altura das coxas, balançando-a como uma dançarina espanhola enquanto volta para a pista de dança.

– Ela está se divertindo – comenta Andrei. – Talvez um pouco demais.

Eu observo enquanto Anna desaparece na multidão, desejando que pudesse ser tão livre e irrestrita quanto ela. Adoraria estar dançando com Dominic, nossos corpos colados, nossas bocas se encontrando... é frustrante saber que ele está tão perto e, no entanto, não posso estar com ele.

O efeito das luzes e da música é hipnótico. O volume foi aumentado até que estivesse quase alto demais para conversar, e nós ficamos no bar, tomando goles de nossas bebidas e observando a multidão. Meu olhos são atraídos para as luzes piscando, os fragmentos de imagem, o filme preto e branco passando na parede e, quando tento ver Dominic na massa de dançarinos, não consigo encontrá-lo de forma nenhuma. Algumas pessoas tiram suas máscaras, mas a maioria ainda as está usando, e fico extasiada pela visão de tantas figuras anônimas se movendo no ritmo da música. Elas parecem estranhas agora, suas máscaras bizarras, tudo parece estranho. Eu me viro para Andrei e ele não está lá. Estou cercada por pessoas e todos os homens se parecem com ele, usando black tie e máscaras, mas nenhum deles é Andrei, tenho certeza. Eu reconheceria aqueles olhos azuis e o lábio inferior protuberante e eu não os vejo. Começo a abrir caminho através da multidão no bar, procurando-o. *Ele estava bem aqui, ele estava logo do meu lado um momento atrás. Ele deve ter ido alguns passos para lá, logo o encontrarei.*

Contorno o bar, me esticando para ver sobre as costas largas de homens ou os ombros finos de mulheres, mas ele não está em nenhum lugar para ser encontrado. Está quente agora. Eu percebo que as paredes estão brilhando com umidade, e que grandes gotas, como lágrimas gigantes, estão escorrendo por elas. O chão está ficando cheio de lama e escorregadio. O calor gerado por todos os dançarinos e seus corpos está se condensando dentro da velha catacumba. De repente eu desejo sair de perto do calor úmido e respirar um pouco de ar fresco, para tirar a tontura de minha cabeça. *Mas devo encontrar Andrei, onde ele está?* Decido voltar para a sala em que nós entramos primeiro. Talvez ele tenha voltado lá, para se sentar quieto por um momento. Volto na direção pela qual eu me lembro que nós viemos, mas depois de um momento, percebo que devo ter pegado a passagem errada. Tropeço através de uma passagem vagamente iluminada e de teto baixo, passando por pessoas que estão presas em beijos, algumas pressionadas contra as paredes sem se importar com a umidade ou a cal branca sujando suas roupas e pele. Passo por cantos e fendas onde há mais

atividade: formas sombrias unidas, movendo-se em ritmo, algumas de pé, outras deitadas entrelaçadas em um chão de almofadas. A pele brilha branca ou escura onde a luz diminuta a alcança, mãos procuram por corpos, dedos acariciam, línguas chupam, lambem e se debatem. Eu continuo, sem saber aonde estou indo, mas sentindo que não devo parar, caso seja absorvida por algum daqueles lugares escuros a fim de me tornar um corpo como os outros, puxada pelas mãos anônimas e transformada em um deles, mesmo que seja quase tentador me render a tudo isso, me tornar um simples corpo devotado ao prazer carnal. Eu poderia fechar meus olhos e deixar minhas mãos e língua irem aonde elas quisessem...

Não. Não faça isso. Tenho a impressão horrível de que ficarei perdida para sempre se entrar em uma daquelas cavernas.

Meu coração está palpitando e o pânico está começando a me dominar. Estou perdida. Eu devo encontrar... não me importo mais com Andrei, devo encontrar Dominic. Se encontrá-lo, estarei a salvo. *Mas ele está atrás de mim, na grande caverna, dançando... tenho que voltar para lá.* Eu dou a volta no escuro e começo a cambalear pelo caminho de onde vim, sentido o calor fétido subindo de baixo, como se estivesse me aproximando de um forno. Eu chego a uma bifurcação na passagem e não consigo me lembrar de qual caminho vim, ou mesmo de ter visto uma bifurcação antes. Escolho a mais provável e continuo, passando pelos casais se beijando e se acariciando no caminho.

Ah, não, devo ter escolhido o caminho errado.

Eu estou indo na direção errada agora, me distanciando do centro das catacumbas em direção a algum lugar mais silencioso e fresco. Um soluço de pânico fica preso em minha garganta. Eu não consigo pensar claramente, eu não consigo decidir o que fazer. E se nunca achar o caminho para sair daqui? E se estiver condenada a vagar perdida por essas cavernas até, enfim, desaparecer aqui na escuridão, sozinha? Minha respiração fica mais rápida. Não posso continuar com isso. Tenho que parar. Virar. Tentar achar o caminho de volta para a caverna.

Começo a refazer meus passos. Se ao menos o barulho não ressoasse nas paredes e enganasse meus ouvidos, trapaceando para

que eu pegue o caminho errado. De repente eu estou em uma passagem que é muito quieta e escura. Eu me apresso e ponho minhas mãos para a frente. Toco uma parede úmida, fria e dura. Cheguei a um beco sem saída. Estou completamente sozinha.

Fico assustada. Como cheguei aqui? Não consigo entender... pareço estar perdendo pequenos lapsos de tempo. Ouço um farfalhar atrás de mim e me viro. Contra a luz diminuta do caminho pelo qual eu vim, há uma sombra alta, escura e sólida. Um homem.

Eu o encaro, meus olhos abertos, incapaz de emitir um som. Estou presa em um pesadelo estranho sobre o qual não tenho nenhum controle. Alguns momentos atrás, ou assim parece, eu estava no coração da festa. *Como cheguei aqui?*

– Beth? – A palavra era pouco mais do que um sussurro, mas é a melhor coisa que já escutei.

Dominic!

– Você me encontrou! – eu digo, minha voz voltando. – Graças a Deus, você me encontrou. – Eu me jogo em seus braços e procuro sua cabeça, puxando seu rosto junto ao meu. – Eu fui tão estúpida, me perdi, achei que você nunca me encontraria! Estou tão feliz de ver você aqui. – Eu o beijo ferozmente com toda a paixão do meu alívio e prazer em vê-lo. Ele tira minha máscara e a joga no chão.

Seus braços me abraçam forte e ele começa a me beijar com grande intensidade. Fecho os olhos, cedendo espaço para sua língua, e sentindo que levantei meus pés e estou flutuando, como se nós dois estivéssemos girando magicamente no ar, ou como se o universo todo estivesse girando ao nosso redor e nós fôssemos o seu único ponto parado. É uma sensação maravilhosa mas muito estranha, e o beijo é bonito mas não como qualquer outro beijo que nós tenhamos dado antes, com seu fantástico poder de me fazer sentir assim.

Eu sinto desejo por ele de uma forma que não posso resistir e pressiono minha mão contra ele, sentindo sua ereção forte e dura dentro de suas roupas.

– Você quer? – ele murmura.

– Sim, ah, sim, por favor...

– Você não quis antes. Tem certeza de que isso é certo?

– Eu quero agora, agora mesmo.

Ele murmura para mim:

– Chega de jogos – e aperta minha cintura. Sinto como se estivesse voando quando ele me levanta e me vira, me colocando no chão de forma que minhas costas estão viradas para ele. Ele pega meus braços e os levanta, colocando minhas mãos para a frente contra a parede. A pedra embaixo da minha mão é dura e fria, mas quase não reparo. Eu estou focada demais no que está acontecendo enquanto Dominic empurra para baixo a parte de cima do meu vestido com uma mão e puxa a saia para cima com a outra. Meus seios são completamente expostos, já que o vestido tinha bojo e eu não estava usando sutiã. Uma das suas palmas me segura de forma agressiva e ouço um rosnado rude de prazer vindo dele e suas mãos esfregam minha bunda nua e depois vão para a frente, onde ele esfrega os dedos levemente em mim.

É elétrico, e com cada toque ele parece estar soltando um monte de estrelas coloridas ao meu redor. Meu corpo responde entusiasticamente, quase de forma submissa. Não há nada que eu possa fazer para parar seu longo e fervoroso anseio de me possuir. A forma como ele me tocou na masmorra foi só uma preparação para isso, e é como se eu fosse um motor já aquecido, esperando para bradar em vida e correr até seus limites. Tudo em mim ressoa sob suas mãos e seus dedos agressivos e famintos, esfregando meus mamilos até ficarem com os bicos rígidos, queimando um rastro pelo meu ventre no ponto sensível e me provocando enquanto se aproxima de meus lugares mais secretos.

Eu sei que ele está pronto também. Ele está apertando e acariciando meus seios, beijando minhas costas na base do meu pescoço, mas sei que nós não brincaremos por muito tempo, nossos desejos são urgentes demais. Ele puxa minha bunda para perto de sua virilha e geme, apreciando a sensação do meu corpo contra o dele. Então com um braço ao redor da minha cintura, ele abre minhas pernas com a outra mão. Um outro instante e eu sinto o calor e a rigidez do seu pau pressionado por entre minhas nádegas, e emito um gemido de carência. Ele está tão perto, tão

tentadoramente perto. Tudo o que eu consigo pensar é que quero sentir sua rigidez de ferro dentro de mim agora, nesse instante.

– Por favor – digo, com a voz suplicante. – Por favor, esperei por tanto tempo...

– É todo seu – ele diz, com a voz baixa e sussurrada. – Só para você.

Ele coloca minhas pernas mais separadas e eu me inclino para a frente. Meus seios tocam a pedra velha da parede e meus mamilos raspam na superfície áspera. Eles estão tão sensíveis com a excitação que a pedra os arranha e queima com um tipo delicioso de dor. Jogo minha cabeça para trás, sabendo que estou aberta e pronta agora, só esperando o toque pelo qual estou desesperada.

Ele se afasta só um pouco e então o sinto: ele está me pressionando, empurrando minha entrada, me provocando com a cabeça quente e aveludada de seu pau duro. Quando penso que não posso mais aguentar, ele empurra e seu pau entra, deslizando facilmente para dentro de mim, me dando a sensação deliciosa de completude. Minhas mãos se contraem sobre a parede de pedra, minha cabeça cai para trás com o desejo de tê-lo completamente dentro de mim. Eu quero me render a tudo, tê-lo até onde for. Ele está fundo em mim agora e seu peito está pressionado contra minhas costas, uma mão abaixo da minha barriga, fazendo cócegas na minha umidade, e a outra no meu quadril. Ele abaixa a cabeça e morde meu pescoço e ombros até que estou choramingando com desejo de que ele comece a foder, *agora*. Então ele tira só um pouco e penetra forte. Eu grito enquanto ele parece chegar até minha barriga. *Oh, Deus sim... enfie forte.*

É como se ele tivesse lido minha mente. Ele penetra de novo e de novo, puxando meu quadril para eu ser levada mais fundo em seu pênis duro. Meus seios batem na pedra dura com a força de sua investida dentro de mim, mas eu aprecio o calor e a pressão de seu corpo nas minhas costas e a pedra fria na minha frente. Ele está pegando ritmo agora, entrando e saindo, cada penetração me fazendo gritar involuntariamente. Meus olhos se fecham, e agora sou toda sensações, recebendo-o vorazmente, de novo e de novo, e querendo mais. O prazer está começando a me possuir, estou

começando a não reconhecer nada a não ser o êxtase se erguendo dentro de mim e então me arrebatando ao limiar do orgasmo.

Ele está arfando no meu ouvido, com uma rouquidão que me toca, me deixando ainda mais louca. Então ele coloca dois dedos no meu clitóris e começa a me acariciar forte e rapidamente, esfregando para lá e para cá, excitando-o mais do que é possível resistir. É tudo que é necessário para me levar além do limite. Eu ouço um som agudo, um "oh", e sei que é minha própria voz, enquanto subitamente mergulho na torrente do meu orgasmo. É tudo o que é necessário para fazê-lo gozar também e ele me penetra forte ainda, mas mais devagar, sua pegada na minha cintura apertando cada vez mais e seu peso me empurrando para a frente, enquanto ele é possuído pelas forças de seu clímax. Enfim ele se acalma, e nós dois terminamos ofegantes. Seu pênis ainda está duro e grosso dentro de mim e meus músculos o seguram apertado, como que relutando em deixar o brinquedo bonito partir.

– Minha linda, você gostou disso? – ele sussurra, seu braço agora apertado em volta da minha cintura, sustentando nós dois. Sua boca se move no meu cabelo, me beijando levemente.

Eu aceno com a cabeça, sem palavras.

– Você quis?

Aceno novamente.

– Você precisou disso?

– Sim... – sussurro, minha voz leve com a fraqueza pós-orgasmo.

Ele vai para trás gentilmente, e gemo quando ele se retira, desejando que nós pudéssemos permanecer juntos para sempre. Um momento depois, sinto um tecido macio embaixo de mim. Ele pegou um guardanapo e está me limpando afetuosamente, garantindo que seu sêmen não escorra pela minha coxa.

– Pronto – ele diz.

No momento seguinte, sou tomada pelo cansaço. Não é fadiga simplesmente, mas uma exaustão escura e dominadora que me suga completamente. Enquanto Dominic está puxando minha saia de volta ao seu lugar e estou tentando me endireitar novamente, de repente sou esmagada pelo cansaço. Meus joelhos começam a dobrar e me sinto fraca.

Ele me pega, quando começo a cair.

– Cansada, querida? – ele diz, mas sua voz soa distante e levemente distorcida.

Graças a Deus ele está aqui, penso, e esse é o meu último pensamento consciente antes de eu desligar como uma lâmpada e tudo entrar na escuridão.

Capítulo Dez

Acordo pela manhã e não tenho nenhuma ideia de onde esteja, só sei que minha cabeça está latejando e estou morrendo de sede. Meus olhos doem enquanto o sol da manhã queima minhas pálpebras e demora um pouco para que eu possa abrir os olhos e olhar ao meu redor. Eu estou nua em uma cama em um quarto de hotel luxuoso, a julgar por sua aparência e pelo fato de minha cama ser *king size* com uma colcha de *toile de Jouy* sobre ela. Mas estou sozinha.

Solto um grunhido por causa da palpitação da minha cabeça, e consigo sair da cama em direção ao banheiro para pegar um copo de água. Meu reflexo é realmente chocante: meu cabelo está uma bagunça, meus olhos estão vermelhos e minha pele, pálida e seca, onde ela não está realmente vermelha e manchada.

– Oh, meu Deus – digo, chocada. – Que diabos aconteceu?

Eu tento me lembrar da noite anterior. Está tudo claro o suficiente até o momento em que Dominic começou a dançar com Anna. Depois disso, tenho que juntar tudo pedaço por pedaço, procurando por flashes de memória até que as coisas vão gradualmente voltando. Eu lembro de como me senti estranha, desorientada e desconectada. Lembro-me do pânico horrível de estar sozinha naqueles túneis, e os estranhos contorcionismos no chão das cavernas pelas quais passei, como se estivesse coberto por cobras rastejantes. *Então... é claro...* No espelho, vejo meu rosto responder à memória enquanto meus olhos se esbugalham e inspiro um ar cortante. Eu encontrei Dominic no túnel. Ele me encontrou. Ele me resgatou. Então onde ele está agora? E quem me colocou na cama?

São necessários vários copos de água, um banho e uma xícara de chá doce para me reviver somente um pouco. A dor na minha cabeça diminui para um latejar leve. *Isso é tão estranho. Eu não tenho nenhuma roupa exceto o vestido de ontem à noite. Eu não*

tenho nem mesmo uma escova de cabelo ou meu celular. Espero que Laura não esteja preocupada comigo, eu disse que voltaria para casa mesmo se fosse tarde. E não faço a menor ideia de onde estou, ou onde está todo mundo.

Suponho que esteja no hotel onde eu e Andrei jantamos na noite passada. Estou encarando o telefone e considerando ligar para a recepção a fim de perguntar pelo quarto do senhor Dubrovski, quando ouço uma batida na porta. Aperto um pouco mais o roupão do hotel que estou vestindo e vou atender.

Um camareiro está do lado de fora, segurando uma grande bandeja de café da manhã.

– Serviço de quarto – ele diz, e dou um passo para trás para deixá-lo entrar. Ele coloca a bandeja em uma mesa dobrável em frente a uma poltrona branca, levantando a cobertura prateada da bandeja para revelar ovos mexidos macios caindo sobre bolinhos torrados com tiras de salmão rosa escuro defumado ao lado. Um bule de café, um copo de suco e uma pequena cesta de pães franceses completam a refeição. Enquanto sinto o rico aroma do café, percebo que estou morrendo de fome.

O garçom se prepara para sair e diz:

– O senhor Dubrovski manda seus cumprimentos, senhorita. Ele disse que alguém virá pegá-la em uma hora.

– Obrigada – respondo. Então parte do mistério está resolvida. *O resto terá que esperar até depois de eu comer meu café da manhã.*

Restaurada pela comida deliciosa, ponho meu vestido de noite, que foi dobrado cuidadosamente sobre uma cadeira. *Quem fez isso? Não acho que tenha sido eu...* e seco meu cabelo com o inútil secador do hotel e uso somente meus dedos como uma escova, de modo que estou pronta quando a batida na porta vem, uma hora depois.

É estranho que na noite passada esse vestido fosse a coisa mais deslumbrante do mundo. Ele parece todo errado esta manhã. Como um símbolo da vergonha. Como se eu tivesse tido uma noite de farra e todo mundo pudesse perceber.

Abro a porta esperando ver Dubrovski lá, mas no lugar está Anna, rindo, seus olhos verdes oblíquos dançando.

– Oh, uau – ela diz entre risadas. – Você está bem mal.

– Você não – digo honestamente. Ela está cintilante e linda com uma camisa branca, saia grafite e um cardigã azul brilhante com um cinto. Sua maquiagem está perfeita e seu cabelo escuro ondula brilhante sobre os ombros.

– O fato de eu ter experiência talvez tenha algo a ver com isso – ela diz, com um toque de simpatia. – Aqui. – Ela me entrega um sobretudo preto e eu o pego agradecida.

– Eu não esperava ir para uma festa noite passada – digo enquanto visto o casaco. É um pouco grande, já que Anna é mais alta que eu, mas vai servir muito bem. – Muito menos passar a noite em algum lugar. Nem trouxe um casaco.

– Não se preocupe, nós só iremos daqui até o carro. Você vai estar em casa novamente em pouco tempo – Anna diz alegremente, e começamos a andar juntas pelo corredor do hotel.

Eu me sinto um pouco esquisita enquanto digo hesitante:

– Anna, sei que soa terrível, mas estou um pouco confusa sobre o que aconteceu no fim da noite passada...

– Eu sei – ela responde, enquanto nos aproximamos do elevador. Ela aperta o botão para chamá-lo. – Percebi que você estava fora de si quando Andrei a trouxe para fora da caverna.

– Andrei me trouxe? – Eu franzo a testa. Isso não parece certo.

Anna acena com a cabeça, olhando o painel do elevador que mostra sua aproximação.

– Sim. Dominic e eu estávamos esperando por você na entrada das catacumbas e Andrei a trouxe. Bem... ele te carregou, na verdade. Você estava dormindo profundamente, ou desmaiada, ou o que seja. Então o motorista que ele contratou nos trouxe todos de volta para cá no Bentley. Foi um pouco apertado, mas conseguimos.

– Seus olhos verdes se voltam para mim quando o elevador apita e as portas se abrem. Quando entramos, ela continua: – Fui eu quem te colocou na cama, se você estiver se perguntando. Não houve nada errado, nenhum homem entrou.

É um alívio, embora não possa evitar corar levemente quando imagino a linda Anna lutando com meu corpo inconsciente, de alguma forma tirando o vestido de noite de mim e descobrindo a ausência de roupas de baixo. Não é exatamente uma visão charmosa.

– Você deve ter bebido muito – ela diz enquanto o elevador desce. – Ou talvez não esteja acostumada, não? Andrei esquece que nem todo mundo foi criado com vodca no leite.

– Isso é o engraçado – digo, franzindo a testa. – Eu tomei um pouco de vinho no jantar, um martíni e uma taça de champanhe, mas tudo isso foi em intervalos de horas e me senti bem até que nós estávamos...

Então as portas do elevador se abriram e nós saímos no saguão. Eu o reconheci da noite passada. De pé na porta de entrada está Andrei, ainda nas suas roupas de noite, mas sem a gravata borboleta, e Dominic, com um terno listrado e segurando outros ternos envoltos em um saco. Eles se viram para nos ver. Os saltos de Anna estalam alto no chão enquanto nos aproximamos.

– Bom dia – Andrei grita efusivamente. – Como você está? Tudo bem? Recuperada? – Ele dá alguns passos na minha direção e pega minha mão. – Eu devo me desculpar com você. É tudo minha culpa. Eu a mantive acordada até muito tarde e fiz você misturar suas bebidas. Não é à toa que você se sentiu tão sonolenta. Por favor, me perdoe.

– É claro que perdoo – digo, um pouco ríspida de vergonha. – Espero que eu não tenha dado vexame. – Meu olhar desliza involuntariamente para Dominic. Ele está olhando para mim atentamente, sua expressão impassível exceto por uma pálida luz de ternura e encorajamento misturada com preocupação, que, tenho certeza, somente eu consigo ver. – Bom dia – digo. Eu gostaria que nós pudéssemos nos abraçar, dar um beijo de oi. Eu quero sentir o conforto da maciez de sua pele recém-barbeada, o toque de limão de sua colônia. Droga, gostaria que nós pudéssemos ter dormido juntos, abraçados um ao outro por toda a noite. *Essa situação é errada.*

– Bom dia – ele responde. – Você dormiu bem? – Sua voz está perfeitamente normal mas sinto que há um tom de intimidade que espero que ninguém mais perceba.

– Sim, obrigada.

Andrei dá um tapinha no meu ombro.

– Você está pronta para ir? Vamos para casa. O carro está esperando na frente.

Nós quatro saímos no pátio de cascalho. O hotel parece um pouco diferente da noite passada, quando ele estava inundado por raios de luz dourados. Na manhã de outono cinza, é uma visão mais fria, mas ainda bonita. O Bentley espera, suas rodas da frente viradas para o portão, cheias de expectativa. Nós entramos, Andrei e Dominic na frente, Anna e eu na parte de trás. Enquanto Andrei liga o motor e dirige para fora do portão da frente em uma nuvem de cascalho, eu me sento no banco de couro, a sensação de confusão que senti antes voltando a mim como a memória de um sonho ruim.

O que está me incomodando?

Além de ter de fingir que eu mal conheço meu namorado?

Além do fato de que desmaiei e tive de ser carregada pelo meu chefe?

É isso, percebo, com um arrepio pegajoso. Anna me contou que ela e Dominic estavam esperando por mim e que Andrei me trouxe para a superfície. Mas minha última memória é de ter estado com Dominic, e de ter perdido Andrei completamente.

Eu olho pela janela sem ver nada.

O que está acontecendo? Como posso ter um vazio tão grande na minha memória? Eu me pergunto se Dominic me deixou sozinha em algum ponto e então subitamente enviou Dubrovski para me encontrar.

Me deixou desmaiada, sozinha, na passagem? Certamente ele não faria isso. Talvez eu não estivesse completamente apagada. Talvez estivesse consciente, mas só não consigo me lembrar de nada.

Eu me lembro de ter olhado no rosto do Dominic na noite anterior e de tê-lo ouvido dizer que tinha que aprender a confiar nele um pouco mais. Ele deve ter manejado tudo da forma correta, ele

definitivamente saberia a melhor coisa a fazer. Qual outra explicação pode existir? Eu mal posso confiar na minha imaginação vívida, sempre ávida a ganhar vida e me pintar imagens tão reais que eu algumas vezes tenho dificuldade em lembrar que elas só aconteceram na minha cabeça.

Nós estamos na estrada agora, ganhando velocidade, rapidamente ultrapassando o restante do tráfego. Estamos voltando para Londres.

Mas dessa vez, eu lembro com alívio, Dominic estará lá. Enfim nós estaremos juntos.

Eu sorrio pela primeira vez e tento direcionar meus pensamentos para isso.

Andrei ordena que eu tire o resto do dia de folga.

De volta a Albany, Dominic e Anna não entram, mas partem juntos com suas bagagens. Eu o observo ir. Parece-me estranho e errado que ele esteja indo embora com Anna, me deixando para trás com Andrei. No quarto de hóspedes, visto minhas roupas de ontem, deixando meu lindo vestido novo na cama – afinal, ele não é meu – e os brincos em sua caixa na penteadeira. Toda a elegância emprestada, deixada onde ela pertence. Meu telefone ficou sem bateria durante a noite, sua tela está preta e sem resposta, recusando-se a acordar até que eu lhe dê alguma carga.

Quando vestida, saio do quarto bem silenciosamente, esperando não encontrar ninguém. Ouço uma voz não familiar no escritório quando passo por ele. Deve ser a substituta de Marcia. Ninguém mais me vê enquanto saio pela porta da frente e atravesso a escada na passarela coberta. Estou feliz de estar livre. Eu não conseguiria pensar em arte hoje.

Não estou tão cansada quanto imaginava, no entanto, e certamente não estou a fim de voltar para o meu apartamento vazio para dormir durante o dia. Além do mais, estou ansiosa de uma forma que não entendo. Então me ocorre uma ideia. Vou me encontrar com James. Não o vejo faz um tempo e sinto sua falta.

É uma caminhada curta até a galeria de James, pela Savile Row, através da Hanover Square, passando a Oxford Street e ao longo da Regent Street, depois por becos menores e mais sinuosos até a Riding House Gallery. Parece como o primeiro dia em que acabei nela no início do verão. Parece uma vida passada. O cartaz na vitrine anunciando um emprego temporário de assistente de galeria mudou minha vida, porque James decidiu apostar em uma garota que passava e se ofereceu para a vaga. A única diferença agora é que a vitrine está mostrando um artista diferente e novos trabalhos adornam as paredes brancas e planas no interior. Pelo vidro consigo ver o assistente de James, Salim, na escrivaninha, olhando para algo no computador, mas nenhum sinal de James.

– Oi, Salim – digo quando entro. – Como você está?

– Beth, oi. – Salim sorri. Nós nos encontramos algumas vezes desde que ele pegou seu antigo trabalho de volta. – Bom vê-la. Você veio para falar com o James?

Confirmo com a cabeça.

– Ele está por aqui?

– Lá embaixo, ficando maluco com seu próprio sistema de arquivos. Eu tentei mostrar uma maneira melhor, mas ele não me escuta.

– Obrigada. – Eu desço as escadas estreitas e o som de xingamentos e resmungos me levam até onde James está, afundado até o joelho em caixas de papelão, examinando pilhas de papel amarelo. – Não se preocupe, vai estar no último lugar que você procurar! – eu anuncio sorrindo, enquanto entro no minúsculo depósito.

James olha para cima surpreso, e então seu rosto se quebra em um sorriso.

– Muito prestativa. – Ele coloca as mãos nos lábios e suspira. Seus óculos estão empoeirados e ele tem poeira cinza em uma bochecha. – Maldita papelada, como eu odeio. Inventada por gente de merda.

– Algo importante?

– Ah, eu tenho que comprovar a origem de alguma coisa ou outra, e sei que tenho os documentos em algum lugar. Só Deus sabe

exatamente onde, no entanto.

– Você deveria parar de jogar tudo dentro de caixas com a vaga ideia de que vai voltar depois para organizá-las. Você nunca faz isso.

James me dá um olhar duro.

– Sim, obrigado por me lembrar. Quando precisar de uma afirmação do maldito óbvio, sei aonde ir da próxima vez. Você é igual ao Salim. Mas – sua expressão se ilumina –, agora que está aqui, posso parar e esquecer disso por cinco minutos. O Mark deixou você sair da coleira?

– Não o Mark – digo devagar. – Na verdade, no momento estou trabalhando para Andrei Dubrovski.

Eu me divirto ao ver a surpresa cruzar seu rosto. Ele esfrega as mãos empoeiradas nas calças enquanto diz:

– Acho que isso pede um café. Pronto. Vamos sair.

Dez minutos depois nós estamos em um café próximo, cada um com um cappuccino espumoso à frente, enquanto dou a James um rápido resumo de tudo que aconteceu até agora. Ele pisca para mim atrás de seus óculos pequenos e redondos. Seu rosto é fino, com maçãs do rosto altas e pequenos vazios abaixo, e ele parece um professor ou um cavalheiro inglês das antigas. Mas ele sabe que há muito mais do que parece na superfície. Ele já viu muitas coisas, é muito culto e dificilmente fica chocado. Mesmo assim, está impressionado com minhas revelações.

– Você realmente se enfia em alguns enredos bons, Beth – ele diz, mexendo seu café. – Esse é dos bons, até para seus padrões. Casos secretos em monastérios croatas? Um amor que não pode vir à tona para seu chefe não ficar contra você, ou contra o Dominic, ou os dois? – Ele balança a cabeça. – Eu mal posso esperar pelo próximo capítulo.

– Tem mais, se você quer saber – digo, e tento não parecer culpada. – A questão é que não fui para casa na noite passada.

As sobrancelhas de James se levantam.

– Uma escapadinha? O que você fez? E agora que olho para você, você realmente parece um pouco culpada. – Ele está sendo jocosos e tolo, mas de repente sua expressão muda. – Espere, Beth. Não...

não *Dubrovski*. – Ele parece profundamente sério agora, há preocupação nos seus gentis olhos verdes. – Certamente não.

– É claro que não! – digo ofendida.

James expira em um longo assobio.

– Graças a Deus. Eu tomaria muito cuidado em chegar mais perto daquele homem do que você precisa. Como sabe, eu não estava feliz por você conhecê-lo. Agora você está trabalhando para ele, caramba! Mas desde que seja só por um tempo e que você mantenha distância, acho que vai ficar bem.

Meu rosto fica corado e baixo meu olhar. *Eu nunca consigo esconder nada do James. E eu também não quero. Preciso do seu conselho, afinal.*

Ele para de mexer o café e fica imóvel.

– Beth – ele diz em um tom preocupado. – O que foi? Me diga de uma vez. O que aconteceu?

– É tudo tão complicado! – eu explodo. – E não sei por que, eu não quero que seja! Andrei me chamou para ir a essa festa e eu só disse sim porque achei que Dominic estaria lá. Eu não sabia que ia se tornar no que parecia um encontro com Andrei, ele nunca tinha falado comigo ou me tratado daquela forma. Mas, de repente, ali estou, vestida de Dior e rubis, jantando com ele em um hotel e ele está me dizendo... – eu titubeio.

– Sim?

– Me dizendo que sou linda...

James geme.

– Ah, não. – Ele coloca as mãos no rosto como se estivesse em desespero.

– E que estava ainda mais linda na Croácia e eu mal conseguia explicar para ele que estava assim devido ao fato de estar sendo bem comida pelo Dominic!

James tira os óculos e esfrega uma mão na testa.

– Há algo mais?

– Ele disse... ele disse... – Eu quase não consigo dizer, de modo que tudo sai apressadamente. – Ele disse que achava que nós iríamos transar um dia e que eu iria querer.

– Oh, Beth. – James está olhando para mim com preocupação por todo o seu rosto. – Isso é ruim. O que você disse depois?

– Eu disse não, é claro! – respondo, indignada que James pudesse pensar que eu teria dito qualquer outra coisa. – Eu lhe disse que nossa relação deveria ser estritamente profissional. E que eu tenho um namorado.

– Ah, imagino que isso tenha contido as investidas dele – James diz com sarcasmo. – Sim, isso deve resolver as coisas com ele. Foi isso que levou Dubrovski onde ele está hoje, sabe, recuar ao primeiro obstáculo, não perseguir o que ele quer com uma obsessão canina. E como foi que você acabou dormindo fora?

Eu lhe conto sobre a festa e minhas descrições da orgia o assustam ainda mais, mas quando digo, sem muito detalhe, sobre o meu caso com Dominic e a revelação de que Andrei e Anna estão dormindo juntos, ele parece um pouco mais feliz.

– Isso ajuda, suponho. – Ele franze a testa. – Mas você não se lembra de nada entre ter encontrado Dominic naquela passagem e ter acordado na manhã seguinte?

Eu sacudo a cabeça.

– É um vazio completo. Anna me disse que Andrei me carregou para fora das catacumbas, inconsciente.

– Me conte o que você bebeu novamente...

Quando o lembro, ele parece ainda mais confuso.

– Isso talvez te deixasse bêbada. Talvez até te deixasse enjoada ou extremamente sonolenta. Mas não faria com que apagasse. Ao menos, acho que não. Qual foi a última coisa que você bebeu?

– Eu não sei. Andrei que pediu. O especial da casa. Era um coquetel rosa-claro com gosto de frutas e muito doce.

– Oh, querida. – James parece mais sério do que eu jamais o vi. Na verdade, ele ficou um pouco pálido. – E você se sentiu estranha imediatamente depois?

Eu repenso e lembro de engolir o líquido rosa e como logo comecei a me sentir diferente. Lembro-me de Andrei e eu de pé juntos, e então Anna com o braço ao meu redor, sua cabeça jogada para trás rindo e seus sapatos enlameados. E um pouco depois tudo mudou. Eu achei que eram as luzes e a música que estavam me

fazendo sentir tão desorientada e estranha, fazendo o tempo acelerar, desacelerar e algumas vezes desaparecer. Foi aí que Andrei simplesmente desapareceu e comecei a vagar, incapaz de achar o caminho certo.

– Sim – eu disse devagar. – Bem, logo depois.

James coloca os óculos e pensa profundamente por um momento, encarando o café. Então ele olha para mim, encarando-me diretamente nos olhos, e diz:

– Beth, acho que sua bebida estava batizada. – Eu o encaro, sem palavras. – Você foi drogada. Deus sabe com o quê. Anfetaminas ou algo assim, imagino.

Eu tento processar isso.

– Você acha que o Andrei me drogou? – pergunto horrorizada.

– Eu não chegaria tão cedo a essa conclusão. Era o especial da casa, você diz. Tenho a impressão de que a maioria dos frequentadores de festa saberia que o especial da casa conteria um alucinógeno, ou receberia um sinal do garçom se aparentasse não saber.

– Então... Andrei provavelmente sabia que estava me oferecendo uma bebida batizada? – Um horror frio percorre meu corpo, fazendo-me sentir como se estivesse levando todo o meu sangue com ele.

– Sejam os condescendentes e digamos que ele não tinha ideia, mas ele parecia tão sofisticado que o barman assumiu que deveria saber sobre o esquema. Mas é possível também que ele soubesse.

– Por que ele faria tal coisa? – Eu me sinto horrível, sabendo que tomei drogas como aquela sem perceber. Eu nunca toquei em drogas e nunca quis experimentar nada. Havia uma pequena turma na escola que se gabava de usar drogas, e alguns garotos avoados que fumavam muita maconha, assim como havia uma galera empolgada por festas na universidade que sabia como conseguir cocaína, ecstasy e todo o resto, e a noite não acabava a menos que eles tivessem cheirado, fumado ou engolido algo proibido. Mas eu nunca me interessei. Eu até gostava de ficar alta bebendo cervejas e dançando a noite toda, mas isso não era frequente e nunca em excesso. Eu sofria demais com as ressacas. E nunca considerei as drogas nada mais que um beco sem saída: se elas te fizessem mais

feliz do que era sem elas, por que iria querer largá-las? Melhor nem começar então.

– Talvez ele tenha pensado que você entraria mais no clima da festa se tivesse algo para se animar – James diz. Ele me olha fixamente e nenhum de nós diz o que está passando por nossa cabeça: que ele pensou que eu cederia mais facilmente se estivesse chapada.

– Mas não aconteceu – eu disse. – Eu não o vi novamente naquela noite, não que eu me lembre, de qualquer forma.

– Sim. Agradeça a Deus por isso. – Há outra pausa e então James continua. – Era definitivamente Dominic na caverna com você, não era?

Eu tenho uma lembrança vívida do seu contorno escuro contra a meia-luz da passagem. Eu me lembro do seu toque, e do que ele me disse. Sua voz... bem, era um sussurro, difícil de identificar, mas tudo o que ele disse fez sentido. Era Dominic.

– Sim – eu disse firmemente. – Definitivamente era.

– Bom. – O alívio de James é óbvio. – Mas parece que Andrei não é o cordeiro inofensivo que você achava que fosse. Vamos ficar felizes por nada pior ter acontecido do que um pouco de confusão e uma dor de cabeça pela manhã. E graças a Deus que Dominic estava lá também ou temo em pensar... Então agora você vai me escutar e manter a distância?

Eu aceno com a cabeça. Sinto uma raiva fria e profunda por Andrei. E pensar que noite passada eu quase senti pena dele. Ele me convenceu a ficar na festa com sua melodramática história de como ele nunca tem uma chance de relaxar, só para que ele pudesse me passar uma bebida batizada e tentar a sorte. Graças a Deus não funcionou.

– Sim. Você está completamente certo e eu estava toda errada sobre ele. Mas estou esperta agora e você sabe o que dizem, informação é poder. Eu ficarei bem atenta daqui para a frente.

– Acho que você deveria sair desse emprego agora – declara James fervorosamente. – Só saia de lá, quanto antes.

– Não – digo devagar. – Não posso fazer isso. Pelo que Dominic disse, essa é a maneira errada de lidar com Dubrovski. Você tem de

ser astuto ou ele vai te esmagar. Eu não temo por mim mesma, mas detestaria que Mark ou Dominic sofressem porque ele se voltou contra mim de repente. Eu ficarei bem. Mais um pouco e eu terminarei esse trabalho, e o negócio dele também terá terminado e ele provavelmente deixará Londres e me esquecerá. E Dominic não estará mais trabalhando para ele, então nós dois estaremos livres e poderemos ser honestos sobre nossa relação.

– Só me prometa que você vai tomar cuidado – James diz.

– Claro que vou – digo com um sorriso brilhante, embora por dentro eu me sinta menos confiante do que pareço. *Isso vai ser como tentar sair da jaula do leão sem que ele perceba que você está lá. Complicado.*

Eu tenho que esperar até voltar para casa naquela tarde para carregar meu celular, mas quando consigo, há um acúmulo de mensagens do Dominic, me perguntando onde estou e o que estou fazendo. Eu não as recebi e talvez nossos telefones não funcionassem nas cavernas. As mensagens parecem terminar perto das 2 horas da manhã, que deve ter sido quando ele veio me procurar e me achou, mas não confio nos horários das mensagens de qualquer forma, não quando elas não foram recebidas em tempo real.

Há uma mensagem de Dominic enviada hoje da sua conta de trabalho. Ela diz simplesmente:

Olá, Beth

Foi muito legal vê-la ontem à noite, espero que você tenha gostado da festa e que esteja se sentindo melhor hoje. É ótimo tê-la na equipe do Dubrovski!

Até breve,
Dominic

Eu a li algumas vezes, imaginando se havia algum tipo de mensagem escondida dentro da indiferença, mas não achei nada. Estou começando a me sentir frustrada, quando uma outra

mensagem surge, essa enviada de uma conta de e-mail que não reconheço.

Olá, linda

Agora que voltei, consegui usar um laptop que não é monitorado pelo trabalho. Deus, mal posso esperar até nós dois estarmos livres do Dubrovski. Sinto como se estivéssemos sendo observados o tempo todo. Foi maravilhoso te ver na festa ontem à noite, mesmo que as circunstâncias não fossem as ideais. Nós poderíamos ter aproveitado muito melhor o tempo, se fôssemos só nós dois... Mal posso esperar para vê-la novamente. Que tal hoje à noite? No budoar?

Com amor,
Dx

Eu sorrio ao ler. Enfim, era isso que eu estava esperando. Comunicação, real e amorosa, como qualquer garota deve esperar de seu namorado. Meus medos e ciúmes desaparecem. Digito uma resposta rapidamente.

Obrigada por sua amável mensagem, querido, e eu não consigo pensar em nada melhor do que estarmos no budoar de novo. Mas a verdade é que eu estou totalmente acabada por causa da noite passada e preciso dormir cedo se quiser ser de alguma serventia amanhã. Tenho de voltar ao trabalho, quanto antes melhor, para terminá-lo logo. Podemos nos ver amanhã à noite? O budoar está ótimo. Sim, por favor.

Bxxx

A resposta volta quase imediatamente.

Entendido. Também estou cansado depois daquela noite. Mas você está bem? Eu fiquei preocupado com você na noite passada. Quando eu te deixei com Andrei, você parecia bem, mas estava obviamente apagada depois. Me conte quando nos encontrarmos amanhã. Tenha bons sonhos e durma bem essa noite, linda. Vamos combinar nosso encontro pela manhã.

Dx

Eu encaro a mensagem por um momento, uma sensação repugnante rodopiando na boca do meu estômago, lendo-a de novo e de novo. Eu estava bem quando ele me deixou com o Andrei. Do

que ele está falando? Não me lembro de ele ter me deixado com o Andrei depois de nosso encontro apaixonado na caverna. Então, eu já estava inconsciente para tudo, sem dúvida perdida na minha confusão induzida por drogas. Ele quer dizer quando Andrei e eu o deixamos dançando com a Anna? Sou tomada por uma náusea horrível e minhas mãos apertam o telefone. Porque isso significaria que ele acha que não me viu novamente até depois da festa.

Eu levanto, meu coração palpitando, me sentindo mais enjoada do que nunca. Meus pensamentos estão correndo feito loucos.

Isso significa que não era ele no túnel. *Oh, Deus. Se não era Dominic, então deve ter sido...*

Eu me viro e me vejo de relance no espelho da sala de estar. Pareço pálida e aterrorizada. A conclusão óbvia, única, é que o homem no túnel não era o Dominic, então deve ter sido o Andrei. Ele me chamou pelo nome. Somente Dominic ou Andrei poderiam ter feito isso. *Não. Eu não acredito. Não posso! Eu confundi as coisas, é só isso. Vou resolver isso com Dominic quando vê-lo.*

Mas a natureza da minha própria armadilha pessoal fica clara. Se lhe perguntar se fez amor selvagem comigo na caverna e ele disser que não, vai saber que outra pessoa fez. Esse pensamento faz minha cabeça girar de horror. Mesmo que ele acredite que pensei honestamente que fosse ele, isso mudará tudo entre nós.

Eu fiquei tão enciumada quando pensei só por um momento que ele estava atraído pela Anna. O que ele pensaria se soubesse que eu fiz sexo com outra pessoa?

Eu estremeço. E eu? Realmente fui seduzida sem saber quem era? Lembro-me da forma como me abri para cada toque, beijo e carícia, como ansiei por aquela trepada agressiva. Ele me perguntou se eu queria, se tinha certeza... e eu disse sim. Ele disse "Chega de jogos" e pensei que era Dominic se referindo ao nosso encontro mais cedo na sala da caverna. Eu me abri voluntariamente. Implorei por aquilo.

Mas ele sabia que eu achava que ele era o Dominic? Eu o chamei pelo nome?

Não consigo lembrar se falei o nome de Dominic em voz alta ou não. O pensamento me faz sentir duplamente enjoada. Porque, se

era o Andrei no túnel comigo ontem e se eu disse o nome de Dominic, ele não deve ter nenhuma ilusão agora sobre como me sinto em relação a Dominic.

Eu me afundo no chão gemendo. *Por favor, que isso não seja verdade. Por favor. Eu fiz sexo com Andrei? E realmente gostei tanto quanto me lembro?*

Capítulo Onze

Dominic está furioso comigo. Seus olhos estão negros de raiva, seu rosto pálido.

– Você fez *o quê?* – ele diz com uma voz nefasta, que treme com raiva reprimida.

Estou deitada de bruços na cama no budoar, vestindo somente um arreio de couro que faz uma cruz sobre meus seios e envolve meu pescoço, e prende-se de maneira forte e justa ao redor do meu quadril, deixando minhas costas e nádegas nuas. Minhas mãos estão amarradas à cama, erguidas sobre minha cabeça e algemadas ao corrimão que passa pela cabeceira. Minhas pernas estão escancaradas e cada tornozelo está acorrentado a uma perna da cama, me deixando completamente exposta. Eu quero me encolher em uma bola, mas é impossível.

– Você meteu com ele? – sua voz fica mais alta até que ele está quase gritando. – Você meteu com o Dubrovski? Quando você sabe o que sinto por você... e por ele? Como você pôde, Beth? – sua voz mudou de novo, contida mas afiada como uma faca. – Você gostou? Seu pau entrando e saindo de dentro de você? Aposto que gostou.

Estou chorando.

– Não, por favor acredite em mim... achei que era você, achei que você estava na caverna comigo! Não ele. Eu não tinha ideia, juro.

– É muito provável, Beth. Não me trate como idiota.

– Eu estava drogada, viajando, e estava completamente escuro!

– Você meteu com ele. E você adorou. – Sua voz está gelada.

– Não, não... – Não acredito que isso esteja acontecendo; não consigo fazê-lo acreditar em mim. Minha voz some enquanto soluços tomam meu peito e minha garganta. Meu poder de argumentar se foi.

Eu ouço Dominic se movendo pelo quarto; depois eu o percebo de pé atrás de mim.

– Você me traiu, Beth – diz em voz alta. – Depois de tudo pelo que nós passamos, e de tudo que fiz por você. Você me traiu. Agora você pode fazer algo por mim.

– O quê? – eu consigo arfar entre soluços. – Farei qualquer coisa por você, sabe disso.

– Sério? Então é melhor você me mostrar aceitando o que está vindo para você.

Eu estou esperando que ele me diga o que posso fazer para convencê-lo, quando sinto o impacto. O gato de nove caudas, aquele chicote ardente com suas centenas de pequenos dentes afiados, bate forte nas minhas costas. Eu estou preparada para a dor, o estalar da minha pele sob sua mordida. Eu sei que esse chicote normalmente é usado quando a pele já está aquecida por instrumentos mais macios e gentis, mas Dominic está obviamente determinado a me fazer sofrer a mais extrema das punições. Mas não sinto a dor amarga que estou esperando. Em vez disso, o toque do chicote é mais como uma carícia quente, enviando minúsculos estalos de luz sobre minhas costas. Eu arquejo.

Ele bate novamente e posso ouvir pelo barulho que está batendo mais forte e mais rápido. Dominic está pondo força no chicote. Mas então, mais do que me cortar de agonia, o estouro é deliciosamente revigorante para meus sentidos. Eu sinto que começo a reviver sob ele, os dolorosos golpes me deixando quente de desejo.

– Eu consigo ver – Dominic diz. – Eu consigo vê-la ficando molhada com sua punição. Você está pensando no Dubrovski?

– Não – eu choramingo, mas não alto o suficiente para Dominic ouvir e ele está prestes a me dar mais um golpe, de qualquer forma. As chicotadas começam a me bombardear, caindo em mim como chuva queimando, me fazendo derreter e fazendo queimar minha virilha e sentir um desejo desesperado de que ele me leve ao limite dessa dor prazerosa.

– Este é o seu castigo – ele diz. – Você está arrependida?

– Estou arrependida, sim, estou arrependida... – consigo dizer enquanto o chicote estala ensandecidamente pelas minhas costas febris, algumas vezes no topo das minhas coxas e sobre minhas nádegas macias.

- Desculpe o quê?
- Me desculpe, senhor.
- Suplique por perdão e talvez eu não te corte em pedaços.

O chicote me corta de novo, algumas de suas cordas batendo sobre meu tenro sexo exposto, lambendo por dentro como línguas de couro afiadas. *Há algum limite aqui? O que nós combinamos?* Eu não consigo me lembrar.

- Suplique – ele chia.
- Eu suplico por seu perdão, senhor.
- Você não está gostando da sua surra, minha pequena escrava?
- Não, senhor, não... eu quero dizer, sim... oh, Deus. – Eu grito de novo enquanto o chicote faz uma viagem ardente sobre minhas nádegas. Meu sexo pulsa de desejo.

As chibatadas subitamente param e eu gemo. Não estou lá ainda, mas estou louca, onde meu corpo está tão ávido por aquilo, que quase não aguento. Sinto uma pressão na cama. Ele está atrás de mim, ajoelhado entre minhas coxas abertas. Ele me pega pelos quadris, levantando minhas costas, e então mergulha seu pau quente e duro nas minhas profundezas escorregadias, sem parar para me saborear, mas penetrando com uma intensidade feroz, me comendo sem pensar em mim, só se preocupando com seu próprio prazer, e isso é insuportavelmente excitante. Eu quero recebê-lo, deixá-lo ter o seu prazer. Minhas costas estão vivas com o efeito escaldante das chicotadas, minha bunda amaciada mas acesa com os golpes de sua virilha e bolas contra ela. Ele está me fodendo tão forte, pensando somente em colocar seu pau para dentro e para fora.

Ele se inclina sobre minhas costas.

- Você gosta disso? – sussurra.

Estou tremendo e me contraindo. Meu corpo está funcionando de maneira independente da minha mente, seu tremor está pronto para liberar meu clímax sobre o pau quente que está batendo em mim.

A voz no meu ouvido diz:

- Goza, goza para mim, Beth. Eu sei que você adora, assim como você adorou na caverna – e enquanto arquejo e guincho com a intensidade do meu orgasmo e enquanto rodopio intoxicada pelas

sensações, percebo que não é Dominic que está me fodendo, mas Andrei Dubrovski.

Eu acordo quente e confusa. Estou em minha cama em casa e não no budoar. Mas foi tão assustadoramente real, tão intensamente físico... eu me sinto esgotada e ainda assim agitada e não satisfeita ao mesmo tempo.

Eu gozei dormindo? E quem imaginei que estava me comendo? Eu me sinto envergonhada frente ao pensamento de que talvez estivesse inconscientemente fantasiando com o Andrei. *Você ama Dominic*, digo a mim mesma, irritada. E sei que, definitivamente, muito certamente, não quero fazer sexo com Andrei.

Sonhos pregam peças, não trazem revelações. Eles não contam uma história completa.

Eu deito nos meus travesseiros, puxando o edredom sobre mim, lembrando do chicote do meu sonho. Desde que senti as marcas nas costas nuas do Dominic, tenho sonhado com chicotes de uma forma ou de outra, mas nunca assim. Nunca com esse nível de intensidade. *Ou prazer.*

Eu estremeço com a lembrança. Mas chicotes não trazem só aquela picada deliciosa, eu sei disso. Eles doem e cortam, e fazem uma pele tenra sangrar, machucar e criar cicatrizes. Já senti o poder de um açoite extremo e odiei. Então por que, nos meus sonhos, eu gostei tanto?

Talvez minha imaginação esteja fazendo hora extra porque verei Dominic hoje à noite, e no budoar, onde ele me iniciou nas maneiras mais aventureiras de fazer amor.

E talvez eu também esteja preocupada com aquilo que descobrirei. Estou aliviada que Dominic ainda não tenha nenhuma ideia dos meus medos sobre o que aconteceu na caverna. Tenho certeza, no meu coração, de que foi Dominic que fez amor comigo. Mas talvez pense isso porque eu quero que seja assim.

Chego ao trabalho nervosa.

Laura notou a mudança em mim durante o café da manhã, quando eu estava relutante em falar sobre tudo que tinha acontecido desde que ela me viu pela última vez.

– Você quer dizer que o Dominic voltou? – ela perguntou, jogando leite no seu cereal, com uma toalha enrolada no cabelo úmido. – E o seu bilionário de estimação te levou para um baile de máscaras e para uma noite em um hotel chique? Não é de admirar que você esteja deprimida.

Eu sorrio.

– É claro que não estou. Eu estou muito feliz por Dominic estar de volta. Eu tenho certeza de que vai melhorar meu humor. É só...

– O quê?

– Não sei. – Eu dou de ombros. – Estou me sentindo para baixo.

Laura estalou a língua.

– Algumas pessoas não ficam felizes nunca. Bem, mande o seu russo sexy para mim, se você se cansar dele. Isso é tudo o que posso dizer.

Se ao menos ela soubesse, penso enquanto passo pela guarita na entrada de Albany e aceno meu alô para o porteiro. Mas não posso contar a ninguém. Nem mesmo ao James. Isso tem de ser meu segredo e meu somente.

Sri atende a porta para mim, em vez do guarda-costas, então Andrei deve ter saído.

– Foi para o trabalho – Sri confirma com uma voz baixa quando pergunto.

Eu posso ouvir o clique-claque de um teclado no escritório, e quando entro há um homem jovem que nunca vi antes, vestindo um terno creme, com o cabelo claro caprichosamente penteado. Ele olha para cima de forma questionadora quando entro e diz:

– Posso ajudá-la?

– Eu sou Beth, estou trabalhando com as obras de arte do Andrei para o apartamento.

Ele acena com a cabeça.

– Ah, sim. Eu soube. Sou o Edward e substituirei a Marcia enquanto ela estiver fora.

– Alguma notícia da mãe dela? – pergunto.

– Se recuperando, aparentemente. Ele tem algo no peito. Polaris.
– Polaris? – ecoo. – Isso é doença?

Edward franze a testa.

– Você está certa, não é polaris.

– Pneumonia? – sugiro.

Ele parece um pouco afrontado.

– Eu acho que lembraria se fosse pneumonia. É muito fácil de lembrar, não é?

– Bem então... hum...

– Tenho certeza de que começa com P – ele murmura, olhando fixamente para o teclado.

– Polio? – sugiro.

Ele me olha de forma levemente fulminante.

– Se você quer fazer papel de tola...

– Psoríase? – arrisco, provocando-o.

– Isso nem mesmo é uma doença – ele replica. – Não importa, de qualquer forma. Ela está melhorando. Não ficarei aqui por muito tempo, só um dia ou dois, então não vou atrapalhar. – Ele se inclina na minha direção, subitamente aconchegante e conspirativo. – Ele é um cara e tanto, seu chefe, não? Muito He-Man. E pela aparência das coisas, ele arrastou a She-Ra de volta para sua jaula para um pouco de combate corpo a corpo, se você entende o que quero dizer.

Eu franzo minha testa, lembrando dos meus irmãos assistindo a desenhos durante as férias de verão quando eu era pequena.

– He-Man e She-Ra não eram irmãos?

– Eram? – Ele dá de ombros. – Isso aí não é do meu tempo. De qualquer forma, ele é obviamente um pegador, ao que parece. – Edward gesticula sobre o seu ombro com o dedão na direção do corredor. – Você vai ver, acredito. Agora, é melhor eu me apressar, a agenda desse homem é mais complicada que as palavras-cruzadas do jornal.

Acho que ele parou de falar sobre personagens de desenhos, então vou para o escritório. Tanta coisa aconteceu desde que estive aqui há dois dias. Percebo que a pilha de trabalho a ser feito diminuiu e que logo poderei começar a considerar como pendurar as

pinturas. Há mais do que o suficiente para criar uma coleção deslumbrante aqui. Mas não há nada adequado para ser a peça principal que Andrei quer no banheiro.

Eu me sinto grata por Andrei não estar aqui. Não sei como eu poderia encará-lo agora. Talvez James estivesse certo e eu devesse dizer-lhe para engolir esse trabalho idiota... Mas... *e se não foi ele, mas Dominic? Então tudo está bem...* E se não foi Dominic, então foi Andrei... *e ele sabia que eu pensei que ele era o Dominic? Ou ele achou que eu o queria?* “Chega de jogos.” Foi isso que ouvi. Isso poderia se referir à nossa conversa no jantar, quando flertou comigo e eu o recusei?

E então há a minha preocupação de que, se fosse ele, Andrei me ouviu chamá-lo pelo nome errado e adivinhou meus sentimentos por Dominic.

É uma bagunça horrível, mas eu me lembro de que verei Dominic mais tarde. Certamente então vou descobrir de uma forma ou de outra, mesmo se não puder lhe perguntar diretamente o que aconteceu.

Sinto a necessidade de um café antes de começar, então vou até a cozinha, esperando encontrar a Sri lá. Ela pode me mostrar como fazê-lo. Eu estou perdida em meus pensamentos e quase bato em uma mulher alta usando um roupão de seda vermelho.

– Sonhando novamente? – ela diz com uma voz provocadora, e olho para cima, para os olhos verdes e brilhantes de Anna. Ela está de pé no corredor, glamorosa apesar de não estar usando maquiagem e de seu cabelo estar embaraçado.

– Olá, Anna – digo, corando. É óbvio que ela acabou de sair do quarto de Andrei.

– Olá para *você*. – Sua voz rica sempre soando como se tivesse uma risada rolando em algum lugar dentro dela. – Você se recuperou da sua pequena aventura na outra noite?

– Sim, obrigada – digo, um pouco séria. Não quero discutir isso com Anna e espero que ela perceba.

Ela se espreguiça um pouco e boceja.

– Bom. Agora, preciso de um pouco de café. Quer tomar um comigo?

Sem esperar por uma resposta, ela se vira e vai para a cozinha, seu roupão de seda vermelho escuro tremulando ao redor das pernas enquanto caminha. Ela não parece achar nem um pouco esquisito ter saído do quarto de Andrei depois de claramente ter passado a noite ali.

– Sri, o seu melhor café colombiano, por favor, tão forte quanto puder fazer sem dissolver a colher – ela grita quando chega à cozinha. – Você sempre faz um café tão bom, o melhor de qualquer lugar. – Sri obedece, se movendo para lá e para cá enquanto nós nos sentamos à mesa da cozinha.

Anna fixa seu olhar em mim.

– Presumo que você esteja se perguntando o que eu estava fazendo no quarto de Andrei.

– Nem um pouco – digo educadamente.

Ela ri.

– Você é tão inglesa! Tão engraçada. – Então, adotando um sotaque inglês exagerado, ela diz com uma voz engraçada: – Nem um pouco.

– Bem – eu digo, relaxando um pouco –, é óbvio, não é? Acho que você e Andrei estavam jogando uma longa e demorada partida de Batalha Naval.

Ela joga a cabeça para trás e ri de verdade, mostrando seu elegante colo branco.

– Sim, isso mesmo! Batalha Naval. É um nome excelente para isso. Um dia você vai me dizer o que é uma Batalha Naval. Parece divertido.

Sri traz um bule de café cheio de vapor, um jarro de leite e algumas xícaras e os coloca sobre a mesa para nós.

– Obrigada, Sri – diz Anna. Ela pega o bule e começa a servir o nosso café. – Você com certeza adivinhou que embora jogar a tal Batalha Naval possa ser uma maneira maravilhosa de passar a noite, não é isso que Andrei e eu fizemos. Nós somos amantes. Ocasionais, mas nem por isso menos apaixonados.

Eu pego a xícara que ela me oferece e coloco um pouco de leite. *Por que ela está me dizendo isso?* Não digo nada, e ela continua.

– Presumo que você já tenha reparado que Andrei tem uma natureza apaixonada, muito apaixonada na verdade. Ele é um herói romântico de alguma forma: forte, poderoso... dominador. – Ela fixa o olhar no meu rosto por um tempo, como se estivesse lendo minha reação cuidadosamente. Permaneço em silêncio e ela continua: – Pensei isso quando vi vocês dois saindo da caverna depois da festa. Ele te carregava tão facilmente, como se você não pesasse nada, os braços dele em volta do seu corpo. Você parecia meio dramática, como se tivesse desmaiado, sua cabeça no ombro dele, seus braços ao redor do seu pescoço, aquele vestido bonito flutuando ao seu redor. Eu fiquei feliz de ver que você estava bem. Dominic e eu estávamos bem preocupados com você.

Meu estômago se contrai nervosamente.

– Vocês estavam? – *Ela pode me dizer algo mais sobre aquela noite, algo que talvez me dê uma pista? Ela sabe de alguma coisa?*

Ela confirma com a cabeça. Antes de responder, dá um gole em seu café preto, então diz:

– Nós estávamos com medo de que você tivesse se perdido. Todos saímos para procurá-la, cada um de nós pegou uma rota diferente até a superfície, esperando encontrar você no caminho, e foi Andrei quem encontrou.

Eu não consigo deixar de perguntar:

– Não foi o Dominic? – Há quase um tom de súplica na minha voz. Espero que ela não tenha percebido.

– Ah, não. Ele me encontrou na superfície não muito tempo depois de nos separarmos. – Ela ri de novo. – Se eu fosse uma mulher ciumenta, Beth, talvez ficasse com ciúmes de você. – Ela balança o dedo para mim como se estivesse me dando uma bronca. – Ver você nos braços do meu amante, tão impotente como um gatinho resgatado... bem, talvez fique com medo que você tenha tocado algo nele, um instinto protetor, talvez até... um sentimento amoroso.

– Não tenha medo disso – digo. Minha voz está forte somente porque me sinto entorpecida e quase horrorizada. *É realmente verdade? Foi Andrei quem me encontrou e não Dominic?* – Não há nada entre Andrei e mim. E, além disso, isso foi duas noites atrás, e

ele estava com você na noite passada. Então você não tem nada a temer.

Ela suspira alegremente, quase satisfeita, como se estivesse se lembrando de uma experiência deliciosa e voluptuosa.

– Você está certa. Ele estava. – Ela coloca as mãos no rosto, apoiando o queixo nos punhos, e as mangas de seda escorregam pelos braços, revelando os pulsos. Meu olho é atraído imediatamente para a pulseira brilhante ao redor do seu pulso direito. Um lindo bracelete esmaltado adornado por pequenos diamantes descansa ali lindamente, as pedras brilhando sob as luzes. Ela vê que eu estou olhando e diz casualmente: – Oh, vejo que você reparou nisso. Você gostou? – Sua outra mão vai até ele e o gira gentilmente em torno do pulso, me mostrando o padrão esmaltado. – Adorável, não é? Andrei me deu. Pertenceu a uma princesa russa, uma ancestral minha, na verdade. Ele o comprou especialmente para mim, sabendo da conexão. Não é gentil da parte dele? Ele é tão ocupado e ainda assim encontrou isso para mim. – Ela sorri. – Eu o guardarei para sempre.

– É lindo – respondo, não sabendo se deveria perguntar sobre qual princesa russa ela está falando exatamente, ou se deveria apenas ficar satisfeita porque o presente que comprei foi obviamente um sucesso. Eu não consigo evitar olhar para suas orelhas, talvez Andrei tenha pegado os brincos que deixei na caixa, no quarto de hóspedes, e dado para Anna, afinal. Mas suas orelhas estão nuas. – Sua relação com o Andrei deve ser séria.

– Hmm. – Ela sorri novamente. – Acho que sim. Mas o tempo dirá, não estou com pressa de me amarrar ainda. E você, Beth? Uma garota bonita como você deve ter alguém importante na sua vida...

– Sim – eu digo. – Eu tenho um namorado. Ele é maravilhoso. Estamos indo bem.

Ela se inclina na minha direção e sinto seu perfume nas minhas narinas: um cheiro rico e obscuro.

– Como ele é? Me conte sobre ele.

– Eu... eu não gosto de falar sobre ele. Prefiro manter isso privado.

– Andrei sabe?

Eu me pergunto por que ela está me perguntando isso, mas digo:

– Sim. Eu disse a ele. – *Caso vocês dois se permitam uma conversa na cama, suas histórias vão bater.* Eu tomo um gole do meu café e digo: – Obrigada pela conversa encantadora, Anna. Devo voltar para o trabalho agora. Talvez a veja depois.

– Talvez – ela responde, encostando de volta na cadeira, brincando com o bracelete de novo. – Ou outra hora. Até mais, Beth.

Eu levanto, agradeço Sri pelo café delicioso e volto para o escritório. Na segurança do meu próprio espaço, fecho a porta, me apoio nela e deixo sair uma expiração profunda. Esse lugar está ficando mais estranho, com a estranha Marcia substituída pelo ainda mais estranho Edward, e agora com Anna flutuando em uma nuvem de satisfação sexual e marcando seu território, enquanto seu amante está dando em cima de mim...

E talvez até indo mais longe.

Fecho os olhos, tentando me manter calma. Se Anna estiver dizendo a verdade sobre o que aconteceu depois da festa, parece cada vez mais provável que eu tenha cometido um erro terrível naquela noite na caverna. Esse pensamento me faz sentir enjoada de arrependimento e com medo das consequências.

Volto para o meu trabalho, tentando empurrar isso para fora da minha cabeça. Preciso terminar esse trabalho para poder sair daqui e chegar um passo mais perto de uma vida normal com o homem que amo.

Se já não tiver estragado tudo, claro...

Capítulo Doze

Os pensamentos rolam pela minha cabeça em um círculo ininterrupto e estão quase me levando à loucura. A única alternativa é tirá-los todos da minha mente e pensar apenas no trabalho. Naquela tarde, terminei de examinar a coleção, uma conquista que melhora um pouco meu humor.

Eu vou para o escritório terminar de digitar meu trabalho e tentar não ouvir Edward fofocando ao telefone com seus amigos. Acho que ele não liga muito para esse trabalho, já que só vai ficar aqui até a Marcia voltar.

Um e-mail apita na minha caixa de entrada e clico nele. É do Dominic, enviado de sua conta privada.

Oi, linda

Mal posso esperar para nos vermos hoje à noite. Que tal no budoar às 8? Acho que jantaremos em casa hoje, não? Me avise se você não puder ir, caso contrário eu te vejo lá.

Dx

Alguns dias atrás, um e-mail como esse teria me mandado até a estratosfera de prazer e antecipação. Agora eu o releio, me sentindo culpada e triste. Não importa que seja inocente no meu coração, se estou tecnicamente errada, então como posso explicar de uma forma que Dominic entenda?

Como vou poder me olhar no espelho? E se era o Andrei, certamente ele vai falar comigo sobre isso... e o que vou dizer?

Eu saio de Albany às cinco horas e vago pela Piccadilly, então desço até a Jermyn Street, tentando livrar minha mente das preocupações olhando as vitrines. Eu viro em uma outra rua, onde há uma série de galerias de arte, suas vitrines mostrando trabalhos magníficos, exibindo-os no seu melhor ângulo sob o brilho suave das luzes. Meu olhar é atraído pela pintura de uma garota lendo. Ela está

de perfil, sentada em um batente ou em um banco de janela em uma grande almofada de seda, sua cabeça inclinada para ler o volume que ela segura em uma mão, enquanto seu outro braço está confortavelmente sobre o braço de sua cadeira. Ela é jovem, com bochechas rosadas e uma testa lisa, seus olhos direcionados para as páginas que ela está lendo, seu cabelo puxado em um simples coque alto ao redor do qual uma fita foi amarrada. Ela parece moderna, e ainda assim está usando uma roupa do século XVIII, com um ar francês distinto, um pálido vestido amarelo com um corpete apertado, mangas longas com punhos rendados brancos, uma fita rosa amarrada em um laço com babados abaixo dos seios. Uma tira branca franzida – o que eles chamavam de *fichu*, eu acho – está ao redor do seu pescoço, presa por trás com mais da fita rosa de que ela evidentemente gosta tanto. É sereno e lindo, e captura a garota tão bem que eu quase espero ver seu peito se mover, ou seus dedos tremularem para a frente para virar a página.

Eu posso ver que o dono da galeria está quase fechando o estabelecimento; ele está se preparando para puxar as cortinas de ferro densamente trançadas sobre as janelas. Com um trabalho como esse lá dentro, eu entendo por quê.

Por impulso, me apresso para dentro. O dono está ficando careca, com um pouco de cabelo branco ralo pendurado sobre o seu pescoço, e ele tem o rosto vermelho e uma papada.

– Nós estamos fechando, eu receio. – Ele diz de forma rápida.

– A garota na janela, a linda pintura da garota lendo. Quanto custa?

O homem pisca para mim, de boca aberta, então diz:

– Aquilo, minha querida criança, custa muito mais do que acho que você tem para gastar.

Eu levanto minhas sobrancelhas para ele.

– Vamos ver. Quem é o artista?

– O artista é Jean-Honoré Fragonard.

Agora é minha vez de ficar surpresa.

– Fragonard... o Fragonard?

– Bem, há vários Fragonard, temos a mulher de Jean-Honoré, Marie-Anne, sem falar no seu filho e no seu neto. Mas sim, se você

quer dizer o Fragonard rococó... bem, aquela pintura é dele.

Eu quase não consigo acreditar. Os trabalhos mais famosos de Fragonard são altamente teatrais: franjas e babados, cinturas e membros inacreditavelmente esbeltos, e bochechas de porcelana com pontos cor-de-rosa. É um romance italiano feito em estilo francês: aristocratas brincalhões em grutas, todos vestidos em seda e chapéus de pintura, enquanto beijos são roubados de damas da sociedade por admiradores apaixonados. Eu me lembro da minha visita à Wallace Collection no início do verão, quando vi sua famosa pintura *O Balanço*: uma garota adorável está sentada no alto do seu balanço, balançando as pernas anatomicamente impossíveis no ar enquanto um pequeno sapato rosa se solta e sai voando, dando ao seu namorado sorridente uma boa visão do que há sob suas saias enquanto ela navega sobre sua cabeça. Seus babados e fitas rosas provavelmente inspiraram centenas de retratos de princesas de contos de fada e fizeram jovens garotas desejarem vestidos exatamente como aquele. O trabalho é lindo e hábil, mas nada como a pintura na janela, com seus traços nítidos e amplos, e seu uso da cor para mostrar o efeito da luz sobre a pele e o tecido. O rosto e o cabelo da garota são naturalistas, com tons de azul e lavanda, e suas proporções são reais, que é a razão de ela se parecer mais com um retrato do fim do século XIX, ou mesmo do início do século XX. A única dica de que ela talvez fosse um Fragonard é seu dedinho curvado. Não fosse por isso, eu nunca teria adivinhado.

O dono da galeria esteve observando eu absorver tudo, e então diz:

– Sim, não é o estilo pelo qual ele é renomado. Você está pensando, sem dúvida, nos seus trabalhos altamente elaborados. Você talvez não conheça sua pintura tão bem, mas ele exerceu muita influência sobre os impressionistas, incluindo Renoir. Sim, esta pintura é dele. – O dono da galeria se simpatiza um pouco comigo enquanto aprecia meu franco assombro. – Há algo similar em uma galeria em Washington, nos Estados Unidos. Procure, se você não acreditar em mim.

– E quanto custa?

Ele olha para mim quase com pena antes de dizer:

– Mais do que você pode pagar, minha cara. E agora, se você não se importa, eu devo fechar.

Eu o deixo me conduzir para fora da galeria, minha mente acelerada. É tão bonito. Poderia ela ser a *Mona Lisa* de banheiro de Andrei? Essa garota ficaria linda lá, sua seda amarela e rosa e sua pele morna e rosada contra aquele mármore cinza! Mas não seria errado colocá-la lá, onde ninguém a não ser Andrei poderia vê-la? Ela deveria ficar mais destacada, talvez diretamente na frente do Napoleão, com sua paz quieta contrastando com a vangloriosa busca por poder, sua leitura tranquila enfrentando o bramido e o clamor do campo de batalha.

Dou uma última olhada na obra antes de ir embora. Vou falar com Mark. Ele vai saber o que fazer. Decido ir vê-lo muito em breve.

Eu chego a Randolph Gardens às quinze para as oito. Faz tanto tempo que não volto ao budoar, quero chegar cedo e absorver a atmosfera antes de me encontrar novamente com Dominic. No saguão do prédio de apartamentos antigos, eu me lembro de virar à esquerda, ao invés de à direita, que era o caminho que costumava fazer quando morava no apartamento da Celia. O pequeno elevador me leva até o sétimo andar e, enquanto subo, lembro das vezes que me aproximei desse andar, nervosa com o que me esperava no budoar, mas também profundamente excitada e certa de que seria uma experiência inesquecível. Sempre era. Eu senti falta disso.

E cá estou eu de novo, penso comigo mesma, explodindo de felicidade. Eu vou ficar com Dominic. Sinto como se esse fosse nosso verdadeiro encontro.

Eu entro. O pequeno apartamento parece deserto e malcuidado, e ando através dos quartos, agora empoeirados e um pouco frios. É loucura deixar esse lugar abandonado, mas não quero viver aqui sozinha, seria solitário demais. Achei que Dominic e eu o usaríamos como nosso esconderijo, mas então ele partiu e o apartamento ficou vazio desde então, esperando que ele voltasse. *Assim como eu.*

Entro no quarto por último. Depois que Dominic partiu, eu o limpei e o deixei todo arrumado e pronto, para o caso de ele voltar inesperadamente. Se soubesse então quanto teria de esperar, eu teria chorado. Mas isso tudo acabou agora.

A cama é a mesma, com suas pernas rígidas e o corrimão de ferro, tão útil para amarrar algemas e nós de seda. Na frente está o armário que contém alguns dos equipamentos que Dominic tanto apreciava usar em mim, juntamente com cordas e vendas. Eu tremo levemente quando me lembro de algumas das viagens eróticas em que ele me levou. No canto do quarto há uma cadeira branca de couro, comprida e estreita e inclinada para cima, com lugares para prender mãos ou pés de forma que o corpo fique exposto ao beijo da vara ou do chicote. No armário do outro lado do cômodo há uma variedade de roupas íntimas de seda lisa e couro, e as coleiras que eu usava para mostrar minha obediência. Vou até o armário e o abro. Ali, na prateleira, está a coleira que usei na primeira noite: um pedaço de PVC inócuo com um padrão de furos e um laço na frente. Eu a toco, sentindo vontade de pegá-la e vesti-la. Dominic costumava me dar instruções de como me vestir – ou melhor, do que não vestir – e como esperá-lo. Meu anseio por ele agora me faz querer fazer o mesmo novamente, para mostrar-lhe meu amor e desejo. Quero que ele me veja pronta e esperando, ávida para fazer o que ele deseja.

Eu posso suportar qualquer coisa se significar que podemos ficar juntos.

Eu me lembro do flagelo no calabouço do Asylum. Aquilo foi demais para mim, admito. Mas eu levei quase o mesmo aqui nesse quarto e, ainda que algumas das coisas que Dominic desejava fazer comigo fossem além daquilo que eu queria, nunca me arrependi de como ele me fez sentir. Sei que eu quero me sentir daquela forma novamente.

O som de uma chave na porta da frente me assusta e fecho o armário rapidamente. Enquanto eu me movo, percebo que já estou excitada pela memória do que aconteceu entre nós e pela antecipação do prazer ainda por vir.

– Dominic, é você?

– É claro – ele diz com um sorriso quando saio no corredor para encontrá-lo. – Tomara que você não estivesse esperando outra pessoa.

Eu rio, mas dentro há uma súbita pontada de culpa. Eu a deixo de lado por enquanto. Quero apreciar esse momento sem me preocupar. *Afinal, se ele não estava na passagem comigo, não há como saber o que aconteceu lá.*

Dominic está de pé à minha frente, bonito, de terno escuro, uma gravata de seda verde-limão garantindo um detalhe de cor, e ele abre os braços para mim. Seus olhos são de um marrom derretido e sua bonita boca está curvada em um sorriso enternecido.

– Venha, Beth. Eu esperei tanto por esse momento. Nós dois, sozinhos, em nosso antigo cantinho.

Sou tomada pela alegria e me jogo nos seus braços, pressionando meu rosto contra seu peito reconfortante e apreciando a sensação dos seus braços me apertando.

– Eu esperei tanto! – A emoção corre dentro de mim. Dominic esteve tão longe e tão difícil de alcançar, minhas mensagens e e-mails pareciam cair em um buraco negro. Não importava quanto tentasse, não conseguia trazê-lo de volta. Mas agora, enfim, ele retornou para mim. Meu lábio está tremendo enquanto eu me aproximo dele, meus braços ao redor de suas costas largas. O seu cheiro, quente e masculino e delicioso, tão familiar, faz meu peito se contrair e percebo que lágrimas estão se formando. Uma transborda imediatamente e escorre pela minha bochecha. Eu fungo.

– Beth? – Ele me afasta e olha fixamente para mim. Com um dedão, ele limpa a lágrima errante. – Beth, querida, o que houve?

– Nada. – Eu sorrio para ele, embora as lágrimas estejam escorrendo de maneira abundante agora. – Só estou muito feliz, é só isso.

Seu olhar amolece. Os olhos são incrivelmente bonitos, emoldurados por cílios escuros, um marrom profundo que se torna mais escuro em momentos de grande emoção: eu já os vi negros de raiva e negros de luxúria.

– Eu estou feliz de te ver também. – Ele corre seu dedão pela minha bochecha, como se despejasse lágrimas com ele. – Mas não chore. Hoje é uma noite feliz, não é?

Eu aceno com a cabeça, piscando para fora a última das minhas lágrimas.

– Acho que te ver desse jeito foi um pouco demais para mim. Eu estou feliz, sério, eu juro!

– Bom. – Ele inclina a cabeça em direção à minha e sinto o calor macio dos seus lábios enquanto eles passam pela minha boca. Oh, esse beijo... eu fecho os olhos e ponho minha cabeça para trás para recebê-lo melhor, mas no lugar, eu sinto seu dedão passando por meus lábios. – Ainda não – ele murmura. – Vamos comer antes. Você pode ser minha sobremesa... e eu serei a sua.

– Que delícia – sussurro. Então fico subitamente abatida. – Mas eu não trouxe nenhuma comida! Esqueci completamente. – Meu apetite foi completamente suprimido pela empolgação de ver Dominic.

– Não se preocupe – ele responde, e sorri. – Eu trouxe.

É uma ceia simples, mas perfeita para nós: Dominic trouxe filés de cordeiro, já temperados com alecrim e alho, alguns vegetais e uma garrafa de bom vinho tinto.

– Rápido e muito fácil – ele diz enquanto esquento a grelha. – Veja o que você acha nos armários.

O apartamento não foi propriamente habitado, mas consigo reunir pratos e talheres e algumas canecas para beber o vinho. Um velho saca-rolhas, encontrado no fundo da gaveta, abre a garrafa e eu sirvo o vinho. Um aroma delicioso de cordeiro grelhado enche a cozinha e percebo que estou faminta. Quando Dominic põe o prato na minha frente dez minutos depois, eu estou bem pronta para comer.

– Como foi o seu dia? – pergunto enquanto me atiro sobre a comida.

– Não muito ruim, considerando o tanto de tempo que estive fora da cidade. Só algumas falhas de sistema e dores de cabeça, mas tive um bom progresso em um negócio grande. Mais uma semana ou outra e nós terminaremos, se tudo for de acordo com o plano. E então... – Ele olha para mim e sorri. – Fica esperto, Dubrovski!

– O que você quer dizer?

– Vou me demitir e começar minha própria companhia para administrar meu dinheiro e investir. Eu sei exatamente o que quero fazer e como fazê-lo. Até agora, Andrei tem lucrado com a minha

competência enquanto eu tenho aprendido tudo o que preciso saber, mas agora vou assumir o controle e fazer as coisas do meu jeito.

– Que surpresa – digo provocando. – Assumir o controle? Fazer do seu jeito? Isso não parece com o Dominic que conheço e amo.

Ele parece um pouco acanhado, então continua.

– Não sirvo para ser um empregado. Uso toda a minha força de vontade para não mandar Dubrovski ir se matar quando não concordo com o que ele quer fazer. Eu estarei melhor sendo meu próprio chefe, com certeza.

Eu o observo enquanto nós comemos. Sei que ele está certo. É óbvio que Dominic quer e precisa dirigir seu próprio barco. Deve ter sido um teste enorme para o seu caráter submeter-se aos desejos de Andrei e fazer o seu trabalho sob as ordens de outra pessoa. Mas como Andrei vai se sentir quando seu empregado se tornar seu rival? Ele é um homem acostumado a ser o manda-chuva. Certamente ele nunca verá o seu pupilo como um competidor sério. Eu penso subitamente em um velho lobo sendo derrubado por um macho mais novo e agressivo, um que já tenha sido um braço-direito confiável, mas que agora sentiu fraqueza no líder e está preparado para arriscar uma batalha até a morte. *Mas Andrei não está lá ainda. Ele não está velho e está longe de ser fraco. E aposto que ele está pronto para esmagar qualquer um que queira tomar o que ele considera seu.*

– E você? – Dominic diz, sem saber o que estou pensando. – Dia bom?

– Dia estranho. – Eu olho para ele enquanto falo. – A Anna estava no apartamento hoje. Ela obviamente passou a noite lá. – Eu o observo cuidadosamente, para ver qualquer mudança na sua expressão. *Mesmo tendo certeza de que ele não está envolvido com ela, não consigo deixar de me preocupar um pouco.* Mas ele não reage. – Parece que ela e Andrei estão juntos novamente.

– Por enquanto – ele diz dando de ombros. – Eu não sei o que eles realmente sentem um pelo outro, mas eles gostam de transar, então boa sorte para eles.

– Mas não é certo, é? Um chefe dormindo com sua funcionária?

– Se fosse alguém que não a Anna, eu talvez ficasse preocupado. Ela definitivamente sabe como se cuidar. Na verdade, se alguém tem que se cuidar, é o Andrei. – Dominic me dá um sorriso largo. – Acredite em mim, a Anna é durona.

Durona... inteligente... bem-sucedida... linda... sexy... o que mais um homem poderia querer?

Não pense assim, digo brava a mim mesma. Afinal, sei que isso só leva a ciúmes e mal-entendidos. Penso no meu próprio mal-entendido. Estive repassando os eventos na caverna o dia todo, mas minha memória é sempre a mesma: um encontro apaixonado com Dominic, seguido de um vazio completo. São só os detalhes que descobri desde então que fizeram crescer essa suspeita horrível em mim, e as palavras de Anna essa manhã me fizeram duvidar ainda mais da versão na qual acredito. *Eu tenho que perguntar. Não sei se conseguirei me entregar para ele direito se estiver com receio de ter sido infiel.* Mais uma vez, vejo a armadilha dentro da qual estou: não posso perguntar sem também deixá-lo saber o que fiz. *Tenho que perguntar sutilmente.*

– Você gostou de dançar com a Anna na festa? – eu pergunto casualmente.

De uma só vez ele me encara e seu sorriso some só um pouco.

– Não comece com isso de novo, Beth. Acho que fui perfeitamente claro nesse ponto. Você não tem nada com o que se preocupar.

– Eu sei, eu sei – digo rapidamente. – Não quis dizer isso. Só quis dizer que nós nos divertimos mais quando estávamos juntos, não?

– Claro que sim. – Sua expressão relaxa novamente. – Você sabe disso. Só estar perto de você foi ótimo, e ainda mais porque foi inesperado. Você estava tão linda... você era a mulher mais deslumbrante da festa.

Eu sorrio, tocada e feliz com seu elogio.

– Eu queria estar no meu melhor. Você era toda a razão para eu estar lá. É por isso que ficarmos juntos, só nós dois, significou tanto.

– Eu sei – ele diz gentilmente, seus olhos se derretendo. – Foi incrível poder te tocar daquela forma... sentir você novamente. Eu estava louco por você. Honestamente, Beth, algumas vezes quando

ficava em algum pequeno barraco nas profundezas da Sibéria tendo somente uma porção de mineiros como companhia e um forno como aquecimento, eu imaginava você comigo, o seu lindo corpo, suas curvas maravilhosas, e foi isso o que me segurou. Saber que você estava esperando por mim, como você me prometeu, e saber que um dia eu iria te abraçar de novo, como fiz naquela festa.

– Eu estava louca por você por muito tempo também – eu digo rouca. – Eu queria que nós fizéssemos amor de novo... por isso é que foi tão, tão bom quando fizemos. Eu não podia resistir a você, não importava onde estivesse.

– Foi incrível para mim também – ele responde.

O alívio me inunda. *Era isso o que eu precisava saber. Era Dominic no túnel, não Andrei. Oh, graças a Deus! Estou livre daquela culpa terrível, horrível.*

– O que é tão engraçado? – Ele diz, entretido. – Você está sorrindo muito!

– Nada, nada, só estou feliz demais! – Eu levanto, dou a volta na mesa e jogo os braços ao redor dele. Eu lhe dou um abraço apertado. – Não acredito que nós estamos juntos de novo, e tudo está bem.

– Hmmm... que tal voltarmos para o jantar depois? – Dominic pega uma das minhas mãos e a pressiona contra seus lábios, mordendo-a levemente com os dentes, e acrescenta: – É só que eu acabei de pensar em algo que apreciaria muito, muito mais...

Nós começamos a nos beijar de verdade, explorando profundamente a boca um do outro. É tão viciante e prazeroso que nós quase não conseguimos nos separar o suficiente para cambalear até o corredor e de lá para o budoar, mas de alguma forma nós conseguimos, tirando nossas roupas pelo caminho até que chegamos ao quarto. Eu estou usando somente minhas roupas de baixo agora, e Dominic me beija forte enquanto abre meu sutiã e liberta meus seios, dando um suspiro baixo de apreciação quando os mamilos rosados, já salientes, são revelados. Ele passa uma mão pelos montes macios, segurando-os.

– Você é tão linda... eu sonhei com essas belezinhas, poder sentir seu gosto e te chupar toda... – Ele abaixa a cabeça e puxa um dos

meus mamilos para a sua boca, mordiscando gentilmente. Então ele o liberta, abrindo um sorriso preguiçoso. – E sentir o seu gosto aqui também... – ele engancha um dedo sob minha calcinha de seda e o esfrega levemente em mim. Eu estremeço enquanto ele deixa uma trilha queimando na minha pele. Logo em seguida, a calcinha jaz em um brilhante monte preto no chão e estou completamente revelada para ele. O que ele vê evidentemente o agrada, pela visão da sua cueca. Eu escorrego minha mão pela abertura e agarro sua ereção com meus dedos, e ele geme suavemente.

De repente ele me pega e me coloca na cama, me deitando de costas. Eu observo enquanto ele abaixa a cueca e a tira. Eu não consigo tirar os olhos da sua enorme ereção. Não vejo seu pau há tanto tempo... nossos encontros desde que ele partiu foram no escuro, então só senti. Agora a visão dele me faz latejar e doer de desejo, mas tento me controlar. Nós temos todo o tempo que quisermos essa noite.

Ele deita perto de mim e me puxa de lado, de modo que nossos corpos estão pressionados um contra o outro; ele passa a mão sobre minhas coxas, costas e bunda, enquanto eu saboreio a sensação de seu pau duro pressionado na minha barriga e a firmeza dos músculos dos seus braços. Nós nos beijamos novamente, beijos lentos, afetuosos, crescendo a cada segundo em paixão, até que não consigo mais aguentar e tenho que tocá-lo. Eu paro o beijo e o empurro para que possa pegar o seu pau quente na minha mão; é tão liso e macio sob meu toque, é difícil acreditar como ele pode ser exigente.

– Você se lembra de quando era sua escrava? – eu digo rouca. – Você gostava que eu te servisse.

– Hmm – ele diz. – Ainda gosto.

Eu sinto uma emoção prazerosa.

– Você ainda me quer? Quer me dominar?

– Sim... mas, dessa vez, com regras. E limites. Da última vez você confiou em mim. – Ele sorri um pouco triste. – E eu te desapontei. Um mestre deve proteger sua escrava. A escrava põe a sua fé no mestre, que lhe exigirá obediência e terá o seu prazer, mas em troca

ela terá permissão de provar os mesmos deleites. Sua dor, de qualquer tipo, só pode ser o que ela quer e pode suportar.

– Você quer limites? – eu digo, segurando o seu pau teso na minha mão, gentilmente esfregando a pele para a frente e para trás. Eu ouço sua respiração parar na garganta enquanto coloco minha mão na ponta lisa e aveludada. – Nós não precisamos disso. Confio em você. Sei que você não quer fazer coisas comigo, caso eu não esteja pronta, como...

– Como? – ele pergunta. Passo minha mão por baixo das bolas macias e vou além, para o lugar sensível. Eu deixo meu dedo passar levemente sobre o ponto.

– Como... aqui.

– Você quer dizer sexo anal?

Confirmo com a cabeça.

Ele me encara e então diz:

– Tudo bem. Se nós algum dia entrássemos nessa viagem juntos, seria somente com o seu total consentimento. Mas mesmo se você não quiser que eu a penetre completamente, pode achar outras coisas aceitáveis. Alguns apetrechos menores podem dar uma sensação incrível, um dedo, um vibrador mais fino, um plugue especialmente desenhado só para caber na sua bundinha linda. Ele vai fazer você se sentir ainda mais cheia quando eu estiver te comendo.

Solto um gemido ao ouvir suas palavras. Mesmo que não tenha certeza de como me sinto com relação a qualquer coisa anal, a ideia é excitante, e a maneira como ele está falando manda dardos de excitação por todo o meu corpo. Ele passa uma mão pela minha bunda e coloca seu dedo entre as nádegas, mas não fundo o suficiente para me contrair de forma estranha em algum lugar que não espero. Não consigo imaginar querer ter qualquer coisa pressionada no meu traseiro quando ele poderia muito bem ir onde sinto um desejo e apetite a serem saciados.

– Eu não sei – digo. – Não posso concordar com isso explicitamente, mas confio em você para saber quando eu estiver pronta para fazermos.

– Nada disso. – Para minha surpresa, Dominic balança a cabeça, embora ele ainda esteja sorrindo para mim. – Você tem que querer em voz alta. Se você não pedir, não vai ganhar.

– Isso é realmente o *ethos* de um mestre? – eu digo, apertando seu pau novamente. Desejo prová-lo. Na verdade, não acho que consiga esperar mais.

– Não posso controlar os outros se não puder me controlar – responde Dominic. – Isso é algo que aprendi com aquilo que aconteceu entre nós. – Ele parece sério por um momento e põe sua mão para me fazer parar de massageá-lo. – Eu estou falando sério, Beth. As coisas mudaram desde que nós estivemos juntos da última vez. É claro que sempre vou querer ser seu mestre e ter você se oferecendo a mim e a tudo que eu quiser fazer com esse seu corpo maravilhoso. Mas os efeitos do que fiz quando perdi a cabeça... eles ficaram em mim de uma forma que não consigo explicar. Não ainda, de qualquer forma. E isso significa que nós temos limites agora. Alguns são seus... outros são meus. Se você quer que eu siga meus desejos e use a sua bunda quando achar que é certo, você vai ter que me dizer isso agora. Ou não vai acontecer, querida. Eu falo sério.

Sua mãos soltam as minhas e eu agarro seu pau com ainda mais força.

– Hmmm – eu digo. – Deixe-me pensar sobre isso... eu só preciso de um pouco de tempo... se estiver tudo bem... senhor.

Ele me dá um meio sorriso e sua voz assume o tom mandão do meu mestre sexual.

– Você pode ter algum tempo para fazer o que quiser. Eu digo quando seu tempo acabar.

– Obrigada, senhor.

Eu escorrego pelo seu corpo, minhas mãos correndo por sua barriga, deixando meus dedos brincarem no rastro de pelo escuro que circula seu umbigo e continua em direção à sua virilha. Beijo sua pele lisa e morena, maravilhada por sua barriga firme e a onda dos músculos que sinto ali. Ele descansa uma mão no topo da minha cabeça, acariciando meu cabelo gentilmente, e sua respiração se aprofunda. Eu me viro de modo que estou entre suas pernas e uso

meus joelhos para separar suas coxas e dar espaço para que eu me agache no vazio que foi criado, como se fosse começar a adorá-lo... o que, de certa forma, eu vou. Pretendo prestar uma homenagem completa à parte do corpo de Dominic que me dá tanto prazer. Eu seguro seu membro quente na minha mão, e ele parece endurecer ainda mais em antecipação àquilo que pretendo fazer. Mas eu não vou lhe dar essa satisfação ainda. Primeiro respiro levemente sobre seu pênis e uso minha língua para tocá-lo bem suavemente, lhe dando um pequeno gosto do que está por vir. Então passo para o pacote macio das suas bolas com a sua cobertura de pelo escuro e o assopro levemente, pegando a coisa toda nas minhas mãos e apertando suavemente, antes de começar a beijá-las e lambê-las.

Ele geme enquanto trabalho com minhas mãos e língua. Ambas as suas mãos estão no meu cabelo agora, e seus dedos apertam minha cabeça enquanto ele responde às sensações deliciosas que eu estou lhe dando. Passo um dedo por trás das suas bolas, então deslizo lentamente minha boca aberta, da raiz do seu pinto ao longo da espessura. Ele pulsa sob meus lábios úmidos e os movimentos disparados que minha língua faz enquanto eu me aproximo do topo da sua masculinidade. Eu brinco no topo do seu pau com a minha língua, esfregando a pele em torno da sua cabeça e fazendo cócegas suavemente com minhas unhas até sentir que ele está impaciente e desejando mais.

– Me chupa – ele diz rudemente. – Me engole com a boca. Inteiro.

Estou ávida para obedecer. Eu o estou desejando agora e quero envolvê-lo completamente na umidade macia e quente da minha boca, mesmo que saiba que isso vai ser difícil. Eu me inclino nos joelhos e coloco minha cabeça em uma posição que significa que posso colocá-lo fundo para dentro. Fecho os olhos e deixo ele deslizar dentro da minha boca, dando-lhe boas-vindas com os rápidos movimentos da minha língua. Ele é enorme e eu não tenho certeza se consigo acomodá-lo inteiro, mas ele empurra e eu me concentro em relaxar para que ele possa alcançar tão fundo quanto queira. Justamente quando penso que eu não posso aguentá-lo mais um milímetro ele recua de modo que a ponta roça nos meus dentes,

me dando um segundo para me recuperar, antes de ele empurrar para a frente de novo, suas mãos fortes na parte de trás da minha cabeça.

– Estou fodendo sua boca – ele diz numa voz baixa. – Quero te foder assim até gozar, você entende?

Eu aceno com a cabeça enquanto continuo deixando Dominic escorregar para dentro e para fora da minha boca, seguindo seu recuo com minha língua e depois lhe dando as boas-vindas com a minha garganta aberta. Ele começa a me foder um pouco mais forte. Agora começo a mexer minha cabeça para trás e para a frente só um pouco, de modo que quando ele entra, estou indo para trás só o suficiente para evitar que ele golpeie minha garganta, mas sem interferir no seu prazer ou na sensação de que ele está entrando inteiro dentro de mim.

– Pare – ele manda subitamente, e deixo o seu pau deslizar para fora da minha boca, o libertando. Seu pênis está na minha frente, brilhante com a minha saliva. Estou ávida com a visão dele, meu apetite crescendo. Mas se Dominic decidiu não gozar ainda, então tenho certeza de que ele tem alguma coisa interessante planejada para mim. – Quero ver você se tocar para mim. Mas... – ele avisa – não goze.

Ai, ai. Isso vai ser difícil. Estou quente agora, excitada e pronta para fazer o que ele quiser. Eu nunca me senti assim antes. Da última vez que vim ao budoar, tinha limites com os quais lidar, além do meu próprio medo e a ansiedade daquilo que pudesse vir a acontecer comigo. Mas agora aprendi que meu corpo tem limites muito além do que eu suspeitava. Sei que prazeres vêm do desapego, não da repressão ou da segurança. Fora do quarto posso não querer ser uma escrava ou uma posse, mas dentro dele sei que posso encontrar uma satisfação deliciosa de ser dominada pelo meu mestre, meu voluptuoso, libidinoso, exigente amante. Meu corpo é todo dele, porque sei que ele o usará para me deixar em um estado de êxtase, muito além de seu próprio prazer.

Quero obedecer suas ordens. Eu me deito e coloco os dedos entre minhas pernas. Estou encharcada com meus fluidos.

– Não assim. Eu não consigo ver. Ajoelhe e segure para eu ver.

Faço o que ele diz, me virando para encará-lo de joelhos, me levantando de modo que a minha virilha está quase da altura do seu rosto enquanto ele se deita nos travesseiros. Uma das suas mãos descansa preguiçosamente sobre sua ereção enquanto ele olha fixamente com seus olhos escuros e luxuriosos para o meu monte.

– Vai – ele diz. – Continue.

Eu passo meu dedo indicador devagar pela minha barriga até o pedaço de pelos macios, então o deixo fazer cócegas gentilmente ao redor dos meus lábios e o clitóris que posso sentir emergindo teso do topo da minha fenda. Dominic lambe seus lábios rapidamente e posso dizer que ele está imaginando como seria se inclinar e chupá-la, puxando-a para sua boca e mordiscando-a com os dentes. O pensamento me deixa ainda mais molhada e meu clitóris se contrai, pedindo atenção. Com seu olhar queimando sobre mim, eu coloco meu dedo médio no lugar mais doce e dou um rápido golpe que faz minhas coxas tremerem enquanto as sensações elétricas explodem. Antes teria achado impossível fazer isso na frente de alguém. Agora tenho medo de gozar cedo demais. Mas eu tenho que obedecer, então circulo meu clitóris com o meu dedo e começo a provocar Dominic, gemendo suavemente. Meu corpo obedece e envia doces ondas de eletricidade. Quase sem perceber, seguro meu seio com a outra mão, beliscando e esfregando o mamilo, o que aumenta minha excitação ainda mais.

Dominic está observando intensamente, sua mão ainda no pênis, embora ele não esteja se tocando.

– Enfie os dedos – ele ordena.

Eu passo as pontas dos meus dedos em meu sulco molhado e então as empurro para dentro do calor escorregadio do interior. Sinto meus dedos lá dentro, e começo a levantá-los e abaixá-los, me penetrando com eles. Dominic inspira fundo e sua mão se contrai ao longo de sua vara. Eu sei que o estou provocando quase até o seu limite.

– Bom – ele diz, sua voz baixa e grave, cheia de luxúria. – Muito bom. Eu gosto disso. Quero te comer antes que você tenha o orgasmo que tanto quer. Mas antes...

Ele sai da cama e vai até o armário. Eu observo, colocando meus dedos novamente no meu clitóris inchado, enquanto ele abre o armário e retira um pedaço de corda. Ele o traz para a cama e diz:

– Pare e junte seus braços sobre sua cabeça.

Eu faço o que ele diz, pressionando minhas mãos juntas. Ele pega a corda e a enrola rapidamente logo acima do cotovelo até meus pulsos, deixando um pedaço comprido perto das mãos.

– Suba na cama, de costas para a grade da base da cama. Ajoelhe-se com as pernas abertas.

Eu obedeco novamente. Ele puxa a corda e a amarra na grade, forçando-me a inclinar para trás. Agora meus braços estão presos de forma apertada, enquanto minhas coxas estão esticadas e meu corpo está aberto e exposto, meu sexo fazendo um bico para a frente. Eu percebo rapidamente que se eu tento me inclinar para a frente, meus braços começam a doer, mas se alivio a dor dos meus braços me inclinando para trás, minhas coxas doem imediatamente. Há apenas uma posição em que encontro alívio, então me acomodo nela da melhor forma que posso, enquanto Dominic vem até a cama e me observa um pouco, evidentemente apreciando meus contorcionismos para ficar confortável.

– Quero lambe todo o seu mel – ele diz com uma voz carregada.

– Mas guarde o seu prazer para depois, entendeu?

Eu aceno com a cabeça, passando minha língua por meus lábios.

– Feche os olhos. Não os abra.

Eu os fecho, e é como se tudo estivesse concentrado no meu sexo. Tudo que sei é que em algum momento próximo, vou ser presenteada com o toque prazeroso da língua do meu mestre, e quero tanto isso que estou quase ganindo. Enquanto espero, eu me movo para aliviar a tensão primeiro dos meus braços e depois das pernas. *Isso é insuportável.*

Quero abrir meus olhos mas temo que, se o fizer, Dominic me punirá me amarrando mais forte ou demorando ainda mais para me chupar, e anseio por aquela língua em mim, é a única coisa que pode satisfazer à necessidade que está queimando aqui.

Eu espero e então, enfim, sinto sua respiração ondular sobre meus pelos, me provocando prazerosamente, o êxtase me fazendo

contrair e puxar minhas amarras. Eu abro ainda mais minhas coxas para tentá-lo a entrar, mas se passam longos momentos antes de sentir outro tremor de respiração provocante sobre o meu monte. Eu deixo sair um som como um guincho e digo:

– Dominic, por favor...

Um tapa leve na minha bunda é a única resposta que recebo. Eu aperto meus olhos com força, temendo me esquecer e abri-los na minha antecipação, sem fôlego.

Eu tento ser paciente. *Seja humilde e submissa e seu mestre vai te dar o que você quer.* Mas enquanto espero pelo que parecem horas, quase não consigo controlar meu desejo, que é intensificado pela forma como tenho de ficar me movendo para aliviar a pressão da tensão da corda nos meus membros. Se conseguisse ficar parada, eu poderia ser paciente, mas meu movimento mantém meu sexo quente e pronto.

Então sinto o toque mais suave, a ponta da língua de Dominic no ápice do meu botão, pressionando um pouco mais forte e deixo sair um longo "Ahhh" de prazer e alegria ferventes pela minha espera que acabou. A língua me investiga por um momento, achando o seu caminho até a pequena semente rija no centro do meu clitóris e lhe dá uma lambida endiabrada, antes de deixar o meu grelo e escorregar para baixo, lambendo lentamente por todo o caminho como se estivesse se banquetando com meu néctar. Quando ele chega à minha entrada, deixa a língua brincar fazendo cócegas, sugando e mordendo gentilmente meus lábios antes de empurrar sua língua para dentro e me penetrar com ela. Eu me mexo para trás e para a frente sob as sensações torturantes que vêm não só das atividades prazerosas da língua do Dominic, mas também da tensão das minhas juntas e das linhas de dor que ardem ao longo dos meus braços e coxas quando me esqueço e relaxo. No entanto, não é uma pressão manter meus olhos fechados agora, já que dou boas-vindas à escuridão que me deixa focar tudo nas sensações que a escorregadia língua de veludo do Dominic está criando dentro de mim.

Então, de repente, sua língua se foi e seus dedos estão empurrando forte as minhas profundezas sedentas, enquanto

Dominic chupa meu clitóris para dentro da sua boca, seus dentes o arranhando enquanto ele o suga longamente, como se estivesse extraindo ambrosia. Ele começa a pulsar e vibrar com a pressão, e posso sentir meus quadris se mexendo no ritmo da penetração de seus dedos em mim. Estou chegando tão perto, e o efeito da corda e da tensão sobre os meus músculos está me fazendo ansiar por me liberar ainda mais.

– Me deixa gozar – eu suplico. – Eu preciso!

– Gozar? – sua voz é imperiosa e quase zombadora. – Você é só mais uma daquelas garotas gananciosas que querem ser tocadas, não é? Ser tocada até despejar seu líquido por todo o canto. Ainda não. Você vai ser comida antes.

Eu inspiro e estremeço. Não sei quanto mais posso aguentar de dor nos músculos ou de tormento erótico. Eu mantenho meus olhos bem fechados, esperando que consiga suportar um pouco mais antes de suplicar para ser libertada, nos dois sentidos. Agora ele está entre minhas coxas, seu corpo enorme, forte e quente, empurrando minhas pernas ainda mais distantes. Ele está se inclinando sobre o meu torso esticado e acho que ele está agarrando a sobra de cada lado das minhas mãos amarradas. Sua ereção dura como pedra está pressionada contra mim, suas bolas provocando meu sexo exposto. Colocando o meu lobo da orelha esquerda na sua boca, Dominic o puxa para dentro da boca e o pressiona só o suficiente para me morder, então sussurra:

– Agente. O melhor ainda está por vir.

Seu pênis agora está empurrando a minha entrada, mas Dominic não pretende ajudá-lo a entrar. Suas mãos estão segurando firmemente o corrimão e as minhas próprias estão amarradas. Ele está me atormentando só um pouco mais enquanto sua ponta procura o meu buraco, deslizando pelos meus fluidos sem conseguir entrar.

– Por favor – suplico –, por favor. – Mexo meu quadril para ajudar a guiá-lo para dentro de mim mas ele está sempre fugindo até que eu estou prestes a gritar de desejo e frustração. Então ele bate no ponto certo e meus músculos se abrem facilmente para sua entrada. Eu suspiro enquanto ele me preenche, colocando seu pau até o talo,

sua base se esfregando no meu corpo. Eu tenho uma explosão de vigor renovado, meu sangue se reaquece e começo a me impulsionar para encontrar suas estocadas profundas. Agora minhas amarras providenciam um tipo de resistência que me permite me levantar mais alto e deixá-lo entrar ainda mais fundo, e seu osso púbico tritura meu clitóris, o arranhando até um frenesi. Ele continua fodendo, segurando no resto da corda como apoio, me deixando me levantar nos meus músculos distendidos para encontrá-lo. Eu começo a gritar com cada estocada e sinto meu clímax chegando, afinal.

– Posso gozar? – digo em um arquejo quebrado.

– O quê?

– Posso gozar... *por favor?*

– *O quê?*

Eu grito agora.

– Posso gozar, por favor, *senhor?!*

– Abra os olhos.

Eu obedeço. Ele está me encarando, aproveitando meu estado impotente, minha excitação, o despertar que está deixando meus olhos desfocados e desesperados.

Ele se inclina para a frente e me beija, empurrando sua língua tão fundo na minha boca quanto seu pau está alcançando dentro de mim. Então ele se afasta e diz:

– Goza para mim. Goza para mim agora.

Em perfeita obediência, meu clímax irrompe como um vulcão em chamas e dourado coberto por um prazer quente quase excruciante. Toda a dor que senti nos meus membros desaparece, transformada no prazer mais intenso que me faz estremecer inteira. Enquanto os sentidos me deixam, sinto Dominic ganhando ritmo, segurando minha bunda com uma mão, de modo que pode forçar mais profundamente seu pau, antes de derramar um orgasmo fervente dentro de mim.

Eu desabo languidamente e agora sinto o efeito completo da corda. Meus músculos estão fatigados e doloridos. Agora que o prazer terminou, eles doem, e eu gemo suavemente.

– É melhor eu te soltar – Dominic diz com um sorriso. Sua expressão está repleta de satisfação.

– Sim, por favor – eu digo, e enquanto ele me solta, caio na cama em um bem-aventurado alívio.

Ele deita do meu lado e me abraça. Esfregando-se ao meu pescoço, ele me beija gentilmente.

– Isso foi maravilhoso – ele diz.

– Sim – sussurro em resposta, o abraçando também. – Valeu a pena esperar. – Por um momento, eu me deleito com a proximidade dos nossos corpos e o júbilo de nosso clímax. Então continuo: – Você não tinha usado cordas comigo dessa forma antes.

– Não tinha?

– Não.

– Ah. Você não gostou?

– Eu gostei. É estranho como ser restringida daquela forma pode intensificar tudo que estou sentindo.

– Essa é a ideia. E tive a impressão de que funcionou muito bem, se seus gritos significaram alguma coisa.

Eu o cutuço rapidamente.

– Eu não estava gritando! Eu... Eu... me emocionei.

– Você se emocionou daqui até Timbuktu – ele responde e ri.

– Você ainda quer me controlar, não quer? Quero dizer, você ainda quer ser o parceiro dominante na nossa relação?

Ele passa uma mão pelo meu braço como que saboreando o toque macio da minha pele.

– Eu acho que sim. Não sei se vou mudar, Beth. Você pode suportar se eu não mudar?

– Ah, sim – respondo rapidamente –, eu posso suportar, sem problema. Eu só me pergunto... como nós vamos explorar isso, acho.

Sua voz fica séria.

– Você não tem que se preocupar, Beth. Eu pensei muito enquanto estivemos separados e sei de uma coisa. Não vou usar nenhuma daquelas coisas em você de novo. Sem chicotes ou palmatórias ou chibatadas. Não posso fazer isso nunca mais. – Ele dá um beijo no meu ombro. – Eu sei que você fica feliz com isso.

– Sim... sim, é claro – eu digo. – Eu quero o que te faz feliz, você sabe disso.

– Obrigado, minha querida, isso significa muito para mim... tudo, na verdade. Depois do que aconteceu, eu não posso arriscar de novo. Como disse, nós temos limites agora. E esse é um.

Eu sei que os efeitos do que Dominic fez comigo com aquele chicote quase nos separaram para sempre. Sei que ele ficou muito mal quando percebeu o que tinha feito. Mas ainda assim...

Eu deveria estar satisfeita por ele não pretender me chicotear ou flagelar nunca mais. Mas pensei que era eu quem estabelecia os limites.

Enquanto caímos em um cochilo tranquilo, eu me pergunto por que me sinto tão inquieta.

Capítulo Treze

Quando chego a Albany na manhã seguinte, o guarda-costas me deixa entrar com uma expressão completamente vazia, como se o som de gritos altos não estivesse ecoando pelo apartamento. Como ele nunca disse uma palavra para mim no passado, acho que não há por que ele começar a fazer isso agora, mas, mesmo assim, é meio estranho que nós dois finjamos que não podemos ouvir o guincho feminino, e depois “Andrei! Oh, Andrei!” entregue com um sotaque russo.

Eu me sinto de coração leve enquanto ouço os barulhos, como se tudo estivesse bem com o mundo agora que tenho certeza de que era Dominic, não Andrei, na passagem aquela noite. E Andrei está obviamente muito tomado por sua princesa russa ou o que quer que Anna seja, e é assim que deve ser. No que me diz respeito, eles podem fazer um com o outro o que quiserem, só estou aliviada que minha consciência esteja limpa. Se ele chegou ou não a ponto de batizar minha bebida... bem, prefiro não pensar nisso agora. Não enquanto ainda tenho este trabalho para completar. No momento, estou preparada para terminá-lo e então ir embora.

Caminho atrás do guarda como se eu também estivesse ignorando o agudo grito em russo que agora ressoa de dentro do quarto de Andrei, apesar das grossas portas de madeira.

Não precisa ser um gênio para saber o que está acontecendo lá dentro.

Sim, uma voz interna me responde. Batalha Naval.

Eu entro no escritório e Edward está lá, com fones nos ouvidos, balançando gentilmente enquanto seus dedos passeiam sobre o teclado do computador. Quando ele me vê colocando minha bolsa na cadeira diante dele, ele grita muito alto subitamente:

– Pleurite!

Eu pulo, chocada com o grito inesperado.

– O quê?

– Me desculpe – ele diz em um volume mais normal, enquanto tira os fones do ouvido. – Eu estou ouvindo algo alegre e edificante de acordo com a atmosfera geral, o *Réquiem* de Mozart. E o que eu disse foi “pleurite”. É isso que a mãe da Marcia tem. É um problema pulmonar. Mas ela está melhorando, aparentemente, e a Marcia voltará na segunda. Então... – Edward vira os olhos para cima e aponta a cabeça em direção à porta – ... chega dessa algazarra para mim, graças a Deus. Eles estão assim desde que cheguei. – Ele faz uma careta para mim. – Essa garota tem um bom par de pulmões. Definitivamente não há pleurite lá.

Marcia volta na segunda. É sexta-feira. O fim de semana está chegando. Eu perdi a noção do tempo com a festa no meio da semana. E nós fizemos um progresso tão bom na coleção que eu estou pronta para começar a pensar em como pendurá-la. Isso significa que talvez termine esse trabalho todo antes do que previa. A imagem da garota lendo volta à minha mente, flutuando com sua pureza e serenidade. *Eu devo perguntar para Mark sobre ela. Talvez eu vá vê-lo hoje.*

– Isso não te incomoda? – pergunta Edward, e olho para ele vagamente. – A senhorita soprano lá dentro, gritando como se estivesse praticando para sua apresentação anual!

– Hm... não. – Eu não vou entrar em uma discussão sobre Andrei e Anna com esse cara.

– Que bom – Edward diz, pegando os fones e colocando-os novamente. – De volta para a baderna desenfreada que é o *Réquiem*. E vamos esperar que esses dois tenham chegado ao fim de sua própria *Glória* quando eu tiver terminado.

Eu deixo Edward com Mozart e me concentro em acessar meu e-mail, para mandar uma mensagem a Mark perguntando se posso passar por lá depois, para falar com ele. Surge um e-mail de resposta quase na mesma hora dizendo que eu sou bem-vinda a qualquer momento, ele está em casa, então sugere que eu apareça para almoçar. Na verdade, ele iria me chamar para aparecer por lá se não estivesse ocupada demais com as coisas do Andrei.

Eu fico ridiculamente satisfeita por ir ver Mark. Tenho sentido sua falta. Enquanto respondo o e-mail confirmando nosso encontro, percebo que o amor barulhento parece ter acabado. Uma imagem surge na minha mente: Andrei debruçado nos braços de Anna, ambos respiram profundamente com uma letargia pós-coito. Ela está passando uma mão pela cabeça de Andrei, amarrotando seu cabelo loiro escuro e seus olhos azuis parecem mais suaves. Me faz pensar em alguém passando a mão em um leão.

Um animal selvagem nunca é realmente domesticado. Ele apenas decide não atacá-lo. Ainda.

Chega um e-mail de Dominic:

A noite passada foi como eu esperava. Você é tão maravilhosa, não posso pensar em você ou eu não conseguirei trabalhar. Mas nós temos o fim de semana inteiro para brincar, se você não estiver muito amarrada com nenhum compromisso.

Eu não quero te prender por muito tempo, mas tente deixar uma horinha livre para mim...

Dx

Suas piadas trazem a memória de estar amarrada à cama e mandam um tremor delicioso pelo meu corpo. Uma súbita dor de desejo estala em mim. Eu envio uma resposta.

Eu estou atada pensando nisso. Meu tempo é seu, tudo meu é seu...

Bx

Tento deixar de lado as lembranças do que Dominic fez comigo na noite passada e fazer um pouco de pesquisa sobre o Fragonard, mas é difícil me concentrar. Depois de alguns minutos, decido ir para a cozinha para pegar um pouco de café, oferecendo-me para pegar um pouco para Edward também. Espero que Sri não esteja por ali. Eu sei onde todas as coisas estão e não gosto que ela o prepare para mim quando tenho certeza de que ela tem coisas de sobra para fazer. Fico satisfeita de ver que a cozinha está vazia e começo a preparar a máquina de café como vi Sri fazer. Minhas costas estão

viradas para a porta, então só percebo que há alguém atrás de mim quando ouço uma voz.

– Há o suficiente para mais dois?

Eu me viro e vejo Andrei na porta vestindo um roupão de caxemira azul-escuro que faz seus olhos parecerem quase turquesa.

– É claro – respondo educadamente. – Fiz um bule inteiro, caso alguém mais quisesse um pouco. Vai ficar pronto em um minuto.

Ele avança em minha direção, seus pés descalços silenciosos no chão de madeira. Eu percebo que não o vi desde que nós voltamos a Albany na manhã seguinte à festa, não desde que descobri que ele possivelmente me drogou e que talvez eu tenha feito sexo com ele sob o efeito de entorpecentes. *Não é à toa que me sinto um pouco estranha.* Apesar de agora ter certeza de que eu não fiz sexo com ele, ainda me sinto desconfiada e ressentida com a bebida que me deu.

– Como você está se saindo com o trabalho? – ele pergunta, sorrindo. – Estou ansioso para ouvir tudo sobre ele. Eu não a vi ultimamente, e senti falta disso.

– Está tudo bem – respondo, sem sorriso. – Nada a relatar.

– Ah. – Ele claramente percebe minha atitude enquanto seus olhos esfriam e seu sorriso se apaga. – De qualquer forma, eu gostaria de um relatório. Primeira coisa na segunda-feira.

– Certo. – Eu me viro para o bule de café, que agora está cheio, e pego duas xícaras de café do armário.

– Não precisa, sabe? – ele diz com uma voz baixa.

– O que você quer dizer?

– Não precisa ficar com ciúmes. Da Anna. Ela é uma boa amiga e me ajuda a aliviar um pouco da tensão de tempos em tempos, mas não é nada sério.

Eu inspiro. *Ele realmente pensa que estou com ciúmes! Como pode ter feito essa conexão?*

Andrei continua:

– A Anna tem uma natureza apaixonada... como você provavelmente ouviu. Ela não segura nada. Me desculpe se isso a deixa desconfortável. Não vou mais trazê-la aqui. – Ele estende uma mão e a coloca no balcão, perto da minha, e acrescenta em voz

baixa: – Se algum dia você e eu fôssemos... ficar juntos... bem, ela ficaria para trás. A Anna entende, ela não vai ficar triste. Quero que você saiba disso.

Suas palavras acendem uma tocha de raiva em mim. Eu me viro.

– Andrei, sei que normalmente as pessoas ficam com medo demais para dizer o que elas realmente pensam, mas tenho que dizer que se você está pensando que estou aqui morrendo de amor por você e chorando porque consigo ouvir você e Anna transando, é melhor repensar as coisas. Eu não te amo nem te quero, e nunca vou querer, então não faz sentido chutar a Anna da sua cama.

Seus olhos brilham enquanto ele absorve as minhas palavras.

– Compreendo – ele diz com uma voz baixa e fria. – Talvez eu tenha entendido errado. Tive a impressão de que nós tínhamos ficado... próximos... depois da festa. Obviamente isso foi errado.

– Claro que foi. Eu falei, tenho um namorado... e além disso, um jantar amigável e uma atmosfera de flerte não nos torna um casal.

– Vamos, você não espera que acredite nesse namorado cujo nome você não conseguia lembrar. E foi um pouco mais do que isso, nossa conexão...

Eu continuo sem ouvi-lo, ficando brava agora. Eu sofri nos últimos dois dias por causa do que ele fez, e a culpa e o medo que isso criou. Estou colocando tudo para fora.

– Mas é o fim disso, Andrei, porque – a fúria arde dentro de mim e consigo me sentir perdendo o controle – tentar me drogar não me torna querida para você exatamente! Você tem noção de como isso foi perigoso? Para não mencionar que é um crime!

Seus olhos brilham e ele fica imóvel.

– O quê?

– Você me ouviu!! Eu sei o que você fez na festa... você me deu aquela bebida, o coquetel. Aquele batizado com drogas para qualquer um que queira viajar forte, com alucinações e perda de memória incluídas no pacote.

Andrei me encara, seu rosto impassível.

– É melhor você pensar antes de fazer uma acusação como essa.
– Sua voz está grave e dura como aço.

– Você está tentando negar? – eu replico, me sentindo afoita. Eu o confronto, não tem como voltar agora. A ideia de que o meu empregador, alguém em uma posição de confiança, tenha feito uma coisa tão terrível impulsiona meu senso de traição e dor. Foi sorte de Andrei que as consequências não tenham sido piores, mas elas poderiam ter sido. – Vamos dizer que você próprio não colocou nada na minha bebida. Está honestamente esperando que eu acredite que você não sabe que o coquetel da casa é um porre espetacular? Você e a Kitty Gould são obviamente amigos antigos, e você sempre vai a suas festas. Deve saber como funciona.

– Não sei de que diabos você está falando – ele diz. Andrei parece bravo agora, sua boca dura e seus olhos congelantes. – O coquetel da casa não é batizado. Na verdade, não é nem alcoólico. É um Sea Breeze virgem. É por isso que o dei para você. Eu vi que já tinha bebido o suficiente aquela noite.

Eu paro e por um momento só consigo ficar boquiaberta na frente dele, até que consigo soltar:

– O que você disse?

– Você ouviu. Se quiser, pode ligar para Kitty Gould você mesma e perguntar. Ela vai dizer que não é alcoólico e certamente não tem drogas.

Minha mente rodopia com confusão. Eu me lembro do gosto doce, inócuo da bebida. Talvez ele esteja certo e só fosse suco de fruta. Será que entendi tudo espantosamente errado? *Oh, Deus, o que eu fiz e falei?* Sinto medo. Eu o julguei mal... não julguei? *Mas eu estava drogada, sei que estava. Nunca me senti assim antes, nunca. E se a bebida é servida sem drogas, então isso significa que Andrei deve estar mentindo para mim. Ele próprio deve tê-la batizado.*

Ele dá alguns passos mais para perto e sinto o cheiro da sua colônia misturada com o calor do corpo depois do sexo. Isso tem um efeito estranhamente inebriante sobre mim, mas tento ignorá-lo. Seu olhar está fixo no meu rosto.

– Posso ver que você não acredita em mim. Eu não sei o que a faz pensar que estava drogada. Acho que se confundiu com o efeito do champanhe misturado com um martíni de vodca forte depois de

bastante vinho no jantar. Você estava bêbada, Beth. Eu nunca te machucaria e estou profundamente ofendido por você pensar que eu abusaria da sua confiança dessa forma. – Ele está olhando fundo nos meus olhos, aquele olhar azul-marinho penetrante quase hipnótico na sua intensidade. – Então?

Ele é tão persuasivo e convincente. Uma parte de mim está me dizendo para não confiar nele, e outra foi completamente convencida por suas palavras. *Não é à toa que esse homem se deu bem na vida. Sua persuasão é incrivelmente potente.*

– Posso ver que você não acredita mesmo que eu a machucaria – ele murmura, chegando mais perto de mim. A consciência de que só uma fina camada de caxemira repousa entre o corpo nu de Andrei e mim está me deixando um pouco tonta. Ele é tão alto e largo, e está tão perto. Seu cheiro enche minhas narinas, e o calor da sua pele quase parece acariciar a minha. – Confie no seu julgamento – ele sussurra. – Você sabe que o que quer que aconteça será de sua livre vontade e nada mais... não negue. Não resista ao que está no seu coração. Eu sinto. Sei que você sente também...

Ele está tão perto de mim agora. Meu coração está acelerado e posso sentir meu peito levantando e abaixando mais rapidamente. Eu estou respondendo à sua proximidade sem querer, é quase automático. Ele está me intoxicando com a força da sua masculinidade e da sua vontade poderosa. Ele começa a inclinar a cabeça de modo que o rosto está quase tocando o meu, e sei que ele está prestes a me beijar. Minha respiração está rápida agora. Quero resistir, mas estou congelada. Pelo menos acho que quero resistir... Não há nada na minha cabeça a não ser sua proximidade e a forma como o meu corpo não consegue deixar de se arrepiar em resposta.

– Andrei, onde está aquele café? Você está demorando uma eternidade!

A rica voz russa nos invade e chacoalho minha cabeça como que acordando de um devaneio. Enquanto tento entender o que estava acontecendo, Andrei se vira para a porta, onde Anna está de pé com seu roupão de seda vermelha, sobrancelhas erguidas imperiosamente e um olhar suspeito no rosto.

Andrei fala com ela com uma controlada voz de autoridade.

– Eu estou trazendo agora, Anna. Volte para o quarto.

Ela fica por um momento, olhando primeiro para mim e depois para Andrei, obviamente relutante em nos deixar juntos, mas não ousa desobedecer. Com um pavoneio, ela vira sobre os calcanhares e sai.

Fico agradecida a ela. A interrupção me deu a chance de retomar meus sentidos. Fico horrorizada comigo mesma por ter quase cedido, mas também com Andrei. *O que há com esse homem? Não há fim para a sua arrogância. Mesmo que tenha acabado de acusá-lo de ter batizado minha bebida, ele ainda acha que virei correndo quando ele quiser.* Mas quase funcionou. Se os seus lábios tivessem tocado os meus, não sei o que eu teria feito, e isso me deixa com vergonha de mim mesma. Onde está o meu autocontrole?

Eu jamais vou trair Dominic e o que nós temos! Nunca. Exatamente como ele nunca me trairia.

Minha raiva por mim mesma me faz corar muito e sair rapidamente.

– Eu não me importo com o que ela pensa – Andrei diz, com um tom urgente na voz. – E você também não deveria.

Eu viro para ele, minha voz dura.

– Você não entende, não é? Não estou interessada. Durma com a Anna, case com ela, eu não me importo! Só me deixe em paz. Nossa relação é estritamente profissional, entendeu? E assim que terminar esse trabalho, vou sair daqui. Eu mesma mal posso esperar. – Eu me viro e sirvo o café na minha xícara tão enfaticamente que ele espirra por todo o balcão. – Desculpe se o acusei injustamente, mas o fato de que pensei que pudesse ter sido você diz muito. Agora, se me der licença, vou voltar para o trabalho.

Eu passo por ele, ignorando sua cara brava, e saio a passos largos, sentindo seu olhar me queimando enquanto me afasto.

Estou tremendo por causa do ataque de adrenalina, quando volto para o escritório. Estou exultante por ter expressado minha opinião,

mas também assustada. Eu acabei de falar com Andrei Dubrovski de uma forma que ninguém fala. Pelo menos ninguém que valorize os luxos da vida, como braços e pernas não quebrados, sem falar no seu emprego.

Deixe que ele me demita. Eu não me importo. Não vou ser tratada dessa forma.

Uma voz sussurra para mim: *Tratada como o quê? Foi você que quase o deixou beijá-la.*

Não gosto nem um pouco dessa voz. Nem um pouco. Eu me recuso a ouvi-la. Andrei é o vilão aqui, um mentiroso e um explorador e um homem que está dormindo com uma mulher enquanto dá em cima de outra, uma que está completamente desinteressada e é sua funcionária, além do mais. São todas coisas não muito edificantes do meu ponto de vista.

É um alívio escapar na hora do almoço e sair de Albany. Do lado de fora, o ar está frio e o dia, claro. O sol está brilhando de uma forma outonal agradável, banhando tudo em luz, mas, há uma brisa cortante, gelada e revigorante. Enquanto ando pela Piccadilly, percebo que as árvores no Green Park estão começando a ficar com cor de bronze e que pilhas de folhas já estão aparecendo. No topo dos ônibus de turismo, os turistas estão bem agasalhados com blusas e cachecóis fofos. Passo por Park Lane e então ao redor do Hyde Park Corner e em direção à Belgrave Square. Aqui as casas são grandes palácios brancos com pilares e sacadas e grandes portas de entrada. Muitas têm bandeiras para indicar que se tornaram embaixadas agora, e os carros parados ao seu redor parecem veículos oficiais. Eu respiro fundo enquanto ando, tentando encontrar um pouco de calma no meio de toda a confusão emocional. Justamente quando minha relação com Dominic parecia estar de volta aos trilhos, esse drama extra começa a se desdobrar ao meu redor. Tenho certeza de que assim que estiver livre de Dubrovski, tudo vai ficar bem.

Mas... sei que apesar do sexo arrasador de ontem, estou ficando preocupada com o que está acontecendo com Dominic. Tento não ficar obcecada com isso, dizendo a mim mesma que o fim de semana vai acabar com todas as imperfeições. Nós estivemos

separados por muito tempo, depois de uma crise em nosso relacionamento. Não é à toa que vai demorar um pouco para tudo voltar a correr bem. O importante é que nós nos amamos e estamos comprometidos.

Eu apago resolutamente a memória da resposta traidora do meu corpo a Andrei. No que me importa, nunca aconteceu. Talvez nunca saiba de verdade se eu estava drogada ou não, mas não importa agora. Era Dominic na passagem. Sinto-me segura disso como se fosse um bote salva-vidas.

O almoço com Mark é como retornar de um campo de batalha para a civilização. Sua casa é um refúgio de paz e bom gosto e ele é o coração sereno do lugar.

Nós comemos um almoço simples de salada *niçoise* com copos de Sancerre bem gelado, e eu lhe conto sobre o meu trabalho. Eu menciono os eventos mais íntimos acontecendo em Albany e não falo da festa ou da presença de Anna, mas conto sobre os trabalhos que descobri e minhas ideias para eles. Mark ouve e comenta. Ele tem uma memória magnífica e consegue se lembrar de quase tudo que já comprou para Andrei.

Enquanto comemos sorvete de limão servido com pequenas línguas de gato de chocolate, eu lhe conto sobre o Fragonard pelo qual me apaixonei. Ocasionalmente, enquanto observo algum objeto bonito ou saboreio alguma comida deliciosa, penso em como minha vida mudou radicalmente nos últimos quatro meses. No começo do ano, eu era garçoneite em um café na minha cidade natal, sem ideia do que queria fazer com a minha vida. Eu passava meu tempo livre com um namorado que pensava amar mas o qual, na realidade, era um porco que não me dava valor. Fiquei devastada quando Adam me traiu, mas sou grata a ele agora. Sem o seu mau comportamento, estaria hoje sentada em uma linda casa em Belgravia discutindo Fragonard com um especialista em arte? Eu teria meu emprego dos sonhos e um homem que eu amasse de verdade? Pouco provável. Eu provavelmente ainda estaria servindo

sanduíches de camarão e canecas de chá, e fazendo frituras para o Adam. *Escapei por pouco!* Minha vida teve alguns momentos de sorte, e eu sou grata por isso.

Quando termino de relatar meu achado e de dividir meu entusiasmo pela garota lendo, Mark acena com a cabeça.

– Sim – ele diz. – Eu conheço a peça. Acho que é uma escolha excelente e algo que vai agradar muito Andrei. Ele tem uma afinidade particular com a França, sem dúvida por causa da história do seu país. A aristocracia russa se orgulhava do seu estilo e jeito franceses, tanto que hoje em dia as mulheres dos oligarcas exibem sua riqueza e gosto usando Chanel e Givenchy.

– Quase desejo que pudéssemos ficar com a pintura para nós – digo. – Ela ficaria maravilhosa no seu escritório.

– Há obras de arte bonitas o suficiente por aí, graças a Deus, mas sei como é difícil se separar de algo que você ama. No entanto, nós vendedores devemos aprender a desapegar. Acho que Andrei vai gostar do que você escolheu. – Mark sorri para mim novamente. É minha imaginação ou ele parece mais magro? Talvez um pouco, no rosto. Fora isso ele parece normal, talvez cansado. – Eu estou ansioso para ter você de volta, Beth.

– Mal posso esperar para voltar – digo com franqueza.

– Você não está se divertindo?

– O trabalho é ótimo, mas estar lá é um pouco como viver em uma grande reserva selvagem. Eu nunca tenho certeza se estou prestes a virar o almoço de alguém.

Ele ri.

– Você vai ficar bem. Sabe se cuidar muito bem. É forte o suficiente para aguentar todos eles, mesmo que ainda não saiba.

Eu rio também enquanto penso: *espero que ele esteja certo. Algo me diz que vou precisar de toda a força que tiver.*

Capítulo Catorze

Estou tão satisfeita que é sexta-feira à noite que eu quase não me importo quando Dominic envia uma mensagem dizendo que vai estar ocupado aquela noite. Afinal, nós teremos a maior parte do fim de semana juntos e estou exausta com tudo que aconteceu essa semana. Quando Laura sugere uma noite quieta em casa com comida tailandesa e um filme, isso soa bem irresistível.

É um alívio fechar minha mente às possíveis repercussões do que aconteceu com Andrei e todo o resto que está me incomodando. Gosto de passar um tempo com a Laura; só duas garotas com calças de pijama e moletoms confortáveis, comendo macarrão e rindo incontrolavelmente do filme que baixamos. Quando ela me pergunta como as coisas estão indo, não entro em detalhes, só reafirmo que estou feliz por Dominic estar de volta, e aviso que ficarei fora a maior parte do fim de semana.

– E esse seu pequeno bico de arte termina semana que vem? – ela pergunta.

Confirmo com a cabeça.

– Sim. E mal posso esperar. Eu já vi o suficiente do modo de vida dos milionários para ficar satisfeita pela próxima década.

– Fala sério – ela me provoca –, quando o Dominic lhe pedir para fugir, você vai acabar coberta de diamantes e tomando banho de leite de colônia.

– Não, obrigada – eu respondo e jogo uma almofada nela, da qual Laura desvia. – Isso realmente não sou eu. Uma casa de campo, um jardim e felicidade normal, isso é tudo o que eu quero.

– Não acredito nisso – Laura responde. – Você é ambiciosa e quer deixar a sua marca. Você pode achar que quer uma vida aconchegante e uma felicidade doméstica, mas iria odiar tudo isso logo. Você foi feita para aventura, Beth. Lembra quando voltou da Croácia? Você estava tão animada e a fim de fazer mais viagens. Me

desculpe se acho o sonho de aposentadoria um pouco não convincente.

– Talvez – eu digo. – Mas todos nós precisamos de uma fantasia em que nos refugiar, então mantereí o meu telhado de palha e minha cerca de madeira por enquanto. – Eu penso por um segundo. – Na verdade, como é uma fantasia, eu vou ter uma bonita casa de campo e um apartamento em Londres, um em Paris e um em Nova York também.

– Nova York! – suspira Laura. – É meu sonho ir para lá. O Empire State, o Central Park, a Quinta Avenida, metrô, táxis amarelos...

– O Metropolitan, a Frick Collection, o MoMA – eu digo sonhando. – Há muita arte incrível para ver. E quero beber um coquetel em um daqueles hotéis chiques sobre os quais a gente lê em revistas.

Laura lambe os seus pauzinhos, atacada por uma inspiração súbita.

– Ei, nós deveríamos fazer isso. Vamos para Nova York juntas! – Seu olhos brilham com animação. – Posso conhecer algum cara maravilhoso com um apartamento na cidade, ou em algum lugar bem legal, e ir morar com ele. Nós vamos começar uma revista, algo inovador e influente, e vou largar a consultoria empresarial por uma vida glamorosa como parte da cena literária de Nova York.

Eu sorrio radiante para ela.

– Isso parece fantástico. Nunca entendi por que você não se tornou jornalista como sempre quis.

Laura está perdida na sua fantasia por um momento, então se puxa novamente para o presente, dando de ombros enquanto ataca uma travessa de *pad thai*.

– Meu conselheiro vocacional me disse que a imprensa estava morta e que eu só me juntaria a centenas de outros jornalistas desempregados. Meu pai disse que trabalhar em uma firma de consultoria pagaria meus estudos rapidamente e me colocaria no caminho para o topo. Então foi isso que fiz. – Ela me dá um olhar congratulador com um leve traço de inveja. – Agora você é quem tem o emprego glamoroso.

Eu me sinto subitamente triste, porque, sem incentivo, sonhos podem se desvanecer. Eu me inclino em direção a ela.

– Vamos fazer isso. Vamos para Nova York juntas. Talvez logo antes do Natal, para que possamos ver as decorações na Bloomingdale’s. Um fim de semana só de garotas. O que você acha?

Laura se anima novamente.

– Você está falando sério?

– É claro que estou! Andrei me pagou bem por meu trabalho. Vamos gastar em uma viagem e em um hotel muito bom no centro de tudo.

– Eu *adoraria* isso! – ela sorri largamente para mim. – Senhorita Villiers, temos um acordo.

– Ótimo. Agora... você quer mais macarrão?

O dia está frio e cinza. O sol morno e o céu azul desapareceram por enquanto. É hora de tirar algumas roupas mais quentes, e coloco uma macia blusa cinza da Fair Isle sobre uma segunda pele, uma minissaia verde-escura, meia-calça e botas. Acrescento um toque de cor com um cachecol verde e um chapéu de feltro cor de chumbo, e então saio para encontrar Dominic.

Não é longe para caminhar do nosso apartamento na East London até Borough. Enquanto atravesso a Tower Bridge, posso ver o Tâmisa de cima a baixo. Ali está a Torre de Londres, com quase cem anos de idade, branca, quadrada e parecendo feita de Lego; a enorme cúpula da St. Paul’s com uma cruz de ouro brilhante no topo, a chaminé da Tate Modern, o London Eye e a Blackfriars Bridge, que me faz pensar no monastério na Croácia e de como tudo parece ter sido há tanto tempo.

Da Tower Bridge ando pela margem do rio passando o City Hall e então até a London Bridge, onde Dominic está me esperando perto da Catedral Southwark. Ele parece mais lindo do que nunca com uma blusa verde-escura listrada, jeans, botas e um cachecol azul-marinho amarrado no pescoço. As cores destacam as luzes castanhas dos seus olhos, normalmente perdidas no marrom-escuro e brilhante do seu cabelo.

Do outro lado da rua, eu paro por alguns momentos para admirá-lo enquanto ele me espera, sem saber que estou ali. Então, quando o sinal abre e me aproximo dele, Dominic me vê. Logo um grande sorriso ilumina seu rosto, e ele abre os braços para que eu o abrace.

– Oi, linda – ele diz, me dando um abraço apertado. – Você está linda o suficiente para comer. – Ele dá um passo para trás e me olha de forma apreciativa. – Hmm, você fica melhor no outono que no verão. Tenho um fraco por minissaias e botas. Eu devia ter sido jovem nos anos 1960.

– Então nós nos desencontraríamos por somente... hmm, cinquenta anos? – eu o beijo alegremente. Ele tem gosto de café e pasta de dente. – Qual é o nosso plano para hoje?

– Achei que poderíamos dar uma olhada neste lugar. – Ele aponta para trás, para a catedral. – E depois disso, vamos comer algo no mercado atrás daqui. – Já consigo ver algumas barracas e sentir alguns aromas deliciosos. – É um lugar gastronômico famoso – Dominic continua. – Então nós vamos pegar algumas guloseimas para depois. E podemos dar uma caminhada e ver até onde nossos gostos nos levam, antes de voltarmos para casa.

– Parece perfeito. – Eu sorrio e pego sua mão. *Isso é felicidade real. Ser um casal como qualquer outro, passar um agradável sábado juntos, só nós dois. Mas, é claro, que ninguém é tão feliz como nós somos.*

De mãos dadas, nós descemos da ponte para o jardim da catedral, onde as pessoas se sentam para tomar café e crianças brincam, pulando para cima e para baixo pelos muros baixos e correndo por aí. Dentro da catedral, nós andamos, olhando e absorvendo. Há sepulturas famosas lá dentro; John Gower, o poeta inglês, está enterrado aqui, e há um vitral adornado com personagens de Shakespeare, cujas peças ele apresentou não muito longe daqui e o qual quase certamente frequentou missas nesse mesmo lugar. O pensamento me enche de assombro enquanto tento imaginar o grande dramaturgo sentado aqui, olhando para as mesmas pedras e os mesmos arcos e janelas. Depois que Dominic e eu tentamos identificar todos os personagens mas não conseguimos, saímos do terreno da catedral e vamos para o agitado mercado de

comida do outro lado da rua. Esse lugar é uma festa para os sentidos. Em todo lugar que olho vejo algo que me agrada: pilhas de queijos brancos e amarelos, barris de azeitonas, carnes, frutas, vegetais, pães e bolos, doces, nozes, iguarias de todo o mundo. Há barracas de chocolates, barracas com pilhas de peixes e crustáceos, ou com aves penduradas e oferecendo cortes de bife ou cordeiro, ou a carne de caça da temporada. Outras barracas vendem vinho, em garrafas e barris, ou também quente, para beber agora em um copo de papel, a não ser que você prefira sidra temperada, condimentada com canela e cravo e adocicada com mel. Há barracas de café, barracas de roscas e barracas de crepe; algumas são dedicadas a doces sem glúten, outras a ovos orgânicos. E então há a comida de rua: hambúrgueres e bacon frito em pratos quentes, prontos para serem colocados em um pão e cobertos com ketchup. Há *paella*, o arroz amarelo repleto de guloseimas e aromas inacreditáveis, e falafel em pães pita; almôndegas em molho grosso servido com espaguete, ou sopa. Há peixe e batata frita; carne de veado para comer em um envelope de pão escuro com um condimento picante; ou pedaços de tortillas macias cheias de galinha grelhada, rúcula e maionese; há panquecas e sorvete e churros, aquela massa deliciosa que se vira para mergulhar no molho de chocolate. Tudo para ser comido agora, com um garfo de plástico, uma colher ou com dedos gordurosos, grudentos e salgados.

Passeamos ao gosto do nosso coração, parando para provar queijos ou pães ou azeites ou qualquer coisa que nos é oferecida, até que quase não queremos nada mais, com exceção de que não podemos resistir a um assado de leitão e a comprar pães macios cheios de carne de porco derretendo com molho de maçã. Carregados de sacolas de comidas deliciosas que compramos para cozinhar à noite, voltamos para os jardins da catedral para comer.

– Isso é tão adorável – digo para Dominic enquanto comemos sentados no muro baixo sob o brilho do sol de outono, as compras ao redor dos nossos pés. O porco está doce e delicioso.

– Eu sei – ele diz, sua expressão feliz enquanto o vento sopra no seu cabelo escuro. – São dias como esse que me fazem amar Londres mais do que qualquer outro lugar. Estou tão feliz de estar

aqui novamente, e com você. – Ele olha para mim um pouco mais de perto. – Aliás, você está com molho de maçã no queixo. Aqui... deixe que eu... – Ele limpa com um dedo e o segue com um beijo.

– Não consigo imaginar felicidade maior – eu digo. – Vamos ser assim sempre.

Ele fica sério por um momento.

– Sabe de uma coisa, Beth? Eu realmente nunca fui tão feliz. Sei disso agora. Foi um choque para mim, quase demais para lidar, quando percebi como você me fazia sentir, porque ninguém jamais o fez. Acho que esse era o meu problema... eu realmente não havia amado antes. É por isso que fiquei com tudo tão confuso na minha mente, sobre como o sexo funciona e o que ele significa. Não era sobre amar outra pessoa, não da forma como me sinto com relação a você.

– Uau – eu digo, me sentindo honrada e emocionada ao mesmo tempo. – Eu... estou tão feliz por fazer você se sentir assim. – As palavras soam inadequadas, mas Dominic parece entender que elas são completamente sinceras e que me sinto quase transbordando pelo que ele me disse.

– Você realmente está. – Ele pega minha mão. – Eu não quero perder isso. Nunca.

Nós olhamos um para os olhos do outro, lendo ali uma promessa do que está por vir essa noite e então, tudo indo bem, noite após noite. Parece ocorrer a nós dois ao mesmo tempo que temos o resto de nossas vidas para nos sentir felizes assim e, apesar dos nossos pães e dedos gordurosos e sujos de molho, nenhum de nós consegue resistir ao impulso de nos abraçarmos forte e rir com prazer.

Isso é amor. Isso é normalidade. Eu acho que já passamos pelo pior. Só vai melhorar agora.

Estou ajoelhada no chão do budoar. Minhas mãos estão amarradas bem apertado atrás de mim, e quando forço levemente para testar a força do nó, vejo que está firme. Não posso mover meus pulsos nem

um centímetro. Isso é diferente de estar amarrada na grade da cama. Mesmo estando menos exposta, eu me sinto mais vulnerável. Um fluxo de medo passa por mim e tento me acalmar respirando devagar e pensando que *Dominic não vai me machucar de verdade. Só quer provar minha obediência a ele.*

Esse pensamento me conforta, porque amo Dominic, meu mestre, e quero oferecer meu corpo para ele fazer o que quiser. Dessa forma, vou provar o meu amor por ele, e ele vai me recompensar com um prazer delicioso.

Eu não consigo ver nada. Uma máscara de seda foi amarrada sobre meus olhos. Eu também estou usando um tipo de arreio feito de corda que está preso no meu peito, embaixo e ao redor dos meus seios, os empurrando para cima. Dominic fez tudo com rapidez e habilidade, me pegando quase de surpresa. Agora sento aqui, esperando, sem ter certeza do que ele tem em mente para mim, ou quando vai fazê-lo. Tudo que sei é que ele teve muito prazer em me preparar para este momento, me acariciando gentilmente, passando a corda pela minha pele, me convencendo a tocá-la, lambê-la, beijá-la. Quando ele começou a me amarrar, apertou meus mamilos levemente e passou a corda sobre eles para estimular as suas delicadas terminações nervosas com a sua aspereza. E, quase que por acidente, ele a esfregou no meu sexo, colocando a corda entre minhas pernas ocasionalmente para que eu pudesse senti-la escorregando por mim como uma cobra delgada e implacável. O seu deslizar me fez inchar com desejo e meu sangue quente respondeu aos seus movimentos, enquanto Dominic mordiscava meu pescoço e meus ombros e me fazia estremecer com excitação. Então, quando minha excitação estava completa, ele amarrou minhas mãos, dizendo:

- Você está um pouco diferente. Mais tonificada e atlética.
- Eu tenho praticado kickboxe.
- Bom. Isso vai deixá-la mais forte para algumas das coisas que gostaria que você experimentasse.

Agora aguardo de joelhos, ansiosa, mas com arrepios correndo para cima e para baixo da minha vagina sempre que penso nele me

observando, planejando o que vai fazer comigo, e apreciando ver a corda beliscando um pouco dentro da minha carne.

Eu sinto algo novo. Mais cordas sendo amarradas ao arreio do meu peito, e agora há uma nova sensação de aperto, embora não em mim. Então sou puxada para ficar de pé.

– Nós faremos uma pequena viagem – diz Dominic, sua voz rígida, mas amável. – Não muito longe.

Eu ando atrás dele, confiando nele como guia, dando passos sem compromisso mas não demorando para não parecer desobediência. O tapete sob os meus pés desaparece e é substituído por algo liso e gelado. Nós estamos no corredor. Ele me coloca na posição e diz:

– Algo para deixar sua mente ocupada. – Eu sinto um aperto forte do prendedor no meu mamilo e me contraio. Ele é imediatamente seguido por um grampo no outro mamilo. Dói, mas não demais, é suportável. E Dominic está certo, eles tornam difícil pensar em qualquer coisa que não seja a pressão queimando nos meus bicos delicados, e a forma como fazem isso me deixam mais molhada e pronta.

Eu estou na posição que Dominic deseja e ele geme, satisfeito. Então me guia para baixo, de modo que eu me ajoelho no chão de novo. Agora sinto seu pênis nos meus lábios, sua cabeça macia, quente e insistente, esfregando ao redor da minha boca. Eu abro obedientemente e ele escorrega seu pau para dentro. Eu lambo e chupo enquanto ele o pressiona para dentro, esperando que seja isso que devo fazer. Ele entra e sai três vezes, bem devagar. Seu pau está quente com a minha saliva agora, posso senti-lo entre os meus lábios enquanto ele o puxa para fora. Eu estou sendo levantada de novo agora e empurrada em uma cadeira de couro longa e estreita que se inclina para cima. Eu conheço essa cadeira. Já dei voltas nela no passado, e suspiro e tremo de antecipação enquanto sinto seu couro liso e frio nas minhas costas. Outra corda se aperta em algum lugar e percebo que estou presa na cadeira. Eu me pergunto como devo estar para ele e a imagem que vejo em minha mente é excitante: uma garota nua com um corpete de cordas que apertam os seios, os braços amarrados atrás dela, está deitada no couro branco. Ele move minhas pernas de modo que cada uma está de um

lado da cadeira. Sei que sou uma joia de rubi brilhando de excitação, aberta e pronta. Eu me pergunto quanto tempo ele quer esperar antes de brincar lá e é só uma questão de segundos antes de senti-lo na minha entrada, ávido para me penetrar. Ele empurra sua ereção para a frente e escorrega para dentro, diminuindo meu aperto com um movimento delicioso, me enchendo com a sua corpulência. Ele não está tocando nenhuma outra parte do meu corpo, só consigo sentir sua coluna de carne quente fundo em mim. Então ele começa a se mover, tirando o pau quase até a minha entrada e pausando só por um segundo, com a cabeça do pênis dentro, e então empurrando forte novamente, aquela sensação de alargar em volta dele, que eu quero mais. Não tenho que esperar muito para ele entrar e sair novamente, como as ondas recuando em uma praia só para quebrar novamente com ainda mais força. Enquanto ele se move para dentro e para fora, ainda sem tocar nenhuma outra parte do meu corpo, estou ciente de como estou aberta e vulnerável a ele. Meu corpo, amarrado e preso a um assento de couro, está impotente, só posso aceitar o que meu mestre quer fazer de mim. A ideia me excita de um jeito inédito, embora ainda sinta medo do que Dominic vai fazer. Mas entendo que esse medo é parte do processo também. E para ele, ver a coragem e a confiança com que me entrego é incrivelmente excitante. Ele adora a visão do meu corpo aceitando tudo o que ele quiser fazer comigo, e ele me ama ainda mais quando aceito tudo que ele me impõe sem reclamar.

Agora ele me fode, mais e mais, entrando em mim cada vez com mais força. Ele deve estar se segurando em alguma coisa para conseguir me penetrar mais fundo. Os prendedores nos meus mamilos são subitamente removidos e a sensação de alívio é maravilhosa. Sinto uma forte onda de prazer renovado no meu ventre, onde o pênis de Dominic me domina inteiramente. De vez em quando ele atinge meu clitóris com sua virilha e minha bunda se aperta e se lança para cima, para ajudá-lo a tocar os lugares mais sensíveis, onde cada apertão envia uma sensação deliciosa para meus membros, mas percebo que ele não está prestando atenção especificamente ao meu botãozinho. Ele está só fodendo, mais e

mais forte, até que me sinto afogada em fluidos e um orgasmo começa a se formar dentro de mim, enviando mensagens de alegria do topo da minha cabeça à ponta dos meus pés. Então, abruptamente, ele tira o pau de mim e some.

Sou deixada na escuridão por trás da minha venda, arfando, vazia. Onde...? Por quê...? Mal consigo pensar. Sinto-me sendo transportada, puxada pelo assento até estar na beirada, minhas pernas ainda abertas. Em algum lugar, uma corda é solta, então minha correia de peito é retirada e eu sento reto, meio zonha sob os efeitos do sexo intenso e de sua interrupção abrupta. Então lá está ele de novo, na minha boca, mas dessa vez, molhado com meus sucos. Abro obediente e ele enfia, devagar, para eu sentir o gosto de cada centímetro. É doce, rico e vivo, e eu lambo e chupo, sabendo que ele vai achar o movimento da minha língua excitante. Meus mamilos estão sensíveis pelos prendedores, e deve ser em parte por isso que meu sexo ainda está pulsando, ainda querendo o pau de Dominic, ainda que ele não esteja mais lá... ele está bem fundo na minha boca, suas mãos na minha nuca, me segurando firme para eu aceitar os movimentos da sua pica. Me concentro em relaxar minha boca e minha garganta para não engasgar, mas mesmo com minha mandíbula começando a doer por causa da grossura dele, fico feliz por Dominic me foder forte desse jeito. Ele enfia e tira, mas sinto que ele não vai forçar mais do que aguento, então relaxo e o saboreio, dando todo o prazer que posso, esfregando minha língua na ponta quando ele tira, circulando a cabeça aveludada e abocanhando tudo quando ele volta. Suas estocadas estão mais fortes, mas ele se mantém longe do fundo da minha garganta. Ele continua, às vezes me deixando mexer um pouco a cabeça para aliviar a mandíbula, às vezes me segurando sem dó. E o estranho é que a excitação de saber que ele está gostando tanto de foder minha boca é tão grande quanto o alívio de fechar minha mandíbula. Parece que passa uma era até ele começar a ficar mais rápido, apertando mais minha cabeça, enfiando mais rápido e mais forte.

– Vou gozar – ele grita rouco. – Engole, chupa tudo...

Há uma explosão de umidade salgada, picante na minha boca. Vem em várias erupções e todo o seu pau está na minha boca

quando ele grunhe com a força de seu orgasmo. Deixo encher minha boca, surpresa com o calor repentino, e engulo. Seu gozo deixa uma trilha de calor pela minha garganta.

Ele está arfando quando finalmente tira o pênis da minha boca. Estou sem fôlego também, ainda cega mas parece que consigo ver seu rosto, feliz com seu clímax. Estou tão feliz de dar esse orgasmo a ele.

– Você se portou muito bem – ele diz, e tudo em mim se anima com o tom carinhoso de sua voz. – Estou muito feliz com você. Você me deu uma experiência maravilhosa e agora quero te recompensar.

Ele se inclina para a frente, seu corpo irradiando calor. Estou desesperada pelo toque dele e meu sexo está louco pela sua própria satisfação agora. A proximidade dele é tão provocante, mas Dominic não me permite mais que o leve toque de pele contra pele. Ele desamarra meus braços e eles caem soltos, doendo pelo longo tempo que ficaram aprisionados. Mas sinto que Dominic não pretende me soltar, e ele me deita no assento de couro e me amarra de novo, dessa vez prendendo meus pulsos suavemente abaixo do assento.

– Linda – ele respira admirando, recuando um pouco. Sinto que ele está de pé, me olhando, e meu sexo pulsa com a sensação de que ele pode ver minha necessidade molhada. – Seus seios estão deliciosos, querida. Não consigo resistir. – Sinto sua boca cair no meu seio esquerdo e ele começa a chupar e morder o mamilo, ainda sensível por causa do grampo, enquanto aperta e torce o outro com a mão. Ele deixa o mamilo para segurar e beijar meu peito, dizendo: – Essas belezinhas ficam ainda melhores com a corda. Posso ver as marcas rosadas que ela deixou e isso me excita...

Estou gemendo baixinho, imaginando se consigo gozar só de ele mexer nos meus peitos assim. A sensação crescendo dentro de mim me diz que sim.

– E agora, por ter sido tão obediente...

Ele se levanta e me deixa sozinha por um tempo, e ouço sons: a porta do armário abrindo, objetos sendo mexidos, então ele volta. Sinto algo na minha entrada de novo, mas não é a cabeça quente da sua ereção, mas sim a suavidade do silicone, lambuzado de

lubrificante. A ponta do brinquedo é pequena e entra fácil, mas sua grossura aumenta rapidamente, e logo estou preenchida.

– Agora você pode receber sua recompensa – Dominic diz, com um sorriso na voz.

Sinto bem dentro de mim, se curvando para cima, mas também do lado de fora, onde chega ao meu clitóris, onde um longo dedo de látex termina bem sobre ele. Estou tão ansiosa pelo meu clímax que começo a mexer meus quadris, fazendo a coisa dentro de mim se mexer, se esfregar contra meu clitóris.

– Pare! – Sua voz é firme. – Sem nenhum movimento. Nada. Espere.

Congelo e fico lá parada, tentando controlar minha respiração e o frenesi que tenta romper em mim se meu corpo não receber o que pede, e logo.

Não sei onde Dominic está, nem o que ele está fazendo, mas depois do que pareceu uma eternidade, ouço um barulhinho de motor e a coisa em mim começa a vibrar. É uma sensação doce quando o troço dentro do meu corpo e o dedo fora se mexem, estimulando as profundezas da minha vagina e meus pontos sensíveis ao mesmo tempo. Então, sem nenhuma interferência aparente, o vibrador aumenta a velocidade, vibrando mais rápido, pulsando mais, me deixando mais louca com seu movimento. *Ah, o jeito que aperta meu clitóris e se mexe dentro de mim... é maravilhoso, não consigo aguentar.* Saber que Dominic está assistindo a tudo, controlando as sensações que o aparelho me dá, é ainda mais excitante. Estou arfando agora, perdida na escuridão, meus olhos bem fechados debaixo da máscara. Eu gemo enquanto a máquina continua em seu ritmo delicioso, se mexendo pelo meu clitóris e proporcionando aquele prazer divino. Eu sinto que a minha zona de prazer está se expandindo, quente e molhada, e sinto o orgasmo crescendo dentro de mim. *Ai, meu Deus, não vai demorar... eu não aguento.*

A programação muda de novo e o dedo de silicone começa a fazer movimentos diferentes, mais fortes, mais insistentes, mais ritmados e dentro de mim seu corpo pulsa e vibra. *Ah, ah, ah...* A cada pulsação deliciosa, perco o controle. A coisa não para, Dominic

não a deixa parar, ele só a faz ficar cada vez mais intensa, fazendo seu motor girar até me deixar louca de prazer, assistindo com uma satisfação lasciva esse clímax poderoso das profundezas do meu corpo.

Eu percebo que chegou. *Pulsa, pulsa, empurra, empurra*, massageia meu sexo até o delírio e aí vem um orgasmo estremecedor, que contrai minhas pernas e meus braços e me convulsiona em sensações maravilhosas. Elas ondulam dentro de mim e grito de deleite até que elas passem, me deixando ofegante e exausta.

O motorzinho continua funcionando dentro de mim enquanto o orgasmo vai acabando. Então ele fica mais lento e para. Não é mais meu amigo vibrante e palpitante, mas só um cilindro de silicone, brilhando com meus fluidos. Eu o sinto deslizando para fora de mim, até ir embora.

Enquanto eu me recupero do poder incrível do meu orgasmo, percebo que estou sendo desamarrada e levantada. Os arreios do meu corpo são soltos e as cordas caem. Então, sinto as mãos de Dominic na minha cabeça e ele tira a máscara. Eu pisco. Demora para me acostumar, mas volto a enxergar. Estamos no budoar, e o abajur ilumina o quarto suavemente. Eu encaro Dominic. Ele está me olhando com ternura.

– Você foi muito bem – ele murmura e pega minha mão. Ele a guia até sua ereção, saltando de seu corpo, enorme e inchada. – Olha o que você fez comigo.

– Isso foi... incrível – eu digo, frágil, incapaz de prever o arrepio na espinha que me daria a visão de seu desejo.

– Você adorou, não?

Eu concordo com a cabeça.

Ele me leva até a cama e me deita de costas, afastando minhas coxas, para olhar meu sexo melado, vermelho dos trabalhos do vibrador impiedoso.

– Você é linda. Deliciosa. Quero fazer amor com você.

Meu coração explode ao ouvir isso. Antigamente, Dominic não permitia que fôssemos carinhosos no budoar. Era uma coisa que me machucava, essa privação de seu amor. Eu adoro quando ele me

leva a esses picos de prazer de tantas maneiras diferentes, mas os melhores momentos são aqueles em que ele me mostra o amor que sente por mim.

Agora ele está entre minhas coxas, beijando minha pele, chupando meus dedos, se esfregando em meus seios. Enquanto sua língua entra na minha boca, seu pênis me toma também, entrando em mim delicadamente, o que torna tudo mais gostoso. O meu sexo quente, febril, o aceita como um bálsamo tranquilizante. Eu achava que iria doer, considerando as estocadas que já havia recebido dele e do vibrador, mas é uma sensação maravilhosa, como se a melhor transa só viesse depois daqueles ataques furiosos. Eu suspiro e o envolvo com meus braços.

É tão bom tocá-lo, especialmente porque eu mal tinha conseguido senti-lo desde que havíamos começado. Sua pele é quente e macia, indescritivelmente deliciosa. Eu sinto o cheiro quente e doce que vem de seu corpo, suas axilas, seu pescoço, seu cabelo e gemo de prazer. Minhas mãos descem até sua bunda firme e musculosa e a apertam, e eu saboreio sua ereção. Minhas coxas se afastam mais para recebê-lo, e eu adoro o jeito como seu peito largo pesa sobre meus seios.

A gente se beija demoradamente enquanto ele se mexe dentro de mim. Meu clitóris está de novo em movimento, e suas vibrações agora são menos frenéticas e mais profundas, como se ele e minha vagina fossem agora uma só coisa, trabalhando para me dar não o êxtase escandaloso do primeiro orgasmo, mas as contrações profundas do segundo e melhor.

Meu coração se abre para ele enquanto fazemos amor, sem cordas, nem brinquedos nem nada dessa vez, mas na posição mais antiga do mundo, em um ritmo calmo em que ele mexe os quadris para enfiar em mim e me levanto para ajudá-lo. Eu não sei por quanto tempo fazemos isso, mas sei que tudo à nossa volta desapareceu completamente; nós estamos suados, perdidos na nossa paixão crescente, até que nossos corpos nos alcançam nessa montanha-russa sensacional, e nós gozamos juntos, gemendo alto pelo clímax tão esperado que tomou conta de nós com tanta intensidade.

– Eu te amo, Beth – diz ele quando nos deitamos, colocando o braço sobre meu peito.
– Eu também te amo – respondo.
Isso, com certeza, é felicidade.

Capítulo Quinze

No dia seguinte, nós dormimos até tarde e fazemos amor suave e voluptuosamente, até tomarmos banho e sairmos para o café da manhã. Dominic me leva para uma lanchonete, onde comemos ovos mexidos com torrada integral e panquecas com calda doce, além de muito café com leite bem forte. Nós relaxamos lendo os jornais de domingo, e depois damos um longo passeio no parque, aproveitando os últimos resquícios de calor do outono, conversando e rindo.

Paramos para comprar chá e sentamos em um banco, abraçados contra o vento, assistindo a luz do sol ir embora aos poucos.

– Nem acredito que o dia já está acabando – eu digo, apoiando meu rosto em seu casaco verde-oliva. – Parece que acabamos de acordar.

– Eu sei. Essa foi uma das coisas que mais estranhei quando vim morar na Grã-Bretanha. Como vocês conseguem viver com a escuridão chegando tão cedo no inverno?

Dominic passou grande parte da infância no Sudeste Asiático, onde seu pai era diplomata, então posso imaginar como os padrões climáticos da Europa lhe parecem tão diferentes. Eu dou um gole no meu chá e observo as famílias vestirem seus casacos, se preparando para voltar para casa antes de escurecer.

– Amanhã no trabalho – diz Dominic –, vai ser demais. Talvez eu não tenha muito tempo para te ver essa semana. Tem esse negócio que estamos quase fechado. Mas depois, se tudo der certo... – ele me olha, e eu admiro a riqueza da cor de seus olhos – estarei no caminho da liberdade e sucesso, do meu jeito. – Ele ri. – Mal posso esperar para ver a cara do Andrei. Primeiro, vamos brindar ao negócio, e depois, com o dinheiro no bolso, vou lhe dizer que vou seguir meu próprio caminho.

Dominic parece tão feliz e animado que não tenho coragem de lhe dizer que meu primeiro instinto é me preocupar. Vou aconselhá-

lo na hora certa. Vou dizer que tratar Andrei com humildade, afirmando que ele é o melhor e nunca vai ser igualado por ninguém, é o melhor caminho.

Mas eu quase nunca falo nada. Só de lembrar das coisas que disse ao meu chefe na sexta-feira, sinto um arrepio gelado que não tem nada a ver com o vento de outono descendo pelas minhas costas.

– E você? Já está acabando o projeto de Andrei? – ele pergunta.

Eu aceno com a cabeça. *Embora talvez não tenha emprego na segunda-feira.*

– Sim, deve acabar no final dessa semana.

– Não deixe ele te convencer a continuar – diz ele, franzindo a testa. – Eu conheço Andrei, ele gosta de colecionar pessoas em torno de si, e obviamente ele gostou de você. Tome cuidado, ouviu?

– Confie em mim, não tem nada que ele possa me dizer que me convença a ficar – eu digo enfaticamente.

– Por quê? – ele pergunta, procurando me olhar nos olhos. – Aconteceu alguma coisa? Ele fez você se sentir ameaçada?

– Não, não – respondo prontamente. – Claro que não. Ele não fez nada de mais. Eu só não gosto do ambiente, nem do jeito que a Anna está sempre por perto. Ela faz questão de me fazer saber quanto ela e Andrei gostam de transar, como se eu me importasse. – Eu desvio o assunto de Andrei, mas não sei como começar a contar para Dominic sobre a tensão que existe entre Andrei e mim. Ajudaria Dominic saber que seu chefe deu em cima de mim? Ou que tenho a ideia maluca de que talvez tenha transado com ele, *sem querer*? E que ainda há a questão de se ele me drogou ou não na caverna? Claro que não. Dominic precisa manter a cabeça fria essa semana, e todas essas coisas poderiam deixá-lo furioso e incapaz de lidar racionalmente com Andrei. – O que você acha dela?

– A Anna? – pergunta ele, encolhendo os ombros. Seu olhar desvia do meu por um momento e depois volta, sombrio e franco. – Ela é uma mulher interessante, talentosa, muito boa no que faz. Ela gosta de se jogar na vida, sabe? Se lhe der um desafio, ela aceita na hora. Diga-lhe que ela não consegue descer um morro esquiando e ela sobe até o topo antes que você termine de falar. Desafie-a a

qualquer coisa, ela vai topa. Ela faz tudo com intensidade, então não é de surpreender que ela se faça tão presente na casa de Andrei.

– Se você me dissesse que ela tem uma carreira paralela como cantora de ópera, eu não ficaria surpresa, considerando a capacidade de seus pulmões – eu digo secamente, e Dominic ri.

– Ela faria qualquer coisa – diz ele, ficando mais pensativo –, e talvez seja isso que atrai Andrei. Não só sua beleza, existem centenas de mulheres bonitas que transariam com ele, mas o fato de que ela é tão destemida. O que quer que ele lhe pedisse, ela faria. E adoraria fazer.

Suas palavras me encham de medo. Será que ele está me dizendo isso porque quer que eu seja assim? Será que ele gostaria que eu não tivesse meus limites, coisas que não faria? Talvez a Anna seja a mulher ideal porque ela não tem limites. Mas ela é submissa? Ela conseguiria deitar e aceitar qualquer coisa que alguém desejasse lhe dar, gostando de verdade de fazer isso? Ela não me parece ser desse tipo. Eu a imagino de salto agulha e corpete, manuseando os instrumentos em vez de deixar alguém brincar com eles em seu corpo. Mas vai saber. Ninguém sabe o que acontece entre quatro paredes se não estiver lá também.

– Você está feliz... com a gente? – eu pergunto, receosa.

Ele me olha intrigado.

– É claro que estou. Não pareço estar?

– Sim, mas... eu quero dizer com nossa vida sexual.

Ele leva minha mão até os lábios e a beija.

– Sim – ele responde firmemente. – Muito feliz.

– Eu gosto do jeito como as coisas estão entre nós – eu digo, tomando coragem –, gosto do que você faz comigo.

Ele se aproxima de mim e sussurra no meu ouvido:

– Eu sei.

Já vi você gozando, lembra?

Eu rio.

– Eu só estava me perguntando se... bom... – Nem sei como dizer, mas abertura e confiança serão nossos lemas de agora em

diante, então não tem por que ter vergonha. – Nós vamos usar cordas sempre a partir de agora?

Ele olha diretamente nos meus olhos. Não consigo parar de contemplar seu rosto: ele é tão bonito, nem consigo acreditar que ele é meu.

– Isso seria um problema?

– Não, não... Eu gosto, mas... o tempo todo? Eu lembro que nós gostávamos de outras coisas também.

– Tem algo em mente?

– Bom... – eu quero me contorcer. Tenho vergonha de dizer, considerando como as coisas acabaram antes, mas preciso conseguir falar sobre minhas necessidades e meus desejos. – Sabe, eu gostava quando você usava algumas coisas na minha bunda. Nunca gostei de nada muito forte, mas um pouco de estimulação me dava muito tesão. Sabe aquele chicotinho, com as pontas de camurça? Lembro que você usava de um jeito que era suave como uma pluma no começo e depois ia ficando mais forte, e eu achava gostoso.

Dominic olha para o horizonte e seus dedos se enroscam nos meus, como se ele estivesse pensando muito. Quando volta a olhar para mim, ele está sério.

– Beth, eu já disse. Fiz uma promessa para nunca mais usar essas coisas com você.

– Nunca mais?

– Nunca mais. Por causa do que aconteceu da última vez.

– Então... você não confia em si mesmo.

Ele fica em silêncio por um tempo, então respira fundo e diz:

– Tem uma parte de mim que é como um membro podre, e eu quero me livrar dele, porque está gangrenado e pode infectar o resto. Então estou cortando o fornecimento de sangue até ele cair e não me perturbar mais. Faz sentido?

– Um pouco. É, acho que sim – digo, e é verdade, faz um pouco de sentido. Mas ainda acho que falta alguma resposta. – E você... ainda é o mesmo?

– Er... acho que sim. – Ele parece ter achado a pergunta engraçada. – Eu pareço diferente?

– Bom... você ainda é o lado dominante, não?

– Sou – ele murmura. – Nunca vou parar de ficar com tesão de ver você submissa aos meus desejos e te levar aos extremos do prazer.

Eu sinto meu estômago se contorcer de alegria com o som de suas palavras no meu ouvido. Mas tenho a impressão de que estou esquecendo alguma coisa, de que tem algo que preciso lembrar de perguntar. Mas essa coisa fica no canto do meu cérebro e não me deixa trazê-la para o centro, onde posso vê-la.

Eu a tiro da minha cabeça por completo e me aninho nele.

– Termine seu chá – ele ordena. – Eu quero te levar para casa e te violentar, se você não se importar.

– Sim, senhor – eu sussurro.

Durante todo o caminho de volta pelo parque, a gente faz uma brincadeira boba e excitante na qual eu já sou a escrava dele, cumprindo suas ordens. Quando deixo de fazer alguma coisa ou desobedeço um comando, ele me dá pequenas punições.

Sou ordenada a fazer meu mestre atravessar a rua, mas quando o semáforo não muda imediatamente para que possamos atravessar, sou punida por não ter organizado as coisas do jeito certo. Meu castigo é a mão gelada de Dominic debaixo da minha roupa, na minha pele, o que me faz soltar um grito agudo, mesmo eu tentando abafar.

É uma brincadeira, mas é provocante, e quando passamos pelas ruas de Mayfair, a brincadeira fica mais séria. Eu obedientemente ando à sua frente, deixando Dominic me olhar, esperando uma nova ordem. A noite já caiu e a cidade está iluminada pelas luzes alaranjadas das lâmpadas de rua. Quando nos aproximamos de Randolph Gardens, ele me manda mudar de direção e ir à Grosvenor Square. Eu obedeço, me perguntando o que ele tem em mente. Na praça, um lado está tomado pelo prédio enorme e moderno da embaixada americana, com estruturas de concreto e guardas armados fazendo a patrulha. As armas e os guardas sempre me deram arrepios, me fazendo pensar em bombas, terroristas e

ataques, coisas que espero que nunca mais perturbem a paz da bela cidade novamente, mesmo sendo uma realidade incontestável.

– Pare. – Dominic dá uma ordem.

Eu paro imediatamente. Nós estamos em um dos extremos da praça, perto dos jardins, que agora são sombras na escuridão. À nossa volta, há bancos nos quais as pessoas param para sentar durante o dia, mas que agora estão vazios, exceto por um do outro lado do jardim, onde um mendigo dorme profundamente.

Dominic passa por mim, vai até o banco mais próximo e senta.

– Agora venha até aqui – ele ordena. – Mas olhe para o jardim. Não olhe para mim. Venha e fique parada na minha frente, de costas para mim.

Eu faço o que ele me pede, olhando somente para as sombras escuras do jardim, com um rastro laranja acinzentado de uma lâmpada de rua. Quando estou parada na frente de Dominic, ele diz:

– Levante a parte de trás da sua saia, acima da bunda.

Estou vestindo uma curta saia xadrez de lã, com meias grossas e sapatinhos pretos. O que ele está pensando? Será que ele quer me dar palmadas? Será que cometi algum erro que ainda não percebi? Eu obedeço, erguendo a saia bem alto. Minha bunda sente o ar frio, apesar das meias grossas. Espero que ninguém consiga me ver.

– Ótimo. Agora abaixe sua calcinha e suas meias. Só na parte de trás, se possível. Eu quero ver sua bunda pelada.

Eu suspiro rapidamente quando ouço isso, mas tenho que obedecer. É difícil, mas consigo abaixar minha meia e minha calcinha, mostrando minha bunda e a parte de cima das minhas coxas, mantendo-as no lugar na parte da frente. Espero mesmo que os guardas do outro lado não consigam ver minha bunda branca na escuridão.

– Ótimo. Agora sente no meu colo. O mais perto do meu corpo que conseguir. Abaixar devagar, empinando a bunda.

Eu penso nos agachamentos que fazíamos na aula de ginástica e empino minha bunda. O ar gelado é cortante e minha pele sente arrepios de frio. Então começo a abaixar em sua direção. Eu imagino o que vem a seguir, mas ainda assim tomo um susto ao sentir a cabeça dura de seu pênis contra a minha bunda, bem no meio.

– Hmm, delicioso – ele murmura –, mas não tenho a intenção de deflorar essa parte sua agora. Isso requer uma atmosfera um pouco melhor do que a que temos no momento. Incline um pouco mais sua bunda. – Ele põe uma mão no meu quadril para me ajudar. A cabeça do seu pau está dura, pressionada contra a minha entrada. – Isso. Isso mesmo. Agora. Abaixo. Sente em mim.

É uma sensação curiosa me empalar desse jeito em seu pau. Estou molhada de tesão por causa dos jogos que estávamos fazendo e do rumo que eles tomaram, mas não tão molhada a ponto de ele entrar facilmente. Ele parece gostar, mas sinto sua respiração acelerando quando eu me forço para baixo, subindo um pouquinho para conseguir descer mais na próxima enfiada. É maravilhoso pressionar para baixo e engoli-lo, cada centímetro me dando uma sensação de preenchimento, e quando sento novamente em seu colo, ele está inteiramente dentro de mim, e põe minha saia de volta no lugar, de forma que pareço completamente normal.

– Ótimo – ele diz com tom de aprovação. – Agora fique bem paradinha, entendeu? Olha, tem alguém se aproximando.

Eu não consigo pensar em nada além da sensação maravilhosa de Dominic dentro de mim, quente e latejando.

Eu ouço passos rápidos e um homem em um sobretudo preto vem em nossa direção. Ele nos olha e depois vai embora, sem interesse. Nós devemos parecer um jovem casal aproveitando a brisa da noite, uma garota sentada no colo do namorado. Não há nada que indique que ele está enfiado em mim até o fundo. O homem desaparece, com o barulho de seus passos esvanecendo. Dominic escorrega sua mão para a frente da minha saia, cobrindo seu braço com meu casaco; seu dedo empurra a lateral da minha calcinha e logo acha o clitóris saliente, e começa a brincar comigo.

– Não se mexa – ele sussura. – Se você se mexer, eu paro.

Não quero que ele pare, aquela manipulação delicada me excita, enquanto seu pênis dentro de mim me alarga com uma sensação muito gostosa. Eu fico parada, apesar do desejo de subir e descer e fazer seu pau me dar prazer. Mas aquele dedo, acariciando cada vez mais forte o meu clitóris... Meu coração fica acelerado, minha respiração ofegante, eu arquejo... Sei que não vou aguentar muito

se ele continuar desse jeito. Toda a situação me dá tesão, o ar frio da noite, as pessoas andando em volta da praça, os guardas armados, que não têm noção da conferência que está acontecendo a poucos metros dali. Mais duas pessoas passam por nós.

– Boa noite – diz Dominic, fazendo com que olhem diretamente para nós.

– Boa noite – uma delas responde educadamente, acenando para nós, bem quando Dominic esfrega meu ponto mais sensível e eu suspiro alto.

– Sim... – digo, minha voz curiosamente aguda e ofegante – é... é uma noite adorável.

E elas vão embora, aparentemente sem notar nada.

– Por Deus, Dominic – eu digo, entre suspiros ofegantes de prazer. – Você está me fazendo gozar... é maravilhoso.

– Eu não acho que devemos nos demorar muito nas preliminares – Dominic diz baixinho. – Vamos estragar o apetite para o prato principal. – Ele começa uma vibração forte no meu clitóris, impulsionando seu quadril para fazer sua ereção enorme se mexer e me massagear lá dentro. O efeito duplo é muito excitante, e sei que não vou aguentar muito antes de ceder ao prazer intenso que está crescendo dentro de mim.

– Isso... – digo demoradamente – aí mesmo... isso, Dominic, isso... isso, não para... – Seus dedos fazem movimentos circulares deliciosos, fortes, que levam meu ponto mais sensível ao delírio, e meu orgasmo transborda, e eu jogo a cabeça para trás e grito, e minhas pernas se enrijecem e eu sinto um jato de líquido dentro de mim. Eu contraio e aperto o pau de Dominic e o ouço ofegante ao me ver me contorcendo em cima dele com o poder do meu orgasmo. Então eu fico mole, minha cabeça cai e começo a me recuperar do clímax, sentindo as últimas ondas de prazer fluindo.

– Está tudo bem, moça? – diz uma voz profunda.

Eu olho para cima e vejo um policial parado ali perto, na luz, olhando para nós, suspeito.

– Ah... – eu volto aos meus sentidos e sorrio. – Sim, está tudo bem, não há nada com o que se preocupar.

– Eu estou cuidando dela, senhor – acrescenta Dominic, em tom solene. Sua mão havia saído da minha saia e agora estava inocentemente no banco.

Ele olha para nós mais um pouco.

– Se a senhora tem certeza...

– Eu tenho certeza. Muito obrigada.

Depois de uma pausa, ele nos dá boa-noite e vai embora vagarosamente.

– Vamos – eu digo, rindo. O pau de Dominic ainda está duro dentro de mim. – Vamos para casa antes que a gente perca o controle e acabe preso por atentado ao pudor.

No budoar, mal atravessamos a porta e a paixão de Dominic toma conta dele. Ele me beija com força, sua língua no fundo da minha boca, enquanto arranca minha roupa e eu arranco a sua. Em um instante estamos só de roupa de baixo, e percebo a força de seu desejo na ereção que ameaça estourar sua cueca. Ele beija meu pescoço e meus ombros, chegando cada vez mais perto dos meus seios, que parecem dois montes macios no bojo do meu sutiã.

– Você me deixa maluco – ele sussurra entre um beijo e outro. – Acho que nunca vou me cansar de você, Beth.

– Eu também não – respondo, a respiração mais profunda com o tesão crescente que vem de seus beijos. – Estou doida por você, pelo seu corpo maravilhoso e... – ponho a mão na abertura de sua cueca e pego no seu pênis grosso e duro – por isso. – Ele estremece com o meu toque. Eu continuo mexendo carinhosamente nele e observo a luxúria arder nos olhos de Dominic.

– Beth, você quer jogar hoje? – ele pergunta, em um sussurro.

– Você quer?

– Quando te vejo assim, seu corpo lindo me desejando, eu sinto a necessidade de te levar para aqueles lugares, controlar seu prazer.

– E te dá prazer? – eu pergunto, com uma mão enroscada em seu pau inchado, o dedão brincando com a cabeça, e a outra passando pelo seu peito, saboreando cada toque. Ele é tão másculo, e tudo

dentro de mim reage a isso. Ele me faz me sentir maravilhosamente desejável.

De repente, ele pega meus pulsos com as mãos e os segura firme, olhando nos meus olhos.

– Me dá muito prazer. Me dá tesão ver você se entregar a mim, você sabe disso. Quando você cede o controle e me deixa fazer o que eu quiser, me sinto realizado.

– Eu sei. – Aceitei isso em Dominic. Comecei a amar isso. Aprendi que encenar nossas fantasias não as torna reais. Não significa que, na vida real, eu seja sua escrava. Eu jamais conseguiria ser, ou aceitar, tal situação. Eu controlo minha própria vida, e controlo minha própria submissão. Minha fé em Dominic foi restaurada desde aquele terrível incidente no calabouço. Agora confio nele novamente para só me levar até onde consigo ir. Eu sei que existem outros lugares mais profundos e excitantes para onde quer me levar, e esse pensamento me dá arrepios de prazer.

– Eu quero que você vá para o quarto e vista algo que você ache que vai me agradar – diz ele, com a voz rouca de desejo. Depois volte aqui.

– Sim... – eu respiro fundo e sussurro – ... senhor.

A palavra sinaliza que estou entrando no jogo, a fantasia da minha escravidão a ele. Sua respiração falha um pouco, e quando Dominic fala, usa aquele tom autoritário que domina sua voz quando ele é meu mestre.

– Vá. Você tem exatamente cinco minutos. Se o que você escolher me agradar, vou deixá-la gozar quando quiser.

Eu obedientemente vou ao quarto e procuro rapidamente algo no guarda-roupa para vestir. Escolho uma coleira de couro marrom que se afivela no meu pescoço e uma roupa de couro que faz marcas na minha pele quando a visto, e deixa meus seios e meu sexo para fora. Eu puxo todo o meu cabelo para cima e amarro em um rabo de cavalo. Pronto. É um visual simples, mas tenho certeza de que vai agradar meu amo. Então, imaginando que o tempo está acabando, saio do quarto, mantendo um olhar de desalento. Meu mestre está lá, delicioso em um longo roupão de algodão. Ele não me deixa ver

seu pênis duro, mas eu sei que está pronto para me dar prazer quando chegar a hora certa.

Eu fico parada diante dele, com a cabeça baixa. Ele anda em volta de mim devagar, examinando meu corpo e o que escolhi vestir para ele.

– Muito bom – ele diz finalmente, e meu coração explode de alegria de saber que o agradei. – Eu achava que queria alguma coisa mais elaborada, mas agora que vejo o que escolheu, admiro a simplicidade. Você poderia ser a escrava de um imperador ou de cônsul. Sim... essa ideia é encantadora. Uma escrava safada que fugiu, mas foi recapturada. Agora ela está de volta, e o mestre tem de puni-la por seu mau comportamento, para lhe ensinar humildade e mostrar que seu lugar é aqui, servindo seu mestre. Não concorda, escrava?

– Sim, senhor – respondo humildemente. – Eu não deveria ter fugido. Peço perdão. Não acontecerá novamente.

– Com certeza não. Mas você precisa aprender uma lição. Olhe para cima.

Eu olho para onde ele aponta e vejo uma coisa que ainda não tinha visto: uma estrutura de madeira com ganchos metálicos em intervalos regulares. Parece algo que se usa para se dar uma surra e sinto arrepios de excitação e apreensão ao mesmo tempo.

Será que Dominic vai me flagelar? Mesmo depois do que ele disse sobre sua decisão?

Parte de mim torce para que seja isso, muito embora tenha medo do castigo. Significa que ele fez as pazes com o que aconteceu e realmente estamos começando de novo. Significa que ele confia em si mesmo e em mim. Mas a visão do aparelho me lembra a dor lancinante das chibatadas que levei e minhas mãos tremem. *Eu aguento um pouco. Mas não muito.*

– O que você acha? – ele pergunta com uma voz suave, mas dura.

– Eu acho... que me assusta, senhor.

– Assusta? – Percebo que ele está animado. – De que jeito?

– Acho que o senhor vai me machucar, me castigar.

Ele passa a mão pelo meu rosto.

– Eu vou, minha escrava, e espero que o castigo machuque, mas você vai aguentar, prometo. Agora, olhe para isso. – Ele aponta para um rolo de corda vermelha. – O que você acha que vou fazer com isso?

– Me amarrar, senhor.

– Isso mesmo. Vou te amarrar para você não fugir de novo. Traga a corda até mim.

Eu obedeço, pego o rolo de corda pesada e levo até ele. Dominic pega a corda e sorri para mim. Seus olhos se arregalam de ansiedade pelo que vai fazer comigo, e eu sinto uma forte ansiedade borbulhando dentro de mim.

– Abaixе – ele ordena. – Segure seus tornozelos.

Eu faço o que ele manda, me sentindo exposta porque minha bunda está empinada no ar. Ele pega a corda e faz movimentos rápidos. Em poucos instantes, meus pulsos e tornozelos estão amarrados pela corda vermelha.

Dominic recua um passo para admirar seu trabalho.

– Isso... – ele afirma com satisfação. – Isso serve por enquanto. Você está linda. – Ele para atrás de mim, suas mãos na minha bunda, acariciando minhas costas ou apertando meus quadris. Eu estou tão vulnerável, e sinto uma pontada de medo ao pensar que a imagem da minha bunda no ar daquela forma pode ser nojenta, mas seu suspiro de prazer e a visão do meu sexo virado para ele, os lábios fazendo beicinho e ansiosos por ele me acalmam. Minha respiração acelera e me pergunto quanto tempo aguento ficar naquela posição, abaixada, mas as sensações que ele cria me distraem da minha ansiedade. Seus dedos estão brincando comigo na entrada da minha fenda, esfregando para cima e para baixo meus fluidos, e percebo como já estou molhada.

– Está empolgada, escrava – ele diz, quase desaprovando. – Olha essa safadeza, toda molhada. Acha que vou meter em você e te dar prazer? – ele ri. – Talvez eu faça isso.

Eu sinto alguma coisa pressionando minhas partes e sei que é o seu pênis quente, que saiu do roupão. Suas mãos pegam firme na minha bunda, beliscando minha pele macia, deixando vários pontos

ardendo, enquanto sua cabeça aveludada se esfrega no meu sexo molhado.

Eu fico ansiosa para ele enfiar e me preencher, e o repentino desejo que toma conta de mim inflama os meus sentidos, fazendo meu sexo inchar ainda mais. Estou ofegante, meu coração acelerado.

– Ah, garotinha teimosa – ele diz suavemente. – Sei que você quer que eu te coma com força.

– Sim, senhor. Por favor, meta com força em mim.

– Diga o que você quer.

– Eu quero seu pau enorme dentro de mim, senhor. Quero que o senhor entre fundo, e quero que o senhor me chupe e me lamba inteira.

– Que escrava gulosa. – Ele bate na minha bunda com um golpe contundente da palma da mão. – Eu dou as ordens aqui, não você. Te chupar e lamber inteira? – Ele saboreia cada palavra e o tesão que elas dão em nós dois. – Eu não sei se quero fazer isso. Talvez queira que você me chupe. Sim, talvez mais tarde eu queira que você abra essa boca gulosa para meter aí também.

– Será um enorme prazer servi-lo, senhor.

– Eu sei que será.

– Por favor, senhor – suspiro. – Não demore muito para me comer.

– Você vai esperar o tempo que eu quiser.

Eu levanto a cabeça para aliviar a pressão no pescoço e fazer o sangue circular melhor. Minhas costas ficam quase na horizontal e ele apoia as mãos nela enquanto a cabeça do seu pau explora meu sexo quente e molhado. Então eu sinto uma pressão forte no buraco da minha bunda, cutucando-o como se quisesse entrar. Fico apreensiva. Eu não sei se estou pronta para isso, pelo menos por enquanto. Nunca tive vontade de ser penetrada aí... Mas muitas pessoas têm. E Dominic não me machucaria... ele só faz comigo o que me dá prazer.

Eu me pergunto se esse é o momento em que ele vai me iniciar lá. Certamente, a cabeça pulsante do seu pau mostra essa intenção, mas talvez ele perceba pelo movimento arquejante das minhas

costas que não estou muito a fim. Seu pênis escorrega um pouco e encontra minha vagina. Com uma estocada forte, ele entra e eu gemo alto quando ele chega lá no fundo. É repentino e inesperado, e nossa posição faz seus movimentos ficarem especialmente profundos e fortes. Ele tira. Suas mãos pegam meu quadril com firmeza. Eu sinto nas minhas pernas o algodão de seu roupão aberto, e ele volta para dentro de mim.

Ah, Dominic, é maravilhoso.

Seus movimentos ficam no limite entre me satisfazerem e me machucarem, mas há mais prazer do que qualquer coisa na sensação do seu pau grosso abrindo caminho dentro de mim, me preenchendo e batendo fundo em mim. Eu grito a cada estocada, como se o som fosse tirado de mim contra a minha vontade. Sua pegada firme como o ferro me sustenta contra suas investidas, garantindo que eu aguente sem cair. Ele aumenta a velocidade e a cada estocada geme com um prazer animalesco e me fode com força por vários minutos.

Então, quando começo a me perguntar se ele vai gozar, Dominic para e tira o pau de mim, deixando pingar o meu próprio tesão.

– Ainda não – ele diz, imponente. – Mas, como eu sou um mestre gentil e caridoso, não vou te deixar completamente abandonada enquanto preparo seu próximo castigo. – Eu sinto alguma coisa gelada, dura e grande entrando em mim. Meus músculos se contraem em volta dela, segurando-a lá dentro. – Pronto – diz ele. – Agora espere.

Ele entra no quarto e desaparece. Sou deixada no corredor ainda amarrada naquela posição com alguma coisa grande e dura dentro de mim. *Algum tipo de consolo.*

Sinto uma pontada de pânico. *Quanto tempo ele vai me deixar assim?* Mas me acalmo. Sei que isso é parte do castigo; os jogos psicológicos são tão poderosos quanto os físicos. Ele está alimentando meu medo, me controlando. *Eu preciso confiar.*

Depois de alguns minutos, ele volta.

– Você foi bem – diz ele. – Posso ver que não se mexeu. Muito bem. Minha escrava pode ser comida do jeito que quiser.

Ele tira o consolo de mim e desamarra meus pulsos e tornozelos. Eu me levanto aliviada, esfregando os pulsos onde as cordas machucaram, e vejo que ele está parado ao lado da estrutura de madeira.

– Venha até aqui.

Eu obedeço. Ele pega a corda e amarra meus pulsos um no outro, levanta meus braços acima da cabeça e passa a corda em um gancho metálico no topo da estrutura. Ele dá um nó e fico totalmente presa. Ele passa as mãos pelas minha costas e bunda e suspira. Eu sinto algo como arrependimento ou tristeza em seu suspiro. *Será que ele queria trazer os chicotes como antes? Será que está imaginando como seria marcar minha pele com o chicotinho e ver o sangue cobrir a superfície? Ele adorava ver minha pele ficar rosada com as chibatadas.*

Ele não vai fazer isso, sei que não. Ele está canalizando seu desejo nas cordas, ficando excitado com minha restrição e meu desamparo.

– Lindo – diz ele, respirando fundo. – Ah, Beth...

Adoro quando ele diz meu nome. Por um momento, não sou a escrava, sou eu mesma. Ele dá a volta em mim e começa a me beijar. Queria poder abraçá-lo, mas presa do jeito que estou, não posso. Então, eu o beijo apaixonadamente, sentindo a falta de sua boca quando ele a leva para os meus seios para beijar e chupar meus mamilos. Seus dedos vão até meu clitóris, acariciando-o intensamente. Eu queria abraçar e acariciar Dominic, mas estou entregue. Só posso lhe permitir que faça o que quiser comigo.

Ele está ficando mais estimulado, percebo por sua respiração ofegante e seu olhar cristalino. Eu já vi esse olhar antes, mas não consigo lembrar quando. Alguma coisa está querendo chamar minha atenção no fundo do meu cérebro, mas os movimentos de suas mãos me impedem de me concentrar. Quero relaxar com as sensações maravilhosas que ele está me proporcionando, mas a necessidade de ficar de pé e aliviar a pressão dos meus braços não me deixa. Eu tenho que me mexer a todo instante para aliviar a dor que não para de aumentar nos meus músculos.

Sei que Dominic está achando a cena excitante. A escrava o estimulou, e sua brincadeira com meu clitóris fica mais violenta enquanto sua respiração acelera. Ele enfia os dedos em mim, primeiro dois, depois três, depois os quatro juntos e os empurra para dentro de mim enquanto o dedão esfrega meu clitóris. Eu deixo meus sentidos aceitarem o que ele está fazendo, o que me dá ondas de prazer, mas de vez em quando eu perco a conexão com o desejo e começo a sentir dor, seus dedos me arranhando lá dentro, as pontadas do excesso de força no meu clitóris muito cedo, antes de eu estar pronta.

Ele para e me desamarra. Eu deixo meus braços caírem, aliviada pelo fim da pressão nos meus músculos. Minhas mãos dormentes latejam quando o sangue volta a circular, mas eu não tenho muito tempo para pensar nisso.

– Deite de barriga para baixo no chão – ele ordena. Obedeço e deito no chão gelado de mármore. Dominic tira alguma coisa do bolso e coloca no meio das minhas costas. Parece uma pequena cruz de couro com alguma coisa metálica gelada no centro. *O que é isso?*

Ele pega a corda de novo. Eu consigo vê-lo de canto de olho; ele estica a corda e a prepara com sua velocidade de especialista. Ele pega um dos meus braços e o dobra, de forma que meu cotovelo fica acima da minha cabeça e minha mão fica para baixo, quase na minha nuca. Depois, faz o mesmo com o outro braço e passa a corda pelos meus pulsos, amarrando-os à cruz de couro nas minhas costas. Ele envolve a cruz na corda até que esta fique sobrando pendurada debaixo da cruz. Então ele dobra minha perna até meu tornozelo encostar na parte de trás da minha coxa e a amarra. Ele faz o mesmo com a outra perna; amarra uma na outra e prende a corda que une as duas pernas na cruz. Ele puxa a corda e eu a sinto apertar, puxando meus braços e pernas e esticando minhas costas até minha cabeça se jogar para trás.

Estou amarrada como um porco, percebi. Dói muito, todos os músculos repuxam. Eu engasgo, mesmo sem nada amarrado lá; a coleira apertou minha traqueia quando a corda foi puxada e minha cabeça foi para trás.

Entro em pânico. Não gosto disso. Estou tentando articular como isso me faz sentir e se o desconforto inicial vai passar. Sei que às vezes eu tenho que relaxar e confiar para controlar o incômodo e o medo... mas isso não está acontecendo agora. Sinto Dominic ajoelhar entre minhas pernas. Ele põe as mãos nos meus quadris, levantando minha bunda e no momento seguinte, sem qualquer preparação, eu sinto seu pênis na minha vagina e ele entra abruptamente em mim, como se tivesse colocado toda a sua força nisso.

Ele começa a me penetrar mais rápido, colocando todo o comprimento e com toda a força, para dentro e para fora, sem parar.

Fico ofegante, mas é difícil respirar com a coleira apertando meu pescoço. Minhas costas, meus braços e minhas pernas doem como se os músculos tivessem sido puxados para o lugar errado. Eu não vou aguentar muito, e não de prazer, mas de dor e tontura, mas é difícil me concentrar no que tenho que fazer para sair dessa situação. As estocadas violentas fazem meu corpo tremer e não tenho tempo de me recuperar de um baque antes de outro me atingir. Estou completamente entregue em minhas amarras, reduzida a apenas um torso para Dominic foder. Então, para meu desespero, vejo que quando ele me penetra, ele puxa a corda, esticando ainda mais a minha espinha, repuxando os meus músculos da perna até a agonia e tirando meu oxigênio.

Por um momento me pergunto se é isso que é ser torturado, e entro em pânico. Todo o meu desejo sexual morreu e, com ele, qualquer prazer que pudesse vir a sentir nesse processo.

Ele tem que parar. É tudo o que consigo pensar. Minha cabeça está inchada, meus olhos embaçados. Tenho medo de desmaiar em instantes se não conseguir fazer Dominic parar. Eu não tenho ideia se ele pretende parar por conta própria, ou se está perto de gozar.

Use a palavra de segurança.

Claro. Um alívio percorre meu corpo. Eu vou usá-la... É...

– Escarlate! – eu grito. Sai como um resmungo ridículo. Ele não ouve. Eu junto todas as minhas forças e grito de novo. – Escarlate, Dominic, escarlate!

Dessa vez ele ouve. O efeito é imediato. Ele solta minhas cordas e sai de mim.

– Beth? – Sua voz sai aguda de ansiedade. – Você está bem?

– Pare, por favor, não está bom para mim. Está tudo errado.

Minha garganta dói, ainda não consigo respirar. Dominic trabalha rapidamente e, um instante depois, estou sentada reta, tossindo de leve enquanto esfrego meus pulsos e tornozelos e estico meus braços. Dominic está do meu lado, com cara de preocupado, tentando ajudar.

– Que aconteceu? – ele pergunta. – Achei que você estivesse gostando.

Balanço a cabeça.

– Não dessa vez. Foi demais. Muito extremo.

– Sério? Foram as cordas? Estavam apertadas demais?

– Elas estavam apertadas e achei a posição de porco meio demais. Não gostei de me sentir reduzida daquele jeito. Senti que eu tinha virado um nada. E... – Franzo o cenho e tusso de novo. – Não gostei de ser sufocada. Nem um pouco. Isso não vai rolar mesmo. – Olho para ele bem dentro dos seus olhos. – Obrigada por respeitar a palavra de segurança.

– Não seja boba – ele diz bruscamente. – Claro que eu iria respeitar. Seria imperdoável se continuasse. – Seus olhos ficam baixos e ele continua de maneira obscura. – Só queria que isso não tivesse acontecido. Eu sou um tonto.

– Não é, não – digo suavemente. – Você estava experimentando coisas novas. Você não tem como saber o que é demais para mim antes de eu te falar. Eu gosto de algumas das coisas que você faz com a corda, mas não quero ficar amarrada o tempo todo, e não quero ser destrinchada como um animal. Disso a gente sabe agora.

Ele olha para o chão como se uma batalha terrível estivesse ocorrendo dentro dele.

– Eu devia saber – ele diz, teimoso. – Eu conheço você, Beth. Sei do que você gosta. Eu me deixei levar e usei minha força em você, fui além do que sabia que você aguentaria.

– A cena de mestre-escravo sempre vai dar margem para as coisas irem longe demais – digo gentilmente. – Temos de estar

preparados. Aprendemos com nossos erros. E a palavra de segurança funcionou, certo?

Parece meio estranho ser eu a confortar ele depois do que acabei de passar, mas posso ver que ele ficou abalado. *E da última vez que isso aconteceu, ele sumiu. Não quero correr o risco de isso acontecer de novo.* – Está tudo bem, Dominic, mesmo. – Abraço e o beijo com carinho, mas posso sentir que ele está distante. – Por que não voltamos para a cama e fazemos o que for natural para a gente? Não precisamos de nada disso hoje, né?

Ele me beija de volta e sorri.

– A cama parece uma boa – ele diz. – Mas acho que chega de sexo para mim hoje. – Ele põe a mão na minha. – Desculpe.

Beijo seu pescoço, inalando seu aroma.

– Está tudo bem – digo suavemente. – E por favor, não torne isso uma tempestade em copo d'água. Está tudo bem, de verdade.

Dominic grunhe algo mas não diz mais nada. Posso ver que, por trás de seu silêncio, sua mente está a mil, e não sei no que ele está pensando.

Capítulo Dezesseis

Na segunda de manhã, chego a Albany com um turbilhão de emoções. Dominic e eu nos despedimos de manhã com beijos e carinhos, mas os acontecimentos de ontem ainda estão entre nós.

Estou perdida em pensamentos enquanto ando pela Piccadilly, parte do fluxo de pessoas que vão para o trabalho. Estou alheia a elas, só consigo pensar em Dominic.

Por que tudo precisa ser tão difícil? Por que não podemos só nos amar como os casais normais?

Parece injusto que um homem que eu amo e que parece perfeito para mim tenha essa perversão, e mesmo que eu a tenha aceitado, e até mesmo gostado da emoção que trouxe à minha vida, ela ainda cause problemas.

Posso me virar sem nenhum chicote ou flagelo, se é isso que Dominic quer, mesmo que minha imaginação insista em me provocar com fantasias nas quais as caudas macias do chicote de camurça me beijam e aquecem minha bunda. Mas será que o desejo dele de levar as coisas ao extremo vem de lugares diferentes? E ele vai se torturar em dúvidas toda vez que eu usar a palavra de segurança?

Está tudo se misturando dentro de mim enquanto caminho para o pátio em Albany e para perto da casa principal. O Bentley cinza está parado do lado de fora, então sei que Andrei está aqui. Ótimo. Tudo que eu precisava. Ele quer um relatório completo hoje também.

Mal posso esperar para esse trabalho terminar. Não sei nem quantas vezes pensei isso na semana passada, mas mais do que nunca desejo voltar a trabalhar com Mark, como antes de Andrei Dubrovski ficar tão envolvido na minha vida. Era tão mais fácil quando ele era apenas o chefe do Dominic, um cara sem rosto que não significava nada para mim.

Marcia está de volta ao escritório, à cadeira dela depois da vigília no leito da mãe. Ela está feliz de me ver, como se eu fosse sua

amiga mais antiga e tivéssemos ficado separadas por anos. Ela quase chora nos meus braços. Quando consigo me libertar dela, ela me conta que a mãe está bem melhor e que vai ficar boa.

– Isso é ótimo, Marcia, fico feliz por vocês duas.

– Ela é uma velha malandra – Marcia diz com carinho. – Eu sentiria muito a falta dela se ela se fosse, então vamos torcer para que fique por aqui por muito tempo.

Ela fala por alguns minutos e agradeço quando ela volta ao seu computador, reclamando da bagunça que Edward deixou nos seus arquivos. Passo a manhã escrevendo um relatório para Andrei, mas não vejo nem sinal dele.

– Andrei está por aqui? – pergunto para Marcia no almoço.

Ela balança a cabeça.

– Ele saiu de manhã, a pé. Não sei o que ele anda aprontando. As coisas sempre ficam meio confusas quando um grande negócio está para ser fechado.

Fico aliviada. Quero ter o menor contato possível com ele, e pensar em vê-lo novamente depois da nossa última conversa me enche de pânico. Passo a tarde tirando fotos das obras que quero pendurar pelo apartamento e fazendo esquemas dos quartos para que possa brincar com as imagens e ver como ficam. É imersivo e até divertido, eu me sinto como uma criança com um álbum de figurinhas que podem ser rearranjadas.

Quando o dia chega ao fim, ainda não há sinal de Andrei, mas quando retorno para meu computador, há um e-mail de Dominic.

Obrigado pelo fim de semana ótimo, minha linda. Sinto muito que não tenha acabado tão bem quanto começou, mas pode ter certeza de que estou progredindo para resolver meus problemas. Já avancei bastante, mas está claro que ainda não cheguei lá. Apenas espere por mim, e ficaremos bem, prometo. Não vou te ver muito essa semana, mas por que não damos uma fugida quando tudo isso acabar? Só nós dois. Então vou poder mostrar quanto você importa para mim.

Vou pensar em você e nas coisas deliciosas que fizemos até nos encontrarmos de novo...

Dx

A ideia de dar uma escapada com Dominic é emocionante. Imagino uma praia quente, um belo quarto de hotel e horas para fazermos o que bem quisermos. Mas o que ele quis dizer com resolver seus problemas? Espero que não signifique que vai sumir por semanas, como da outra vez. Seu e-mail dá a entender que vamos nos ver em alguns dias, então jogo a ansiedade para o fundo da minha mente.

Quando já estou guardando minhas coisas para ir para casa encontrar Laura e ir ao nosso treino de kickboxe, outro e-mail aparece para mim, dessa vez de Andrei.

Beth,

Desculpe não ter aparecido para nossa reunião. Se tiver uma hora livre agora, você me encontraria no clube? Marcia arranjará um táxi para você.

Leio a mensagem algumas vezes, exasperada. *Ele nem se preocupa em assinar.* Ele espera que eu largue tudo e vá correndo a qualquer hora que ele queira. Quero muito ir embora e se for encontrar com ele, é provável que não dê tempo de ir para o treino. Suspiro. *Melhor resolver isso logo. Afinal, em breve ele não vai mais poder fazer isso.*

Respondo com um e-mail dizendo que estarei lá e peço o táxi para Marcia. Ele chega ao pátio quase que imediatamente, então saio, com o relatório na minha bolsa. O táxi está esperando, o motor ligado, e eu subo. Quando saímos do pátio e entramos na movimentada Piccadilly, a cidade já está salpicada de luzes do começo da noite. As ruas estão cheias com as pessoas indo às compras e as vitrines brilham. Já há um ar natalino. O táxi vira à esquerda em direção à Piccadilly Circus e damos a volta, em meio a faróis, ônibus e pedestres descuidados. Quando afinal nos livramos dessa parte, o trânsito ainda está lento pela Haymarket e pela Pall Mall. O motorista me leva até o St. Paul's Palace e para em frente a uma grande construção de pedra que parece uma mansão estilo Regency. Pela porta aberta posso ver um tapete vermelho e um grande candelabro de bronze com dúzias de luzinhas em seus braços.

Isso é ridículo. Eu poderia ter andado até aqui em cinco minutos.

– O pagamento já foi feito, madame – diz o taxista.

– Obrigada. – Saio do táxi e paro em frente ao imponente prédio. Londres está cheia de lugares desse tipo: grandiosos e meio proibidos, dando uma sensação de uma vida de muita exclusividade no interior deles. *Bem, hoje as portas estão abertas para mim, mesmo que eu preferisse que não estivessem.* Meu apartamento e a noite com Laura são muito mais interessantes do que isso. Suspirando, endireito os ombros e subo as escadas.

Dentro, um homem com um fraque preto está atrás de uma mesa antiga.

– Posso ajudar, madame? – ele pergunta numa voz bem empolada.

– Estou aqui para ver Andrei Dubrovski. Ele está me esperando.

Sua expressão muda e ele fica imediatamente mais solícito. *Não sei por que ainda não me acostumei com isso.*

– Sim, madame. Claro. Ele está no Salão Azul. Eu mostro onde é.

Subimos uma vasta escada acarpetada e dominada por uma enorme pintura a óleo de algum esnobe do século XIX olhando para baixo de maneira reprovadora. No fim das escadas, andamos por um corredor, passando por salas de estar e de leitura, todas decoradas com luxo e cheias de candelabros, pinturas a óleo e beirais dourados onde senhores de idade sentados em poltronas de couro leem seus jornais. O homem para ao lado de uma porta e bate. Ela é aberta pela figura familiar do guarda-costas de Andrei.

– Uma jovem está aqui para ver o senhor Dubrovski – explica meu guia.

O guarda olha para mim como se nunca tivesse me visto, ainda que eu sorria de uma maneira amistosa; então ele assente com a cabeça e me dá passagem.

O Salão Azul faz jus ao nome: suas paredes são recobertas de seda azul, ele é coberto por um enorme tapete persa azul e dourado e mobiliado com poltronas em tecido azulado. O efeito é atenuado por uma grande mesa de madeira e retratos de homens velhos e importantes dos últimos dois séculos. Andrei está vestido com um terno preto muito bem feito, atrás da mesa, na janela, de costas

para mim, olhando para baixo, para Pall Mall, falando rápido em russo. Espero quieta, olhando em volta pela sala, até ele terminar. Depois de cinco minutos, fico aliviada ao vê-lo terminar a ligação e se virar para mim.

– Beth. Bom. Você está aqui. – Ele não sorri. Seu rosto está impassível como da primeira vez que nos vimos. Percebo que o Andrei que conheço hoje é outro, completamente diferente do Andrei que conheci na França, que parece ter sido décadas atrás. Ele é mais humano, com certeza. Eu já o vi rir, comer, dançar e até logo após sair de seu quarto, depois de estar com Anna. Mas tudo isso se foi. Ele é de novo o tirano dominador que conheci. Sinto-me meio triste por ter que acabar assim. Percebo que, em algum momento, chegamos a ser quase amigos. *Suponho que seja por isso que consegui falar do jeito que falei com ele. As barreiras tinham caído. Bom, elas estão levantadas de novo, com certeza.*

– Trouxe seu relatório – digo, tirando o documento da bolsa e colocando-o sobre a mesa. – Como você queria. Um catálogo das suas obras de arte em Albany, com descrição e valor de mercado de cada uma. Vou fornecer em separado o esquema de onde serão penduradas, se estiver tudo bem por você.

– Ótimo. – Ele olha sem interesse para o relatório. – Vou ler depois. Tenho certeza de que está tudo em ordem. Confio em você.

– Obrigada. – Minha voz sai fria. De fato, a atmosfera está tão fria que tenho vontade de colocar um cachecol.

Andrei fala em russo com o guarda-costas na porta, que sai na hora, deixando-nos sozinhos.

– Sente-se. – Andrei mostra a poltrona em frente à mesa. Estou irritada com o tom autoritário. *Queria que ele parasse de me dar ordens assim. Não sou sua escrava.*

Sorrio por dentro. *Tem horas que não ligo de ser escrava e receber ordens. Mas não de Dubrovski. Não mesmo.*

Mas não tem por que discutir com ele. Sento. Tudo em mim espera que ele vá dizer que ninguém fala com ele do jeito que falei e que estou demitida já. Eu meio que espero que seja isso que aconteça. Então poderia me afastar disso tudo e voltar para o Mark, e Dominic e eu poderíamos tornar público nosso relacionamento.

Ele se senta na cadeira atrás da mesa e me olha, apertando as pontas dos dedos. Finalmente diz:

– Beth, pensei muito no que você me disse. Fiquei muito ofendido com a sugestão de que possa tê-la drogado, presumivelmente para me aproveitar de você.

– Desculpe. Eu retiro o que disse – digo. Assim que ele falou, não consegui evitar acreditar nele. – Talvez você esteja certo e eu estivesse bêbada. Com certeza é o mais provável.

– Espero que sim. Você não parecia bêbada a ponto de não saber o que estava fazendo, mas você não sabe beber, né? – Ele sorri para mim. – Não como nós, russos. Você estava altinha, com certeza, o suficiente para apagar completamente.

– Quando você me encontrou na caverna – digo.

– Sim. Quando a encontrei na caverna.

Há uma pausa longa, significativa, enquanto olhamos um para o outro. Não consigo saber no que ele está pensando, mas seus olhos azuis miram os meus como se tivéssemos uma espécie de ligação, algo profundo. Estou tomada pelo desejo de fazer a pergunta. Afinal, fizemos sexo ou não? Mas eu tiro isso da cabeça. *Dominic. Foi Dominic. Tem que ser.*

Então percebo que nunca perguntei para Dominic por que ele me deixou sozinha, desmaiada, em uma passagem para Andrei me achar. Por que ele faria isso?

Estou horrorizada com a ideia de que Andrei vá falar algo que vire meu mundo de pernas para o ar e começo a falar muito rápido.

– Preparei o projeto para pendurar os quadros no apartamento, você quer aprovar tudo antes de eu começar a fazê-lo? Acho que vai gostar, mas se não gostar, seria bem fácil de mudar...

Andrei chacoalha a cabeça.

– Acho que não. Pode fazer o que achar melhor. Como falei, confio em você. – Ele se levanta e anda lentamente em volta da mesa, as mãos atrás das costas. Ele está com o rosto franzido, deixando seus traços duros ainda mais duros. – Posso ver que, por algum motivo, você tem algo contra mim. Achei que, quando a convencesse de que não a droguei, você iria ficar bem. Mas parece que não. Sinto por isso. Seu trabalho para mim está quase no fim e

com certeza você ficará satisfeita de voltar para o Mark. – Ele se vira e me olha diretamente. – Tenho que viajar para a Rússia no fim da semana. Mark vai comigo, vamos levar o Fra Angelico para um especialista do Hermitage. Fiquei pensando se você gostaria de ir conosco... posso providenciar para que você faça um tour pelo museu com um guia especialista. Você com certeza gostaria disso. Talvez isso ajude a se convencer de que tenho boas motivações.

Olho para ele. *O museu Hermitage? Isso seria incrível...* sempre desejei visitar aquele verdadeiro tesouro. A maioria dos grandes museus do mundo ainda está na minha lista para ser visitada, e o Hermitage é o primeiro... *mas não posso. Até o fim da semana, o negócio vai ter saído, Dominic terá pedido demissão e vou estar ao lado dele. Andrei não vai mais me querer. Ele provavelmente não vai nem querer me ver.*

– Então? – ele diz. – Você vai junto?

– Você é muito gentil, Andrei, mas...

Uma expressão de espanto toma seu rosto.

– Você vai dizer não?

– Não posso aceitar. Não posso. Não posso explicar por que, e tenho que pedir para que você não me pressione. É uma oferta tentadora, mas... não, obrigada. – Também me levanto e nos olhamos por cima da mesa. Ele se inclina para a frente, colocando as mãos sobre a mesa e me observando.

– Você me deixa confuso – ele diz num grunhido baixo. – Por que você não quer o que posso lhe oferecer?

– Eu falei, não posso explicar. Mas de uma coisa tenho certeza: na hora em que aceitar qualquer coisa de você, você não ficaria mais intrigado. Iria me ver como eu realmente sou. Uma garota normal, que não se encaixa no seu mundo. O que você não consegue entender é que não quero me encaixar. – Sorrio para ele. – Quero que sejamos amigos, Andrei, de verdade. E quero que você fique feliz com meu trabalho. Se não há mais nada, então eu vou embora. E seus quadros estarão pendurados em um dia ou dois. Tchau, Andrei.

Ele me olha quando me volto e caminho até a porta. Com a mão na maçaneta, me viro por um instante.

– Obrigada pela oferta – digo gentilmente. – Sempre vou apreciá-la, mesmo que não possa aceitar.

E saio.

Após deixar o clube ligo para Dominic, mas ele não atende. Não deixo recado. Ele está ocupado. Só mais uns dias e ele vai ser todo meu.

Quando chego em casa, estou exausta, mas ainda dá tempo de ir para o treino de kickboxe, apesar de ter de ir sozinha, já que não há nem sinal de Laura. Quando estou me trocando, meu celular toca e me avisa que chegou uma mensagem de texto. É Laura, me avisando que não vai ao treino porque acabou ficando presa no trabalho. Treino sozinha e sou tomada pela calma que vem depois de uma boa malhação, e me sinto bem melhor. Já são quase dez da noite quando Laura chega. Ela deixa a maleta na entrada e cai no sofá ao meu lado.

– Oi – sorrio. – Tem jantar, se você quiser. Só macarrão com molho na panela, mas pode se servir à vontade.

– Qualquer coisa que não exija trabalho – ela diz com uma voz cansada. – Estou acabada. Como foi o treino hoje? Como está o Sid?

– Não se preocupe, acontece. O Sid está ótimo, foi um ditador, mas foi bom. Tire essas roupas de trabalho que esquento a comida para você – digo enquanto me levanto e vou para a cozinha. Laura logo se junta a mim, com sua calça larga xadrez e uma camiseta velha que ela usa para ficar em casa.

– O cheiro está bom – ela diz sorrindo, e parece mais relaxada. – Seu macarrão é sempre uma delícia.

– Obrigada. Você está com cara de quem precisa de uma comidinha quente.

– É. – Ela assente. – Está dureza no escritório. Eles até pagam bem, mas se asseguram de receber o investimento de volta. O meu chefe velhaco me fez ficar checando e checando de novo propostas e relatórios até meus olhos sangrarem. Como você está? Não tenho

te visto muito ultimamente. Sempre uma de nós duas está fora, ou no trabalho ou malhando...

– Estou bem. – Pego o queijo parmesão da geladeira para derreter um pouco sobre o macarrão dela. – Não vou ver muito o Dominic essa semana, então vamos poder colocar o papo em dia. Ele está trabalhando nesse negócio grande, mas, quando acabar, podemos ir viajar por um tempo, só um descanso em algum lugar tranquilo e romântico. Não parece demais? – Recebo silêncio como resposta, e uma expressão saudosa de Laura.

– Claro. Parece ótimo. É só que... – Ela fica meio triste, lá parada, enrolando o rabo de cavalo nos dedos, um hábito que ela tem. – Acho que você vai passar cada vez mais tempo com Dominic, certo?

– Espero que sim... – digo devagar. Sei onde ela quer chegar. A ideia de duas-garotas-solteiras-na-cidade-grande não parece se realizar da forma como a gente imaginava.

– Preciso começar a procurar alguém para dividir o apartamento? – ela pergunta numa vozinha pequena.

– Ah, querida. – Deixo o queijo na mesa e vou até ela dar um abraço, então recuo para olhar bem nos grandes olhos cinzentos de Laura. – Não está nem perto disso ainda. Mesmo! Juro. Mas imagino que vou ficar com ele quando der... – Sinto minha lealdade dividida. Não posso prometer nada que não vá cumprir depois, mas também adoro passar o tempo com Laura e não quero perder a intimidade que temos. Lembro dos nossos planos de viajar juntas. – Mas eu estava falando sério quando falei sobre Nova York! Vamos com certeza para lá, juro, só você e eu. Sem Dominic.

– Estou muito feliz por você, Beth – ela diz rapidamente. – Acho ótimo que o relacionamento de vocês esteja ficando sério. E estou bem feliz com a ideia de uma viagem nossa para Nova York. Mas sendo bem egoísta, vou sentir falta de ter você por perto no dia a dia.

– Sinto muito, Laura. – Me sinto péssima de deixar minha amiga se sentir solitária quando somos colegas de apartamento.

Ela ri.

– Não sinta! Por que você deveria ficar assim? Você está completamente apaixonada e quer ficar o tempo todo com ele. É

natural isso. Só uma coisa...

– O quê? – Eu me sinto tão culpada que faria qualquer coisa por ela. Eu queria conseguir outro Dominic para Laura, para sermos felizes juntas.

– Posso ser a madrinha de casamento? – ela pergunta rindo, e quando começo a ficar vermelha, ela diz: – Estou brincando. Agora, vai me dar esse macarrão ou não? Estou morrendo de fome.

Capítulo Dezessete

Estou feliz de Andrei não estar aqui para ver os caras martelando pregos nos painéis de madeira supercaros. E espero muito que eu tenha acertado.

Mark aprovou a disposição que montei depois que a mandei por e-mail, então estou confiante de que vai dar certo, mas só vou saber quando os quadros estiverem pendurados. Mark também me pediu para dar uma passada lá no dia seguinte, e estou ansiosa para contar a ele que está tudo terminado.

– Ok, assim está ótimo – digo para o homem. – Agora, vamos pendurar o Stubbs aqui – eu o quero no meio, e aquele conjunto de rascunhos do outro lado, como você pode ver aqui, na planta.

Então meu telefone vibra e me avisa que chegou uma mensagem. É de Dominic.

Venha para fora.

Deixo os homens trabalhando e vou para a porta da frente. Abro e entro no hall. Não tem ninguém na escada. Olho para cima mas não vejo ninguém. Vou para fora, para a passagem coberta, mas também não vejo ninguém. Até os funcionários, que de vez em quando estão limpando ou fazendo manutenção, deixando o lugar impecável, sumiram. Meu telefone vibra de novo.

Desça a escada.

Volto para as escadas e para o caminho que leva para baixo. Não consigo ver Dominic lá, mas desço lentamente, penetrando nas sombras. Estou em uma passagem com formato de arco que atravessa todo o subterrâneo do prédio.

Vire para a esquerda e fique de frente para o prédio principal. Ande.

Onde ele está? Sorrio. Adoro o jeito como Dominic curte apimentar nossa vida com esse tipo de coisa. Faço como ele manda e começo a caminhar pela passagem. Quando chego ao fim do prédio, saio da passagem e preciso descer alguns degraus e dar a volta em uma janela arredondada de canto de um dos apartamentos. Mas para onde agora?

Entre pela porta à sua frente.

Uma porta preta exatamente na minha frente dá para o prédio central. Eu a empurro e ela abre facilmente. Entro em um corredor de pedra fria, empoeirado e sujo, iluminado por uma lâmpada amarela também empoeirada.

– Dominic? Você está aí? – Não chego a ficar assustada, mas esse lugar é de dar arrepios. Tem armadilhas para ratos por todo lado, em intervalos regulares ao longo da passagem, e portas pretas marcadas com números. Um guarda-roupa velho, com uma porta meio aberta que oferece um vislumbre de latas de tinta e pedaços de pano, está encostado numa parede.

Espere.

Faço o que ele diz, respirando o ar pesado, frio e úmido, imaginando o que Dominic tem em mente. De repente, uma porta se abre e uma mão sai de lá. Dou um pulo e grito. A mão me agarra e me puxa para dentro e antes de perceber o que está acontecendo, estou em uma reentrância escura, um tipo de armário ou depósito, apertada contra Dominic, que ri baixo no meu ouvido.

– Seu bobo – digo e dou um soquinho no seu peito.

– Te assustei? – ele diz, ainda rindo.

– Você sabe que sim. – Olho em volta. – Como encontrou esse lugar horrórico?

– Vim entregar uma coisa para o Andrei. Achei que ia ser divertido dar uma xeretada e achar algum lugar para onde pudesse

trazer você para te beijar. – Com isso, ele me dá um longo e delicioso beijo, que faz toda a minha irritação sumir. – Hmm. Você é uma delícia. Eu precisava disso.

– Eu também. – Meu medo passou. Estou bem aberta ao que ele quiser fazer agora. – Então... – digo, ronronando, colocando minha mão dentro de sua camisa. – Você está com tempo para brincar um pouco?

Ele grunhe.

– Meu Deus, quem me dera. Não consigo pensar em mais nada e não vejo a hora de esse negócio acabar. É a negociação mais complicada e traiçoeira que já fizemos. Estamos no fio da navalha, porque se der errado, vamos ter que pagar 300 milhões de euros de multa. Você consegue imaginar quão disposto Andrei está a pagar uma quantia dessas a troco de absolutamente nada, né. A única pessoa se divertindo é a Anna. Juro por Deus que ela fica sexualmente excitada com situações complicadas assim. Consigo entender por que Andrei fica com ela. Anna é uma pessoa muito extrema. Ela consegue fazer o negociante mais durão, teimoso e cabeça-dura comer na mão dela.

Percorro a superfície macia de sua lateral e de seu peito com as mãos.

– Fica mais cinco minutos? – digo. – Adoro ver você.

– Querida, não posso mesmo. Eu nem deveria ficar tanto, só não resisti a vir ver você. – Ele olha para meu rosto, seus olhos brilhando na penumbra. – Sabe de uma coisa? Esse negócio vai me fazer ganhar muito dinheiro. Muito mesmo. Quando acabar, vamos celebrar. Eu gostaria de comprar algo para você. Quem sabe... quem sabe um anel.

Respiro fundo. *Um anel?* As próximas palavras cruzam minha cabeça contra minha vontade: *um anel de noivado?* Meu coração bate forte e meus dedos tremem. *Ele não deve querer dizer isso, ainda não. Só estamos juntos há alguns meses, e ficamos separados na maior parte deles...*

Dominic não diz nada para acabar com a minha agonia e posso percebê-lo sorrindo no escuro.

– Não precisa decidir nada agora – ele diz, obviamente curtindo o fato de que suas palavras podem ter várias interpretações. – Pense nisso por um tempo. Vamos fazer compras em breve, tá? Assim que esse negócio sair.

– Está bem – sussurro. – Seria legal.

– Quero te mimar um pouco. Você não se importa, né?

– Claro que não – digo, um pouco envergonhada, mas feliz. Corro as mãos por suas costas largas e musculosas. Meus dedos tocam em algo: uma trilha de cortes, em uma longa linha pelas suas costas. Tem outra e outra. De fato, um xadrez de vergões cruza suas costas.

– O que é isso, Dominic? – digo, subitamente ansiosa.

– Hã? – Ele estica o braço e tira minhas mãos das suas costas. Seu tom de voz mudou para algo mais frio, e ele ficou meio duro. – Do que você está falando?

– Você está cheio de marcas nas costas! Não tinha nenhuma no domingo. De onde vieram?

Ele não diz nada, segurando meus pulsos, parado, bem duro. Não consigo ver a expressão no rosto dele nessa luz muito baixa, mas tenho a sensação de que ela ficou muito obscura, indecifrável de qualquer maneira.

Estou assustada. Ele tem marcas de açoite nas costas. Como na Croácia. De onde elas vieram?

– Fale, Dominic. Quem fez isso em você?

– Ninguém. – Seu tom de voz indica que ele não quer falar sobre isso. A atmosfera amorosa e aconchegante entre nós desapareceu completamente. – Agora vamos, tenho que voltar. – Ele enfia a camisa de volta na calça e abre a porta, deixando mais luz entrar em nosso esconderijo. – Vamos sair daqui. – Ele passa por mim e sai para o corredor.

– Dominic, eu quero saber! Quem tem te dado chibatadas? – Há um tom de acusação na minha voz, originado de meu medo. Posso ver tudo agora, muito claramente. Ele decidiu não usar mais o chicote e a chibata em mim, mas isso não quer dizer que ele parou de usar. Enquanto o sigo para fora do corredor, lembro de como ele descobriu que gostava de jogos de dominação, quando ingressou em uma sociedade secreta em Oxford e começou a ver vários açoites.

Os participantes não faziam sexo entre si, eles simplesmente faziam o que desejavam, os de cima aplicando os castigos e os de baixo recebendo, para satisfação mútua. Foi assim que Dominic aprendeu e nutriu seus instintos de dominação até eles se tornarem uma parte fundamental dele. Será que Dominic estava fazendo algo assim novamente? *Mas ele é um mestre, não um escravo. Como ele pode receber castigos em vez de aplicar?* – Quem é, Dominic?

Ele se vira e me olha. Seus olhos duros e seu rosto com uma expressão obstinada.

– Eu já falei. Ninguém. Não vou ser questionado dessa forma. Você tem que confiar em mim. – Ele começa a andar de volta por onde eu vim.

– É a Vanessa? – grito, pensando na mulher que ele já amou e que fez parte dos seus jogos quando ele começou. Ela é uma dominadora profissional, e ainda muito amiga dele. Estou inundada pela ansiedade e pelo pânico. Por que ele não fala? É errado esperar uma explicação? Não consigo evitar continuar. – Vocês têm passado um tempo juntos? Ela pratica muito nas suas costas ou vocês se alternam?

Dominic para e se vira. Ele está lindo de morrer com o terno e a gravata de seda Hermès, o cabelo ondulado ao redor das orelhas. Sua expressão é intempestiva e teimosa.

– Beth, pare. Não venha com essa! A Vanessa está fora do país. Não a vejo há meses e, de qualquer forma, essa parte das nossas vidas passou. Você sabe disso. Por que está falando isso?

– O que você espera que eu pense? Você não me explica por que está todo cheio de marcas.

Estamos na área aberta abaixo da passagem coberta que leva para a entrada do prédio.

– Eu falei para você confiar em mim – Dominic diz em voz baixa.
– Por favor, faça isso, Beth. Tudo vai se esclarecer com o tempo. Eu prometo. O que quer que eu faça, faço por nós dois.

Meus olhos se enchem de lágrimas de raiva e frustração.

– Eu quero confiar em você... mas isso não pressupõe honestidade de ambas as partes?

– Sim.

– Eu sou honesta com você, mas você não se abre comigo. Você está escondendo coisas.

– Falei para você deixar isso para lá, Beth – ele diz num tom de alerta. – Agora não é hora.

– E quando será? Não entendo por que você não me fala. Você precisa ver o meu lado. Você se recusa a encostar em um chicote quando está comigo, mas está todo coberto de vergões! Por favor, me ajude, me explique...

– Beth... – Ele dá um passo na minha direção e então somos ambos surpreendidos por uma voz de coruja acima de nós.

– Ora, olá para vocês dois. O que estão fazendo aí embaixo? – Anna está no jardim da entrada para a passagem coberta. Ela está apoiada na armação de ferro que ladeia a passagem, os longos cabelos caindo em nossa direção, como se fosse a Rapunzel, jogando suas tranças para o príncipe escalar. Ela está fabulosa num vestido escuro, com as incríveis pernas à mostra.

– Falei para você me esperar lá fora, Anna – estoura Dominic.

– Mas você estava demorando uma eternidade – ela fala com a voz aguda. – Eu vim procurar você e ouvi toda essa gritaria. Por que você está tão bravo com a Beth? E por que vocês estão se escondendo aqui embaixo?

Posso ver uma exasperação intensa no rosto de Dominic, e sinto um arrepio de apreensão. Anna não sabia de nós, mas ela vai ter uma boa ideia agora. O que isso significa para Dominic? Será que ela vai contar para Andrei, em uma das conversas entre lençóis deles? Como ele vai reagir quando souber?

Ai, merda. Estamos encrencados agora. Espero que Dominic invente uma história bem convincente, e rápido.

– Vou subir agora, Anna – ele diz e se dirige para os degraus de pedra que dão direto no jardim. – Nos vemos mais tarde Beth, ok? Daí conversamos. – Ele sobe rapidamente os degraus, se junta a Anna e diz algo em voz baixa que não consigo escutar.

Vejo os dois de um nível inferior, como se eles estivessem num palco e eu estivesse na plateia, assistindo e admirando a distância. Eles formam um belo casal, com certeza, os cabelos escuros dos dois completando um ao outro, parecendo dois deuses dos negócios

em seus trajes escuros. Pela primeira vez, fico com ciúmes da Anna, porque parece que é ela que deveria ficar com Dominic, e não eu. Não tenho o jeito glamoroso dela.

Talvez eu combine mais com alguém como Andrei. Feio. Mas ele não é feio, eu sei disso, e eu também não sou. *Apesar de não ser linda como a Anna.* Tento expulsar esse pensamento da minha mente, sabendo que é algo idiota e sem sentido. Dominic me ama do jeito que sou. Eu sei disso. Ele me acha bonita, e é isso que importa.

Anna olha para baixo de novo.

– Tchau, Beth. Quem sabe nos vemos hoje de novo mais tarde? Irei voltar para cá à noite, adoraria vê-la.

Não se eu a vir antes, penso.

– Tchau, Anna, tchau, Dominic. – Olho para ele, tentando esconder meu desespero por uma explicação enquanto Anna ainda está olhando. Só Deus sabe quanto ela ouviu. Fico observando os dois se afastarem até sumirem.

Suspirando e infeliz, volto para o conjunto de Andrei. *Como vamos resolver isso? Será que Dominic realmente me traiu?*

Tento me livrar da tristeza e da confusão por ora. Tenho um trabalho para fazer, afinal.

O trabalho já está quase finalizado lá pelas seis da tarde quando os homens que penduram os quadros terminam o trabalho do dia. Os agrupamentos e os arranjos parecem ótimos, tenho que admitir, e meu humor melhora quando penso em como Andrei vai ficar feliz com o resultado. Os quadros transformam o apartamento. Parece um lar, afinal, e todo canto é um banquete para o olhar e para a imaginação. Ainda faltam alguns quadros para pendurar. E ainda tem um lugar no banheiro de Andrei em que ele quer sua própria *Mona Lisa*.

Marcia saiu e Sri está fora, fazendo compras, quando começo a arrumar minhas coisas para ir embora. Não tive notícias de Dominic o dia todo, mas tento não pensar demais nisso. Ele diz que tenho de

confiar nele, e talvez eu devesse mesmo. Mas não consigo deixar de sentir que ele ainda tem segredos para mim, coisas que preciso saber sobre ele. Só queria que ele sentisse que pode confiar em mim, e que poderíamos enfrentar as coisas juntos. Acho que Dominic quer resolver os problemas sozinho, para ele não me preocupar; ele não percebe que juntos somos mais fortes, e que eu quero ajudá-lo, e me sentir necessária e importante. Queria que Dominic visse isso, queria explicar isso para ele, mas agora a briga e a sensação de suspeita ficaram comigo o dia todo, e tiraram todo o brilho da pergunta que Dominic me fez sobre o anel.

Ele não vai querer me dar um anel agora, penso muito triste, de noivado ou de qualquer tipo. Ele ficou muito bravo por eu pressioná-lo.

Por um breve instante, eu me imagino casada com Dominic. Imagino um casamento romântico com o noivo mais bonito do mundo, jurando me amar pelo resto da vida. Estou com um vestido lindo, branco, minha família e meus amigos me vendo fazendo meu juramento para esse homem extraordinário. Então, uma noite de núpcias cheia de surpresas e presentes de noivado que ninguém fora da suíte de lua-de-mel nunca deve ver... lingerie de rendas, fitas de seda, uma máscara com brilho e algemas brancas de couro com pelúcia. E depois disso, uma vida juntos, de amor e carinho e apoio mútuo... *poderia ser tão bonito... e se ele realmente estivesse falando de um anel de noivado?*

Eu me livro desses pensamentos bobos. Preciso ter uma conversa séria comigo mesma. *É ridículo ficar pensando nesse tipo de coisa quando ficamos juntos por tão pouco tempo.*

Sim, responde outra parte de mim, mas nós sabemos que isso é especial. Nossa ligação é mais forte do que qualquer coisa...

Então por que raios ele deixa alguém chicoteá-lo? E por que ele não me fala quem é?

Não saber está me deixando maluca. Decido que vou deixá-lo completamente sozinho até esse negócio sair, e então, vou exigir saber a verdade, se vamos para algum lugar com esse relacionamento.

Estou colocando minha bolsa no ombro quando ouço a porta da frente se abrir. Vou para o saguão esperando encontrar Sri voltando das compras, mas lá está Anna, com os cabelos brilhando na luz. Ela está tão bonita quanto antes, e seus olhos verdes parecem cheios do brilho divertido que ela sempre carrega consigo.

– Oi, Beth – ela diz sorrindo. – Fico feliz que tenha me esperado.

– Eu estava de saída, na verdade – respondo, pega na velha armadilha de tentar não parecer rude, mas também querendo corrigir um engano. A verdade é que esperava conseguir sair antes de ela voltar. Cinco minutos mais cedo e teria conseguido escapar. Fico emburrada por dentro. Ao mesmo tempo, fico imaginando o que Dominic disse a Anna sobre o que ela testemunhou hoje mais cedo. Preciso falar com ele para combinarmos a mesma história.

– Preciso ir para casa. Desculpe, Anna.

– Ah, qual é – ela responde, andando na minha direção. – Você pode ficar só mais um pouquinho. Vamos tomar um vinho. Me mostre os quadros. Eu estava admirando aqueles no corredor. Aquelas antigas plantas de prédios são lindas, e elas ficaram fantásticas agrupadas daquele jeito.

Estou verdadeiramente lisonjeada, apesar de tudo.

– Você gostou?

– Sim, é claro. Vamos para a cozinha tomar um pouco do excelente Gavi do Andrei, e então você me mostra tudo.

Ela sai andando confiante. Fico tentada a dizer para ela novamente, com firmeza, que preciso ir embora, mas desisto. Qual é o problema de tomar uma taça de vinho e dar uma olhada nos quadros? Eu gostaria de saber a opinião dela, afinal de contas, e ela parece ter bom gosto. Tiro minha bolsa e a sigo. Na cozinha, ela serve duas taças grandes de vinho branco e me entrega uma.

– Agora – ela diz –, vamos lá admirar seu trabalho.

Enquanto vamos de cômodo em cômodo, esqueço do meu ciúmes por Anna e do fato de ela ter andado meio fria ultimamente comigo. Ela está amistosa agora, ouvindo com interesse minhas explicações sobre os quadros e fazendo comentários inteligentes. Ela também elogia minha arrumação e todo o conceito. Estou gostando da

companhia dela, enquanto andamos, bebemos nosso vinho, e até esqueço de pensar se ela não vai me perguntar sobre Dominic.

Chegamos ao quarto de Andrei onde, no ponto principal, pendurei um quadro de natureza-morta holandês, com rosas vermelhas e tulipas amarelas que ficaram fantásticas contra a parede verde-escura, e do lado oposto, um quadro a óleo, grande, de uma raposa, furtiva numa paisagem cinza. Ela está olhando para fora do quadro, mostrando os dentes, o rabo apontado e a presa aos seus pés, como se tivesse sido interrompida enquanto a carregava.

– Muito bom – diz Anna com sua voz rica, rindo. – Sim, sim. Uma raposa. Muito adequado ao hábil e às vezes mortal senhor Dubrovski. Ele vai gostar disso aqui. Talvez até confunda o quadro com um espelho. – Ela vira os olhos verdes para mim. – Você obviamente o conhece muito bem.

– Não tão bem quanto você – respondo, também sorrindo. Somos amigas por enquanto, afinal.

– Talvez não – ela solta languidamente, e vai para a cama, onde se senta no tecido de lã escocesa que serve de cobertura. A cama tem colunas de carvalho em cada canto. Me vem uma imagem de Anna toda aberta, nua na cama, tornozelos e pulsos atados, um em cada coluna. Rapidamente a expulso de minha mente.

– Venha sentar aqui – ela diz num ronronar longo e baixo, dando tapinhas ao lado dela. – Quero perguntar algo a você.

Eu hesito, então lentamente vou até ela. Acho que ela quer me perguntar sobre Dominic. Queria muito, realmente ter conseguido conversar com ele antes, para combinarmos nossas versões da história. Vou ter que ser muito escorregadia e me livrar de questões mais embaraçosas com habilidade, só isso.

Seus lábios vermelhos se curvam num sorriso enquanto me aproximo. Tenho subitamente a ideia de que talvez devesse arranjar um retrato dela para o banheiro de Andrei. *Sim. Um nu. Que maravilhoso, a amante do rei mantida em seu quarto privativo, onde apenas ele pode admirar seu corpo perfeito.* Faço uma nota mental para me lembrar de perguntar a Mark se ele conhece algum bom retratista. Imagino que qualquer artista gostaria da oportunidade de pintar a Anna nua.

– Vem, vem, senta aqui, isso mesmo – ela diz, quando sento perto dela, na beirada da cama. – Fique confortável, sente mais para trás. Assim mesmo. Assim. Bom. – Ela toma um gole do seu vinho olhando para mim. – Isso é bom. Isso é amigável.

Bebo um gole do meu vinho, percebendo que já tomei uma boa parte.

Anna continua, sua voz suave e gentil.

– Agora, Beth, você sabe qual é o tipo de relacionamento que tenho com Andrei, certo? É muito íntimo. Somos amantes. A razão por que somos amantes é que somos a combinação perfeita. Você entende o que quero dizer?

– Vocês têm a química certa. – *Ufa, ainda bem, ela quer falar do Andrei, não do Dominic. Ela quer se exhibir mais um pouco. Ótimo. Deixe-a.*

Ela assente.

– Sim, sim, a química certa. Amamos o gosto e o cheiro um do outro, mas também combinamos muito bem. Ele adora me sentir e adora o que eu posso fazer com ele, e em troca ele me dá muito prazer. Tenho certeza de que você entende o que quero dizer, como um homem e uma mulher podem se sentir perfeitamente encaixados quando eles são um só, como se eles fossem feitos para ficarem juntos, duas metades de um todo. É assim que me sinto quando Andrei me penetra. – Seus olhos brilham para mim, como se ela tentasse me levar para dentro do mundo dela. – Você entende o que eu quero dizer, Beth? Você já sentiu isso com algum homem?

Vejo que não consigo olhar dentro dos olhos verdes e brilhantes dela. Essa conversa está indo por um caminho completamente diferente do que eu imaginava, e o tom pessoal demais que está tomando me faz sentir muito estranha. Não respondo.

– Entretanto – ela continua, sua voz baixa e carinhosa novamente –, de tempos em tempos, Andrei gosta de experimentar algo novo, um pouco de variedade. Eu sei disso e aceito. Eu me reservo para ele, mas essa é uma opção minha, e não há nenhuma outra razão. Ele é livre para fazer o que bem entender. – Ela se inclina para mim muito de leve, a cabeça um pouco pendida para o lado, os olhos

bem abertos. – Talvez ele até tenha pedido para que você considere a possibilidade de ele se tornar seu amante...?

Ah, entendo. Você quer saber se existe algo entre Andrei e mim. É esse o motivo de toda essa conversinha mole e esse vinho, para fazer a língua se soltar mais fácil. Bom, você não vai me pegar tão facilmente, senhorita Poliakov.

– Não – digo rapidamente. Não pretendo entregar nada de bandeja para Anna. – Ele não pediu nada. – Minha língua fica meio formigante na boca, como se estivesse meio inchada, e sinto a cabeça meio leve. Preciso parar de beber; o vinho subiu para minha cabeça rápido demais. Melhor eu comer alguma coisa.

– Não se preocupe – ela responde com leveza, sorrindo de novo. – Só pergunto porque ele falou de você para mim. Disse que está interessado e quer saber mais sobre você. Eu disse que iria perguntar para você.

– Mais sobre mim? – repito.

– Sim. – Ela está mais perto de mim do que nunca. Posso sentir o perfume dela, tão rico e escuro. Ele me lembra de uma fragrância chamada Veneno, que uma amiga costumava usar. – Você parece tão adequada e educada com suas roupas comportadas e seus modos muito britânicos. Mas suspeito que, por baixo, você seja um vulcão, borbulhando de paixão e desejo. Andei observando você, Beth, e posso ver os sinais na forma como anda, na sua boca sensual e nos seus olhos. Acho que você aprecia sua sexualidade, não? Estou certa?

Suas palavras voam pela minha cabeça, me deixando tonta. Não consigo responder, minha boca não responde quando tento.

– Então, Beth, tenho uma sugestão para você. Não responda de uma vez. Seu instinto pode ser dizer não, mas se pensar, vai ver que vou fazer uma proposta muito tentadora para você. O que sugiro é que você se junte a Andrei e a mim na cama, e mostre o tipo de fogo que arde dentro de você. – Sua voz diminui até se tornar um sussurro que acaricia minha pele. – Andrei demonstra seu prazer e sua aprovação de maneiras muito interessantes. Você apreciaria as recompensas, tanto as físicas quanto as práticas. Acredite em mim,

nós três juntos podemos nos satisfazer muito. Andrei adoraria... e eu também.

Ela se move na minha direção, prestes a apertar seus lábios vermelhos contra os meus. Afasto a cabeça e retomo o autocontrole.

– Não! – digo com firmeza. – Não quero isso. Não é o meu esquema.

– Tem certeza? Você iria gostar, posso assegurar. E ninguém vai querer te chicotear, ou te amarrar com uma corda, prometo. Apesar de que, para apimentar as coisas, posso querer colocar uma máscara em você, para que não saiba quem está fazendo amor com você, se sou eu ou Andrei.

Olho para ela horrorizada. *Chicotear? Amarrar? Como ela sabe disso?*

Ela se inclina na minha direção novamente, e sua mão pousa gentilmente no meu braço, onde ela acaricia minha pele.

– Não vai ter nenhum tipo de calabouço ou açoite até você não aguentar mais. Você não gosta dessas coisas, não é, Beth? Você quase o recusou completamente depois disso, não? Essas coisas quase separaram vocês dois de vez. Mas acho que você já o perdoou.

Meu estômago parece se revirar com o terror e minha boca fica seca. Com meu pulso a mil, digo por entre os lábios secos:

– Como você sabe disso?

– Sobre você e o Dominic? Porque ele me contou, é claro.

– Hoje? Depois do que ouviu? – Estou tentando digerir a informação, entender o que significa, mas mal consigo pegar o que ela quer dizer. Exceto que ela sabe de coisas que eu nunca disse para ninguém. *Coisas que só Dominic sabe.* Puxo meu braço para longe da mão carinhosa dela.

– Hoje não – ela diz. – Não. Eu sei faz tempo. Sabe as marcas nas costas do Dominic, as marcas que a deixaram tão brava? Bem...

– Anna deixa cair seu queixo e olha para mim vitoriosamente de baixo de seus cílios. – Eu não quero causar encrenca, mas sei que é algo para o que você procura uma resposta, e acho que Dominic não vai dar, então eu falo. A pessoa que deixou aquelas marcas lá fui eu. Eu o açoitei com tudo, um pouco antes de fazermos amor.

Uma náusea horrenda toma conta da minha barriga.

– Não. Não é verdade – consigo soltar.

– Pergunte a si mesma, Beth. Como eu saberia dessas coisas se Dominic não tivesse me falado? Sobre a experiência no calabouço e como os desejos dele a levaram para longe? Como eu iria saber dos vergões se não tivesse sido eu quem os causou? Seu coração está falando a verdade... Dominic e eu somos amantes. – Ela ri e espalha as mãos magnanimamente. – Não ligo se ele gosta de você. Ele é meio metido a apaixonado mesmo, mas passa com o tempo, sempre passa. Ele gosta de levar meninhas inocentes com ele nessas jornadas românticas. Isso o excita. E enquanto amolece o coração delas, ele castiga suas bundas com o chicote. Imagino que Dominic vai mencionar um anel para você em algum momento; ele gosta de usar esse truque para escravizar ainda mais suas meninhas.

Não aguento mais nem um instante. Cada palavra dela arranca um pedaço do meu coração. Pulo e fico de pé, derrubando a taça no carpete, derramando o que sobrou do vinho.

– É mentira! – grito, agoniada. – Eu confio nele, eu o amo. Ele não faria essas coisas, não me trataria desse jeito. Não acredito em você. Vou perguntar para Dominic e ele vai me dizer que é tudo mentira.

– Claro que ele vai – ela diz, suavemente se colocando de pé. – E sem dúvida você vai fazer amor com ele ainda mais apaixonada quando Dominic te convencer de que é inocente. Mas ele não é. Pense nisso tudo, Beth. Não há outra explicação. – Seu sorriso se torna malévolos e seus olhos, duros como gelo. – Na verdade, você devia me agradecer, eu a salvei dele. Dominic poderia te usar por meses até finalmente se cansar de você e te dispensar como ele dispensou todas as outras.

– Não vou ouvir! – grito. – Você é desprezível, dizendo essas coisas! Você está tentando arruinar tudo e não vou deixar! – Estou no meio de um turbilhão de raiva e pânico e a única coisa que sei é que preciso me afastar dela o mais rápido possível. Ela está envenenando minha mente, sua voz se infiltrando na minha cabeça e na minha corrente sanguínea, espalhando o veneno por todo o

meu corpo. Não posso mais ouvir. Não vou mais ouvir. Eu me viro para a porta e começo a andar até ela.

Sua voz me segue, fria e clara.

– Você não quer saber quem te comeu nas cavernas, Beth? Hã?

Paro mortificada, sem respirar. Olho para a porta; então respiro profundamente e fecho os olhos. Seu trunfo. Ela sabe. Com uma palavra ela pode estragar minha vida. Mas posso acreditar em qualquer coisa que ela disser? Se pelo menos não houvesse nenhuma verdade nas malditas palavras que ela me jogou, mas há. Eu me viro devagar para encará-la. Ela me olha com uma mistura de hostilidade e divertimento. Tenho a sensação de que se eu voltasse atrás completamente em tudo o que falei, se eu cedesse aos desejos dela e me juntasse a ela e Andrei na cama, se implorasse para ela e a beijasse, ela voltaria a ser a gatinha ronronante de antes. *Ela é quase esquizofrênica*, penso, horrorizada. *Tanta beleza por fora, tanta maldade por dentro.*

– Ok, Anna – digo, subitamente calma e comedida por fora, apesar do furacão dentro de mim. – Mas me diga uma coisa. Como você poderia saber o que aconteceu nas cavernas aquela noite? Você não estava lá.

Ela olha para mim longamente, evidentemente gostando do poder que exerce sobre mim. Então ela diz:

– Não estava?

Olho para ela horrorizada com a ideia de que ela viu tudo que aconteceu na caverna.

– Você é uma tolinha – ela diz com uma risada. – E se eu não estivesse só assistindo? E se fui eu quem a comeu?

Eu me viro e corro, desesperada, só para me afastar dela. Sua risada horrorosa me segue aonde eu vou.

Capítulo Dezoito

Corro pela Piccadilly em pânico, sem nem saber onde estou ou para onde vou. Parece que há dias estou no fio da navalha, com medo de que alguém faça meu mundo todo ruir. Imaginei que seria Dominic ou Andrei, nunca imaginei que seria Anna. Mas tudo faz muito sentido agora.

Ela é amante de Dominic. Deve ser verdade. Ela sabe de coisas íntimas, privadas, que ela só pode ter ouvido de Dominic. Ela sabe das marcas. Ela até sabia do anel. *Como pode, a não ser que tivesse poderes psíquicos? Dominic deve ter contado para ela, é a única explicação. E ele só dividiria essas coisas com alguém próximo, íntimo...*

Estremeço. Lágrimas enormes enchem meus olhos, me cegando.

E aquela coisa terrível que ela insinuou, de que foi ela que fez amor comigo na caverna? Como seria possível? Não é possível, claro. Eu sei como é o toque de um homem, o gosto, o cheiro. Foi definitivamente um homem que fez sexo comigo aquela noite. Mas uma dúvida terrível me consome por dentro. Será que cometi um erro? Talvez eu tenha cometido, considerando o estado em que me encontrava. Não... *não*. Tudo em mim luta contra a ideia. Não quero ter uma experiência desse tipo sem meu consentimento. É completamente errado.

Uma voz na minha cabeça grita: *Mas como ela sabia que você fez sexo na caverna? Ela deve ter visto. A não ser que tenha sido Dominic e que ele tenha contado para ela. Ou... foi Andrei e ele contou para ela!*

Paro na calçada, esfregando os olhos. Tampo os ouvidos tentando fazer as vozes interiores pararem, acusando para lá e para cá, fazendo perguntas, exigindo respostas, fornecendo informações, fazendo ligações para depois as quebrar. Não aguento o barulho e o bafafá mas, acima de tudo, não aguento a dor crescendo dentro de

mim, como um balão de aço inflando dentro do meu peito, ameaçando me sufocar de dentro para fora. Estou engolindo as lágrimas. Quero ligar para Dominic e gritar com ele, exigindo uma explicação, a *verdade*, ao menos. Mas não posso. Não consigo falar. Não consigo pensar. Só quero me enrolar que nem uma bola e chorar, e então morrer e deixar essa confusão horrorosa para trás.

Estou perdendo a força no corpo, meus joelhos fraquejam e acho que vou cair. Na escuridão fria da rua de Londres, com as pessoas passando apressadas por mim, soluço forte e dou um jeito de chegar até a lateral, onde consigo me apoiar na vitrine de uma loja, tão desesperada e perdida que não consigo nem pensar no que fazer em seguida. Então uma ideia me ocorre.

Saco meu telefone. De alguma forma consigo fazê-lo funcionar, vasculhando meus contatos até achar o que estou procurando. Aperto *chamar* e um instante depois, a voz familiar de James soa nos meus ouvidos.

– Olá, querida, que bom receber uma ligação sua! Como está a vida na casa do Dubrovski? Sem mais drinques esquisitos, espero.

Tento falar, mas só sai um soluço arfado. Na hora ele fica preocupado.

– Você está bem, Beth?

– N... n... não, não estou – consigo dizer.

– Onde você está?

– Ao lado da Green Park Station. Ah, James, é horrível! – não consigo conter os soluços me rasgando.

– Fiquei aí. Estou a caminho. – Ele desliga.

Eu me sinto melhor sabendo que ele vai vir, mas ainda estou perdida sob uma forte tristeza, com lágrimas rolando pelo meu rosto. As pessoas passam e olham curiosas para a garota chorando convulsivamente na vitrine de uma concessionária.

James chega em quinze minutos, apesar de ser hora do rush, e quando sinto seus braços ao meu redor, não consigo segurar o choro na lapela do seu sobretudo.

– Tudo bem, tudo bem – ele diz gentilmente. – Vamos tirar você daqui e resolver isso.

Ele acena para um táxi e nós dois entramos. Choro todo o caminho até o seu apartamento e James só espera eu derramar todas as lágrimas, sem perguntar nada, só me entregando lenços de papel e me segurando firme quando o choro fica forte demais.

Quando chegamos ao seu aconchegante apartamento, já me acalmei um pouco e passei da fase de soluçar descontroladamente e fungar, e uma nova onda de lágrimas desce pelo meu rosto quando lembro da razão da minha agonia. James me coloca no sofá magenta de veludo, no meio de um monte de almofadas coloridas, e me traz um copo de água. Não há nenhum sinal de Erlend, seu companheiro.

– Ok, chá ou gim? – ele pergunta depois de eu ter dado um gole da água e me livrado dos soluços.

– Gim... depois chá, por favor – acrescento.

Ele vai até a bandeja de bebidas e serve duas medidas grandes de Hendrick's em copos de cristal, adiciona o conteúdo de duas latinhas de tônica, fatias de limão e, de um frigobar rosa, cubos de gelo. Ele traz um para mim e senta na poltrona à minha frente. – Erlend vai ficar fora até tarde hoje, temos a casa só para nós. Então vamos – ele diz. – Conte-me tudo.

Explico tudo o que aconteceu desde a última vez que o vi, culminando no meu encontro com a Anna hoje, com ela dizendo que tem um caso com Dominic e que ele está só me usando como um brinquedo.

– E você acredita na Anna mais do que no Dominic? – James pergunta, uma sobranceira erguida. – Depois de tudo pelo que vocês dois passaram?

– Eu sei que parece ridículo – respondo lamentando. Meus olhos estão inchados e doloridos. Assoo o nariz em outro dos lenços úteis de James. – Mas não sei mais o que pensar. Não quero acreditar, mas não sei o que mais posso fazer além disso, considerando tudo o que ela sabe.

James se inclina para a frente e me olha por cima de seus óculos.

– Então a prova é...?

– Ela sabe de coisas que só poderia saber se Dominic tivesse falado para ela. – Eu me encolho de volta nas almofadas. – As coisas

que costumávamos fazer juntos, o fato de as chibatadas terem causado nosso rompimento. Eu nem contei todos os detalhes para você, mas ela sabia exatamente o que aconteceu, como e onde. E ainda tem também as marcas nas costas de Dominic. Como a Anna poderia saber delas se não viu Dominic pelado? Elas só apareceram depois que estive com ele no domingo, então ela deve ter estado com ele depois disso. E ela disse que Dominic já fez isso antes, saiu com garotas como eu...

James ergue as mãos e fecha os olhos.

– Não – ele diz com cuidado. – Isso não é prova. Isso talvez seja apenas algo terrível que ela disse para causar mais dor. Essa mulher pode facilmente inventar histórias bizarras para se encaixarem nos fatos.

– Mas Anna sabia que Dominic tinha falado de um anel para mim!

– Ou ela acertou por sorte – James responde. – Afinal, se ele não tivesse falado de anel nenhum, não teria feito diferença. Ela só assumiu que quando, ou se, ele falasse de um anel, isso iria fazer as mentiras dela parecerem verdade.

Dou um enorme suspiro. O choro me deixou exausta, e estou muito confusa, parece que estou andando em círculos. Tudo o que sei agora é que as coisas parecem bem ruins para meu relacionamento com Dominic. James dá um gole em seu gim com o cenho franzido.

– O mistério está nas coisas que ela sabe – ele afirma. – Como ela pode saber do calabouço? Dominic deve ter contado para ela, você está certa. Essa é a única explicação óbvia, já que ninguém mais poderia ter contado, e vocês dois são os únicos que sabiam de tudo que aconteceu. Mas isso não os torna amantes. Talvez ele apenas tenha sido indiscreto e contou mais do que você gostaria que ela soubesse. Esse foi o erro de Dominic. Mas pode não ser a tragédia que você está pensando.

– Mas como Anna sabia do que aconteceu na caverna?

– Talvez ela estivesse de olho. Não é um pensamento muito agradável, mas é uma explicação óbvia.

– Mas... Anna praticamente disse que foi *ela*. – Meus lábios tremem de novo. – É possível?

– É possível – James responde com franqueza. – Você não seria a primeira mulher a ser enganada por outra mulher se passando por um homem.

– Não. – Balanço a cabeça enfaticamente. – Não consigo acreditar nisso. A altura, a constituição física, o terno... era definitivamente um homem.

– É mais provável – James admite. – Geralmente é preciso muita preparação para uma mulher se passar por homem de maneira convincente, e ainda fazer outra mulher acreditar nela. É quase tão importante ser convincente psicologicamente quanto ter os atributos físicos. *Acreditar* é a chave. Com isso resolvido, um consolo bem escolhido, talvez com uma bolsa de água quente para se passar por um orgasmo, pode funcionar.

Estremeço.

– Não. Definitivamente não foi isso. Talvez eu estivesse bem fora de mim, mas com certeza não foi isso.

James percorre a borda do copo com o dedo. Acho que ele está gostando desse trabalho de detetive, e fico feliz que ele pense por mim enquanto eu não consigo.

– Sim – James diz finalmente. – Você está certa. Pensando bem, ela teria que ter trazido uma série de equipamentos e ter tempo para se preparar, se trocar, encontrá-la e seduzi-la sem ser interrompida, então se trocar de novo e fazer Andrei achá-la no momento certo, enquanto se encontrava com Dominic na superfície ao mesmo tempo. E para quê? Claro, você é uma mulher atraente, Beth, mas ela teria que estar muito determinada a se dar bem com você. Não, não é possível. Acho que podemos dizer que esse último comentário dela foi mais para foder com sua mente do que com seu corpo.

Dou um grande suspiro. *Graças a Deus*. Eu não aguentava a sensação de ter sido tão enganada. Eu me sentia violentada. Mas dentro do meu coração, sabia que não podia ser verdade. É um grande alívio saber que, na conceituada opinião de James, o truque sexual dela não era possível.

– Parece-me – James diz, cruzando a perna e mexendo o gelo no copo – que você precisa conversar com Dominic. Ele é o único que

pode dar as respostas. Ele pode dizer se era ele ou não na caverna. Só ele pode dizer como ficou com aquelas marcas, e só ele pode dizer como Anna sabe das coisas que ela sabe, e se de fato ele foi infiel. – Ele me encara, os olhos cinzas muito sérios. – Minha querida garota... é com Dominic que você precisa conversar.

Mais tarde, depois de me oferecer um jantar com poderes curativos, James me coloca em um táxi para casa. Olho pela janela, para a cidade, enquanto vamos para o lado leste, para casa. Pegando meu telefone, vejo se tem alguma mensagem de Dominic, mas não há nada. Fico olhando o telefone, pensando no que fazer. Ele está chegando ao fim do negócio da sua vida, um negócio fundamental para todo o seu futuro. *Talvez para o futuro de nós dois.* Posso ligar para ele com as coisas horríveis que tenho para dizer, e correr o risco de estragar tudo? E se ele for inocente e eu estragar tudo? Eu nunca mais poderia olhar para ele.

Tento me ater à conclusão de James de que tudo que preciso fazer é conversar com Dominic e esclarecer as coisas, mas a cada metro que o táxi roda, o conselho sólido de James parece menos convincente, e as dúvidas ressurgem. Recordo-me do relevo dos vergões em Dominic. Isso não foi imaginação minha. Alguém fez aquelas marcas. E Anna sabe sobre aquele fato muito particular nosso. Tento raciocinar como James e levar em consideração outras coisas: talvez ela tenha visto as marcas em outro contexto. Talvez Dominic tenha se trocado na frente dela, ou dito que tinha umas marcas nas costas? É possível. *Não devo julgar. Não devo chegar a conclusões precipitadas. Não devo condená-lo sem ouvir seu lado da história.*

As palavras finais de aconselhamento de James buzinam no meu ouvido. Antes de falar com Dominic, preciso me acalmar e me preparar para aceitar sua explicação. Não posso lidar com isso convencida de que ele é culpado.

– Dê um tempo – disse James. – Seja superior às suas emoções e use a cabeça, não o coração. Lembre-se: em quem você confia

mais? Em Dominic ou em Anna?

Ele faz parecer muito simples, mas não é. As suspeitas terríveis estão prontas para pular na minha cabeça e começar a sussurrar, sabotando toda a alegria, o amor e a confiança.

Mando uma mensagem para Dominic.

Me ligue quando você puder, quando o negócio estiver fechado. Eu adoraria conversar com você.

Não recebo uma resposta. Apoio minha cabeça no vidro frio do carro enquanto avançamos mais ainda para o leste, em direção às antigas ruas tortuosas do velho coração de Londres.

Até o fim da semana eu saberei. Para o bem ou para o mal.

No dia seguinte, não volto para o apartamento de Andrei. Não vou voltar enquanto houver a menor chance de encontrar Anna lá. Não quero vê-la nunca mais. Só tenho mais umas poucas coisas para fazer e então estou livre de Anna e Andrei para sempre. Mark pode lidar com Andrei daqui para a frente, vou deixar isso bem claro.

Vou direto para a galeria em St. James. O Fragonard ainda está na vitrine e está lindo como sempre. Adoro aquela garota, cheia de sangue e oxigênio por baixo da linda superfície de sua pele, os olhos voltados para baixo, absortos no livro. O dono da galeria está usando uma roupa curiosa, uma calça curta de tweed e uma blusa velha carcomida pelas traças, seu cabelo branco caído como uma cortina em sua careca. Ele não parece me reconhecer do outro dia.

Talvez eu tenha sido transformada pela tristeza, penso sombriamente. Estou cansada por causa das emoções intensas do dia anterior e pela dor intensa que ainda sinto. Meus olhos estão vermelhos e doloridos de tanto chorar. E nenhuma notícia de Dominic ainda. Ele está se afastando de mim de novo, parece ser um padrão depois que discutimos. Ele não vai se entregar de novo para mim tão rápido. Ele me faz esperar. *Sempre no controle.*

– Posso ajudá-la? – pergunta o dono da galeria.

– Sim. Fico feliz de o Fragonard ainda estar aqui – digo. Contemplo a parte de trás do quadro exposto na vitrine.

– Sim – o dono responde. – Mas ele vai a leilão em alguns dias.

– Leilão?

– Isso mesmo.

Não tenho tempo a perder.

– Quero comprá-lo – declaro.

Ele olha para mim como se tivesse dito algo engraçado.

– Minha cara menina, este quadro não é algo que se compra por impulso. Ele custa muito dinheiro e pretendo conseguir o valor de mercado por ele.

– Eu pago – digo com firmeza. – Sei quanto vale.

O dono suspira irritado.

– Bom, chega de brincadeiras bobas. Por que você não vai se divertir na galeria de outra pessoa? Eu não aceito dinheiro do Banco Imobiliário.

Saco o cartão de crédito preto de Andrei.

– Eu não esperava que aceitasse. Agora, vou dizer quanto vou pagar a você pelo quadro. – Eu falo a quantia.

Mark dá risada quando conto a história para ele mais uma vez, enquanto tomamos chá preto.

– O que o velho malandro respondeu? – ele pergunta, sentando de volta no braço da cadeira, os olhos brilhando de tanto que se divertia.

– Ele não sabia o que dizer. Ficou sem palavras. – Também dou risada, lembrando do olhar atônito do dono da galeria. – Mas quando mencionei seu nome e o de Dubrovski, ele entendeu que eu estava falando sério. Depois disso, tudo correu bem. Ele adorou vender o quadro por tanto dinheiro e ainda não ter que pagar a comissão do leiloeiro.

– E você pagou tudo no cartão de crédito? – Mark nem acredita. Balanço minha cabeça.

– Não, foi mais complicado que isso. Demorou um pouco para conseguir a autorização e movimentar tal quantia de dinheiro, mas no fim foi uma transação rápida. O quadro era meu em questão de horas.

– Você quer dizer do Andrei.

– Claro. Do Andrei. – Sorrio para Mark. Estamos na sala de estar dele, perto do fogo queimando na lareira. É um dia frio de outono, uma atmosfera meio escura que no fim vira noite. Mark está embrulhado em suéteres de caxemira e cachecóis, um par de luvas sem dedos nas mãos, sentado o mais perto do fogo que pode. Ele deve sentir muito o frio. Não me surpreende, não tem um centímetro de gordura nele para o manter aquecido. De fato, ele está mais magro do que nunca, esquelético. *Ele precisa comer mais. Ele está sumindo.*

– E onde está o quadro agora? – Mark pergunta, enrolando os dedos na xícara.

– Pendurado no banheiro de Andrei, como ele queria. Espero que seja uma surpresa maravilhosa. Ele ainda não viu nada do meu trabalho, então não sei o que ele achou, mas fiquei bem satisfeita.

– Isso é bom – Mark assente com a cabeça. – Confiança no seu próprio trabalho é fundamental. Você precisa confiar nos seus instintos.

– Então é isso. – Suspiro alegremente e dou um gole no meu chá.

– Terminei meu trabalho. O Fragonard é meu último toque, minha despedida. Agora posso voltar a trabalhar para você. Não é bom?

– Vai ser ótimo, Beth. – Mark olha em volta e então de novo para mim. – Preciso de você agora, mais do que nunca. Temo que eu tenha más notícias. Por isso pedi que você viesse aqui hoje. Você deve ter adivinhado, ao olhar para mim, que não estou exatamente na minha melhor forma. Tenho me sentido mal e meio fora de órbita há uns meses e ultimamente tem ficado ainda pior. Eles fizeram vários exames comigo e agora, finalmente, sabem o que eu tenho com certeza.

Fico parada, uma sensação de terror me percorre. *Claro que ele não está bem. Eu devia ter adivinhado. É óbvio pela sua aparência.* Mas de alguma forma não percebi, estava tão envolvida comigo

mesma, com os meus problemas, que deixei de olhar para ele. Fico temerosa por Mark.

– O que é? – pergunto baixinho.

Ele dá de ombros.

– Uma daquelas coisas horríveis em que a cura pode ser pior que a própria doença. Talvez precise ir ao hospital para cortarem algo de mim, e depois fazer tratamentos com radioterapia e quimioterapia. Eles acham que vou ficar bem. Mas você sabe como são os médicos, eles só te contam as coisas ruins quando não há como evitar. Então, por enquanto, minhas chances são boas e as perspectivas poderiam ser piores. Vamos ver.

Eu me sinto péssima por ele, por saber da terrível batalha que ele terá pela frente. Mark já está com uma aparência muito frágil.

– O que posso fazer? Como posso ajudar? Você quer que eu fique aqui com você? Faço qualquer coisa, você sabe.

– Você é muito gentil – ele diz com um sorriso. – Eu sei disso. Mas não será necessário. Minha irmã vem ficar comigo, me ajudar no tratamento. Ela vai me levar para o hospital e cuidar de mim, não precisa se preocupar com isso. – Ele pausa, então continua: – Mas tem algo que você pode fazer por mim.

– Qualquer coisa – digo, ansiosa para ajudar da forma que puder. – É só falar.

– Fico feliz que esse trabalho com Dubrovski tenha acabado, e até antes do que esperávamos. Se você topa, preciso que me ajude com meu negócio. Se você topa, vai ter que assumir uma boa parte do meu trabalho. Você pode vir me pedir aconselhamento, claro, mas não vou poder estar sempre presente no cotidiano. Você vai ter que se virar sozinha, apesar de que Jane vai ajudá-la. Você acha que dá conta?

– Claro que sim. – Acho ótimo que eu possa de alguma forma aliviar o peso sobre Mark enquanto ele se cuida. – Aprendi muito com você e vou cuidar de tudo com muito cuidado, eu prometo.

Mark sorri para mim.

– Obrigado. Seu salário será ajustado para ficar de acordo com suas novas responsabilidades. Mas sinto dizer que tem mais uma coisa. E acho que você não vai gostar tanto assim.

Olho para ele inquisidoramente.

– O que é? – Então acrescento: – Não me importo, faço qualquer coisa para ajudar, você sabe disso.

Ele olha de volta para mim, pedindo desculpas com o olhar.

– Acho que você vai ter de ir até São Petersburgo com Dubrovski, para acompanhar a avaliação do Fra Angelico no Hermitage. Não tem como eu fazer uma viagem dessas. Você pode fazer isso para mim, Beth? Sei que é pedir demais.

Só consigo olhar de volta para ele e gaguejar:

– Claro, sem problema. – Mas por dentro meu coração afunda.

Quando achava que estava livre dele...

Capítulo Dezenove

Laura percebe minha angústia aquela noite, mas nem consigo começar a contar da situação com Dominic, ou que eu ainda nem tive notícias dele. Em vez disso, falo da doença de Mark.

– Oh, Beth, isso é terrível! Pobre Mark! Não é à toa que você está tão triste. Isso é péssimo – ela diz. A compaixão dela torna tudo pior, e eu termino chorando de novo, agora nos ombros dela.

– Você precisa ser forte pelo Mark – ela diz me abraçando. – Sei que vai conseguir... você pode desabafar depois, quando estiver comigo. Ele disse que tem boas chances. Você precisa se apegar a isso.

Concordo com a cabeça enquanto enxugo os olhos.

– Ele quer que eu vá para São Petersburgo no fim da semana no lugar dele.

– Poxa, mas isso é bom, não? Você nunca foi para a Rússia, é uma baita oportunidade. – A expressão de Laura está cheia de esperança. Ela realmente quer me deixar para cima.

– Eu vou com Andrei, só isso – digo em um tom monótono. – Não temos nos dado muito bem.

– Por que não?

Olho nos olhos cândidos dela e me sinto mal por não me abrir completamente. Eu realmente queria contar para ela tudo que aconteceu, mas nem sei por onde começar. Além disso, acabaria tendo que explicar coisas que ainda não estou preparada para compartilhar. Dou de ombros.

– Não sei. Ele anda ocupado. Esse negócio...

– Você conseguiu conversar com Dominic?

Balanço a cabeça e sinto o peso da depressão sobre mim novamente.

– Ele também anda ocupado.

Laura franze o cenho.

– Que é isso, Beth? Você não é assim. Cadê seu espírito de luta? Então Andrei tem estado meio estranho com você? Ganhe ele de novo pelo charme. E se Dominic tem estado ocupado, bom, diga para ele para arranjar tempo para você, senão já sabe!

Dou risada, apesar do meu estado. Ela faz tudo parecer muito simples.

– Vou tentar – digo.

– Você pode fazer melhor que isso. Sei que a doença de Mark é um tremendo baque, mas é algo com que a gente tem que lidar. E a vida é assim, certo?

– Certo. – Eu me sinto melhor ouvindo Laura.

– Então vai lá e arrebenta!

O papo animador com Laura era o que eu precisava. Ainda estou atormentada com toda a situação com Dominic, mas sinto que, quando encontrá-lo, vou exigir explicações. Ele vai me contar a verdade, toda a verdade, de uma vez por todas. Se ele se mostrar um safado, vou lidar com isso e sair de cabeça erguida, com meu orgulho intacto. Se ele não for um safado, ele ainda me deve umas explicações.

Espero do fundo do meu coração que ele não esteja dormindo com Anna – não só pela dor da traição, mas porque estou começando a entender que tipo de pessoa horrível e desagradável ela é. Mas é um mistério... por que ela está tão disposta a arruinar meu relacionamento com Dominic, se está feliz com Andrei? Ou, se ela está transando com Dominic, por que ele ficaria feliz com o fato de ela estar dormindo com Andrei? Possíveis respostas e um monte de “e se” flutuam pela minha mente e logo estou visualizando hipóteses tão estranhas que não consigo lidar com todas elas.

Seja a dona de sua imaginação, digo a mim mesma. Se atenha aos fatos, como James faz, e seja lógica. Esse é o único jeito de se livrar dessa confusão.

De alguma forma consigo dormir, mas acordo com uma mensagem de texto chegando no meu celular no meio da madrugada. Pego o telefone e aperto o botão, e a iluminação quebra a escuridão do quarto. É Dominic, enfim.

Desculpe, querida, as coisas estão malucas por aqui. Ainda estamos trabalhando às 3 da manhã! Mas esse negócio vai ser fechado nas próximas duas horas, de um jeito ou de outro. Parece que vai ser bom para a gente, no fim. Vou dormir um pouco depois, mas quero te ver à noite, ok? Mando outra mensagem depois.

Dx

Outra mensagem chega em seguida.

Oi, espero que não tenha te acordado! Esqueci que você provavelmente estaria dormindo. Durma bem, querida, nos vemos amanhã. Bj

Fico olhando as mensagens por uma eternidade. Ele parece completamente normal, como se não tivesse nada para esconder. E o momento pelo qual estive esperando está quase chegando, quando Dominic vai se ver livre desse nó górdio que é essa negociação e livre de Andrei. *E de Anna...*

Mas, em vez de ficar feliz, fico apreensiva. Então será hoje à noite, afinal, que vou descobrir a verdade.

De manhã, meus olhos estão secos e me sinto grogue pela noite maldormida. Demorei mais de uma hora para pegar no sono depois das mensagens de Dominic. Melhor avisá-lo para não me mandar mensagens no meio da madrugada novamente, a não ser que seja uma emergência. Outra mensagem está me esperando quando saio do chuveiro.

Sucesso!!! Conseguimos!!! Vou para casa dormir, te vejo mais tarde. Mal posso esperar. Bj

Fecho a mensagem. *Então é isso. Dominic é um homem rico, Andrei é ainda mais rico. Ele pode começar a realizar seus sonhos.*

Mas nessa hora não faço ideia se quero fazer parte desses sonhos ou não.

Estou a caminho da casa de Mark quando recebo uma mensagem de Andrei, para que eu dê uma passada em Albany, então mudo minha rota. Acho que ele voltou da reunião após varar a noite e viu o resultado do meu trabalho. Ou ele adorou ou odiou.

Ele não pode ter odiado, penso enquanto subo em um ônibus para Piccadilly. Um arrepio me faz tremer de frio, apesar do casaco escuro que visto. A menos que ele tenha odiado o Fragonard. Eu posso ter errado feio nessa. Bem, parece que estou prestes a descobrir.

Achei que, depois de pendurar os quadros, minha relação com Dubrovski teria chegado ao fim, mas vejo que não é assim. Ou, pelo menos, ainda não. Enquanto Mark estiver doente, vou trabalhar diretamente com Andrei. Contanto que ele saiba que não pode me tratar como bem entender, vamos nos dar bem enquanto precisarmos.

Adentro Albany. Achei que não fosse mais voltar aqui, mas cá estou novamente, na passagem coberta, olhando as enormes lanternas no teto. O guarda-costas, ainda parecendo feito de pedra e em silêncio, atende minhas batidas na porta e me deixa entrar. Passo pela sala de estar, vendo a transformação que os quadros pendurados proporcionaram ao ambiente. Elas dão alma e personalidade ao apartamento.

Napoleão ainda está lá, pendurado no primeiro lugar que eu o vi, glamoroso e guerreiro em seu cavalo. Por um momento gostaria que minha pequena leitora estivesse do lado oposto dele, mas estou contente com minhas escolhas. Uma série de óleos impressionistas de jardins, em tons de verde, laranja, dourado e lavanda dão o

toque de serenidade que eu pretendia, contrabalançando a fúria e a violência.

Ainda estou apreciando o efeito quando Andrei entra, o cabelo molhado do banho.

– Beth! – ele diz quando me vê, um enorme sorriso em seu rosto. Ele anda até mim e pega minha mão, chacoalhando-a com vigor e, antes que eu perceba qualquer coisa, ele tasca dois beijos nas minhas bochechas. – Quero agradecê-la. Acabei de tomar um banho com a garota mais bonita que você pode imaginar.

A Anna?, penso, e então percebo o que ele quis dizer.

– O Fragonard...

Seus olhos azuis estão quase quentes enquanto ele olha para mim.

– Ela é linda. Que escolha inspirada. Eu a amo.

– Fico muito feliz – digo com sinceridade. Eu realmente estou muito satisfeita que ele tenha gostado do quadro. Então ele adota um tom solene.

– Ela custou muito dinheiro? – ele pergunta seriamente.

– Sim – digo, com simplicidade.

– Ótimo! – ele ruge dando risada. – E a partir de hoje, podemos comprar muitos mais. Mark pode escolhê-los, e você pode pendurá-los. – Ele olha para mim por um momento e continua: – Eu sei que as coisas têm sido complicadas entre nós, mas espero que possamos continuar trabalhando juntos.

– Andrei, como falei, quero ser sua amiga – digo rapidamente. – Essa é a questão. Ser sua amiga é *tudo* que eu quero ser. Mais nada.

– Eu entendo e aceito, naturalmente. Seria uma desonra fazer qualquer coisa diferente disso. – Sua expressão é grave e não consigo deixar de acreditar nele. Então algo me ocorre.

– Mas, Andrei, o Mark falou com você?

Ele balança a cabeça.

– Vamos sentar. Tenho algo para te contar.

Sentamos no sofá juntos e Andrei ouve enquanto explico para ele a nova situação. Ele fica de pé subitamente, andando para lá e para cá, e pega seu telefone.

– Vou achar os melhores especialistas do mundo – ele diz. – Vamos levar Mark para onde quer que ele possa ter o melhor tratamento do mundo. Eu cuido das despesas.

Também me levanto e coloco uma mão no seu braço para impedi-lo.

– Não, Andrei. Você não deve interferir. Mark está cuidando disso por ora, ele não ia gostar que você se intrometesse. Eu vou fazê-lo perceber que você pode ser de muita ajuda, caso ele precise.

Andrei continua de pé, me encarando, os olhos azuis brilhando suavemente. Então sua expressão se abrandava.

– Não, Andrei – ele diz, numa voz baixa. – Poucas pessoas dizem isso para mim sem se arrependem depois. – Nos olhamos por mais um instante. Eu me recuso a desviar o olhar e ele cede. – Está bem. Farei como você está falando. Contanto que você prometa que vai me avisar quando eu puder ajudar. – Seus olhos ficam mais leves. – Desculpe, Beth. Eu sei quanto você gosta do Mark. Eu também gosto. São péssimas notícias.

Lembro de Mark, tão esquelético, magro e doente, mas tão corajoso, tratando da sua doença com tanta dignidade que nem diz o nome dela. Meus olhos se enchem de lágrimas e eu pisco várias vezes. Não quero chorar na frente de Andrei, mas ele ainda assim percebe, porque coloca um braço ao redor do meu ombro para me confortar.

– Tudo bem, Beth, vai ficar tudo bem.

– É algo que o dinheiro não pode comprar – digo, ainda meio engasgada, mas conseguindo me controlar. – Saúde. – Penso em algo que preciso contar para ele. – E parece que sou eu quem vai com você para São Petersburgo, se ainda quiser a avaliação do Fra Angelico.

Ele ergue as sobrancelhas surpreso.

– Ah! Claro, Mark não pode ir. – Ele sorri para mim. – Bem, espero que você aproveite a viagem, apesar do seu ódio por mim.

– Eu não te odeio – protesto, com medo dele pensar o pior de mim. – Fui grossa com você da última vez que nos encontramos, e sinto muito por isso. Podemos começar de novo, agora que vamos trabalhar juntos?

– Eu gostaria muito disso – ele diz delicadamente, olhando para mim. – E fico muito feliz de saber que você não me odeia.

Passa-se um longo momento e sinto aquela agitação no ar entre nós de novo, a crepitação de algo se conectando e causando uma faísca. *Ah, não. Não preciso disso.*

– Como está Anna? – pergunto clinicamente. Imagino se ela está na cama de Andrei nesse momento, se eles celebraram o fechamento do negócio da sua maneira tradicional. Nunca mais quero vê-la, mas talvez não seja possível evitá-la, agora que vou trabalhar com Andrei de novo. Eu me pergunto por um breve instante o que vou dizer e o que vou sentir quando estiver numa sala e ela entrar. *Eu lido com ela. Nem se preocupe com isso.*

– A Anna não trabalha mais comigo – Andrei diz de maneira meio displicente. – Nós concordamos que seria melhor ela trabalhar em outro lugar.

Porque não é ético foder sua funcionária? Isso é para que vocês possam ficar juntos de verdade? Fico assustada com uma emoção que toma conta de mim. Tenho certeza de que não quero que Andrei case com Anna, de jeito nenhum. *Por quê?* A pergunta ecoa pela minha cabeça mas eu instantaneamente tenho a resposta. *Porque ela é uma vaca louca em que ninguém pode confiar. Ela vai tornar a vida dele um inferno. E eu odiaria que alguém como ela tivesse esse prazer.*

Sim, é isso. Não quero ver a natureza diabólica dela ser recompensada com o amor de Andrei. Não é certo. Mas, lembro a mim mesma, também não é problema meu.

– Espero que vocês sejam muito felizes juntos – digo firmemente.

– Quê? – Andrei pergunta, confuso. – O que você quer dizer?

– Você e Anna. Vão tornar o relacionamento de vocês oficial agora?

Seu rosto fica calmo e ele ri.

– Não, Beth. Ela saiu da minha vida para sempre. Completamente. Em todas as esferas. Não precisa se preocupar com isso.

– Não estou preocupada – digo de maneira meio atravessada. *Não vamos começar com isso de novo, né?* – Por que você terminou

com ela?

– Acho que vou manter essa informação para mim mesmo, mas digamos que tive meus motivos.

Fico vermelha, com vergonha.

– Desculpe, não tenho nada a ver com isso. Por favor, me perdoe.

– Claro – ele diz agradavelmente. – Talvez um dia eu explique. Mas não agora.

Ainda me sinto estranha, no entanto, e pego minha bolsa.

– Melhor eu ir andando, Andrei. Fico feliz que você tenha gostado dos quadros.

– Sim, gostei – ele responde de maneira simples. – Eu sabia que você iria fazer um excelente trabalho, e foi o que fez.

– Depois me passe os detalhes da viagem para São Petersburgo.

– Marcia vai enviar para você todos os detalhes. – Ele sorri para mim. – Até mais, Beth.

– Sim – digo. – Até mais.

Volto para a casa de Mark me sentindo mais leve. Anna está fora do esquema de Dubrovski. A notícia é muito bem-vinda. Eu estava odiando pensar em vê-la de novo, e agora não vou precisar. Imagino por que Andrei tomou essa decisão, então me ocorre que talvez ela não tenha sido demitida, talvez ela tenha decidido fazer o mesmo que Dominic, demitir-se assim que as linhas pontilhadas do contrato estivessem assinadas.

Outro pensamento flutua pela minha mente. *E se ela e Dominic estiverem planejando começar um negócio juntos? E se eles forem amantes e agora decidirem se tornar sócios também?*

É uma ideia horrível, amarga, que me faz passar mal. Então eu me lembro que hoje à noite vou saber de tudo.

Mark está descansando quando chego à casa, então vou para o escritório e começo a me habituar com as etapas atuais das

negociações. Estou checando alguns pagamentos quando ouço uma batida na porta e a empregada de Mark, Gianna, entra.

– Um pacote acabou de ser entregue para você, senhorita – ela diz, me entregando. É um pacote pequeno, de papelão.

– Obrigada, Gianna. – Quando ela se vai, eu o abro. Dentro tem outra caixa, verde-escura, com um cartãozinho com o monograma A. No cartão está escrito em letra de mão:

*Dessa vez aceite, pelo amor de Deus!
Com meus agradecimentos,
A*

Eu abro a caixa e lá estão os brincos magníficos de rubi que deixei no quarto de hóspedes de Andrei depois da festa. Parece que vai ser difícil eu me livrar deles, se depender de Andrei. Dou risada, admirando a profundidade de sua cor. *Bem, talvez eu possa aceitar, afinal. No fim das contas, se fosse ganhar uma comissão pela venda do Fragonard para Andrei, eu poderia facilmente pagar por esses brincos... acho que posso aceitá-los com esse espírito.*

Escrevo uma nota agradecendo Andrei, aceitando os brincos, e a deixo na bandeja para enviar depois. Coloco os brincos e olho meu reflexo no espelho. Essas são joias adequadas. *Vou cuidar bem delas.*

Então tento me concentrar no meu trabalho e esquecer a conversa que terei com Dominic.

Capítulo Vinte

A expressão no rosto de Dominic quando ele abre a porta de seu apartamento faz eu me sentir ainda pior. Ele está radiante, os olhos faiscando, e cheio de energia e excitação. Ele está feliz como fazia tempo que eu não via.

Essa negociação obviamente tem pesado muito nele. Ele até parece mais jovem que da última vez que o vi.

– Beth! – ele me dá um beijo estalado na boca e pega minha mão. – Tão bom ver você. – Ele me puxa para dentro do apartamento e assim que entramos, ele me coloca numa posição de dança e sai girando comigo pelo apartamento, como se a gente estivesse num baile. – Acabou! Estamos livres! – ele grita. E ele vibra enquanto me gira, até eu começar a rir e ficar sem fôlego, incapaz de resistir ao seu bom humor. Finalmente ele para e caímos juntos no sofá. Olho em volta da sala. É tão masculina e estilosa, com seus tons escuros. Percebo que não venho aqui desde que Dominic partiu. Passamos todo o nosso tempo juntos no budoar dois andares acima, que Dominic comprou especialmente para que tivéssemos um lugar para nossas aventuras.

Ele segura minha mão enquanto me olha.

– Não posso nem dizer como estou feliz, Beth. O negócio está fechado, meus fundos estão garantidos. Amanhã, vou pedir demissão. Então estaremos os dois livres. Eu me sinto um novo homem. É fantástico!

Tento sorrir, mas meus lábios só se retorcem. Isso é horrível. O que deveria ser um momento de extrema felicidade está envenenado pelo que Anna me disse. *Mentira? Ou verdade?*

Dominic tem o olhar carregado, com uma expressão confusa.

– Que foi?

Não consigo falar. Só consigo olhar para a sua grande mão em volta da minha – sua mão suave, macia, que me deu tanto prazer –

e sinto um nó na garganta. Quero tanto acreditar que está tudo bem, que ele me ama e que Anna é só um incômodo maligno querendo estragar tudo entre nós... mas há perguntas que precisam de respostas antes que minha fé seja restaurada. Tenho dúvidas, quero-as fora da minha cabeça, mas elas são insistentes. Só Dominic tem o poder de exorcizá-las de mim.

– Beth? – Seu sorriso se foi e seus olhos castanho-escuros mostram preocupação. – Vamos lá, posso ver. O que foi?

Tento falar mas, de alguma forma, não consigo. Ainda não. Juntando todas as minhas forças, consigo dizer numa voz tensa:

– E Anna? Como ela vai comemorar?

– Não faço ideia – ele responde. – Nós todos bebemos champanhe ao nascer do dia, quando o acordo foi assinado, então vim para casa dormir. Deixei-a com Andrei e o resto da equipe e não vi mais nenhum deles. O que foi?

– O que você contou para ela, Dominic? Depois que ela nos viu brigando em Albany. Como você explicou para ela?

Ele fica quieto e baixa o olhar. Então diz:

– Ok. Tive de contar para ela sobre nós. Não conseguia pensar em mais nada que pudesse ser convincente.

Quando respondo, minha voz ainda tem aquele tom estranho, agudo demais.

– E ela ficou surpresa?

– Isso é que é engraçado, ela não ficou surpresa. Disse que tinha percebido sobre nós naquela noite na caverna. Ela viu quando nos beijamos sem as máscaras, lembra? Nós as tiramos e não as colocamos de novo até estarmos quase de volta.

– Então ela já sabia. – Tento ligar isso com todos os fatos e as circunstâncias. *Será que Anna estava nos espionando a noite toda?* Uma imagem dela vem à minha mente: ela com os braços ao redor do meu ombro, me mostrando o sapato sujo de lama. – O que ela disse?

– Ela achou bem engraçado, ou pelo menos pareceu. Nunca dá para dizer exatamente quando se trata dela. Tem muito mais coisa rolando por baixo da superfície. Às vezes quando ela ri mais parece um rosnado. Ela é muito intensa, dessas pessoas que sentem tudo

muito intensa e apaixonadamente. Às vezes, intensamente demais para o próprio bem dela. – Dominic está perdido em pensamentos, olhando para o nada.

Ele está vendo Anna na imaginação. Ela está viva agora mesmo na sua mente, enquanto estamos juntos.

Estou brava. Quero Anna fora de nossas vidas. Mas antes temos de chegar até o fim dos mistérios e segredos que nos atormentaram nas últimas semanas. Eu me viro para encará-lo.

– E o que exatamente você contou para ela sobre nós? Você falou dos nossos jogos? Você contou o que aconteceu antes de ir embora, como a experiência com os chicotes no Asylum?

– Claro que não – ele esbraveja. – Por que eu falaria disso?

– Então é muito estranho ela saber de tudo isso.

– Ela não sabe – ele responde. – Não tem como.

– Dominic, ela sabe. Ela me chamou para conversar e me falou exatamente o que aconteceu entre nós. – Sei que meus olhos o estão acusando, mas não tenho como evitar. James falou para eu ficar calma quando conversasse com Dominic, mas é difícil. Ele já negou ter contado para Anna quando sei que deve ter sido ele. Quem mais poderia ter sido? Continuo. – *Eu* não falei nada para ela. Nunca contei nem para a Laura tudo que aconteceu entre nós. Até James, que sabe mais que qualquer outra pessoa, não sabe de tudo. Você sabe e eu sei... e Anna sabe. Então, você vai continuar negando que contou para ela?

Seus olhos castanhos piscam. Posso ver a raiva faiscando dentro deles. Será que o pressionei demais?

Mas preciso de respostas, droga!

– E então? – pergunto.

Ele me olha diretamente. Está meio pálido, com a expressão congelada.

– Claro que eu não contei para ela.

– Mas como ela sabe? – minha voz torna-se mais aguda.

– Não faço a menor ideia, porra! – ele esbraveja e fica de pé. Dominic parece frustrado. – Você tem certeza de que ela não chutou, deu sorte, e você assumiu que ela sabia de tudo?

– Pare com isso, claro que não fiz isso. E não admiti nada também quando ela começou a falar.

Ele me olha fixamente e diz:

– Eu não contei para ela, Beth, você tem que acreditar em mim. – Olho para ele e deve ter algo na minha expressão, porque Dominic continua: – O quê? Que foi? Tem mais, né? Você tem mais algum motivo para acreditar nela, posso ver pela sua cara.

– Tá bom. – Não tem por que não falar. – Ela... ela sabia das marcas nas suas costas.

Ele me olha boquiaberto, atônito. Ele parece verdadeiramente confuso. Dessa vez tenho certeza de que ele não está fingindo e sou tomada por uma onda de alívio. Dominic chacoalha a cabeça.

– Ela *sabe*?

Também me levanto, agitada, incapaz de ficar sentada.

– Sim. Ela gostou muito de me contar que sabia. – Não consigo dizer o resto. Ainda não.

Uma expressão estranha toma o rosto de Dominic e ele fica completamente imóvel. Quando ele fala, sua voz está esquisita, quase como se estivesse distorcida.

– Ela te contou algo, não? Algo terrível. Algo que muda o que você sente por mim.

Meus olhos se enchem de lágrimas.

– Como ela sabia de todas essas coisas, Dominic? *Como?*

Ele me olha e parece um garotinho perdido.

– Beth, estou te falando, eu não sei! O que ela te falou?

Ando até a janela, inclino-me no parapeito e olho para fora. Do outro lado, bem perto, está o outro conjunto de apartamentos, e posso ver direitinho o interior do apartamento em frente ao de Dominic. Foi onde fiquei quando vim para Londres nos meses quentes de verão. Foi por essa janela que vi Dominic pela primeira vez e imaginei quem seria ele. A sala de estar está vazia, mas uma lâmpada está gentilmente repousada sobre uma mesinha lateral, lançando uma luz suave sobre as paredes envernizadas. Celia não está lá. Se ela estivesse, eu ficaria tentada a ir até lá, abrir todo o meu coração e pedir o conselho dela. Desejo por um momento estar de volta lá, na minha primeira noite em Londres, de coração partido

depois do meu rompimento com Adam, sem imaginar todas as delícias e tormentas que teria se olhasse pela janela. Sabendo o que sei, eu teria olhado?

Tudo depende...

Eu me viro e olho para Dominic, parado em pé no meio da sala, me encarando. Uma parte de mim sangra por ele, porque seu bom humor se foi completamente, toda a alegria sumiu. Mas, ainda assim, se ele não consegue me explicar como Anna sabe de todas essas coisas, o que devo pensar?

– Ela disse... – minha voz sai baixa e monótona, como se eu não quisesse tratar nada disso com emoção – que vocês dois são amantes, e que foi ela quem deixou as marcas de chibatadas. Antes de vocês fazerem amor.

Dominic fica sem ar, sem acreditar, os olhos bem abertos. Então ele começa a rir, de um jeito forçado, alto demais.

– Ah, qual é?! Meu Deus, você não acreditou nessas merdas, acreditou?

Eu só fico olhando para ele. Posso ver sua exaltação crescer. Ele estica os braços, palmas para cima, como que suplicando.

– Beth, você não... você *não pode*... acreditar nela!

– Não acredito nela, mas... – chacoalho minha cabeça quase freneticamente. Não consigo parar de pensar nisso. Meus punhos se fecham. – Como ela sabe? – grito alto. – É isso que eu não entendo. Como ela *sabe*?

Ele anda até mim e me agarra, uma mão em cada braço, e quase me chacoalha com sua frustração.

– Não sou amante dela, tá bom? Uma vez, há muito tempo, algo quase aconteceu entre nós, mas era uma coisa estritamente física, e quando me aproximei dela, não gostei do que vi nem um pouco. Não me incomodo com ela; ela é divertida e muito boa no trabalho. Mas nunca consegui me ligar a ela. A Anna é estranha demais para mim e muito cheia de joguinhos. De verdade, Beth, ela é muito instável, mas as pessoas conseguem ignorar isso por causa da beleza daquele corpo dela. Elas só veem isso e não querem saber como ela é. Mas a Anna é uma ilusão de óptica. Olhe bem para ela e, quando vir o que há por baixo das aparências, a beleza desaparecerá.

Enquanto ele fala, vejo Anna sentada na cama, como antes de ontem. O sorriso vermelho ficou imerso em maldade, os olhos azuis faiscando hostilidade e destruição. Sei o que ele quer dizer quando fala da beleza desaparecendo, como um anjo se revelando um demônio.

Não digo nada. Dominic me encara furiosamente por um instante, os olhos escuros brilhando e suplicando ao mesmo tempo. Então ele solta meus braços, vai até uma poltrona e se senta.

– Ok – ele diz numa voz derrotada. – Vou te contar tudo sobre Anna e eu.

Um frio dilacerante passa pela minha barriga. *Oh, Deus, não. É isso? A confissão dele?* Não quero ouvir se vai fazer meus piores medos se tornarem realidade, mas, ainda assim, não vou fazer nada para impedi-lo. Tenho que ouvir. Tenho que saber.

Sento em uma cadeira ao lado da janela para ouvir o que ele tem a me dizer.

Ele começa de forma calma:

– Quando eu a conheci, fiquei deslumbrado, como todo mundo, admito. Eu era solteiro e ela também, e estávamos atraídos um pelo outro. Uma noite, depois de termos completado um bom negócio e ganhado muito dinheiro, saímos para beber juntos. Às vezes, esse tipo de sucesso pode te deixar alto. Você se sente poderoso, ousado... com tesão. Foi assim que Anna e eu nos sentimos aquela noite, e ficamos bêbados juntos.

– E vocês dormiram juntos – digo com a voz metálica.

Ele me silencia com um olhar.

– Na verdade, não. Eu quase desejei que tivéssemos, porque aí nada disso teria acontecido. Quanto mais bebíamos, mais desinibidos ficávamos. Começamos a falar de sexo e ela começou a me falar de umas coisas bem loucas. Ela adora sexo, talvez mais que qualquer pessoa que eu já tenha conhecido, e ela topa qualquer coisa se achar que vai se excitar. Mas ela nunca foi submissa. Quando contei a ela minha... característica, ela ficou bem excitada. Anna quis que eu a iniciasse na relação de mestre e escravo. Ela ficou fascinada com a coisa toda.

– Você deve ter gostado – digo, tentando manter minha voz neutra enquanto por dentro eu me sinto morrendo a cada palavra dele. Então Anna queria que ele fosse o mestre dela? Como ele poderia resistir? Imagino aquele corpo maravilhoso todo dobrado, com as costas lisas, flexíveis, prontas para serem castigadas.

– Eu a levei ao Asylum – ele continua, quase como se não tivesse me ouvido. – Nós íamos até o calabouço e começaríamos ali, mas...

Ele olha para o nada, lembrando.

– Mas? – eu pergunto.

– Algo me fez parar. Algo nos olhos dela. Eu tinha a sensação de que Anna era instável e que eu poderia libertar algo muito perigoso nela. O calabouço é um lugar onde olhamos para o lado escuro de nossa imaginação e fazemos nossos medos virarem realidade. Mas, o tempo todo, mantemos uma parte de nós no mundo real, a parte que acessamos pela palavra de segurança ou pela voz que nos diz que aquilo não é real. Podemos achar que estamos nos entregando completamente às nossas fantasias, mas não estamos. Há pessoas, no entanto, que perdem a capacidade de distinguir a ficção da realidade. Elas querem ir o mais longe possível. Talvez elas entrem em um lugar que leva aos limites mais extremos que o ser humano pode aguentar. Talvez elas cheguem até mais longe que esse limite. Eu soube, de repente e sem dúvidas, que Anna era uma dessas pessoas. Eu não podia fazer. Não podia correr o risco de mostrar essas possibilidades a ela.

Eu mal respiro. Acho que entendo o que Dominic está me dizendo. Ele está muito calmo agora, e muito sério. Dominic olha para mim e subitamente eu me encho de amor por ele. Meu Dominic. Sua escuridão não é tão sombria assim. Ele pode ter fantasias de dominação, mas é gentil, amoroso e compreensivo. Ele está a mundos de distância de alguém como Anna.

– Você tentou salvá-la de si mesma.

Ele dá de ombros.

– Você me faz parecer muito nobre. Mas acontece que perdi o desejo por ela. Minha ligação com Anna se foi e eu não conseguiria ir em frente. Então nunca aconteceu.

– Então por que ela está falando tudo isso agora?

Dominic parece desconfortável.

– Beth – ele diz de um jeito esquisito –, eu devia ter falado isso antes, eu sei. Mas honestamente achei que não importava e que não teria nenhuma consequência sobre você.

– O que é? – pergunto, com o medo que parecia estar quase sumindo voltando à vida. – Diga, já!

Dominic suspira.

– Ok. A verdade é que Anna nunca superou o fato de ter sido rejeitada e de eu não querer transar com ela. Acho que ela viu o desejo morrer em meus olhos naquela noite e acho que ela nunca tinha visto isso antes. Eu me tornei um desafio para ela. Por meses tentei me desvencilhar da atenção dela. Ela era incansável nas tentativas de me seduzir, nunca vi uma mulher tentar tanto alguma coisa. Quando continuei recusando, Anna ficou furiosa e excitada. Quase considerei transar com ela só para acalmá-la, mas àquela altura, já era impossível. Eu não iria conseguir. Eu não queria a Anna, e ela *sabia*. – Ele sorri meio aturdido. – Ficamos presos num círculo vicioso. Quanto mais ela tentava, menos eu queria, e então ela insistia mais ainda. Imaginei que ela desistiria e iria embora, e por um tempo pareceu que isso tinha acontecido, quando ela e Andrei começaram a dormir juntos. A Anna adorava o jogo que tinha com ele, fingindo que ela era uma aristocrata para que ele aproveitasse a ideia de que ele estava maculando uma dama da nobreza. Ela é de família respeitável e tudo, mas não é nenhuma duquesa, com certeza. Andrei só viu aquele exterior doce e os olhos fogosos, e ouviu aquela voz de venha-para-a-cama-me-foder-para-sempre. E isso foi o suficiente para ele.

– Então ela esqueceu de você? – pergunto. Mal ouse falar e interromper seu fluxo, mas preciso saber.

Dominic me olha torto.

– Não exatamente. Ela me disse que estava dormindo com Andrei para me deixar com ciúmes. E ela disse que se eu não desse para ela o que queria, ela faria com que eu fosse demitido.

– Ela te ameaçou...

– Sim. – Ele dá de ombros. – Mas não surtiu efeito, claro. Não tenho medo da Anna, não importa o quanto ela seja maluca. Eu

sabia que Andrei não faria nada só porque ela pediu. Ele não recebe ordens.

– Então foi por isso que você não queria que ninguém soubesse de nós – digo devagar. Tudo começa a se encaixar finalmente.

Ele assente.

– Eu não queria piorar ainda mais a situação. Me afastar de Dubrovski também significava me afastar dela. E o fim estava tão próximo, por que procurar encrenca? Então fazia sentido manter nosso segredo.

Enquanto considero tudo isso, eu me sinto mais calma. Faz sentido para mim. E se encaixa no que já vi do comportamento de Anna.

– Mas você teve que contar quando ela nos viu aquele dia em Albany.

Ele assente.

– Sim. E, como eu disse, ela afirma que sabia desde a caverna.

Olha meus sapatos! Anna aponta para seu salto agulha, jogando a cabeça para trás e rindo, quase caindo em cima de mim – chacoalho a cabeça para me livrar da lembrança.

– Se olharmos para trás, faz sentido – Dominic diz. – Porque nas duas últimas semanas, Anna tem dito coisas estranhas para mim. De você.

– Mesmo? – Um dedo gelado de medo passa pelo meu pescoço e desce pelas minhas costas. – Como o quê?

– Coisas sobre você e Andrei.

– Que coisas? – Pareço calma mas por dentro estou me corroendo de culpa e medo. Ouço a voz dela novamente. *Você não quer saber quem te comeu nas cavernas, Beth?*

Ah, meu Deus, o que ela disse? De repente, com uma sensação horrível no estômago, percebo que as mentiras têm dois lados. Mentiras sobre ele. E mentiras sobre mim.

Dominic me olha diretamente, seu olhar cândido.

– Ela disse que vocês estavam ficando próximos e que ela achava que Andrei estava interessado em você, e que talvez você estivesse interessada nele. Não acreditei nela, claro. Sabia que era mais uma

das armações dela para me fazer ciúmes. – Ele dá uma risada curta.
– Ela até disse que pegou vocês dois se beijando na cozinha.

Abro minha boca mas não consigo falar. O vermelho toma conta do meu rosto. Quando ele percebe, sua expressão muda, ele fica confuso, incerto.

Dominic diz devagar:

– É mentira. Certo?

Meu rosto está completamente vermelho agora. Sei que devo parecer mais do que culpada.

– Nós não nos beijamos – digo, mas sai de maneira insegura.

– *Nós não nos beijamos* – ele repete. – *Nós*.

– Não beijamos!

– Eu esperava que você dissesse que *você* não o beijou, não que *nós* não nos beijamos.

– Qual é a diferença? – digo, meu medo me faz parecer ainda mais culpada e insegura. – O fato é que nós não nos beijamos. Eu não o beijei.

– Mas você quase beijou. Não? – Ele está me encarando com dor e raiva no rosto.

Merda, como explico isso? Como posso dizer que estava ocupada mandando Andrei se catar quando ele se aproximou demais, me paralisou com sua proximidade, e então foi colocar sua boca na minha? É tão claro na minha cabeça, mas ainda assim, não consigo fazer as palavras chegarem à minha boca, e eu sei que, seja lá como elas saírem agora, eu parecerei culpada.

– Não nos beijamos – repito teimosamente. – Não estou interessada em Andrei Dubrovski, juro pela minha vida.

Dominic se levanta, coloca as mãos no bolso e começa a andar pela sala, como um advogado interrogando uma testemunha no tribunal.

– Talvez o que Anna me disse tenha mais de realidade do que eu imaginei. Ela disse que você estava flertando com Andrei. E ele te deu joias, uns brincos de rubi que valem milhares de libras, aparentemente. É verdade?

– Sim, mas eu tentei devolvê-los...

– Você tentou? – Seu olhar se move até minhas orelhas e ele vê os rubis lá. Uma mudança terrível recai em seu rosto e ele dispara: – Não o suficiente, imagino. – Sua voz está cheia de desprezo. – Não acredito que você os está usando agora mesmo. O presente dele. Você os usa para me ver. – Ele tira a mão do bolso e está segurando uma caixa, quadrada, marrom, com detalhes dourados. Uma caixa de joia. *Uma caixa de anel.* – Eu ia dar isso para você hoje à noite. – Ele ri com amargura e joga no sofá. – Mas não ia parecer grande coisa depois do que Andrei te deu, não?

Fico de pé também. *Como aconteceu essa reviravolta?* Uma fúria toma conta de mim.

– Quando isso se tornou algo sobre mim? E *você?* – Posso ver a caixinha jogada no sofá. Mesmo sendo muito pequena, parece grande o suficiente para conter todos os meus sonhos. Sinto que está tudo indo embora numa avalanche de palavras cheias de raiva, suspeita, medo e culpa.

– Se tornou algo sobre você quando descobri que você tem o hábito de beijar Dubrovski e receber presentes dele. – A voz de Dominic está fria e seu rosto parece de pedra.

– Eu não o beijei! – grito. – Os brincos foram um agradecimento pelo meu trabalho e eu só os recebi hoje, é por isso que os estou usando! Eles não são uma prova secreta da minha paixão pelo seu chefe, pelo amor de Deus!

Nós nos encaramos, os olhos queimando, os dois respirando pesado com nossa dignidade apaixonada e nosso orgulho ferido.

Posso ver pelo modo como os punhos do Dominic estão cerrados, os nós dos seus dedos brancos, que ele está tomado de um monte de emoções. Estamos ambos tentando nos manter sensatos, mas está cada vez mais difícil, com as coisas que escondemos um do outro sendo reveladas. A possibilidade de revelações obscuras e quebra de confiança parece mais próxima.

– Como Anna sabe das marcas nas suas costas? – grito. *Eu sou a parte ferida aqui.* – Só quero saber disso. Só me fale isso.

Dominic respira com dificuldade, seus lábios viraram uma linha reta, sua expressão está carrancuda. Quando ele fala, sua voz parece de aço.

– Quero que você jure pela própria vida que nada aconteceu entre você e o Dubrovski. Vamos, Beth. Jure.

Olho de volta para ele. *Jure*, ordeno a mim mesma. *Você é inocente. Diga para ele.*

Mas a lembrança invade minha mente. Estou pressionada contra uma parede de pedra fria na caverna. Um homem me come de modo selvagem por trás, e eu nunca vi seu rosto. Ele só sussurra para mim, então não ouço sua voz direito. Sei no fundo do meu coração que Dominic nunca confirmou com certeza absoluta que era ele. Eu só queria tanto que fosse ele, como acreditei que fosse. A verdade é que há uma chance de que tenha sido Andrei.

Jure! Agora!

Mas não posso. Não posso jurar pela minha vida que não aconteceu nada. Porque há uma chance muito pequena de algo ter acontecido.

A expressão do Dominic está mudando. Um verdadeiro horror está surgindo, e em seus olhos eu quase posso ver o amor sendo destruído e virando pó.

– Beth – ele diz, sua voz falhando. – Não. Por favor, Beth, jure para mim que não aconteceu nada entre vocês dois.

Abro minha boca. Tento falar mas não consigo.

Ele coloca as mãos no rosto.

– Oh, Deus, não. Isso não. Não vou aguentar. Não você e ele.

Quero correr até Dominic, agarrá-lo, fazê-lo ouvir. Quero falar tudo, de todos os meus medos, esperanças e preocupações, tudo que sofri desde a noite na caverna. Mas não faço nada disso. Estou paralisada, dura e congelada, como uma traidora. Em vez disso, digo numa voz que quase não reconheço como minha:

– Como ela sabe das marcas nas suas costas?

– Não sei! – ele grita, me fazendo pular.

– Foi porque a Anna as fez? – insisto. Só quero que ele pare de pensar em mim e Andrei. A ideia de seja lá qual for a imagem na cabeça de Dominic me deixa doente.

– Não! Não! Pelo amor de Deus, ela não fez as marcas.

– Então quem fez?

– *Eu fiz!* – A confissão explode de dentro dele. – Não importa mais, não agora. Merda. – Ele anda até a sala de jantar e se apoia na mesa, como se não tivesse mais forças para lidar com aquilo.

Não acredito que ouvi certo.

– *Você fez?*

Ele me olha cansado e quase recuo diante da frieza em seu olhar.

– Sim. Eu me puni por machucar você. Depois do que aconteceu no domingo, quando você usou a palavra de segurança, eu fiquei atormentado ao ponto de me açoitar para espantar meu desejo de ir longe demais.

O castigo sobre a carne. Onde ouvi sobre isso?

– Então agora você sabe – ele diz. – Não foi a Anna. Fui eu, com meu flagelo, tentando me purificar. – Ele fecha os olhos e parece exausto. – Pode rir se quiser.

– Não vou rir – digo com uma voz tímida. Estou quase humilhada que ele tenha feito isso, se autoflagelado, pelo que fez comigo. – Você não precisa fazer isso.

– Agora eu sei – ele diz amargamente.

– Eu não quis dizer...

– Beth. Por favor. Você sabe a verdade. Eu honestamente não sei como Anna sabe das marcas nas minhas costas. Não sei como ela sabia do que aconteceu entre nós antes. Pode ter sido só um chute. Mas posso jurar para você que sou inocente e você não consegue me jurar de volta. E isso é tudo que preciso saber.

– Dominic... – agora minha voz está implorando. Minha raiva está se dissipando. Ele foi honesto e agora quero ser honesta com ele e contar tudo.

Ele olha para mim, há esperança em seus olhos.

– Você pode jurar?

Jure, maldição!

Lentamente faço que não com a cabeça.

– Merda. – Ele cospe o palavrão coberto de veneno, então continua, duramente. – Saia. Por favor. Só vá embora.

Tento falar mas ele me interrompe.

– Vá. Estou implorando. Não aguento ver você agora.

Percebo que é inútil tentar continuar. Ando até a porta, viro e olho para ele. Dominic está apoiado na mesa, olhando a superfície, os ombros caídos como se tivesse sido derrotado. Quero tanto Dominic, e ainda assim, sinto que estamos a milhares de quilômetros um do outro.

– Tchau, Dominic – digo suavemente. – Você sabe onde me encontrar quando estiver pronto para conversar.

Ele não diz nada. Ele nem se vira para me ver ir embora.

Sinto como se estivesse fechando as portas para os meus sonhos. *Acho que acabou. Acho que realmente acabou.*

Não. Enquanto acreditar em você e no que temos, vou lutar por você, Dominic. Eu prometo.

Epílogo

A decolagem é tão suave que mal percebo que estamos voando. O avião é incrivelmente luxuoso. Acho que o que levou Mark e eu para a França era apenas um de sua frota, enquanto este é obviamente o principal, o *Air Force One* de Dubrovski. Agora estamos a caminho da Rússia.

Andrei já me mostrou os dois quartos, cada um com a mesma decoração de uma suíte em um dos hotéis mais caros do mundo. Agora ele está sentado em uma poltrona de couro na sala de estar do avião, uma xícara de café na mesa em frente a ele, ao lado de um maço de fotos.

– Beth, qual desses você acha melhor?

Abaixo a revista que estava lendo, levanto da minha poltrona e vou até Andrei para ver o que está olhando. Na mesa em frente a ele há fotos de crianças em um quarto alegre decorado com pôsteres, livros e brinquedos. Os mais novos têm todos menos de dez anos, e estão sentados em grandes almofadas coloridas lendo livros ou brincando. Alguns estão sentados em esteiras de plástico e usam chapéus engraçados. Outros estão de avental, com pincéis na mão colorindo papéis.

– Eu gosto dessa – ele diz, apontando para a foto de duas crianças com rostos angelicais brincando numa gangorra.

– Para o que é? – pergunto.

– Material publicitário para um orfanato que ajudo na Rússia. Estamos sempre à procura de doadores para manter o trabalho que eles fazem lá. E esperando derreter um coração ou outro para que alguma dessas crianças ache um lar amoroso com novos pais.

Olho para ele e percebo como seu rosto fica mais suave quando ele olha para essas fotos. Andrei me olha e diz:

– Um dia você devia ir fazer uma visita comigo. Iria adorar essas crianças. Eu queria poder dar a todas elas um lar... mas isso é o

melhor que posso fazer agora.

– Elas parecem muito bem cuidadas – digo gentilmente. Vejo um lado de Andrei que não sabia que existia. – O orfanato parece maravilhoso.

Ele assente.

– Sim, eu faço questão. Limpo, feliz, bem equipado. – Ele me encara com aqueles olhos azuis. – Porque eu fui órfão, você sabe. Sei como é. Só que eu morava num orfanato no período soviético. Não era nem um pouco divertido. Por isso digo a eles que o ambiente precisa ser bem colorido. As crianças precisam, isso as deixa felizes.

Sinto pena dele. Não é à toa que cresceu todo durão. Mas agora ele pode dar algo em retorno e impedir que outras crianças cresçam como ele.

– Concordo com você – digo. – A foto da gangorra é excelente.

– Bom. Então vai ser essa. – Ele reclina, satisfeito. Agora ele está me olhando de novo, aqueles olhos penetrantes lendo tudo sobre mim. – Beth, você está bem? Você parece meio para baixo.

Dou um sorriso, mas sei que é um bem fraquinho.

– Estou bem. De verdade.

Claro que não estou. Estou completamente perturbada. Não recebi notícias de Dominic e ele não respondeu minha mensagem pedindo para nos encontrarmos para que eu pudesse explicar:

Não aconteceu nada entre Andrei e mim. Vou explicar por que não jurei. Vamos nos encontrar e resolver isso. Por favor, Dominic, não deixe a Anna vencer e destruir a gente.

Só que minhas palavras claramente não surtiram efeito. Mal posso suportar a dor do luto que me dominou e me sinto anestesiada. Ainda não caiu a ficha de que pode ter acabado mesmo. Quando deixo esse pensamento entrar na minha cabeça, é tão horrível que preciso afastá-lo de novo. Falo para mim mesma que não vou deixar acabar e me recuso a aceitar que acabou.

– Foi uma semana bem estranha – Andrei afirma. – Ganhei e perdi muito. Ganhei muito dinheiro com o negócio. Mas perdi

Dominic, meu empregado de confiança. – Ele balança a cabeça. – Eu devia ter adivinhado. Fui um tonto de não perceber.

– Então ele pediu demissão? – pergunto, meu estômago tilintando ao som do nome dele. É uma doce agonia ouvir.

– Sim. Ele acha que agora pode me vencer no meu próprio jogo – Andrei diz, e chacoalha a cabeça. – Ele vai aprender.

– Você não está... bravo com ele, está? – pergunto. Dominic sempre temeu o que Andrei pudesse fazer quando ele saísse.

– Bravo não é a palavra – Andrei responde; então ele se recosta e fecha os olhos. – Um pouco chateado, porque tenho mais um adversário agora, só isso.

– Com certeza ele não é um adversário... – começo a falar, mas Andrei abre os olhos e me interrompe.

– O ditado “aquele que não está comigo está contra mim” tem servido bem a mim há muitos anos. Não se preocupe. Tenho certeza de que consigo lidar com o Dominic.

– Mas ele aprendeu tudo o que sabe com você – exclamo. – Talvez ele tenha até aprendido como ser melhor que você.

– Ha! – A risada de Andrei é alta e aguda. – Eu gostaria de ver isso. Gostaria mesmo. Mas não vou ver.

– Você também perdeu Anna – digo. – Ela também vai tentar a sorte contra você?

– Não – Andrei diz. – E não a perdi. Eu a joguei fora.

– Você disse que me contaria por quê.

– Não me lembro de ter dito isso, mas acho que não tem problema. – Andrei dá um gole em seu café antes de responder. – Eu a demiti porque descobri que ela estava de posse de alguma droga alucinógena e suspeito que tenha usado na minha bebida. Certamente explicaria algumas das experiências mais extremas que tive com ela quando transamos. Sempre achei que era o efeito da vodka, mas agora não tenho certeza.

Sinto como se todo o meu ar tivesse sido posto para fora de mim com um soco. A memória toca na minha mente vividamente. Estou no bar, na festa na caverna, e lá está Anna, caindo em cima de mim. Ela pega minha bebida. Ela me mostra seu sapato e chama minha atenção para a pista de dança. Então, ela devolve minha bebida.

Você não quer saber quem te comeu nas cavernas, Beth?

Foi ela! Ela batizou minha bebida! Tenho certeza. Sinto uma mistura de horror e alívio.

– Que foi, Beth?

– Eu o acusei de me drogar, lembra? – digo agitada.

– Claro.

– Mas não foi você nem o barman... foi a Anna. Ela se aproximou de mim e deve ter jogado algo na minha bebida!

Andrei estranha.

– Mas nunca entendi por que você acha que foi drogada.

– Porque eu... eu me senti tão estranha, desconectada, e depois desmaiei daquele jeito. E agora sabemos que Anna fez o mesmo com você. Faz sentido, não?

– Posso entender a Anna me drogar para aumentar meu prazer com ela, e me prender a ela. Qual seria o motivo de ela querer drogar você?

Olho para Andrei e ele me encara com seus olhos azuis impassíveis, sua expressão séria, sua boca sem nenhum sorriso. *Pergunte. Pergunte para ele se ele fez amor com você aquela noite. Vai.*

Eu digo:

– Acho que ela estava com ciúmes de mim. Ela queria provocar discórdia.

– E ela conseguiu? Aconteceu alguma coisa com você?

Falo devagar, sentindo que estou chegando a algum lugar que poderá me ajudar a entender tudo.

– Não sei... eu... não tenho certeza. Posso ter imaginado coisas que não aconteceram de verdade.

Ele levanta as sobrancelhas.

– Ratos falantes? Arco-íris? Elefantes rosas alados?

– Não... algo mais pessoal que isso.

– Uma alucinação? – ele pergunta em voz baixa. – Ou só algo que você espera que seja uma alucinação?

– Andrei, você me achou nas cavernas, certo?

– Sim, achei.

– Eu estava acordada ou dormindo?

– Os dois. Indo e voltando de uma espécie de sono feliz. Você estava falando de Dominic, apesar de eu não saber exatamente o que você estava falando.

Sinto um ímpeto de alegria e dor. Eu devia ter estado com Dominic logo antes! Ele deve ter me deixado assim que ouviu Andrei se aproximar, e não consigo me lembrar por causa da maldita droga.

Oh, Dominic, eu poderia ter jurado para você e ter dito a verdade! Devia ter confiado nos meus instintos e perguntado diretamente sobre as cavernas. Então nunca precisaríamos ter nos enfiado nessa confusão terrível...

Tenho vontade de pegar o telefone e ligar para ele na hora, explicar o terrível engano que cometemos, mas não posso. Não agora. Devo me controlar e esperar pela oportunidade, quando estiver sozinha.

Andrei me observa com um interesse sutil.

– Beth, deixe para trás. Esqueça, o que quer que tenha sido. Que importa? A Anna se foi. O que está feito está feito. – Ele sorri para mim. – Estou tão feliz por você vir à Rússia comigo. Acho que vamos aproveitar muito, agora que você e Dominic não estão mais envolvidos.

Fico sem ar.

– Como você sabe sobre isso? – digo sem pensar.

– Faz parte do meu negócio saber tudo sobre meus funcionários. E, acredite em mim, você está melhor sem ele. Ainda mais agora que ele cometeu o erro de se demitir.

– Talvez você esteja mal informado – reajo, percebendo que pareço meio desesperada. – A Anna gosta de contar historinhas, não? Presumindo que tenha sido ela que contou isso para você.

– Hmm. Vamos lá, Beth. – Ele se inclina para mim, seus olhos brilhando, e diz numa voz baixa: – Chega de jogos.

Meu sangue congela. Já ouvi isso antes. Essas mesmas palavras. Na caverna. Aquele homem murmurou isso no meu ouvido enquanto eu implorava por sexo. Mal consigo respirar, meu coração está explodindo e minha pele está fria. Tudo o que achei que soubesse roda de novo.

Andrei se recosta de novo na poltrona, o rosto impassível.

– Relaxe, Beth. Essa viagem vai ser muito mais divertida se você se soltar e aproveitar. Esqueça Dominic, ele está no passado. Aceite o futuro.

Tento me manter calma, mas na minha cabeça, pensamentos gritam por atenção. Só um fica vindo à superfície, mais alto e insistente que todos os outros, enquanto o avião se afasta de tudo que eu conheço e amo, para um país estranho, com esse homem ainda mais misterioso.

Oh, meu Deus... o que foi que eu fiz?

Promessas na Escuridão

{livro 3}

Capítulo Um

Estou dentro de um Bentley, encostada no assento de couro preto e olhando pela janela as ruas cheias de neve de São Petersburgo. À minha frente estão o motorista e, sentado ao seu lado, o guarda-costas parrudo; os dois com barbas grisalhas que suavizam seus rostos implacáveis. As portas do carro estão totalmente trancadas, o pino da trava escondido dentro do couro preto sob a janela. Por um momento, imagino que posso tentar puxá-lo com a unha, mas sei que seria impossível. Não há como escapar.

Mas, mesmo que pudesse, para onde iria? Não conheço a cidade, não falo a língua e não tenho dinheiro. Até mesmo meu passaporte está guardado no cofre do hotel. E fui avisada de que aqui é perigoso. Também me disseram que estou vulnerável e que não vão permitir que fique sozinha em nenhum momento quando estiver fora do hotel. Estou com meu celular, mas não sei para quem ligar. Meus pais estão bem longe, em casa, na Inglaterra. Desejo do fundo do meu coração estar lá agora, entrando em nossa cozinha aconchegante, onde meu pai está lendo o jornal e tomando seu chá da tarde, enquanto minha mãe vai zanzando para lá e para cá, tentando fazer seis coisas ao mesmo tempo e mandando meu pai tirar a perna da frente dela. No fogão, ela está cozinhando algo delicioso e o rádio toca música clássica.

Consigo imaginar a cena tão perfeitamente que quase consigo sentir o cheiro da comida e ouvir a música. Quero correr até meus pais e abraçá-los, dizer que não se preocupem.

Mas eles não estão preocupados. Eles sabem onde estou e pensam que estou perfeitamente segura. E estou. Estou sendo muito bem cuidada.

Bem demais? Tento reprimir o tremor que quase me faz chacoalhar.

Um par de olhos azuis está fixo em mim. Sei disso mesmo sem olhar para o homem ao meu lado. Consigo sentir seu olhar queimando minha pele como raio laser, estou muito ciente do corpo a um assento de distância. Não quero que ele saiba que estou com medo.

Essa sua imaginação vívida ainda vai ser sua ruína!, brigo comigo mesma. *Está tudo bem. Não vamos ficar aqui por muito tempo. Vamos sair depois de amanhã.*

Isso deveria ser um sonho se realizando para mim. Estou aqui porque Mark, meu chefe, ficou doente e não pôde vir, mas, apesar das circunstâncias ruins, esta é uma oportunidade incrível. Sempre quis visitar o museu Hermitage, ver algumas de suas gigantescas coleções de tesouros da arte, e agora estou sendo levada para lá, não apenas para a galeria, mas direto ao seu coração, para me encontrar com um de seus especialistas. Ele vai nos dar o veredicto sobre a pintura perdida de Fra Angelico que Andrei Dubrovski, patrão de Mark, comprou recentemente e que agora está sendo propriamente analisada. Essa viagem é a oportunidade de uma vida e eu deveria estar exultante e empolgada.

E não com medo.

Tento sufocar as palavras antes que elas apareçam em minha cabeça. Não estou com medo. Por que deveria estar? Ainda assim...

Chegamos ontem à noite, descendo no aeroporto com o avião particular de Andrei Dubrovski. Como de costume, as formalidades foram deixadas para trás rapidamente. Fico imaginando como vai ser quando tiver de voltar a enfrentar as filas na imigração, controle de segurança e ir andando até um portão distante para pegar um voo. Todo esse tratamento VIP vai me deixar mal acostumada se eu não tomar cuidado. Fomos direto do avião para uma comprida limusine preta – uma pouco mais chamativa do que poderia esperar de um homem com o gosto de Dubrovski, mas talvez as coisas fossem diferentes quando ele estava na Rússia – e saímos em direção à estrada até São Petersburgo.

– O que está achando da Rússia até agora? – Andrei perguntou enquanto o carro ultrapassava suavemente o tráfego na estrada.

Olhei para fora, mas não havia muito o que ver além da janela do carro, à noite. À nossa frente a escuridão estava manchada de laranja, as luzes da cidade grande se misturando no vasto céu escuro sobre nós.

– Difícil dizer. Eu dou uma resposta pela manhã.

Andrei riu.

– Já sei o que você vai dizer. É frio demais. Acredite, Londres vai parecer um paraíso tropical em comparação.

Também ri, e torci para ser uma risada convincente. Desde nosso voo, minhas emoções estavam em um turbilhão. Andrei, para quem estive trabalhando por algumas semanas, revelou que sabia do meu relacionamento com Dominic, e que Dominic e eu nos separamos. Ainda assim, ele nem se preocupou em poupar meus sentimentos ao dizer que, para ele, Dominic agora era seu inimigo. E então me disse as três palavras, aquelas que viraram meu mundo de ponta-cabeça.

Chega de jogos.

Essas foram as palavras ditas em meu ouvido pelo homem que fez amor apaixonadamente comigo na escuridão durante a festa nas catacumbas. Pensei que era Dominic, mas agora temo que tenha sido Andrei, no fim das contas. O problema é que meus sentidos estavam completamente minados pelo fato de quase certamente ter sido drogada, provavelmente por Anna, ex-amante e funcionária de Andrei, cujos sentimentos por Dominic nos causaram todo tipo de problemas.

Só de pensar nessa noite, naquela estranha festa, meu estômago revira.

Se eu transei com Andrei então fui infiel a Dominic, consciente ou não. E se Andrei é o tipo de homem que se aproveita de uma mulher que claramente está fora de si, então do que mais ele é capaz?

Olho de relance para Andrei, que tirou seus olhos de mim por um momento e está falando algo em russo com seu guarda-costas. Seu físico é ao mesmo tempo atraente e um pouco assustador, seus ombros largos sob o sobretudo preto, as mãos grandes e fortes. Seu terno de lã escura perfeitamente cortado não consegue disfarçar o corpo forte e musculoso por baixo. Seu rosto estava carrancudo, com os olhos azuis penetrantes e a boca sisuda com o lábio inferior

teimoso e protuberante. Apesar de meu amor por Dominic, por vezes senti as ondas de atração exercidas por seu magnetismo físico. Eu me odiei por isso, mas não pude evitar. Talvez foi por isso que estava sofrendo pela possibilidade de nós dois termos transado selvagemmente em uma parede fria de uma caverna. Parte de mim sabia que eu gostaria disso, apesar do que eu dizia a mim mesma.

Não foi como se ele tivesse agido contra minha vontade. Ele perguntou se eu queria e eu praticamente implorei para que ele me fodesse com toda a força. Com certeza foi consensual.

Exceto pelo pequeno detalhe de sua identidade. Será que sabia que eu pensava que ele era Dominic?

Era impossível saber sem perguntar a ele e eu ainda não tinha arrumado coragem para fazer esse tipo de pergunta.

– Que foi, Beth? – A voz de Andrei, quase rude, invade meus pensamentos. Dou um pulo com o susto. Não tinha percebido que estava olhando para ele, enquanto meu cérebro revisitava os eventos recentes, tentando juntar tudo.

– N-nada – eu digo. Recupero a compostura o mais rápido possível. – Já chegamos lá?

Percebo que estamos indo mais devagar, quase a passo de lesma, já faz alguns minutos.

– É o trânsito de São Petersburgo – Andrei diz sucintamente. – É conhecido por ser péssimo, especialmente quando há neve nas estradas, o que é bem frequente, como você pode imaginar. Mas acredito que estamos quase lá agora.

Ainda estamos na metade da manhã, mas já parece quase noite, com as nuvens baixas, cinzentas e carregadas de neve, pesando sobre nós. Olho para fora da janela novamente e percebo que estamos nos aproximando de um vasto e largo rio. Na margem oposta há uma incrível fachada de prédios: uma coleção de palácios extravagantes, com suas centenas de janelas brilhando de forma sombria, próximos e distintos, mas formando um grupo. Um palácio grande e ornamentado domina a cena, e parece ter saído direto de um filme ou das páginas de um livro.

– O museu Hermitage – Andrei anuncia com orgulho. – Certamente o mais belo museu do mundo. Tamanha grandeza e

beleza... – Ele aponta para o maior e mais extravagante palácio, com uma vasta fileira de colunas brancas e paredes verde-escuras entre janelas em forma de pórticos. – Este é o Palácio de Inverno, casa dos imperadores russos. Daqui, eles comandavam 125 milhões de almas e um sexto da superfície do planeta. Impressionante, não?

Ele está certo. É uma visão magnífica. Por um momento imagino que sou Catarina, a Grande sendo trazida por uma carruagem maravilhosa em direção à minha casa fabulosa, cheia de obras de arte que comprei. Então me lembro de como devia ser um russo comum, excluído da vida luxuosa e dourada lá de dentro, que só servia para ralar na construção do palácio ou para pagar impostos que bancassem as gloriosas obras de arte em suas paredes, sem nunca ter o privilégio de poder vê-las.

Mas os tempos mudaram. Agora esses são prédios públicos que podem ser acessados por todos. Todo mundo pode aproveitar sua beleza e os tesouros que estão lá dentro.

– O que você acha? – Andrei pergunta.

– Incrível.

Não consigo dizer mais nada, estou espantada. Cruzamos o rio e nos aproximamos do Palácio de Inverno pelo aterro e então paramos em um grande portão de ferro forjado que fecha rapidamente. Logo em seguida, um homem corre para abri-lo e nos acena para entrar. Então estamos dentro de um pátio com um jardim no centro, coberto de neve, com as árvores e seus galhos sem folhas formando uma silhueta preta contra as paredes. O portão se fecha atrás de nós.

– As filhas de Nicolau II costumavam brincar aqui – Andrei comenta quando o carro estaciona em frente a uma porta ornamentada. – Imagine quatro pequenas duquesas correndo para lá e para cá, rindo e jogando bolas de neve nos soldados que as protegiam. Sem saber da morte horrível que as aguardava.

O motorista já saiu e abriu a porta do lado de Andrei. Eu tremo de frio com o ar gelado que penetra no interior aquecido do carro e tiro da cabeça o pensamento sobre o destino daquelas crianças.

Coloco o chapéu e as luvas quando o motorista vem abrir minha porta. Ele me ajuda a sair do carro e a caminhar pelo chão cheio de

gelo até onde Andrei espera por mim.

– Uma entrada particular – ele diz, com um pequeno sorriso saindo dos lábios. Ele sorri muito raramente, mas mesmo esse pequeno esforço já ajuda a aliviar a expressão carrancuda e o olhar gélido. – Podemos conseguir esse tipo de coisa.

Não é assim tão aberto a todo mundo, no fim das contas. O dinheiro ainda consegue abrir alguns caminhos fechados aos demais.

A porta se abre e sai um homem de meia-idade, usando um grande sobretudo preto, um chapéu de pelos e botas. Está sorrindo, seus olhos pequenos franzindo por trás de óculos de armação grossa e escura. Ele corre até Andrei, cumprimentando-o efusivamente em russo. Eles conversam por um momento e tento esconder o fato de que estou tremendo de frio apesar de meu casaco quente. Olho com inveja para o motorista sortudo, que está dentro do carro aquecido.

Andrei repentinamente passa a falar em inglês e aponta para mim.

– E esta é a Beth, minha consultora de arte. Ela estava lá quando adquirei a obra. – Ele não se preocupa em me dizer quem é o homem, mas imagino que seja alguém importante no museu.

– Madame Beth. – O homem fala em inglês carregado de sotaque e se curva para me dar as boas-vindas. – Por favor, vamos entrar. Posso ver que você está com frio. – Nós o seguimos pela porta e entramos no palácio. Logo de cara fico boquiaberta. Ninguém além de mim move um fio de cabelo diante do esplendor lá de dentro, obviamente estão acostumados, mas eu fico espantada com a opulência à mostra. Piso de granito, lâmpadas douradas com abajures de cristal, espelhos ornamentados, pinturas incríveis em molduras douradas e enormes. Por todo lugar há cores e decoração exagerada, brilhante e incrível.

Os dois homens à minha frente estão conversando em russo, e eu sigo atrás tentando absorver tudo. Aqui estou, no Palácio de Inverno de São Petersburgo. Não há mais ninguém por perto, então devemos estar em uma área fechada ao público. Como sou sortuda... e ainda assim não consigo deixar de tremer de ansiedade. Estou em um lugar estranho, um palácio enorme, sem fazer ideia de onde realmente estou.

O amigo de Andrei se vira para mim com um sorriso.

– É sua primeira vez aqui, madame Beth?

Confirmo com a cabeça. Queria que ele parasse de me chamar de madame, mas não sei como pedir isso com educação.

– O lugar é grande, não? Há mil e quinhentos ambientes neste palácio, e cento e dezessete escadas. Por favor, não se perca, não será fácil encontrá-la! – Ele ri e se vira para Andrei.

De alguma forma, não acho que a ideia de me perder aqui seja tão engraçada quanto ele parece achar.

Continuamos andando. Os dois homens à minha frente caminham em passo acelerado, o que significa que mal consigo aproveitar a visão esplêndida e observar as várias e lindas pinturas nas paredes. Subimos por uma grande escada de carvalho escuro até o primeiro andar e então caminhamos por diversos corredores até finalmente chegarmos ao nosso destino, diante de uma grande porta de madeira polida com maçaneta e escudete de bronze.

Nosso guia abre a porta de forma teatral.

– Por favor, entrem!

Ele nos leva em direção a uma grande sala, com móveis comuns de escritório que contrastam com o teto dourado, um lustre gigante e as janelas amplas. As paredes são cobertas de seda vermelha, com enormes pinturas em molduras douradas e brilhantes. Em um canto vejo um grande cavalete, sobre o qual está uma pintura coberta com um pano.

Nosso amigo começa a falar em russo, mas Andrei levanta uma mão, ainda coberta com luvas, e balança a cabeça.

– Não, Nicolai. Em inglês, por favor, para minha consultora aqui.

– Com certeza, com certeza! – Nicolai sorri para mim, obviamente ansioso por agradar. – Que seja em inglês. – Ele faz um gesto para que sentemos em cadeiras pretas em frente a uma mesa de fórmica cinza. – Por favor, fiquem confortáveis.

– Não estamos aqui para jogar conversa fora – Andrei diz, quase rudemente. – Você sabe o que quero. Qual é a resposta?

Nicolai tira lentamente o chapéu de pelos, revelando uma careca brilhante, e o coloca na mesa. Ele começa a desabotoar seu casaco, parecendo preocupado. Ao tirar o casaco, ele diz:

– Andrei, não posso fingir. Este foi um dos casos mais complexos que já nos apareceu. Meus especialistas aqui foram obrigados a fazer análises realmente profundas.

Andrei fica tenso.

– E?

Olho seu rosto. Seus lábios estão rijos, o de baixo saltando daquela forma obstinada, e seus olhos queimam de intensidade. Sei que ele quer muito ouvir a resposta certa. Essa pintura nos fez passar por poucas e boas. Eu também estou ansiosa. Meu coração está palpitando e estou me sentindo sem ar. Percebo que meus punhos estão cerrados dentro dos bolsos do casaco.

Nicolai claramente gosta de ser dramático. Ele pendura o casaco devagar sobre o assento da cadeira e então caminha pela sala até o cavalete. Ele pega o pano que cobre a tela no cavalete com uma mão pela ponta, faz uma pausa por um momento e então puxa o tecido lentamente. E lá está, em toda sua glória: a bela e reluzente pintura que vi no monastério croata. A Virgem ainda está sentada serena em seu belo jardim, com o bebê em seu colo, os santos e monges ao seu redor. Realmente é magnífica e, no momento em que a vejo, minha fé renasce. *Ela é legítima. Com certeza. Como algo que não seja uma obra-prima poderia ser tão adorável?*

Fico surpresa com uma pontada inesperada de tristeza. Algo pesaroso me preenche ao lembrar do que mais aconteceu no monastério: o glorioso encontro que tive com Dominic. Naquela hora, foi como se nosso relacionamento tivesse reacendido e ficado mais forte do que nunca. Agora, estamos separados de novo e desta vez temo que jamais seremos capazes de ficar juntos outra vez.

Eu o vejo em minha mente, como da última vez em que estivemos juntos. A imagem é tão clara e vívida que me faz suspirar fundo. Mas seu rosto lindo está contraído de raiva e medo, e seus olhos estão furiosos. Consigo ouvir suas palavras novamente.

Quero que você jure pela própria vida que nada aconteceu entre você e o Dubrovski. Vamos, Beth. Jure.

Mas eu não consegui. Não tinha certeza. E isso nos afastou e quebrou a preciosa confiança entre nós. Para sempre?

Não. Não vou deixar isso acontecer. Vou garantir que não.

A voz de Andrei, dura e áspera, me traz de volta ao presente. Estou tomada por uma vontade desesperada de estar junto de Dominic, não para ficar aqui em um país estranho com o homem que causou todo o problema. Isso é loucura completa.

– Vamos, Nicolai! Qual é a resposta?

Nicolai coloca um par de óculos e examina a pintura de perto, fazendo um barulhinho de estalo com a língua. Por fim, ele diz:

– As pinceladas são magníficas, as tintas absolutamente perfeitas em seus tons. Tudo bate exatamente com o que se esperaria de um gênio como Fra Angelico. Tudo: a composição, a perspectiva linear, o estilo... é quase perfeito.

– *Quase?* – Andrei esbraveja.

Nicolai confirma com pesar.

– Perfeito, a menos por uma coisa. A análise dos pigmentos e da tela em si nos diz que esta obra não tem mais do que duzentos anos de idade. É uma imitação inteligente, incrível e sensacional. É a obra de um grande talento, mas não foi feita por Fra Angelico. – Ele olha direto para Andrei, que está parado como uma estátua, com o rosto pálido. – Sinto muito, Andrei, mas não há dúvidas quanto a isso. Sua pintura é falsa.

Continua...

Este livro foi publicado em 2013 pela Companhia Editora Nacional.
Impresso pela IBEP Gráfica, São Paulo.

1 Um dos distritos de Londres, reconhecido como uma das áreas mais caras do mundo. (N. do T.)

2 Em inglês, *St. Dominic*. (N. do T.)